

HALU GAMASHI

Caminhos
de um aprendiz



Ventos Antigos

Caminhos de um Aprendiz

Revelações sobre o Mundo Espiritual

Halu Gamashi

Caminhos de um Aprendiz

Revelações sobre o Mundo Espiritual

2017



www.ventosantigos.com

Copyright © 2017 Mércia Celeste Dias da Silva

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a prévia autorização por escrito do autor ou seus representantes.

G186c

Gamashi, Halu, 1963-

Caminhos de um aprendiz: revelações sobre o mundo espiritual

Halu Gamashi

2ª edição - Ventos Antigos, 2017

1. Espiritualidade 2. Mediunidade

I. Gamashi, Halu II. Título

CDD: 133.9

CDU: 133.7

Capa

Luciana Morin

Sumário

Folha de Rosto

Título

Créditos

Agradecimentos

Apresentação

1. UMA CIDADE ENTRE AS NUVENS

2. CONHECENDO AS DIMENSÕES IMATERIAIS

3. OS TEMPLOS NA PRIMEIRA CASA

4. A CASA DO DESCANSO

5. A FORMAÇÃO DO GRUPO FAMILIAR

6. O NÚCLEO DE REABILITAÇÃO PROFISSIONAL

7. ENCONTRO ENTRE PRESENTE E FUTURO

8. A CONQUISTA DO HOMEM ATUAL

9. VIVÊNCIAS COM AS ENERGIAS-MÃE

10. MERGULHO NO PASSADO

11. ACOMPANHANDO UMA OBSESSÃO

12. REENCONTRO COM AMONRHEBE

13. ABERTURA DOS CHAKRAS

14. DEPARTAMENTO DE ORIENTAÇÕES EXPERIMENTAIS

15. VISITA À FAMÍLIA DE ISMÊNIA

16. O CORPO ESSÊNCIA SEGUE VIAGEM

17. FUNÇÕES PRIMORDIAIS DOS CHAKRAS

18. COM LUIZA NAS CASAS ASTRAIS

19. A ENERGIA REPRODUTORA

20. ENCARNAÇÃO ADIADA

21. AS FUNÇÕES DO CAMPO ÁURICO

22. VISITA AO UMBRAL

CAMPOS ÁURICOS

Um Universo no Mundo

Sobre a Autora

Outros livros de Halu Gamashi

Agradecimentos

Agradecer é transmitir Axé.

O Axé é uma força construtora no interior do coração e o coração é terra em que ninguém passeia. As pessoas que moram em nosso coração são especiais; nas terras férteis do amor não se permite diletantes ou contatos temporários.

Eu agradeço a todas as pessoas especiais que cultivam as minhas terras férteis, que aram com seu amor e confiança os meus frutos, que lapidaram algumas raízes que precisavam ser transmutadas.

Assim é o axé: o agradecimento das nossas imperfeições por todas as pessoas que as burilam sem diminuir a nossa luz.

Vai aqui, neste texto, o meu axé, a minha solidariedade e o meu carinho para todas as pessoas que leram e se viram transvestidas por estas letras.

Halu Gamashi

Apresentação

É na ausência de uma verdade individual formada que dogmas e preconceitos encontram espaço em nossa vida.

É minha intenção ressaltar questões para serem refletidas na busca de desenvolver discernimento para o esclarecimento da crença interna.

Inspirar a todas as pessoas na retomada do caminho espiritual real. Este sentimento de esperança me fortaleceu para relatar as experiências que vivi. Através delas, tornei-me aprendiz deste caminho valioso que me levou ao encontro de almas sutis, engajadas no processo de crescimento coletivo.

Toda verdade traz um peso energético que a confirma.

Nas páginas deste livro estão as minhas verdades que me confirmaram como um ser humano procurador das reais promessas de Cristo: “Na casa de Meu Pai tem muitas moradas...”.

Para agradecer por ter conhecido uma das moradas do Pai do nosso irmão maior, e por amor a Ele, nosso Pai também, dou meu testemunho do que vi, senti e aprendi com o mundo espiritual. Divido estas experiências com todas as almas encarnadas neste planeta, esperando em um espaço carente de meu coração que elas também se tornem, como eu, aprendizes do universo luminoso.

Halu Gamashi

1. UMA CIDADE ENTRE AS NUVENS

Desde a infância habituei-me a manter contato e partilhar experiências com o mundo espiritual. Ainda muito pequena recebia sinais sobre a existência de outras esferas e da função que desempenhavam no plano material. De início, em virtude da pouca idade, não diferenciava os seres espirituais dos encarnados. Só mais tarde compreendi que certos amigos com quem eu me relacionava normalmente eram invisíveis, ou seja, inexistentes para a quase totalidade das pessoas. Afinal, com o passar dos anos fui aprendendo a diferenciar os seres materiais – chamados vivos – dos seres imateriais, ditos mortos.

Na casa onde eu morava com meus pais, uma tia e quatro irmãos havia uma espécie de varanda que dava para um quintal cheio de árvores e mistérios: era este o meu lugar preferido para ler e escrever – atividades que me absorveram desde pequena. Aos poucos a varanda tornou-se também o ponto de encontro com meus amigos da espiritualidade. Ali, protegida pelas sombras do quintal, mantinha intermináveis conversas com seres cuja presença só eu era capaz de perceber.

É claro que a minha paranormalidade (que os familiares preferiam chamar de “esquisitice”) criava-me dificuldades de relacionamento, mas bem ou mal eu conseguia administrá-la; embora levasse uma existência pouco comum, tudo parecia me encaminhar para um destino absolutamente igual ao de tantas outras jovens da minha geração: frequentei a escola, concluí o segundo grau, tornei-me funcionária de uma companhia de seguros. Era uma garota extrovertida, alegre, que gostava de sair com a turma para se divertir.

Certa vez, porém, durante a visita de um Amigo muito especial, na varanda de minha casa passei por uma experiência totalmente nova, que viria a transformar por completo a minha vida. Eu tinha na época 24 anos. Trocávamos idéias já não me lembro sobre que assunto quando, de repente, ele sugeriu que eu olhasse para o céu. Lá estava a eterna noite escura coberta por nuvens brancas: não havia nenhuma novidade. Insistindo, Meu Amigo pediu-me que eu olhasse além das nuvens. Voltei a mirar o infinito

e, para o meu espanto, as nuvens se abriram como uma cortina, desvelando uma imensa cidade, muito parecida com as metrópoles da esfera material.

Difícil definir o que senti. A primeira reação foi colocar as mãos na cabeça, deslocando-as em seguida para o peito: o racional defrontava-se com o coração. Fechei os olhos e assim permaneci por alguns segundos. Voltei a olhar para o céu temendo que a incrível visão tivesse desaparecido, mas lá estava cidade, serena, majestosa, como a convidar-me para penetrar suas portas.

Meu Amigo mantinha-se em silêncio enquanto uma intensa onda de luz nos envolvia. Percebi que a luz penetrava em meu corpo à altura do coração: só então recuperei a calma e senti plenamente a emoção da fantástica experiência. Perplexa, quis saber do Meu Amigo o significado daquilo tudo. O que eu estava vendo era real ou produto da imaginação? A explicação veio em tom sereno:

– Você acaba de entrar em contato com as Casas Astrais. A parte que você viu é o primeiro portal do plano espiritual. Dentre em breve você conhecerá mais profundamente a cidade, bem como outras Casas do plano espiritual. Desde criança você vem sendo preparada para desenvolver um importante trabalho relacionado à espiritualidade. Faz parte de sua missão escrever sobre a existência das Casas Astrais e suas funções. Antes de levar a cabo a tarefa, porém, precisará conhecer melhor o plano imaterial. Você fará isso à noite, durante o sono, através do deslocamento dimensional, ou seja, separando-se de seu corpo material. Por hora, é tudo quanto posso revelar: permaneça tranquila e aguarde o próximo encontro. No momento oportuno, retornarei com novas orientações.

Dizendo isso se foi, e com ele a visão da cidade do céu. Fiquei em silêncio por algum tempo, sem saber o que pensar. Senti necessidade de contar a alguém o que estava acontecendo, mas quem daria crédito à minha história? Por alguns instantes este pensamento encheu-me de angústia; cheguei a temer que me considerassem louca. Aos poucos meu coração foi se acalmando, recobrei a tranquilidade e me senti invadida por uma doce paz interior. Compreendi que só me restava confiar no imponderável, esperando pacientemente o próximo encontro com Meu Amigo.

Lembrei-me então que em uma de nossas conversas ele me explicara o significado da expressão “deslocamento dimensional”: no período do sono a parte imaterial do corpo se desprende em busca de outras dimensões enquanto a porção material permanece adormecida. Mas o que teria eu a ver

com isso? Como poderia tal fenômeno afetar-me? Essas perguntas ficaram girando em minha mente, até afinal ser vencida pelo sono.

As noites que se seguiram à visão da cidade celestial pontuada de sombras e luzes foram palco de vivências tão reais que, ao despertar, eu sentia necessidade de ficar só, em silêncio, como se o contato com outras pessoas e com a rotina do dia-a-dia pudessem, de alguma forma, perturbar a magnífica experiência que tomava conta do meu ser. Uma reciclagem profunda de valores, conceitos, crenças, processava-se rapidamente em mim, trazendo modificações na minha maneira de pensar, sentir e agir. Minha extroversão transformou-se em introversão. Tornei-me reflexiva. Era como se vibrasse por dentro: sentia um forte ânimo interno que não conseguia expressar com clareza para as pessoas que me cercavam. Meu coração saltava e o pensamento não sustentava tanta emoção. Assim, descobri o silêncio e o sentido da meditação.

Meditando, decidi recolher-me à praia. Minha família tem uma pequena casa na Ilha de Itaparica, perto de Salvador, numa localidade minúscula chamada Cacha-Pregos. Sempre me senti bem neste pequeno paraíso: era lá que eu me refugiava para descansar, pensar, me recompor, sempre que sentia necessidade de pôr a cabeça no lugar. Desta vez, porém, minha decisão chocou a todos que me rodeavam.

– O que você vai fazer em Cacha-Pregos? – perguntou minha mãe.

Respondi que naquele momento era necessário.

– E o seu trabalho?

Disse-lhe que a decisão tinha tudo a ver com o meu trabalho.

Reconheço que para meus familiares ficava difícil entender como eu, que trabalhava como vendedora de seguros, exerceria minha função numa aldeia de pescadores. Apesar dos protestos, arrumei minha mochila e fui para a praia.

A imensidão do mar funcionava como continente para meus pensamentos e sentimentos: por mais que se espraiassem as emoções, o limite do horizonte me trazia de volta ao mundo concreto. Para ocupar o tempo, dediquei-me à pesca de siris. Com os pés firmes na areia, dentro d'água, sentia-me bastante confortável. Meus pensamentos captavam com muita profundidade aspectos simples da realidade à volta: por exemplo, perceber como o siri “andava” sobre as águas, como distribuía seu peso, observar seu ritmo dentro e fora d'água. Alguns, sabendo-se presos na minha rede, mantinham-se calmos, esperando a oportunidade de escapar.

Criei com eles um código: os que lutassem para fugir poderiam ir embora em paz, eu não impediria.

À noite, em busca de companhia, olhava para o céu. Onde estaria a cidade? E Meu Amigo, quando retornaria? Nesta busca, encontrei a Lua. Falava-lhe de minhas buscas e incertezas e ela respondia minguando, enchendo, brilhando...

Cada dia meus amigos da Terra me compreendiam menos. Ao relatar-lhes as experiências que estava vivendo, não se estabelecia a comunicação. Cada um, de acordo com seus critérios, analisava meu comportamento: fuga da realidade, acomodação e preguiça eram os julgamentos mais comuns. Alguns, menos sentenciadores, acreditavam que tudo aquilo ia passar, que com o tempo eu “ficaria boa” – como se sofresse de alguma grave doença.

Eu estava em paz, aceitando e compreendendo os acontecimentos por mais estranhos que parecessem. Tudo fazia sentido. Apesar de não saber explicar para os outros o real sentido do meu comportamento, uma voz interior dizia que eu estava no meu caminho.

Passando alguns dias em Salvador, resolvi procurar uma pessoa que havia conhecido por intermédio de minha mãe, uma psicóloga. Senti que precisava de alguém que me ajudasse a viver melhor aquele processo. Alguém me dizia que a doutora Luiza era a pessoa indicada para me auxiliar naquele momento.

Marcamos uma entrevista. A princípio a conversa foi difícil: eu já havia exposto minhas experiências e visões a outros profissionais da área e os diagnósticos tinham sido tão diferentes das orientações dos meus amigos espirituais que optei pela espiritualidade.

Como disse, no primeiro momento não me senti à vontade para conversar com doutora Luiza. Questionei-a sobre o seu trabalho e sobre seus conceitos em psicologia. A resposta veio calma, transparente, precisa:

– Estudo a alma. Pesquiso as fontes dos processos humanos ligados à alma, ao pensamento e ao sentimento.

Isso me tranquilizou. Fiquei à vontade para falar de minhas visões e conhecimentos adquiridos com a espiritualidade. Ela escutou-me de corpo inteiro. Durante a conversa, vi-me invadida por intensa agitação. Mesmo parada, minhas pernas e pés tremiam como se estivesse andando. Meu peito, antes comprimido, foi se ampliando; o pescoço pareceu aumentar; gesticulava sem parar, enfatizando as palavras.

Na sua vez de falar, doutora Luiza explicou sua linha de ação:

– O primeiro trabalho que faremos é colocar seus pés bem plantados no chão para que possam dar sustentação ao coração e à cabeça. Faremos isto através de alguns exercícios corporais. O corpo é como uma árvore. Os pés, como as raízes, têm a função de captar energias Terra, levando-as até o tronco. A parte superior do corpo, como a copa da árvore, expressa o sutil nas flores e frutos, que são nossos pensamentos, sentimentos e ações; é também a parte responsável por captar as energias ar. Então, uma copa só poderá ser bela se as raízes estiverem bem firmes no solo. Assim, enfrentará com flexibilidade e firmeza o sol, a chuva, as ventanias. O mesmo acontece com o ser humano: se pisamos bem o chão nosso tronco ficará ereto, livre de pesos desnecessários; nossas mãos, coração e mente estarão prontos a captar, elaborar e expressar esta qualidade energética. Enfim, um corpo flexível e em alinhamento revela equilíbrio, paz e segurança interna. Os exercícios irão auxiliá-la bastante: são ferramentas que você utilizará à medida que for descobrindo os benefícios, criando um ritmo, introduzindo-os no seu dia-a-dia. O mais importante é não fazê-los de forma mecânica e sim com consciência, prestando atenção ao seu corpo, à sua respiração; depois aos sentimentos, pensamentos, lembranças, imagens que surgirem no decorrer ou após o exercício. Agora, você precisa confiar. Se isso acontecer, faremos um belo trabalho.

Gostei do que a doutora Luiza propôs, mas disse-lhe que não tinha dinheiro para pagar o tratamento. Ela não se mostrou preocupada com a questão:

– Quando você puder, acertaremos essa parte. Vamos trabalhar com o que temos: o seu querer, a sua busca, e a minha vontade de aprofundar nos conhecimentos dos processos que você revela com tanta clareza.

Iniciamos os trabalhos, a princípio com exercícios físicos simples. Durante as sessões eu suava muito; ao terminar, sentia claramente a diferença que se operava em meus corpos físico e emocional. Exemplo concreto dessas transformações: fui perdendo o “medo de gente” que havia adquirido ao longo dos anos e que dificultava meu relacionamento com as pessoas.

Doutora Luiza não fazia mistério de seu trabalho. Com paciência ia me explicando cada exercício, para que servia, quando eu poderia utilizá-lo. Não é o caso de mostrá-los aqui pois devem ser planejados individualmente pelo terapeuta. O importante é que, por meio deles, fui compreendendo que corpo e mente caminham juntos, que as paredes do corpo físico, formatadas

pela musculatura, contam nossa história de vida, falam das alegrias, decepções, sustos, do colo que nos acolheu ou nos rejeitou, enfim, de toda a nossa trajetória no mundo. Aos poucos a psicoterapia foi se tornando tão importante quanto a visões e experiências com os amigos da espiritualidade a ponto de formarem uma sólida parceria, mesmo sem nenhum contato. Meu sentimento traduziu o que estava acontecendo com um “até que enfim”. Compreendi que a relação fluida e amparadora entre as almas pode vencer todas as distâncias e superar quaisquer barreiras.

As sombras foram diminuindo. Os sonhos tornaram-se mais claros. Passei a dormir sem sobressaltos e acordar bem disposta. Superei a pressa de falar, meus pés já não se debatiam mais fugindo ao meu controle. As visões e experiências com meus amigos espirituais ampliaram-se bastante – sentimento vivenciado por mim e confirmado por eles.

Um dia, nesta fase de nossos trabalhos, doutora Luiza me fez um convite:

– Vou viajar para Itabuna este final de semana. Você gostaria de ficar em minha casa fazendo companhia a meus filhos?

Achei ótimo: era uma oportunidade de estreitar ainda mais a amizade que crescia entre nós. Na verdade, nem doutora Luiza nem eu suspeitávamos do que aconteceria comigo aquela noite em sua casa.

Acordei no meio da madrugada, e ao levantar-me da cama percebi meu corpo deitado sobre o colchão – e eu em pé, leve, ágil. Lembrei-me do siri na água. Senti meu corpo deslizar ao sabor da forte brisa da noite. Experimentei uma paz, um sentimento de encontro até então desconhecido. Tudo isso se passou muito rápido: ao me dar conta do que acontecia, o pavor tomou conta de mim. Com o susto, a velocidade do meu caminhar aumentou a ponto de perder a noção de meus passos: sem controle, fui parar dentro do guarda-roupa. Saí da mesma forma que entrei. Corri por toda casa. Vi Rafael dormindo. Fui ao quarto de Cristina, também adormecida. Notei sobre o corpo de ambos uma nuvem. Ao me aproximar, vi que eram dois corpos iguais sobrepostos. Retornei ao quarto onde estava meu corpo físico. Olhei para o telefone e pensei em ligar para doutora Luiza em Itabuna. Não consegui. Minha mão atravessava o telefone, do mesmo modo como meu corpo inteiro passou pela porta do guarda-roupa. Os pensamentos atropelavam-se em minha mente: “Meu Deus, acho que morri”. Quis chorar, desisti. Aos poucos fui me apaziguando com a idéia da morte. Sempre me considerei bastante racional e não ter idéia do que estava

acontecendo provocava-me profundo mal-estar: queria saber a verdade, por pior que fosse.

Concluí, afinal, que só poderia estar morta, apesar de me sentir mais viva do que nunca. Focalizei-me no sentimento de paz e assim permaneci por alguns minutos. Então percebi próximo à cama um facho de luz amarela e azul, como se fosse uma lanterna com o foco voltado para o chão. Ao lado do facho estava um dos meus amigos espirituais.

– Desde quando você está aí? – perguntei.

– Desde a hora que você se levantou.

– Por que não me chamou? Por que não me ajudou?

– Você não queria. Agora você quer.

– Por que não vi logo no primeiro momento?

– Porque você estava fixada no medo, na incompreensão. Quando os venceu, pôde olhar para a sua busca, para o seu coração e pôde me ver.

Em seguida, convidou-me a segui-lo. Fui andando com ele até o facho de luz.

Acordei sem me lembrar do que havia acontecido após aquele momento. Meu coração não duvidava do que se passara, porém meu mental-racional tentava-se impor querendo traduzir a passagem como um sonho. Estabeleceu-se um conflito entre sentimento e razão. Ambos queriam prioridade para explicar aqueles fatos. E doutora Luiza longe, sem possibilidade de ajudar fazendo-me conciliar sentimento, pensamento e ação.

Tentei comunicação com meus amigos em busca de orientação. Nesta procura, travei contato, pela primeira vez, com o pensamento éter quando ouvi minha voz falar para mim: “Você terá que discernir sozinha”.

Após refletir com serenidade, aceitei que a experiência não fora apenas um sonho. Merecia ser registrada. Peguei papel e caneta e descrevi minuciosamente o que acabara de vivenciar.

No regresso de doutora Luiza relatei-lhe o ocorrido e senti que ela ficara preocupada. No entanto, não me disse nada, apenas recomendou que eu continuasse com os exercícios. Alguns dias depois, já na casa de minha família, recebi a visita do Meu Amigo – aquele que me mostrara a cidade no céu.

– Como você está?

– Não sei traduzir.

– Tente.

Expliquei-lhe que sentia uma forte expectativa, como se algo muito importante estivesse para acontecer. Ao mesmo tempo, meu coração estava suspenso, prestando atenção a tudo, um pouco alheio de mim.

– É necessário que seu coração volte ao lugar. Nada acontecerá do lado de fora, e sim no seu interior.

Perguntei onde era o lado de fora.

– É o lugar onde está a atenção do seu coração. Vejo-o fortemente ligado aos seus olhos. Isso prejudica o seu pensamento éter e o seu olhar. Você está à espera que algo aconteça. Fica procurando com os olhos do seu corpo mental. Porém, o que você espera já está acontecendo: você só não percebe por estar sintonizada com os fatos exteriores e com o que sucede as outras pessoas, nesta casa, no mundo.

– Onde está o lado de dentro? – insisti.

– Lembra-se do exercício que aprendeu com doutora Luiza? Vamos fazê-lo agora – sugeriu Meu Amigo.

Sentei-me no canto do quarto e me dediquei ao exercício para liberação de tensões. Percebi minha respiração, acompanhei seu ritmo: estava aprendendo a me entregar, confiar e descansar. Mais relaxada, senti os ombros voltarem ao lugar e os ossos buscarem acomodação, encaixando melhor e mais confortavelmente no meu corpo. A apreensão foi se desfazendo. Surgiu minha imagem escrevendo, sorrindo, e percebi que estava rindo de verdade. Uma intensa alegria tomou conta de mim. Quando terminei o exercício, contei ao Meu Amigo o que havia sentido e ele me disse:

– Aí é o lado de dentro!

Fui invadida por uma enorme sensação de tranquilidade. Meu Amigo colocou-se à disposição para esclarecer minhas dúvidas e eu perguntei o que havia acontecido comigo na casa de doutora Luiza algumas noites atrás.

– Você fez o deslocamento do corpo físico de maneira consciente.

– E o fecho de luz que avistei em meio à escuridão?

– É o que chamamos de canal transportador: uma espécie de ponte de energia que liga o mundo espiritual à esfera material.

Disse-lhe então que não me lembrava de mais nada, queria saber o que acontecera depois desses últimos registros em minha memória.

– Você está vivendo um processo complexo e aos poucos aprenderá a lidar com ele. As lembranças se ampliarão à medida que seu mental-

racional se acostumar com a experiência, assim não sofrerá danos ou desequilíbrios. Quando estiver pronta, recordará de tudo com naturalidade.

Em seguida, despediu-se com um sorriso e se foi. Pela primeira vez a separação não me deixou triste e desamparada. Compreendi que estabelecera com Meu Amigo uma sólida relação. Conectei com o quanto ele conhecia de mim. Consegui ficar me alimentando desses bons sentimentos sem ficar com vontade de sair correndo e contar para os outros. A partir daquele momento, toda a minha ligação com a espiritualidade deixava de ser fenomênica, mágica, sobrenatural, para se tornar um componente normal do meu cotidiano.

Passei a compreender que a espiritualidade, como facção do Universo, trabalhava para o desenvolvimento e crescimento das almas encarnadas no mundo material, e que não buscava apenas instrumentos reveladores de sua existência, de seus trabalhos, de suas verdades. Até então, eu acreditava que a espiritualidade era uma espécie de amparadora das pessoas em luta com seus carmas e dificuldades relacionadas com a vida prática, como comprar casa, carro, melhorar a saúde do corpo físico e questões do gênero.

Confirmei no meu coração que a espiritualidade era infinitamente maior que isto. Estava aprendendo com Meu Amigo a me amar e, por este amor, zelar pelo meu patrimônio interno, minhas buscas, minhas crenças, descobrindo como organizar e empregar melhor minhas energias em sintonia com este patrimônio.

Compreendi, enfim, que o fundamental é curar primeiro as imperfeições dos espaços internos, ocupando esta casa que é a única realmente nossa – a alma, a essência e suas expressões.

“Amar ao próximo como a ti mesmo”. Lembrei-me desta frase de Jesus, cuidando das almas das pessoas, que ele dizia serem seus tesouros. Uma onda de felicidade tomou conta de todas as minhas células. Certifiquei-me de que a eternidade existe, porque a alma vive. “Toquei” na minha alma e a vi buscando curar-se. Vi a alma de Meu Amigo trabalhando em sintonia com a alma da doutora Luiza.

Toquei meu corpo físico e agradei a Deus por ter um invólucro que permitisse a minha alma, precisando ainda das energias materiais do planeta Terra, estar viva e atuante.

“O corpo é o templo da alma”. Mais uma vez brotaram de meus lábios as palavras de Jesus e agradei com fervor pela revelação do caminho:

– Obrigada, meu Deus. Você existe! Viverei eternamente porque descobri minha alma.

2. CONHECENDO AS DIMENSÕES IMATERIAIS

Doutora Luiza, com sua sensibilidade, alcançou sem muitas palavras a minha nova condição de percepção. Nosso trabalho continuou normalmente, e nas noites que se seguiram fui aprendendo a lidar melhor com as lembranças que trazia ao acordar. Agora não mais me assustava estar fora do corpo.

Lembrava-se do siri caminhando sobre a água, da lua minguante. Meu corpo acordado com a alma em seu interior era a doação que recebera do Universo de Deus, mas era preciso que este corpo se esvaziasse para ir em busca de outras dimensões, outros complementos. Ainda não discernia claramente, mas estava pronta para buscá-los.

Poucas noites depois, produziu-se novamente o desmembramento: desta vez, deslizei pelo quarto sem medo, sem incompreensões. Logo vi o canal transportador e Meu Amigo, que dizia “Vamos, está na hora de trabalhar!”.

Encaminhamo-nos para o canal transportador. Senti um aceleração provocando arrepios no alto da minha cabeça indo até os joelhos. A temperatura corporal diminuiu bruscamente. Pude ainda ver meu corpo físico deitado sobre a cama. A viagem demorou o tempo de um suspiro. Logo me vi num amplo salão de recepção – que depois soube pertencer à primeira Casa Astral.

Junto conosco chegaram algumas pessoas e nos somamos a outro grupo que já estava lá. Meu Amigo dirigiu-se a algumas delas, e após uma breve conversa me apresentou como Halu, vinda da cidade de Salvador. Acrescentou que eu já estava trabalhando com a memória ativa – uma espécie de arquivo de todas as vidas ou experiências encarnatórias passadas. A princípio fiquei sem entender. Cumprimentei as pessoas e puxei Meu Amigo pelo braço.

– Por que você disse que meu nome é Halu?

– Como se sentiu ao ser chamada assim?

Respondi que gostara, mas devia haver uma explicação para a mudança. Afinal, eu estava acostumada a ser Mércia desde que me entendia por gente.

– Aqui nos identificamos com um nome que não precisa, necessariamente, ser o mesmo utilizado na esfera material. Já a chamamos assim outras vezes, aos poucos você se lembrará de visitas anteriores. Quando sua memória ativa começar a despertar, você vai reconhecer muitas pessoas que aqui estão.

Gostei do comentário; fazia sentido, pois estava me sentindo muito à vontade, o que para mim não era comum. Quando entrei em sintonia com a necessidade de buscar essa confirmação no meu interior, veio a recordação de alguns rostos e me lembrei claramente do Meu Amigo. A explicação não demorou:

– Este primeiro portal, este salão, tem por objetivo preparar as pessoas para transmutar para outra dimensão. Aqui ainda se conservam algumas energias materiais que possibilitam esta passagem. Ficaremos aqui até você estar pronta.

– Já passei para esta dimensão anteriormente?

– Sim.

– E por que preciso esperar?

– Quando a memória ativa desperta cria um canal de comunicação com o mental. O corpo mental tem fortes ligações com o corpo físico, todos os seus símbolos e experiências buscam identidade com a memória ativa. Quando você escutou o nome Halu, imediatamente mergulhou e emergiu com algumas recordações. É sua parte Mércia buscando identificação e incorporação com as experiências de Halu. Este tempo é necessário para acomodações entre estas duas fases da sua existência.

– Todos aqui estão fazendo a mesma coisa?

– Quase todos, observe.

Notei algumas diferenças entre as pessoas. Umas se apresentavam um pouco sonolentas; ao redor dos seus corpos havia um campo de luz com algumas cores que se alternavam entre o branco, o vermelho e o laranja. Perto de cada uma delas havia alguém que lhes segurava as mãos.

– Aquelas pessoas quando se desligam do corpo físico dirigem-se às Casas Astrais, porém trazem muitas reminiscências de conflitos do dia a dia. Os que as assistem, segurando-lhes as mãos e fazendo aquele movimento balanceado, buscam estabelecer um ritmo uniforme, harmônico,

entre as energias materiais e imateriais; por isso o campo áurico reluz dessa forma. Na esfera material as pessoas apresentam um campo áurico assim, com multiplicidade de cores, refletindo os pensamentos, as emoções e os sentimentos diante de cada experiência. Através do movimento de balançar encontra-se uma melhor distribuição e separação de energias materiais e imateriais: é um comportamento natural e esperado, que nada tem a ver com evolução, crescimento. O tempo necessário para esse reequilíbrio indicamos como elaborar melhor a permanência de cada um neste primeiro portal.

Observei outro grupo onde as pessoas estavam agitadas, gesticulando bastante, falando alto.

– Estão brigando?

– Deixe para concluir mais tarde. Procure não deduzir nada. Por ora, observe à vontade, use o tempo que precisar.

Junto com os agitados, havia outros que os incentivavam a falar e gesticular. O campo áurico das pessoas que estavam sendo auxiliadas alternava-se entre o laranja e o marrom. À medida que se acalmavam a cor ia mudando e se estabilizava entre o azul e o branco. Então, paravam de gesticular e passavam a falar mais baixo.

– Agora estão mais centradas – explicou Meu Amigo. – O movimento delas é parecido com o das primeiras que você observou. A diferença é que as do segundo grupo são mais aceleradas no plano material. Incentivar que falem, gesticulem, e uma forma de facilitar a liberação de excessos de energia Yang – energia responsável pela ação. Pessoas muito agitadas acumulam excesso dessa energia, gerando desequilíbrios, dificultando a reflexão e o contato com o sentimento, o que causa afastamento do seu mundo interno e dificulta a ampliação da percepção.

Mal Meu Amigo acabara a explicação, ouvi minha própria voz sair, sem nenhum comando mental:

– Otília!

– Como vai, Halu? Que bom que você está aqui.

Olhei para Meu Amigo sem entender o que estava acontecendo. Depois, refletindo um pouco, arrisquei: memória ativa. Ele confirmou. Mas eu não conseguia saber quem era Otília. Meu Amigo sugeriu que eu desse um tempo, no momento certo, lembraria.

Dirigimo-nos então para um grupo de pessoas que parecia estar à nossa espera. Após as apresentações, fui informada de que ainda estava no

Primeiro Salão e poderia fazer perguntas sobre o que havia observado até o momento. Não perdi tempo:

– Notei que alguns de nós – eu, por exemplo – tem um fio preso ao umbigo. Quando pego este fio ele não revela peso; é como se fosse uma projeção de luz.

– Este fio liga seu corpo etérico ou perispírito ao seu corpo físico. Para sua informação, perispírito é uma espécie de elemento de ligação entre o corpo físico e o corpo espiritual. Mas, voltando à pergunta, pela presença do fio você identificará quem está encarnado. Em mim, você não vê o fio.

– Engraçado pensar que você não está encarnado. Você é igualzinho a mim e a todos que têm o fio. Mas ainda não entendi qual a função deste fio.

– Agora mesmo ele está conduzindo as informações para o seu corpo físico. Quando você descer, ele trabalhará confirmando a sua lembrança, mobilizando todo o seu corpo a se sentir enquadrado nesta experiência. Mais tarde você verá como isso acontece. Agora, sente-se aqui e escreva como você viu e compreendi a experiência que acaba de viver.

Escrevi e entreguei a ele.

– Quando você acordar no seu quarto escreva outra vez. Não se preocupe em repetir as palavras. Simplesmente escreva. Procure doutora Luiza e conte a experiência. Diga também a ela que a deixo sob seus cuidados.

– Já está na hora de ir embora? – perguntei.

– Você não está cansada? Amanhã continuaremos. Gostaria que você se preparasse para vir aqui no período da tarde.

– Dificilmente consigo dormir à tarde.

– Faça a sua parte, deixe o resto comigo. Confie.

Voltamos à entrada do salão: tudo estava da mesma forma, os grupos continuavam seus trabalhos em clima de grande concentração. Saímos do ambiente e logo vi meu quarto e meu corpo sobre a cama.

– Já chegamos?

– Ainda não. Você aprendeu a soltar o olhar no canal transportador. Apesar de estar vendo seu corpo bem próximo, ainda tem um percurso a ser feito até o quarto. Aproveite para observar os tipos de pensamentos e sentimentos que você registra com a experiência.

À medida que caminhava, brotava em mim o sentimento do meu corpo estar distante. Era como se andasse sem chegar ao destino. Senti fortes arrepios, começando dos joelhos até o alto da cabeça – movimento inverso

ao do deslocamento, onde os arrepios começavam do alto da cabeça indo até os joelhos. Uma imensa saudade me invadiu. Parei. Perdi a vontade de voltar. Respirei fundo. Percebi meu corpo movendo-se levemente na cama. Senti que havia sincronicidade na respiração de minhas duas projeções: o corpo físico inspirava e eu, fora do corpo, respondia expirando. Isso me trouxe conforto e um sentimento de unidade. Eu estava e não estava em dois espaços ao mesmo tempo.

Olhei para minhas mãos e compreendi o que meu sentimento queria expressar: minha mão faz parte de todo o meu corpo, mas está ligada a ele por intermédio do braço. Olhei novamente minhas mãos e imediatamente dirigi o olhar para o meu peito. Vi que estas duas partes do corpo estavam distantes, mas se comunicavam através do braço.

Direcionei o olhar para meu corpo físico deitado na cama e em seguida para meu corpo imaterial em pé ao lado da cama, e vi que os dois se pertenciam através do fio. Senti uma súbita vontade de levar as mãos ao peito. Assim fiz e de repente, acordei. Ouvi os sons costumeiros da casa e ali fiquei administrando minha experiência.

Teria sido um sonho? Vi Meu Amigo ao lado da cama. Sorri e disse que precisava lidar melhor com minhas lembranças. Ele devolveu o sorriso e voltou para o canal transportador.

À tarde, no horário combinado, tomei um banho morno, fiz um exercício de respiração e me deitei. Ao contrário do que imaginava, o sono veio rápido. Sonhei com alguns dos acontecimentos da noite anterior – um resumo do que havia se passado. De repente, entrei em desmembramento de novo e logo avistei Meu Amigo ao lado do canal transportador.

– Sonhei exatamente com o que aconteceu a noite passada.

– É seu campo lógico elaborando e expressando o que ficou registrado.

Pedi-lhe que me explicasse aquilo de maneira mais clara.

– Quando vivenciamos um acontecimento, automaticamente nos lembramos dele, não é? Experimentamos a emoção sentida, recordamos os fatos. Pois bem: ontem à noite você vivenciou uma experiência nova para o seu arquivo mental. Não existia, até então, no seu campo lógico, nenhum registro similar. Agora, o arquivo foi informado através de sua memória ativa. Quando dormimos há uma diminuição da atividade mental, um relaxamento do campo lógico, liberando a censura para novos registros. Ao resíduo dos acontecimentos da noite damos o nome de sonhos.

Após estas palavras, Meu Amigo convidou-me para uma nova viagem à dimensão imaterial. Chegamos ao Primeiro Salão e, como na noite anterior, encontramos grupos de pessoas desenvolvendo diversos tipos de trabalhos. Ao atravessarmos um portão, deparei-me com um panorama que jamais esquecerei: um jardim muito bem cuidado, com flores que vibravam em colorido e vitalidade, diferentes de qualquer flor que meus olhos já tinham visto. Senti tontura, como se fosse desmaiar. Meu Amigo segurou-me as mãos.

– Respire profundamente. Sintonize o que o sentimento quer lhe dizer.

Respirei e espirei. De repente, me lembrei da minha avó paterna cuidando do jardim de sua casa e eu, sentada na janela, prestando atenção ao que ela fazia. Não era uma simples lembrança. De alguma forma eu estava sendo transportada para aquela época. Quando retornei, contei a Meu Amigo o que se passara.

– O jardim que você vê aqui espelha outros jardins que existem no código de sua memória.

Entendi a relação: minha parte Mércia buscava, em seus registros, identificação com a nova experiência.

– Só que dessa vez o encontro de memórias foi mais forte. Começa aqui outra dimensão, Halu, pois os resíduos de energias materiais são menores e mais sutis que os do Primeiro Salão. Vamos fazer o exercício de balanceamento que você viu as pessoas fazendo na visita anterior. Isso a auxiliará na distribuição das energias que você está captando.

Fizemos o exercício. Ele segurou minhas mãos e sintonizamos nossos movimentos, buscando um ritmo confortável para ambos. O suave aroma do lugar penetrou em todo o meu corpo, provocando intensa sensação de bem-estar. Meu hálito refrescou como se tivesse tomado chá de hortelã. relatei a Meu Amigo o que estava acontecendo.

– O sabor é uma tradução simbólica. Você está registrando a entrada de novas energias em seu corpo.

Atravessamos os jardins e chegamos a um prédio que me pareceu muito amplo. Difícil dimensionar o tamanho do lugar, bem como do jardim; tem um quê de infinito, onde princípio, meio e fim se confundem. É bastante diferente das organizações existentes na esfera terrestre. Entramos num grande corredor, encontramos algumas pessoas vestidas de branco, como se fossem médicos e enfermeiros que prestavam assistência a outras

deitadas em leitos. Percebi claramente que estávamos num lugar similar a um hospital. Perguntei se eram doentes.

– Estão se reabilitando da experiência de encarne. Aqui recebemos pessoas que, ao desencarnar, manifestam ainda doenças ou ferimentos no perispírito. Em outra ala acontece o inverso. Preparamos pessoas que estão perto do retorno à esfera material, ou seja, estão próximas do nascimento. Na terceira ala, recebemos pessoas encarnadas que se deslocam para cá em busca de ajuda para a saúde do corpo físico. Essas pessoas recebem medicamentos espirituais. Quando retornam, levam a medicação através do fio condutor que você percebeu em sua primeira visita. O nome apropriado do fio é cordão umbilical etérico: umbilical, por estar localizado na região do umbigo; etérico, por ser constituído de energias imateriais do elemento éter.

– Acho que já estudei este tema. Apesar de novo, o que você está dizendo parece-me familiar.

– Para sua memória arquivo não é novo. Você já escutou isso. Está registrado.

– Não seria mais fácil simplesmente lembrar?

– Seria mágico, Halu; porém aqui nada é mágico.

Minhas faces ficaram coradas, mas Meu Amigo me abraçou ternamente, devolvendo-me a segurança. Andamos um pouco e chegamos a uma sala onde estava um grupo de jovens.

– Entre, Halu, venha cá. Que bom ver você de novo.

A moça que me saudava era, para mim, uma perfeita desconhecida, mas pelo jeito de me abordar parecia uma velha amiga. Perguntei-lhe se já tínhamos estado juntas antes e ela disse que sim. Meu Amigo tratou de apresentá-la:

– Esta é Mônica, Halu. Hoje você vai trabalhar com ela. Fico aguardando aqui. Não deixe de registrar tudo o que vir para me contar depois.

Acompanhando Mônica, entramos num quarto muito parecido com o dos hospitais da esfera material. No leito, uma pessoa deitada; um rapaz ao lado do paciente.

– Fique aqui e observe, Halu.

Mônica aproximou-se do leito e iniciou uma conversa com o paciente.

– Como está, Almir?

– Ah, doutora, minhas costas doem muito e tenho dificuldade de respirar, mas estou melhor.

– Vamos ver isto.

Mônica colocou as mãos sobre Almir e os dois começaram a respirar juntos. Vi claramente uma nuvem esverdeada sair de suas narinas em direção ao peito dele. Ficaram alguns minutos assim, até o doente adormecer. Mônica trocou alguns sinais com o rapaz e me conduziu para fora do quarto. Fomos a uma sala que deduzi ser seu consultório. Interroguei-a sobre o assunto.

– Almir já morreu, não é?

– Para o plano terrestre, sim.

– Entendo. Já percebi que a morte como fim não existe, é apenas uma etapa no percurso da eternidade. Mas gostaria de saber o que você fez com Almir.

– Primeiro é necessário que você compreenda o que ele fez comigo. Apesar de estar sofrendo muito, Almir consegue abrir seu campo, atraindo a energia de cura. Quando relaxa, entra em sintonia com a necessidade, o que propicia a liberação da energia através da troca da respiração comigo.

– O corpo permite ser preenchido com água que vem da torneira.

Mônica sorriu:

– Exatamente, Halu.

– E por que a energia verde não entrou pelo nariz dele, mas se encaminhou para o peito?

– Almir deixou o corpo físico por causa de uma pneumonia: o peito estava mais debilitado que outras partes do corpo. A energia de cura, de cor verde, é atraída para a região onde se faz mais necessária.

– Ele dormiu logo, por quê?

– Ao receber energia curativa, Almir liberou alguns resíduos oriundos do corpo físico que aderiram ao corpo emocional e pôde descansar.

– Aquele rapaz que estava ao lado de Almir também é médico?

– Depende do que você compreende por médico. Robério o assiste, transmutando com ele outras qualidades energéticas como alegria, atenção, companheirismo.

– Tudo isso é energia?

– A idéia está no movimento. Quando estamos conversando também trocamos energias de acordo com a conversa que estabelecemos. Quando Almir traz queixas naturais para o estado em que se encontra, Rogério

escuta, aceita e devolve, abrindo outro tipo de conversa, mobilizando pontos sadios na memória dele.

– Tudo tem a ver com a memória, não é mesmo, Mônica?

– Sim. Este é o ponto mais frágil e também o mais forte da nossa constituição. Ao se sentir ameaçada, a memória reage, refugiando-se num ponto distante da ameaça como forma de se manter viva.

– Isto é inconsciente?

– Não. A memória é um corpo e o inconsciente é o invólucro que protege este corpo. À medida que a memória não se sente ameaçada, o invólucro vai se alargando, ampliando, para que o corpo transite melhor no tempo. Devagar, você vai acomodando melhor as informações. Agora vamos visitar outro paciente: seu nome é Nora. Ela está encarnada e num quadro de coma.

Seguimos para outro quarto. Este era maior e tinha mais pessoas. Monica dirigiu-se a um rapaz.

– Como ela está, Armando?

– Abriu os olhos outra vez e chamou pela filha.

– O que você disse a ela?

– Não deu tempo para nada, Nora logo voltou a dormir. Transmudei energia de cura.

Nesse momento, uma senhora que estava do lado da paciente solicitou a atenção de Mônica:

– Dona Clara, como está?

– Muito preocupada com minha filha. Estou começando a ficar aflita: ela precisa de ajuda, mas, ao mesmo tempo, temo atrapalhar.

– Venha conosco. Está é Halu, ela está aqui estudando.

Dona Clara olhou meu cordão. Senti-me um pouco denunciada.

– Sua filha está atravessando uma fase difícil, mas está indo bem.

– Quando ela desencarnará?

– Como já comentamos, é impossível precisar o momento exato. Ela ainda voltará ao corpo físico. Quanto ao tempo, não temos condições de prever. Dependerá da quantidade de energia vital material armazenada no corpo físico.

– Ela está sentindo dor?

– Não, Dona Clara. Nora está estacionada no tempo passado; retomando fases de sua vida que alimentam o emocional, fortalecendo-se para a passagem.

– Poderíamos trazer Emília aqui outra vez? Ela chama tanto por esta filha!

– Vamos ver como Emília passará esta noite. Se ela conseguir dormir sem ajuda de sedativos, a convidaremos, está bem? Agora é melhor a senhora descansar um pouco. Afonso a substituíra nos cuidados com Nora.

– Realmente estou precisando descansar; até mais tarde e muito obrigada pelo que tem feito por nós.

Concordei com Dona Clara, Mônica merecia os agradecimentos. Em nenhum momento percebi nela qualquer sinal de impaciência ou contrariedade. Novamente nos encaminhamos para o consultório. Sentamos e Mônica sugeriu que eu colocasse minhas perguntas.

– Tenho muitas. Por que Almir estava sozinho e Nora acompanhada por parentes?

– Almir recebeu visitas de parentes e amigos. Mas todos aqui têm coisas a fazer e resolver. Quando você o viu, ele estava só com Robério. O tratamento propicia a retomada da independência de forma natural e espontânea. Nosso papel é incentivá-lo para que melhore e vá visitar seus antigos companheiros. Já Nora não está desencarnada; o coma é um estágio entre o desencarne e a passagem para o mundo astral. Alguns que não terminaram seu aprendizado dentro da encarnação e têm ainda reservas de energia vital material saem do coma, retornando à vida em carne. Outros precisam desse mecanismo para interligar a passagem. A presença dos parentes ajuda a restaurar a energia do paciente. Dona Clara e Seu Afonso foram os pais de Nora na Terra: ainda guardam registros da relação, através do carinho e amor que sentem por ela. Os registros também se transformam em energia e se estabelece a troca, do mesmo jeito que aconteceu comigo e Almir. A memória arquivo de Nora está, em algum nível, atuando e captando as qualidades energéticas deles. Com esse apoio, a memória não se sente ameaçada e vai retornando aos poucos.

– Por que ela precisa desses mecanismos para desencarnar?

– Os motivos são muitos, às vezes do próprio paciente ou da família. Tem pessoas que se ligam tanto ao tipo de vida que levavam no plano material que, no momento do desligamento, necessitam passar por uma transição, uma espécie de condição intermediária. Também pode ocorrer que a família não esteja preparada para a perda e desenvolva uma troca fluida de energia vital material com o paciente, como condição de mantê-lo

vivo. Se há, no paciente, espaços para receber esta energia e concordância da alma, estabelece-se o coma.

Observei então que não se tratava de um fenômeno meramente físico. Mônica respondeu-me que nada é apenas físico.

– Entra aí a individualidade e peculiaridades vindas da alma, do ritmo interno, da condição pessoal.

Após um breve silêncio, Mônica alertou-me de que estava na hora da partida. Para minha surpresa, mandou lembranças à doutora Luiza, mas não me revelou como ou de onde a conhecia.

Ao sair do consultório encontrei Meu Amigo, que me perguntou como fora a experiência.

– Interessante! Preciso elaborar o que vi. Estou sentindo um pouco de ansiedade. Será que vou me lembrar de tudo mais tarde?

– Acredito que sim, Halu. É normal este sentimento. Quando chegar ao plano material, faça os exercícios e tome um banho demorado para liberar as tensões.

Voltamos pelo mesmo lugar, atravessamos os jardins, fizemos exercícios para distribuição de energias e então ele se despediu, deixando-me insegura:

– Vou voltar sozinha? Qual destas portas eu atravesso? Não prestei atenção quando chegamos.

– Procure seguir seus pés, simplesmente entre em sintonia com o sentimento. Quando ele responder, caminhe e descobrirá a porta certa.

Tentei não duvidar e consegui encontrar o caminho. Tempos depois soube que Meu Amigo me acompanhara à distância.

Meu corpo? Acordei com esta pergunta. Lembrei-me mais uma vez das fases da lua e me apaziguei. Peguei o papel e registrei a riquíssima experiência que acabara de viver. Já não duvidava mais de coisa alguma.

Terminada a tarefa, saí a andar pela casa e encontrei meu irmão com alguns amigos na sala. Olhei para eles e fiquei pensando: como contar o que acabara de acontecer? Concluí não ser aquele o momento ideal. Tomarão conhecimento da experiência através deste livro. Estava aprendendo a respeitar os meus limites de explicações e os limites de compreensão das outras pessoas. Por meio dos livros o leitor estabelece o seu ritmo de acontecimento interrompendo a leitura de acordo com sua condição interna.

Liguei para a doutora Luiza e relatei o que havia acontecido sem esquecer-me de informá-la:

- Sabe, minha doutora, alguns a conhecem na outra dimensão.
- É mesmo?
- É, mandaram lembranças!
- Agradeça e retribua. Você está anotando as experiências?
- Estou. Pretendo futuramente escrever um livro sobre o mundo espiritual.

Com minha psicoterapeuta eu já falava sem barreiras das experiências que estava vivendo, sentia que ela se interessava e, mais importante, acreditava em mim. Qual seria a razão? Memória arquivo? Não sabia. Porém, de uma coisa tinha certeza: o alcance da compreensão está além do mental, das academias, da ciência. É uma qualidade da alma.

Passaram-se dois dias até me ver novamente solta do corpo material. Surpreendi-me por não ter tido aflição nem ansiedade, sabia que precisava de tempo para a elaboração das experiências. Enfim, estava aprendendo a não querer conduzir o processo de modo voluntarista e isso me enchia de paz e tranquilidade.

Certa noite, afinal, entrei em processo de deslocamento, mas não vi Meu Amigo ao lado da canal transportador. Não me senti insegura; ao contrário, compreendi a mensagem. Já poderia fazer a viagem sozinha. Fora do meu corpo material, aproveitei para caminhar um pouco pela casa. Quase todos dormiam. Dirigi-me para o canal transportador e cheguei ao salão da Primeira Casa. Cumprimentei algumas pessoas e fui informada de que Mônica me esperava no hospital. Atravessei a porta, cheguei ao jardim e resolvi por conta própria fazer o exercício de balanceamento. Uma onda de bem-estar tomou conta do meu ser. Logo avistei Mônica vindo em minha direção.

– Hoje você vai ver uma pessoa recebendo cuidados para encarnar. Estas atividades não são apenas de responsabilidade do hospital; em outro momento você acompanhará todo o ciclo.

Dirigimo-nos a um novo Departamento. Fui tomada por uma estranha sensação.

- Mônica, minhas pernas estão pesadas.
- Se entregue a este peso. Seu cordão umbilical etérico está captando a liberação energética desta ala. É natural. Aqui se encontram pessoas que estão se preparando para voltar à esfera terrestre. Como você está vindo de lá, estas energias a acompanham. Os cordões umbilicais etéricos das

pessoas que irão encarnar estão energeticamente entrando em contato com o seu. Como já disse, é natural. Está assustada?

– Não, mas achei que deveria informá-la. Uma dúvida: por que meu cordão não sentiu isto nas outras vezes? Com você, com Meu Amigo, Almir e as outras pessoas?

– Esta ala é diferente. Como já disse, as pessoas aqui estão se preparando para encarnar com o corpo emocional ou perispírito envolvendo a Alma. Quando somos concebidos por nossos futuros pais, imediatamente um novo cordão é confeccionado. Uma ponta do cordão liga-se ao perispírito e à alma, a outra ao umbigo dos pais, juntamente com o feto; com essa ligação há troca de alimentos e informações entre as duas dimensões. Quem vai encarnar começa a tomar consciência do que o espera no plano material por meio desse mecanismo que chamamos de relação terra. Além dos alimentos e informações que recebe por essa via, entram os trabalhos das Casas Astrais, fortalecendo, amparando, esclarecendo; enfim, preparando o futuro encarnado para a realidade que o espera.

A colocação de Mônica despertou-me uma dúvida: e se após a fecundação o pai desencarnar?

– No caso, a relação terra é feita apenas com a mãe, o que não traz nenhum prejuízo para a criança, apenas caracteriza um sinal particular em sua trajetória.

Entramos num quarto onde estava um rapaz com aparentemente 20 anos. Mônica dirigiu-se a ele.

– E então, como estamos?

– Estou sentindo medo.

– Como é este medo?

– Parece que vou cair.

– Lembra-se que já conversamos sobre isto?

– Sim, Mônica, mas não vai passar?

– Você pode se ajudar conversando com este medo. Sua mãe está bem. Foi atendida e o risco de interrupção da gravidez já foi solucionado. Isto fará você melhorar.

– Meu medo está passando.

– Está vendo? O importante é procurar não alimentar o sentimento ruim.

– Como faria isto?

– Por que você estava com medo? Quando isso começou?

– Quando desmaiei.
– O que foi que eu lhe disse?
– Que havia algumas complicações com a gravidez, mas logo se resolveriam.

– Então, se o medo reaparecer, resalte-lhe os motivos: “estou com medo das complicações com o parto”. Busque em suas lembranças as aulas que você teve sobre este assunto. Combinado?

O rapaz já estava sorrindo.

– Posso andar um pouco?

– Vamos ver. Esta vontade de andar é muito, muito grande? Seria bom se você conseguisse ficar na cama: ajudaria seu corpo e também a sua mãe. Mas...

– Não, não. Vou ficar quieto e ler um pouco. – Dizendo isso, voltou-se para mim:

– Quem é você?

Observei que tinha percebido meu cordão. Sorri.

– Sou Halu. Estou aqui estudando.

– Por que você estava chorando?

– Não sei. – fui sincera.

– Imagino. Você conhece meus pais?

Sem saber o que responder, olhei para Mônica. Veio-me a vontade de visitar a família, contar que estava tudo bem, que tudo ia dar certo. Mônica captou meus pensamentos.

– Não. Ela não conhece.

Compreendi o olhar de Mônica e me calei a tempo. O jovem perguntou como estavam as coisas na esfera material do planeta Terra. O que iria responder? Fiquei indecisa por um instante. Mônica não interveio.

– Acredito que boas para quem busca o bom! – saí com poesia. Ele sorriu, compreendendo o meu desconcerto.

Prometendo comunicar qualquer novidade, Mônica disse que precisávamos ir. Despedimo-nos e saímos do quarto. Sentamos no corredor para conversar sobre o que eu observara. Aproximou-se um rapaz trazendo dois copos de água. Outra surpresa. Copo? Água? Mônica apanhou o seu copo e bebeu tranquilamente. Convidou-me a imitá-la, garantindo que faria bem. Bebi e o líquido não tinha o peso da água que conhecia, mas era água. Detectei a ausência de peso, pois quando a coloquei na boca, foi totalmente absorvida, não precisei engolir. Lembrei-me da sensação de comer algodão

doce e me vi ainda criança, num parque, ao lado da minha mãe. Eu teria aproximadamente dois anos. Fiquei nesse transporte até terminar o algodão doce. Quando voltei contei a experiência a Mônica. Ela me disse que era natural: uma simples aproximação da minha memória arquivo. Em seguida, convidou-me a formular perguntas. Não perdi tempo:

– Primeiro: o que aconteceu com a mãe daquele rapaz?

– Uma pequena complicação na gravidez. Ela ficou muito nervosa, temendo perder o filho e o medo foi captado por ele através do cordão umbilical.

– Isto é ruim, não é?

– Nada é totalmente ruim. Antes de esse fato acontecer, ele não estava seguro se a mãe estava preparada para recebê-lo. Quando captou o sentimento da mãe – o temor pela possibilidade de interrupção da gravidez – ficou um pouco abalado, mas também confirmou o quanto é esperado e desejado.

– Esta insegurança pode ter sido a causa da complicação?

– Pode ter favorecido. Tudo é uma soma. Não se pode ver um fato isoladamente. A certeza de ser esperado ainda foi informada através do cordão para o feto e para os pais, e isto ajudou muito.

– Quanto tempo falta para ele nascer?

– Uns seis meses aproximadamente.

– Ele terá de ficar todo este tempo no hospital?

– Não, assim que a situação se normalizar ele voltará para uma ala responsável por outras atividades. Você verá quando conhecer a creche.

Se o rapaz insistisse em deixar o quarto, Mônica teria permitido? Ela me respondeu que sim. Perguntei se isso não faria mal ao paciente.

– Se fizesse, ele iria se sentir fraco e pediria para voltar.

– Conscientização?

– Este é o propósito.

– O que acontecerá depois com o rapaz?

– Vamos visitar outras pessoas e você compreenderá melhor.

Entramos em um quarto. Lá estava uma criança aparentando seis anos, acompanhada por uma senhora que brincava com ela, desenhando.

– Tia Mônica, você veio?

– Isabel está brincando? Que ótimo, logo voltará para a creche.

A menina notou a minha presença e perguntou quem eu era. Não olhou para o meu cordão, o que achei ótimo.

– Eu sou Halu.
– Você também vai nascer?
– De certa forma, sim.
– Eu sou Isabel. Minha mãe é Marta, meu pai Francisco.
– O que você está desenhando? – perguntei.
– Esta será minha casa, eu dormi e vi; aí tia Amélia trouxe papel para eu desenhar. Ficou bonita?

– Linda – respondi com a garganta travada pela emoção.

Minha vontade era sair dali e gritar para o mundo o que eu estava testemunhando. Mais de cinco anos se passaram e o umedecimento em meus olhos ainda é inevitável. Sempre que volto a esta ala da Primeira Casa sinto-me em paz comigo mesma e com o mundo.

Saímos do quarto de Isabel e fomos andar no jardim. Não havia espaço para palavras. Depois de algum tempo, Mônica me trouxe de volta:

– Falta menos de um mês para o dia de Isabel. Ela conectou com este nome através do cordão.

– Ela disse que sonhou com a casa onde vai viver?

– Quando vai se aproximando o momento de encarnar, as crianças são levadas para perto dos pais para que se acostumem com a esfera terrestre, com a nova morada, a nova família, enfim, com tudo que vai cercá-la após o nascimento.

Pareceu-me estranho que a menina já soubesse o nome com que iria encarnar. Ou esse era seu nome em uma passagem anterior?

– De modo algum, ela se chamará Isabel agora. O rapaz que visitamos antes ainda não tem nome: chamou-se Fernando na última encarnação, mas evitamos repeti-lo para facilitar a boa aceitação e familiaridade com o novo nome.

– E se os pais de Isabel resolverem mudar de idéia?

– Se acontecer depois de encarnar, ela continuará se acreditando Isabel. Se trocarem antes, será informada pelo cordão umbilical.

– A troca no final da gravidez não causaria problemas?

– Quando isso ocorre, trabalhamos com a criança readaptando-a a seu novo nome, geralmente elas adoram. Procuramos fazê-las compreenderem a importância que têm para os pais: a troca é prova de que os pais desejam um nome mais bonito para elas. Se a mudança ocorrer depois do nascimento levará algum tempo até o perispírito se acostumar. Às vezes interfere no desenvolvimento da criança. O nome é uma espécie de código

no arquivo memória. Ao ouvir um nome diferente, um som diferente, é preciso que este arquivo passe por uma adaptação. Através do chamamento, a criança sintoniza com o externo. Se o som é o mesmo, a abertura para o exterior ocorre mais depressa; se muda, o processo torna-se mais lento. A duração varia individualmente, pode ser rápida como pode, também, ao longo da encarnação a pessoa não se sentir bem com o próprio nome. É muito pessoal. O importante é perceber como a energia que envolve um som é forte e personifica.

Retomamos o caminho do hospital. Entramos por outra porta. Chegamos a um salão imenso onde havia crianças na faixa entre dois e cinco anos, informação dada por Mônica: essas crianças são acompanhadas por muitas pessoas de todas as idades, senhoras, adolescentes que se ocupam com brincadeiras, conversas, jogos, enfim, atividades adequadas a esta faixa etária.

– Onde está o Lúcio? – Perguntou Mônica a uma moça de aproximadamente 18 anos.

– Vou buscar. E Isabel, está bem? Lúcio está aflito para saber notícias dela.

– Lúcio é amiguinho de Isabel. Ele encarnará primeiro – explicou-me Mônica.

– Vão se encontrar na esfera material?

– Sim.

– Tia Mônica, e Isabel? – perguntou Lúcio.

– Está ótima, desenhando com tia Amélia.

– Quando ela virá para cá?

– Logo, logo.

– Quando é logo?

– Quando você dormir e acordar.

– Então, vou dormir agora.

Saiu sem se despedir, procurando pela moça que o trouxera.

– Está um pouco agitado – comentou Mônica. – O sono fará com que ele se sinta melhor.

– E se ele não tivesse acatado sua sugestão para dormir?

– Seria levado para ficar com Isabel.

Eu quis saber por que não o levava de imediato.

– Eles vão ficar algum tempo sem se ver: é preciso ir criando o aprendizado de espera para não desenvolver ansiedade. No arquivo, na

memória, sabem que se encontrarão. O aprendizado da espera dará continente ao encontro natural, sem danos ao tempo em que estiverem separados. Se a ansiedade se instalar pode se refletir em certa apreensão e não despertar interesse por aprendizados que não se refiram ao encontro. A falta deste aprendizado determinará uma insatisfação de fundo não consciente, que poderá se expressar, por exemplo, em comportamentos instáveis como: complicações na fala, mudanças de escola e até uma perda generalizada de interesse por outros aspectos importantes relacionados à sua nova encarnação. Cuidamos para que a criança encarne da forma natural ao seu novo aprendizado.

– Agora estou compreendendo a importância da Alma, do corpo emocional.

– Claro. Este é um dos objetivos do seu curso, digamos assim, aqui nas Casas Astrais. Venha, vamos andar um pouco. As crianças que você vê estão perto de encarnar, principalmente as menores. Estes adolescentes encarnarão também, porém depois dos pequeninos. Lembra-se do Fernando? O rapaz que visitamos no hospital? Ele está desenvolvendo um trabalho de adaptação aqui.

– Que tipo de trabalho?

– Aqui se aprende a conviver com a idéia de sair da fase adulta e se transmutar em bebê.

– Isto deve ser muito difícil!

– Racionalmente, sim. Porém, a vontade de encarnar é maior que as dificuldades. Este é um processo lento, que favorece a acomodação interna.

Manifestei vontade de conversar com uma daquelas pessoas. Mônica concordou na hora e chamou um rapaz que passava, seu nome era Ricardo. Depois das apresentações, fiz uma pergunta direta:

– Como é para você saber que vai voltar para esfera material?

– A idéia me agrada. Preciso aprender algumas coisas e sei que na esfera material trabalharei melhor as minhas lacunas. Ao mesmo tempo, fico pensando se vai dar certo...

– Na esfera material, as crianças ficam ansiosas para crescer. Aqui, a ansiedade é para diminuir.

– Este padrão – crescer, diminuir – é do plano material. Aqui sabemos que vamos diminuir no tamanho para crescer por dentro.

Despedi-me de Ricardo admirando seu discernimento. Perdida em pensamentos, ouvi a voz da Mônica:

– Agora está na hora de voltar, Halu. De acordo com o horário Terra, você já está conosco há quatro horas. O tempo aqui é mais aproveitado. Quatro horas e seu corpo já pede descanso. Aguarde seu Amigo, logo ele a procurará. Se tiver alguma dúvida não se acanhe, pergunte. Não se esqueça de escrever a experiência de hoje. Uma última recomendação: volte direitinho para seu corpo.

Retomei o caminho: primeiro o jardim, depois o salão, o canal transportador, minha casa, meu corpo.

Despertei com muita sede, a garganta e a boca completamente secas. Procurei o relógio; eram 08h30min da manhã. Mônica falou-me de quatro horas no horário da Terra; no entanto, fazia dez horas que eu estava dormindo. Relaxei. Esperaria por Meu Amigo. Ele teria uma explicação para aquilo.

Ao levantar, encontrei meu irmão. Achei melhor não falar nada do que se passara. Bebi bastante água e procurei retomar minhas atividades normais. Olhei o sol, o céu, uma tristeza miúda tomando conta de mim. Depois, percebi que não era bem tristeza e sim ansiedade camuflada por outras emoções.

Precisava, ansiosamente, falar das experiências com alguém. A única pessoa a quem eu poderia contar era doutora Luiza. Sabia que ela não iria dogmatizar ou querer me explicar o que estava acontecendo, acolheria minhas informações e me daria elementos para lidar com tais experiências dentro do meu tempo e condição de elaboração.

Esta certeza diluiu minha ansiedade. Lembrei-me de Mônica orientando Fernando: “Converse com o medo“. Lembrei-me da doutora Luiza trabalhando comigo: “Como é esta ansiedade que você sente? Fale-me dela“.

Meu Deus, não há diferença entre espaços quando uma alma se propõe a compreender a condição da outra; não há distância entre as dimensões se encontramos espaço para a verdade do outro. Entendi que no céu, em dimensões diferentes, não há distância intransponível para a alma. Compreendi a grandeza de nosso eu interior e concluí que, realmente, o maior espaço é dentro.

Duas noites depois ao desmembrar vi Meu Amigo a meu lado. Perguntei-lhe pelo canal transportador: respondeu-me que não iríamos utilizá-lo.

– Hoje ficaremos aqui. Vamos conversar sobre o Primeiro Salão e as alas do hospital. É preciso que você compreenda o que viu antes de passarmos para outra etapa.

Informou-me que estivera trabalhando comigo durante o sono. Intrigada, perguntei como isso fora possível. Qual parte do meu ser permanecera desperta?

– A que nunca dorme: os chakras.

Sem saber do que se tratava, pedi-lhe que explicasse.

– São os portais de entrada e saída de energias. Os chakras têm muitas funções; podemos defini-los como radares energéticos que sintonizam a relação entre o corpo físico, perispírito e alma, sincronizando o produto desta união com o Universo. Neste momento, estou trabalhando com seus chakras porque eles estão liberando energia e informações do éter armazenadas no período pré-encarnatório, o que propicia a você a lembrança das viagens às Casas Astrais. Sintonizei os meus chakras com os seus, buscando fortalecê-los; assim, todo o trabalho que estamos desenvolvendo juntos terá um resultado harmônico. Dedicaremos o tempo que temos hoje para uma avaliação de como você está elaborando as informações recebidas até agora. O que achou do Primeiro Salão?

Pensei um pouco antes de responder.

– Eu o vejo como uma espécie de átrio de recepção, um espaço preparatório para a passagem de dimensão. A propósito, gostaria que você me explicasse melhor o conceito de dimensão.

– Sim, olhe para o seu corpo na cama: o que você vê?

– Vejo a mim mesma.

– Se olhar para você aqui, verá uma imagem idêntica, certo? Então, você lá e aqui formam um corpo duas dimensões. Dessa forma, você ocupa simultaneamente dois lugares dentro do Universo.

– Estou lá e aqui ao mesmo tempo.

– Seu corpo físico só ocupa um lugar em cada deslocamento. Para você vir para o outro lado da cama, precisa movimentar o corpo. Também é necessário que este lugar esteja vazio para ser ocupado. Mas seu corpo imaterial pode ocupar um espaço preenchido pelo corpo material, ou seja, se você agora voltar a incorporar seu corpo físico, ambos estarão ocupando um só espaço sobre a cama. A primeira vez que você deslocou do corpo físico com consciência atravessou a porta do guarda-roupa e sua mão mergulhou no telefone. Por alguns instantes seu corpo imaterial ocupou o

mesmo espaço da porta do guarda-roupa e sua mão o mesmo espaço do telefone.

A etapa seguinte da explicação seria fundamental para o entendimento das novas dimensões que eu estava começando a conhecer – alertou-me o Meu Amigo:

– Dentro do planeta Terra as Casas Astrais ocupam um espaço não preenchido pela materialidade. O salão de recepção é o portal-limite entre essas dimensões. Tais espaços comunicam-se através da matéria encontrada nas energias. Quando preciso vir aqui na parte material do planeta, recebo uma carga de energia material para permanecer nesta dimensão. De seu lado, ao desmembrar, você também é energizada para evitar eventuais efeitos indesejáveis do processo.

Pedi-lhe para citar um exemplo.

– Sem a carga de energia, você poderia flutuar como um astronauta livre de atração gravitacional.

Perguntei de onde vinha esse campo. Ele respondeu que de algumas fontes bem concretas:

– O sol do planeta Terra é um produtor desta energia. Assim como o corpo físico dos seres humanos, porque armazena temperatura. Agora, ao meu redor, há uma quantidade dessa energia que me permite ficar aqui por determinado tempo. Se precisar, entro em sintonia com seu corpo físico e absorvo mais um pouco de energia material.

– Quer dizer então que quando estou na parte imaterial do planeta Terra, também recebo energia imaterial?

– Sim. No salão de recepção você assimila energia do éter, lembra do perfume que inundou seu corpo quando estávamos no jardim?

– Claro. Entrou pelo nariz e se espalhou pelo corpo todo.

– Você estava aspirando energia imaterial que lhe permite uma estadia harmônica nas Casas Astrais. Estas energias – tanto em você quanto em mim – são absorvidas pela via dos radares energéticos que dominamos chakras. O seu trabalho é procurar conservar a energia do éter que está circulando por todo o seu corpo.

– O que preciso fazer para conseguir isso?

– Conectar seu todo com o coração e o querer.

Nesse momento, Meu Amigo fez uma pausa e mirou-me no fundo dos olhos.

– É hora de lhe perguntar, Halu: por que você quer continuar o aprendizado nas Casas Astrais?

A resposta brotou de meus lábios, cristalina como água de um regato nas montanhas:

– Porque agora sinto que existem e gosto que existam outras dimensões. É muito bom saber que a vida continua e que a existência não se limita ao nascer-morrer. Sempre busquei o sentido da vida: confio que meu aprendizado nas Casas Astrais me trará as respostas desejadas.

Não havia nada mais para expressar em palavras; calei, respirei e fiquei sentindo... Isabel, Mônica, o rapaz Fernando, Nora no coma... Meu Amigo me permitiu mergulhar nessas recordações. Após algum tempo ele quebrou o silêncio:

– Pois bem, é muito importante você estar firme neste propósito e ser leal a ele. Você expressou os motivos de querer estudar conosco: caso desista ou queira interromper o estudo comunique a decisão a mim e à doutora Luiza.

– Meus motivos me ajudam a ir para as Casas Astrais?

– Claro que sim. Suas razões a fortalecerão para lidar com as dificuldades do trabalho que está iniciando.

Não resisti a mais uma curiosidade. Pedi-lhe que falasse sobre a água que havia experimentado nas Casas Astrais.

– Outra dimensão da água que você conhece na esfera material. Seu contato com jardins, casas, prédios, camas, cadernos, livros também ocorreu na dimensão imaterial destes objetos.

– A água dissolveu na minha língua, uma sensação estranha...

– Seu corpo absorveu apenas a quantidade que necessitava: se você não estivesse precisando de todo o conteúdo do copo, ele não se esvaziaria.

– Mesmo que eu derramasse na boca ou no chão?

– Quando o chão precisa de água promove a recepção da mesma forma que você a promove através da sede. Nos jardins quando uma planta sente falta de água, só ela é regada. A necessidade atrai o líquido apenas sobre aquela planta, sem molhar as demais.

– Isto seria ótima aqui na parte material do planeta.

– Um dia será assim, quando aprendermos a utilizar somente o que precisamos.

– Um dia iremos aprender?

– Sim, quando estivermos dispostos a detectar e satisfazer nossas necessidades, buscando supri-las sem sufocá-las com excessos.

Ficamos calados por um instante. Refleti sobre a observação do Meu Amigo, dando-me conta de sua singela profundidade: como o mundo seria diferente (e melhor) se as pessoas se preocupassem apenas com o fundamental para viver, dispensando tranquilamente o supérfluo... Meu devaneio não durou muito:

– Vamos agora fazer uma visita a um hospital da esfera material, Halu. Tenho coisas importantes para lhe mostrar.

Seguimos por um canal transportador parecido com o que nos conduzia às Casas Astrais. A diferença ficava por conta da cor e da temperatura: o canal transportador para as Casas Astrais aparece nas cores amarelo e azul; além disso, provoca esfriamento no corpo. Neste novo canal a temperatura era bem mais elevada e a coloração ia do amarelo ao branco.

A rápida viagem terminou num quarto de hospital. Sobre a cama jazia uma mulher de meia idade. Meu Amigo fez sinal para que eu me aproximasse:

– Lembra-se dela?

Reconheci-a imediatamente: era Nora, a senhora que eu vira em coma na Primeira Casa Astral.

– Olhe para os pés dela – recomendou Meu Amigo.

– Estão sob o cobertor.

– Esqueça o cobertor e busque ver os pés.

Fixei o olhar e divisei uma nuvem marrom envolvendo os pés de Nora. O que era aquilo?

– Quando a energia material vai perdendo sua função deteriora-se e adquire esse tom.

– Ela já morreu?- perguntei ansiosa.

– Ainda não, mas já está transmutando energia com o éter, preenchendo seu corpo com energia imaterial. A troca da energia material por energia imaterial é que determina o desencarne.

– Esta energia de coloração marrom está também dentro dos meus pés?

– Isso não acontece quando se está encarnado e com vitalidade para continuar encarnado. Nesse caso, os joelhos liberam a energia deteriorada: os pés captam energia material da terra e os chakras desta região conduzem a energia renovada até os joelhos. Agora observe a região umbilical.

– Ela está com dois cordões!

– Não, não. Sobre o fio condutor incrusta-se uma espécie de capa protetora envolvendo o cordão. Essa capa é constituída por energias materiais. Como Nora logo desencarnará, a capa está se soltando, o que dá a impressão de haver dois cordões.

Nesse momento aparecem alguns companheiros de Meu Amigo. Compreendi que eles vinham ajudar Nora a fazer a passagem, o desligamento da esfera material. Quiseram saber como ela estava. Meu Amigo respondeu:

– Acredito que não deverá demorar muito. Já faz algum tempo que a troca energética se estabeleceu.

E deixando Nora aos cuidados dos recém-chegados, convidou-me a sair. Disse-lhe que gostaria de permanecer, mas ele foi enfático.

– Não podemos precisar quanto tempo ela ficará assim e nós precisamos voltar. Acredito que já presenciemos o suficiente para você compreender o processo. Vamos ver o outro lado da experiência.

Andamos por um corredor que me pareceu não ter fim, até entrarmos numa sala onde uma mulher se preparava para o parto. Ficamos junto com a futura mamãe e uma enfermeira. Logo percebi a presença de quatro trabalhadores das Casas Astrais em torno de um canal transportador.

– Vamos ficar aqui. Não podemos atrapalhar, mantenha-se em silêncio, é muito importante. – recomendou Meu Amigo.

Alguns minutos se passaram. Vieram os médicos do hospital e começaram a trabalhar com a mãe. Um dos quatro trabalhadores das Casas Astrais aproximou-se da parturiente: de sua mão saía uma forte luz lilás.

Meu Amigo apontou para o canal. Vi então um neném adormecido, descendo sozinho pelo canal transportador. Meu coração ficou quente, parecendo que a emoção iria jorrar dele aos borbotões. Temi que o bebê caísse, pensei tanta coisa naqueles segundos... Entre ele e a mãe havia um fio condutor que os unia. À medida que ia se aproximando, o cordão ficava mais vermelho. Foi tudo muito rápido!...

– Vamos ajudar o bebê.

A voz do médico quebrou o silêncio. O cordão umbilical etéreo que os unia sofreu um forte balanço e o corpo imaterial do bebê desapareceu juntamente com o canal transportador. De repente, a criança estava no mundo material, nas mãos do médico.

Pensei na aula das dimensões que tinha acabado de ter com Meu Amigo. Imediatamente os quatro trabalhadores das Casas Astrais

retornaram por outro canal transportador. Também deixamos a cena sem denunciar nossa presença.

– Vamos, Halu. Deixemos a festa para eles. Merecem.

De volta à minha casa, não resisti à curiosidade.

– Então, existe um canal só para transportar bebês?

– Único e muito especial. Cada criança, de acordo com a hora, o dia, mês e ano em que nasce, bem como o que vai se ocupar na encarnação, ou seja, com as projeções de aprendizados, recebe na passagem de uma dimensão para outra, qualidades energéticas peculiares que favorecem o seu desempenho. As energias que formavam aquele canal que transportou o bebê irão compor seu campo áurico.

Terminada a explicação Meu Amigo convidou-me a voltar para o corpo físico. Fiquei um tanto insatisfeita; ainda não queria regressar, tinha muitas dúvidas a esclarecer, mas afinal fiz o que ele mandava.

Logo que retornei ao corpo físico, acordei. Senti que estava entrando num quadro de ansiedade. Olhei em torno e, com alívio, percebi que Meu Amigo estava ao um lado. relatei-lhe o que estava acontecendo e ele me socorreu com palavras tranquilizadoras:

– A ansiedade não foi proveniente da emoção. Estava no momento de recarregar. – explicou-me.

Eu ainda continuava cheia de dúvidas em relação ao nascimento que acabara de presenciar. Retomei o diálogo.

– Por que o neném veio sozinho? – Perguntei.

– Ele não estava sozinho! Estava munido de tudo o que precisava para a experiência: as energias de que já lhe falei, somadas à força carnal e emocional da mãe davam-lhe todo o amparo.

– E por que seus amigos ficaram perto do canal?

– Caso sucedesse algo inesperado, alguma complicação com a parte física da mãe ou da criança, ou ainda se a criança resolvesse não assumir a encarnação, eles estariam prontos a ajudar.

– Até agora, tudo o que você me mostrou e explicou, apesar de novo, faz muito sentido, mas esta informação me deixou confusa. Como pode uma criança não assumir a encarnação?

– Livre-arbítrio, Halu.

– Por que desistiria?

– Por desorganizações no momento do parto, imprevistos, uma série de questões; alguns fazem isso durante a gestação, desistem e adiam a

experiência, o que é conhecido na esfera material como aborto espontâneo.

– A mãe também pode desistir?

– Infelizmente, acontece.

– Como você vê esta desistência por parte da mãe?

– Antes de tudo, imaturidade. Porém, não procuro entrar no mérito da decisão. Críticas e julgamentos não promovem o crescimento. O que fazemos em relação a esta questão é esclarecer as almas sobre o processo de nascimento e sobre a importância do planeta Terra no crescimento da alma. Mas agora está na hora de descansar.

Quase como provocação, quis saber se ele também dormia.

– Não da mesma maneira que você. Mas também tenho necessidade de restabelecer minhas energias vitais que, aliás, são diferentes das suas.

Pela manhã, acordei com necessidade de permanecer em silêncio.

Concluí que o tempo é imprevisível. Todos somos seus filhos, temos o seu gene; adquirimos cada átomo do tempo, que decidimos dividir com ele. O tempo está presente. É opção individual ocupá-lo ou não. O que se perde, o que se ganha, somente vivenciando para concluir. Uma experiência que requer coragem e zelo: coragem de quem vivencia e zelo de quem acredita na vida. A partir daquele momento, passei respeitar o tempo e a utilizá-lo da melhor maneira possível.

3. OS TEMPLOS NA PRIMEIRA CASA

As primeiras visitas ao mundo imaterial levaram-me a profundas reflexões sobre a importância de estarmos alertas aos convites do tempo. Desde então concentrei os objetivos da minha vida entre duas realidades que passaram a direcioná-los. À noite viajava com Meu Amigo para ampliar e aprofundar as visitas iniciais. Durante o dia escrevia e analisava com a doutora Luiza o que havia vivenciado.

Mais uma vez entrei em desdobramento. Não encontrando Meu Amigo, segui no canal transportador; ele estava à minha espera no salão de recepção.

– Hoje você vai conhecer outros trabalhos realizados na Primeira Casa Astral.

Chegamos a uma enorme praça rodeada de prédios.

– Aqui é a ala dos Templos. Vamos visitar alguns.

Entramos numa Igreja muito bonita, semelhante a algumas na esfera material. Vi pessoas sentadas em bancos, orando, e um homem em frente a elas lendo um livro em voz alta.

– Todas estão desencarnadas? – Perguntei.

– Sim. Esta ala destina-se a pessoas que, ao desencarnar, sentem necessidade de encontrar o templo onde praticavam suas crenças. Estes templos são uma forma de amparo às pessoas que estão vivendo o trânsito entre a morte física e o renascimento espiritual. Algumas delas chegam ao salão de recepção buscando o céu através dos símbolos de sua fé. Se não os encontram, caem em profunda melancolia. Nestes templos, recebem orientações que permitem a compreensão da morte e do céu de acordo com suas crenças e condições individuais.

Voltei a olhar para as pessoas, estavam muito bem. Cantavam hinos de louvor a Jesus e a Maria, símbolos de suas crenças pessoais.

– Estas pessoas aprenderam, através de rituais praticados na esfera material, a se alimentarem com energia etérica. A continuidade dessas práticas aqui na esfera imaterial permite que o corpo etérico seja alimentado adequadamente. Se agredíssemos essas crenças, elas não abririam seus

campos para receber a alimentação que permitirá a harmonia necessária a este período de passagem.

– Outro exemplo da presença essencial do livre-arbítrio – concluí.

– Exatamente, Halu. Não podemos nos distanciar desta Lei, pois é a única forma de fundamentar um trabalho de individuação.

A seguir, passamos a outro templo onde os presentes, ajoelhados sobre pequenas almofadas, repetiam palavras que não consegui traduzir. Perguntei se falavam outro idioma.

– Sim. Estão repetindo mantras de acordo com suas crenças. A crença é o caminho; os símbolos, as ferramentas que nos conduzem a ele.

Perguntei se as diferenças religiosas provocavam polêmicas.

– Não! Cada um respeita os símbolos do outro e o reconhecimento acontece por todos estarem sintonizados com sua fé.

– É assim que você reza?

– Sim.

– Então, rezar é importante?

– É importante, quando se descobre essa necessidade. É uma forma de avaliar nossas construções internas, nossos propósitos, e de nos alimentarmos com a energia do éter.

Saímos do templo e voltamos para a praça. Estamos num amplo salão quadrado com pilastras redondas. Sobre o chão de mármore branco algumas pessoas sentadas conversavam, todas vestiam túnicas brancas.

– Aqui não estão orando, mas estudando – explicou Meu Amigo. – Este grupo prepara-se para a avaliação de suas crenças e a possibilidade de ampliá-las. Quando chegarem a uma conclusão, informarão ao mentor que acompanha essa parte do trabalho na Primeira Casa.

Estranhei a palavra mentor. Meu Amigo esclareceu:

– Temos muitos; pessoas que já realizaram alguns aprendizados e se dedicaram a reforçá-los através deste trabalho, uma espécie de estágio.

– É obrigatório fazer este estágio?

– Aqui nada é obrigatório: não faria sentido. É necessário querer fazer e estar conectado com os propósitos e os motivos da ação. Lembra-se do diálogo que tivemos sobre propósitos e motivos?

– E quanto à hierarquia?

– Esta palavra, tal como é usada na esfera material, não se aplica às Casas Astrais. Aqui cada um conhece suas responsabilidades e limites; todos os trabalhos têm igual importância.

– Mesmo os mais simples, como brincar com crianças, servir água, conversar com parentes?

– Estes que você citou são os que precisam de maior doação, pois neles a força do sentimento é a ferramenta básica para que tudo aconteça.

Continuamos a visita a outros templos: pude constatar que o conteúdo do trabalho que neles se desenvolvia era o mesmo. A diferença estava apenas nos rituais.

– Vamos agora para outra ala.

Caminhamos mais um pouco e senti sede. Avistei uma espécie de bica, mas não jorrava água.

– Aproxime-se, entre em contato com sua sede. Você está aprendendo a perceber suas necessidades. Não faça nenhum esforço, apenas procure senti-las.

Fechei os olhos e respirei. A água começou a sair da bica. Juntei as mãos e bebi, ou melhor, absorvi a água através da língua. Estava me acostumando e gostando daquele jeito de viver e isso fortaleceu meu propósito de continuar.

Andamos por outra alameda e chegamos a uma espécie de chácara sem cercas, limitada por um imenso jardim, onde havia algumas casas.

– Cada ala tem um jardim?

Meu Amigo explicou-me que as plantas são elementos de proliferação do oxigênio e do éter, e que este era o motivo de muitos jardins e pomares serem construídos nas Casas Astrais.

– Existe um grupo de mentores que zela por esta parte.

Comecei a sentir ondas de arrepios por todo o corpo – uma espécie de trepidação como se estivesse sob o jorro de uma cachoeira. Iniciamos o exercício de balançar e aos poucos a vibração foi se dissipando.

– Eu já esperava a reação. Nesta ala, reservada aos artistas, há muita mobilização de som e muito éter em movimento. O que você sentiu foi provocado pelas ondas sonoras em circulação. Aqui há também uma espécie de salão preparatório para mudança vibratória etérica, espero que seus chakras absorvam a qualidade energética deste lugar. Aguardemos um pouco.

Sentindo-me harmonizada, entrei no ambiente e logo fui surpreendida por um som magnífico: não esperava encontrar ali alguns dos meus ídolos; senti vontade de me aproximar. Esperei por um sinal de Meu Amigo. Ele não se manifestou. Andamos pela chácara. Vi o pomar, as casas, os grupos

trabalhando muito tranquilamente. Minha alma calou, olhar me bastava. Um sentimento de completude, de inteireza tomou conta de mim: havia lugar para tudo e para todos. Quem criou estes espaços não se esqueceu de nada! Tudo me parecia perfeito.

– Perfeito, não; possível – corrigiu Meu Amigo. – Para chegar a tal resultado basta que cada um respeite a condição do outro sem querer mensurar ou estabelecer padrões. É preciso aprofundar a lei do livre-arbítrio, compreendendo-a, procurando observar como outro se sente na sua verdade própria, na sua etapa particular de crescimento. Só se pode fazer algo crescer sobre um solo fértil. Fertilizar significa possibilitar o crescimento das sementes que foram trazidas para o solo. As Casas Astrais são como um solo fertilizado onde as sementes que somos, uma vez aqui colocadas, podem germinar, desenvolver e multiplicar.

– Lembrei-me de uma canção da minha primeira comunhão: “Feliz quem ouve e alegre vem trazendo consigo o amor que tem”.

– É isso mesmo, só através do sentimento pode haver multiplicação e crescimento.

Lembrei-me da multiplicação dos pães e peixes operada por Jesus. Ele multiplicou o alimento e o distribuiu, mas multiplicou o que já existia dentro dos cestos e lá havia pão e peixe. Compreendi que realmente nada é mágico. É preciso que cada ser humano coloque algo dentro do seu cesto para que o conteúdo se multiplique.

Meu Amigo fez um sinal de aprovação: percebi que estivera lendo meus pensamentos.

Ele sorriu e, mesmo sem se mover, senti que me abraçava. Sorri também e o abracei da mesma forma.

– Agora vamos.

Perguntei-lhe se estava na hora de ir para casa.

– Ainda não. Você vai escrever aqui as experiências de hoje. Tudo o que viu e sentiu.

Escrever era a forma de reviver emoções e elaborar experiências. Enquanto escrevia, surgiram dúvidas: senti vontade de ficar a sós com os meus sentimentos.

Percebo agora a impossibilidade de relatar todo o trabalho da Primeira Casa Astral. Descrevi apenas algumas de suas alas. Existem outras, abrigando laboratórios que buscam a cura de doenças da esfera terrestre. Há também escolas com os mais variados cursos, creches para almas que

desencarnam ainda na infância, berçários, salas de reuniões, residências onde moram famílias inteiras, prédios comunitários, bibliotecas – enfim, as mais variadas instalações para dar conforto, amparo e orientação a quem necessita.

Nesta narração utilizo nomes em português, mas nas Casas Astrais há pessoas do mundo inteiro. Na verdade, a nacionalidade, a pátria, é o planeta. O idioma, universal. Todos falam e todos entendem qualquer língua, que não é apenas verbal, mas inclui o gesto, o olhar, o abraço, o aperto de mão. Percebi o quanto somos ouvintes das palavras e pouco atentos aos significados, aos sentimentos, ao coração. Serão as palavras e seus artificios o modo mais adequado de traduzir nossos sentimentos e buscas?

Passei a refletir e a associar tudo que ouço com o compasso do meu coração: a observar seu ritmo, sua dança, sua relação com o som e a vibração que as palavras emitem.

Com este aprendizado passei a falar menos. De vez em quando me dou conta de que acelero nas palavras, isso mostra o quanto é difícil o que vem do outro penetrar no nosso interior e se integrar ao conteúdo que trazemos. Ao contrário: o que geralmente ocorre é rejeitarmos o novo que o outro nos traz. É reagirmos ao que não conhecemos e que entra em conflito com nossas verdades estabelecidas. É assim que se instala o confronto entre saberes, ao que inevitavelmente se segue à necessidade de se determinar uma superioridade hierárquica entre ambos. Lembrei-me de meu irmão me dizendo: “O Homem ouve apenas o que já sabe; o desconhecido ele tenta destruir”.

De minha parte, ao falar sobre as Casas Astrais procuro respeitar o que vejo e o que ouço. Busco narrar tudo o que minha condição de alcance me permitiu, com carinho e zelo pelos trabalhadores invisíveis que habitam a parte imaterial do nosso planeta.

4. A CASA DO DESCANSO

Seguiram-se os dias. Continuei visitando regularmente a esfera imaterial, enquanto prosseguia o trabalho com doutora Luiza. Os amigos do plano material estranhavam meu recolhimento e chegavam às mais diversas conclusões. Compreendi então o que doutora Luiza chama de código de julgamento: “As pessoas julgam de acordo com padrões individuais: a interpretação dos acontecimentos está diretamente ligada aos seus registros, à sua história, aos conceitos extraídos de vivências pessoais”.

Passei a não discutir com meus amigos e aceitar as referências que faziam ao meu comportamento. Notei também que novos amigos se aproximavam, falando uma linguagem mais parecida com a minha. Ao refletir sobre o assunto, criei uma frase: “Procurar essências parecidas é um direito; encontrá-las, um prazer”.

Alguns dias após a primeira experiência na Primeira Casa Astral, Meu Amigo visitou-me no plano material convidando-me a continuar o trabalho. E disse que se eu estivesse disposta visitaríamos a Segunda Casa Astral. Concordei na hora.

Ingeri uma alimentação leve, como ele recomendara e fui deitar mais cedo. Neste deslocamento, senti que demoramos mais tempo para chegar. Entramos num salão de recepção um pouco diferente do primeiro. Meu corpo esfriou e meu coração bateu mais rápido – uma espécie de aceleração interna que me deixou um tanto preocupada. A explicação não demorou:

– Aqui é ainda mais distante da esfera material. Entre em contato com seu cordão umbilical etérico, logo você se adaptará.

Fiz como Meu Amigo dissera. Senti meu corpo leve e, mais uma vez, lembrei-me do siri fugindo da minha rede em busca de águas mais profundas. Tudo se normalizou. Entramos por uma porta e chegamos a uma enorme sala onde grupos se distribuía em torno de pequenas mesas. Sentamo-nos a uma delas.

– Este local é conhecido como a Casa do Descanso. Quando as pessoas não precisam mais dos cuidados da Primeira Casa vêm para este espaço onde podem repousar, brincar, conversar, contar como foi sua última experiência na esfera material, além, é claro, de encontrar antigos

companheiros. Muito são recém-saídos do hospital ou da creche, mas já tomam conta de si mesmos.

Dirigimo-nos a uma mesa onde havia cinco pessoas, que vim a conhecer pelos nomes de Margô, Patrícia, Rogério, Consuelo e Rita. Meu Amigo cumprimentou-os e a uma em especial:

– Margô, a Halu vai acompanhar o seu trabalho. Volto mais tarde.

– Estamos trocando experiências sobre os registros da esfera material.

Rogério está com a palavra.

– Eu estava procurando entender porque não concluí o aprendizado que me determinei antes de descer a última vez. Quando encarnei, fiz a projeção para estudar Biologia e trabalhar mais a minha independência. Reencarnei com esse propósito, mas acabei não fazendo nada do que pretendia.

– Foi assim mesmo, Rogério? – interrompeu Margô.

– Bem, não estudei Biologia. As informações que armazenei em meus chakras para fluírem junto com esse estudo na Terra ficaram estagnadas.

Com essa colocação de Rogério lembrei-me de Meu Amigo falando sobre a liberação de energia e informações através dos meus chakras.

– E com relação à independência? – perguntou Margô.

– Isso fiz bem. Sinto que sim. Fiz uma trajetória mais independente do que na penúltima visita à Terra. Estou começando a achar que não dimensionei bem a minha escolha encarnatória.

– E existe a proporção exata para isso, Rogério? – insistiu Margô.

– Acredito que não.

– É importante que você conclua os porquês de não ter se encontrado com a Biologia, porém mais importante é você sedimentar o que construiu e que mecanismos foram usados para essa construção. Assim você se prepara melhor para seu retorno à esfera material.

Rogério calou-se, pensativo.

– Margô! – Patrícia pediu a palavra. Todos olharam para ela.

– Não tive culpa. Adoecei e não cuidaram de mim.

– Realmente, Patrícia, ninguém tem culpa de nada.

– Meus pais tiveram, você viu; eles não cuidaram de mim.

– Que tipo de cuidado seus pais não lhe deram?

– Na verdade, foram completamente negligentes.

Foi a vez de Consuelo manifestar sua discordância:

– Eu já pensei assim, Patrícia, depois vi que faltou alguma coisa de minha parte no contexto.

– O que você fez ao descobrir isso, Consuelo? – questionou Margô.

– Procurei avaliar a minha responsabilidade nos fatos. Acho que Rogério está com a razão; é hora de ver em que posso melhorar e buscar me compreender mais.

– Quero voltar para o parque – falou Patrícia.

– Vou com você – disse Rita, levantando-se rapidamente: foi sua única participação no diálogo.

Sem fazer nenhum gesto para detê-las, Margô disse:

– Tudo bem, meninas, nós nos veremos depois.

Senti que a conversa tomara um rumo que as inquietava. Sem mostrar qualquer perturbação, a coordenadora retomou os trabalhos.

Momentos depois, Meu Amigo chamou-me da entrada do salão. Despedi-me de Rogério, Patrícia e Margô e fui ao encontro dele.

– Vamos conhecer o parque.

Lembrei a ele que Rita e Patrícia tinham ido para lá.

– É eu sei. Elas estão iniciando o trabalho de mesa aberta. Rogério e Consuelo já o praticam há mais tempo.

– Trabalho de mesa aberta?

– Um encontro onde as pessoas buscam se religar com o propósito e a busca de sua essência – o querer da alma. Lembra-se de quando lhe disse que se o seu propósito mudasse poderíamos ajudá-la? Neste departamento da Segunda Casa trabalhamos com isso.

– Mas eu ainda estou encarnada.

– Algumas pessoas da esfera material chegam aqui se sentindo perdidas com relação à sua função no mundo. Quando aceitam vir, são trazidas para a Segunda Casa.

Fiquei curiosa em saber se tais experiências deixavam lembranças.

– Sim, e as pessoas as traduzem normalmente como sonhos, intuições. O importante é que os resultados são positivos.

Perguntei o que era preciso fazer para viver tal experiência.

– Estar em busca de soluções para si mesmo. É muito comum as pessoas, por não conseguirem estabelecer suas metas, tenderem a colocar a culpa nos outros. Por esse caminho, distanciam-se das Casas Astrais. Buscam apoio mais paternalista e o encontram. Outras decidem resolver de forma mais amadurecida; esta intenção, captada pelos chakras, é transmitida

ao cordão umbilical etérico, que se incumbe de direcionar a pessoa para a Segunda Casa.

– Mas como os chakras percebem a existência dessa instância? – questionei.

– Os chakras de todas as almas, que antes de encarnar passam aqui um período, armazenam estas informações.

Chegamos afinal ao parque, que me pareceu um enorme centro de diversões. Vi diversas quadras de esportes, piscinas, brinquedos, cheios de frequentadores. Muitas pessoas conversavam em pares ou em grupos; outras, sozinhas, caminhavam ou liam.

Naquele ambiente, meu corpo tornou-se leve, deu-me vontade de correr e brincar.

– Pode ir, se quiser – falou Meu Amigo.

Lembrei-me de outra fase da minha infância: vi-me brincando de picula, soltando pipa, pulando, rindo. Fiquei um tempo fruindo o gostoso sentimento de volta ao passado. Meu Amigo não interferiu. Quando retornei daquelas recordações, ele explicou:

– As energias que circulam neste parque fortalecem o emocional, aliviando preocupações e dificuldades. Esta alimentação possibilita às pessoas voltarem mais rápidas aos seus afazeres e, naturalmente, mais fortalecidas.

Chegamos a um imenso pomar com frutos lindos, grandes, cheirosos. Olhei para Meu Amigo.

– Quer um? Pode escolher.

Corri para o pomar e, de repente, lembrei-me de já ter estado ali antes. Conhecia aquele lugar, tinha certeza. Lembre-me de uma determinada árvore, andei mais alguns passos e lá estava ela. Busquei Meu Amigo com o olhar.

– Minha memória está melhorando.

– À medida que você for aceitando a existência do mundo imaterial, seus chakras irão liberar informações, sua memória ativa retomará os arquivos e você se lembrará de tudo com maior clareza. São os chamados percursos da memória. Você já está podendo se lembrar de passagens pela esfera imaterial sem prejuízo para o seu momento presente: as sombras vão diminuindo, favorecendo o contato com seus registros.

Recordei-me de um comentário de Mônica a respeito de Isabel e Lúcio.

– Um dia eles irão se encontrar, mas antes que isso aconteça, há coisas que cada um vivenciará, separadamente, e as lembranças poderão interferir no tempo durante o qual ficarão isolados. A sombra propiciará o desenvolvimento, sem que se percam nos arquivos da memória os registros que um tem do outro.

– E se não se encontrarem?

– Caso isso ocorra, a sombra permitirá que a encarnação não se interrompa por esse motivo. Os dois ocuparão o tempo e o espaço para desenvolverem outras experiências e atividades. Porém, um dia se encontrarão se não na esfera material, com certeza aqui nas Casas Astrais.

Então, Meu Amigo disse que notava em mim sinais de cansaço. Como podia perceber aquilo?

– Através do seu campo áurico.

Respondi que não sabia bem se era cansaço ou necessidade de escrever. Passar para o papel as informações que recebia nas Casas Astrais me reorganizava interiormente.

Segui meu impulso e, de fato, ao escrever me senti melhor. Depois, como de hábito, fiz a viagem de retorno. Dormi e acordei muito bem. Grande parte da minha vida surgiu na memória. Lembrei-me de quantas vezes ansiei por ajudas que resolvessem meus problemas sem necessidade de esforço; das vezes que culpei as pessoas e não procurei assumir a responsabilidade por meu crescimento. Percebi, claramente, a tendência do meu racional na busca do caminho mais fácil. Apesar de simplificar pequenos percursos, esse procedimento alonga a estrada que conduz à maturidade.

Trabalhei com doutora Luiza o resultado dessa reflexão. Levantamos pontos que, até então, utilizava como desculpas para não decidir, atuar, confrontar. Despedi-me da culpa, esse sentimento denso que congestionava nossa lucidez, impedindo-nos de ver nossa real dimensão.

Algumas noites mais tarde, ao entrar em desmembramento, vi o canal transportador. Deveria esperar ou me dirigir sozinha à Segunda Casa Astral? Decidi-me pela última alternativa. No salão de recepção encontrei Meu Amigo, que me acolheu com naturalidade.

- Hoje vamos ao um lugar muito especial: você vai conhecer o trabalho da natureza nas Casas Astrais. Por que o espanto? Estou falando de natureza mesmo: as Águas, o Ar, as Plantas e a Luz.

Nem sabia nem o que perguntar. Preferi me manter em silêncio. Caminhamos por um longo tempo, até que percebi alterações no ambiente. Casas e prédios ficaram para trás. Agora, andávamos por um imenso vale à beira de um rio com forte correnteza. À medida que aumentava de velocidade, a água produzia infinitas cores, e suas nuances formavam blocos de nuvens coloridas.

– É lindo demais!... – falei, quebrando o silêncio.

– Vamos nos sentar aqui e apreciar melhor.

Senti minha boca produzir todos os tipos de sabores que já havia experimentado.

– Que lugar é este?

– Nossa cozinha. – falou Meu Amigo, sorrindo – Você está assistindo a natureza preparar o alimento que dá vitalidade à alma. Basta beber deste líquido para ficarmos satisfeitos.

– Chamamos isto de sopa, na esfera material! – pela primeira vez, em nossos diálogos, arrisquei uma piada.

Meu Amigo sorriu como até então eu nunca tinha visto. A risada nos aproximou bastante. Antes eu não conseguia sair da relação mestre-discípulo, apesar de jamais ele ter sugerido tal relação. Quando o vi sorrir abertamente, decifrei que humor, leveza, graça, cabem em qualquer lugar e não desmerecem a seriedade de uma alma. Respiramos mais um pouco e voltamos à aula.

– Esta água vitalizante, conduzida para os refeitórios, é distribuída de acordo com a necessidade de cada um. Quando se aproxima o período da volta à esfera material, ou seja, da reencarnação, aumentamos a quantidade de alimento como forma de preparação do emocional para o convívio com o elemento material.

– Por que esta necessidade?

– Quando você sente alterações no seu emocional, há alguma interferência na sua alimentação?

Admiti que ficava totalmente sem apetite.

– Outras pessoas sentem mais fome. Isso acontece porque existe o apetite no emocional. Em algumas, quando se dá alteração no emocional, resíduos energéticos dos alimentos materiais causam saciedade. O mecanismo é inverso naquelas que têm o apetite aumentado. Alterações no emocional provocam a queima dos resíduos energéticos e o corpo físico sinaliza o desequilíbrio através da fome acompanhada de ansiedade.

Quando estamos próximos de voltar para a esfera material, onde as alterações no emocional são uma constante, aumentamos a quantidade de alimento como forma de preparação para a nova condição. Se não vamos encarnar, necessitamos de pouco alimento, que é usado apenas para recompor a energia vital.

Como um exemplo concreto, esclareceu o que estava querendo dizer:

– Os desejos das gestantes informam sobre necessidades do bebê em relação ao corpo físico ou emocional.

Argumentei que algumas pessoas consideravam tais manifestações um capricho das futuras mães, algo sem o menor sentido.

– Sem sentido é não entender uma forma de requisição tão fluida. Através da energia do sentimento, a gestante recebe estas informações que são válidas tanto para quem zela das condições materiais de um parto como para as Casas Astrais, que zelam do aspecto espiritual. Respeitamos muito estes desejos.

– Mesmo os mais esquisitos?

– Principalmente esses. Como disse, tais desejos informam uma necessidade física ou emocional. Se física, a necessidade de vitaminas ou outros nutrientes. Se emocional traduz as expectativas da parte imaterial do futuro encarnado. Muitas vezes, o simples desejo de comer mel pode ser um pedido de carinho, acalanto. Atrás do desejo de comer raízes, pode estar a necessidade de segurança. Citei exemplos simples. Em outro momento você pode aprofundar este tema, se achar necessário. Seu trabalho, agora, é compreender as diversas funções das Casas Astrais. Ao tomarmos conhecimento desses desejos, levamos para o futuro encarnado um pouco desta água. A própria química interna do corpo imaterial seleciona as propriedades energéticas ou os nutrientes requisitados pelo desejo.

– Às vezes me prendo a detalhes, mas para compreender as funções das Casas Astrais preciso alcançar a compreensão de alguns pontos. Acho que é curiosidade.

– Então, cuidado com isso! A curiosidade precisa ser bem trabalhada; senão, com a mesma força que esta energia nasce, morre. Mas não compreenda a curiosidade como negativa. Ela é necessária. Bem trabalhada, traz ótimos frutos.

Retornamos pela beira do rio. Encontrei outra função das águas que já conhecia bem: elas me permitiam voltar para meu espaço interno, para minhas ondas interiores, fazendo meu coração velejar.

Acordei com vontade de ir à praia. Convidei meu irmão e fomos juntos. Conversamos sobre um namoro importante que ele estava vivenciando. Ouvi com atenção e interesse. Estar ali com ele, com suas verdades e medos tão adolescentes, e poder escutá-lo alcançando o teor de seus sentimentos, encheu-me de felicidade. Minha emoção fluiu até meu irmão, sem censura, sem receio de ser rechaçada. Senti-me plena de gratidão. A partir desse dia, meu relacionamento com as pessoas tornou-se infinitamente mais profundo e intenso.

5. A FORMAÇÃO DO GRUPO FAMILIAR

Passaram-se dias sem lembranças de deslocamento. Quando encontrei Meu Amigo, perguntei por que isso acontecia.

– Sua memória ativa não está atuando. É natural. Seu mental racional recebeu um volume grande de informações e o está distribuindo de acordo com a sua condição. É uma defesa para não se desequilibrar. Esta forma de distribuição deixa-me mais à vontade para trabalhar. Isto confirma que o seu mental-racional está dando conta de elaborar as experiências que você está vivendo. Seu hábito de ler ajuda muito o processo. Ler é conduzir informações para serem registradas. O corpo mental-racional precisa ser ativado. Ele não é fluido como o emocional. O emocional responde, marcando sua presença através dos reflexos. Pessoas que estudam e ensinam têm facilidade de fazer o corpo mental entrar em atividade e registrar as informações que recebe. Quanto mais informações forem recebidas pelo mental, mais ele aprende a elaborar e codificar.

Seguimos pelo canal transportador e chegamos a uma imensa área verde.

– Você está no jardim da Terceira Casa Astral. Viemos direto até aqui para fazer alguns exercícios. Preste atenção, pois a partir de hoje você os praticará todas as noites.

Ficamos um tempo neste novo trabalho. Não questionei nada. Havia descoberto e confirmado que eles me preparavam para permanecer melhor no plano material e nas Casas Astrais, bem como me auxiliavam na elaboração das experiências. Desta vez, aprendi a respirar através dos chakras.

– Estou sentindo minha alma confortável como se o ar saísse por todo o corpo.

– Que bom! A finalidade é exatamente esta. Vamos caminhar um pouco.

Andamos, e mais uma vez o perfume do jardim inundou o meu corpo. Neste jardim havia uma pracinha parecida com aquelas de cidade do interior na esfera material. Vi pessoas sentadas nos bancos, lendo ou conversando. Fiquei impressionada com a calma reinante.

– Estas pessoas já decidiram voltar para o plano material e estão se preparando internamente. Na verdade, nem todas voltarão. Algumas estão auxiliando os que desejam regressar. São os mentores. Quando uma pessoa decide voltar para a esfera material, entra em sintonia com os trabalhos da Terceira Casa Astral. Explicando melhor: na Segunda Casa, faz-se uma avaliação da última encarnação. Na Terceira inicia-se a projeção da próxima experiência encarnatória. As pessoas trocam informações sobre os porquês da sua próxima vivência, buscando afinidades para a constituição do grupo familiar, marcam encontros, combinam aprendizados.

– Traçam o destino – interrompi.

– Esta palavra não é adequada: direção expressa melhor o que estou explicando. Nessa direção, o próximo perispírito começa a fluir através da alma.

Essência, espírito, perispírito, alma – esses conceitos não estavam claros para mim. O que, afinal, os diferenciava? A resposta veio de imediato.

– A essência é o nosso corpo divino. É o sopro da criação. Em um determinado ponto do Universo existe um campo onde as energias de criação se somam e criam outro campo energético com um princípio de vida.

– Por isso você disse sopro da criação.

– Sim. Todos os códigos universais estão inseridos nesse campo. Todos os registros possíveis são impressos ali. A esse corpo chamamos de Essência. Apenas existe, sem experiências, sem vivências. Quando essa essência começa a se transformar em experiências, flui do seu interior a condição de confeccionar outro corpo que a envolva para habitar outras esferas e que proporcione a expressão deste potencial interno. Então, quando começa a se transformar em experiência, confecciona o espírito (ou corpo espírito), dando sequência ao amadurecimento do corpo divino. O corpo espírito é a expressão deste ser e de seus quereres. Já o perispírito é o invólucro do espírito. Cada vez que retornamos à esfera material, o corpo espírito emana, trazendo o querer da essência, a busca imediata, ou seja, o que a essência está querendo desenvolver e expressa através dos seus registros internos. Começa a formação do perispírito ou do corpo emocional adequado para fazer este trabalho.

Indaguei o sentido da expressão corpo emocional.

– A emoção é a linguagem do sentimento e o sentimento é o verbo com que a essência e o corpo espírito se comunicam. Você e eu nos comunicamos através de palavras e sentimentos. Não é?

– Sim, você fala, eu escuto e sinto.

– Então você sabe o meu querer e o que estou falando ou sentindo.

– Às vezes você não fala e sinto você me abraçar.

– Quando você capta o abraço, estamos nos comunicando com a linguagem do sentimento. A essência, quando emana seus registros para o corpo espírito, cria esta energia – o sentimento. Ele é o canal de comunicação entre estes dois corpos. Quando o corpo espírito expressa o conteúdo do registro da essência, cria a condição do corpo emocional nascer. E cada corpo emocional é uma parcela dos registros da essência. O aprendizado no planeta Terra termina quando uma essência já expressou todos os registros universais que foram inseridos no momento do sopro da criação.

Ainda faltava definir dois dos quatro elementos mencionados – a alma e o mental.

– A alma é o conjunto da nossa imaterialidade, ou seja: essência, espírito e emoção. Quando nossa alma se expressa, está utilizando este conjunto. Finalmente, o mental é o veículo que busca equalizar as expressões deste conjunto na esfera material.

– Veja se posso colocar dessa forma: a parte imaterial é a água, e o mental a torneira que abre e fecha de acordo com o tamanho do copo e a quantidade da sede.

Meu Amigo sorriu, concordando com a comparação. Fomos até uma praça e encontramos uma moça e um senhor conversando.

– Estamos decidindo – disse a moça.

– Acho que posso dar continente ao aprendizado que ela busca. – informou o senhor – Núbia quer aprender filosofia; escolheu também outros aprendizados para fazer com a família. Encarnarei perto de seus pais. Estamos combinando: como aprendizado suplementar, ela trabalhará comigo, na esfera material, na área da filosofia. Seremos amigos da filosofia na Terra. Não é ótimo?

– E você, Ribamar, terá oportunidade de divulgar suas pesquisas por intermédio de Núbia – acrescentou Meu Amigo.

– Só faltava este encontro para completar minha descida. – disse Núbia
– Com meus pais, aprenderei a qualificar minha arrogância e agressividade;

com Ribamar, utilizarei estes aprendizados qualificados para estudar filosofia e passar para a esfera material todos os meus conhecimentos – ou pelo menos parte deles.

Meu Amigo colocou-me a par do que estava se passando.

– Na última encarnação Ribamar foi um grande estudioso, porém muito solitário. Formulou teses importantes para o crescimento da humanidade, mas não conseguiu expressar seus conhecimentos. Resolveu que vai encarnar para aprender a dividir, compartilhar, sendo este seu principal aprendizado. Para isso, escolheu encarnar numa família numerosa, que lhe possibilite desde pequeno lidar com grupos. Também quer levar adiante o trabalho iniciado na última encarnação. No seu grupo familiar todos serão muito ativos, desenvolvendo tarefas práticas e objetivas. À parte, trabalhará com Núbia no campo das idéias filosóficas.

– E por que não com alguém da família?

– Ele teme encontrar amparo dentro de casa e se acomodar, retornando à vida solitária. Seu grupo familiar vai incentivá-lo a outros trabalhos, a outras experiências que favoreçam a expressão dos registros de sua essência. Esta é a busca de Ribamar neste ponto de sua trajetória. Quando encontra Núbia, já estará em idade avançada e terá desenvolvido outros recursos de sua alma.

– Compreendi: mais um exemplo de como atua, na sua expressão ativa e inativa, a memória cósmica do ser humano.

– Sua vocação filosófica se acalmará, pois sabe que chegará o momento adequado de emanar. Assim sendo, a memória recolhe-se, permitindo a atuação da sombra, cedendo espaço para outros aprendizados fluírem.

– E se eles não se encontrarem?

– Por isso eu disse que a palavra destino não traduz esta projeção. Eles estão se direcionando para esse encontro. Fazê-lo acontecer é uma função da energia do sentimento; depende do mental captar e respeitar. Este é um aprendizado dentro do circuito.

– O mental traduzir o sentimento?

– A cada tradução pode acontecer um encontro ou um desencontro. Porém, há a direção impressa na memória arquivo, trabalho feito na Terceira Casa. Quando Núbia encontrar Ribamar no plano material, seu cordão umbilical etérico trabalhará ativado pela energia do sentimento, distribuindo o conteúdo energético por todo o corpo.

– Como isto acontece?

– O coração atua palpitando, falando de uma forte importância, aproximando. Por isso é fundamental estarmos em contato com o interno, refletindo, meditando, atentos a estas emanções, para traduzir o chamado.

– Isso às vezes é prejudicado por seguirmos conceitos de outras pessoas.

– Fale mais sobre isto, Halu.

– Você disse que Ribamar vai encontrar Núbia numa idade avançada. Quer dizer, ele velho e ela moça.

– Disse.

– Não duvido das pessoas lerem este encontro de forma bem diferente.

– Se isso acontecer, Núbia e Ribamar irão optar pelo sentimento ou pela concordância do externo. Para isso existe o livre-arbítrio. E assim vamos aprendendo a conhecer nossas necessidades internas, zelar por nossa vida mais independentemente. Vamos, também, nos aproximando de pessoas que desenvolveram um código ético mais parecido com o nosso. Este é o amparo para continuar. Ou eles ficam com o sentimento ou com o julgamento do externo.

– É, você tem razão. Doutora Luiza diz assim: “Um ponto importante é a escolha. Podemos escolher expressar nossas qualidades ou ficar agarrados àquilo que nos impede de desenvolver nosso potencial”.

– Concordo com ela.

– Com essa experiência, vejo como é fundamental dar atenção aos pedidos internos.

– Buscar sempre fazer o balanço, ouvir os conceitos das outras pessoas procurando identificar semelhanças ou antagonismos com os nossos e com a situação que estamos vivendo. Se estes conceitos externos não combinam com os nossos, é importante abandoná-los. Será muito importante para você. Amanhã gostaria que você viesse no período da tarde.

Pela manhã, acordei pensando na minha direção. Algumas coisas começavam a fazer sentido. Desde criança eu me preocupava com o que seria depois de grande. Em resposta ouvia sempre dos adultos: “Ainda é cedo; quando crescer, saberá. Deixe isto para depois”.

Agora vejo a importância de perceber esta direção o mais cedo possível. São pequenas informações que dão indicações de um contexto. Compreendi minha relação com o mundo espiritual desde criança. Tenho certeza de que se tivesse rejeitado ou não tivesse me acostumado a lidar

com o imaterial, com os espíritos, as auras, o abismo em relação à experiência que estou vivendo seria enorme. Ter alcançado algumas informações de outros amigos da espiritualidade – que me visitaram anteriormente – me ajudou bastante. “Você está se preparando, logo compreenderá”, eles sempre diziam quando entrava em sofrimentos devido a meus processos. Isto me acalmava e me fortalecia para o confronto com a incompreensão dos códigos externos, diferentes do meu. E retomava o meu propósito.

Ao adormecer, tive sonhos bastante significativos sobre minha direção. Em determinado momento do sono, entrei em desmembramento e encontrei Meu Amigo. Andamos até a praça da Terceira Casa e eu quis saber por que aqueles trabalhos eram feitos ali.

– Em um ambiente aberto, a energia circula com mais fluidez. Nestes jardins, aglomeram-se energias que fortalecem o discernimento. Mas as pessoas também conseguem se concentrar em outras alas da Terceira Casa.

Aproximamo-nos de um casal de mãos dadas.

– Como vai, Alípio? – Meu Amigo iniciou a conversa.

– Está perto! – respondeu Alípio.

– Helena está melhor?

– Está sim. Agora está tudo bem.

Meu Amigo virou-se para mim e comunicou:

– Vou deixá-la com Alípio e Helena, Halu; eles já sabem que você está estudando e concordaram em passar algumas experiências para você.

A primeira coisa que o rapaz me disse foi que, ao reencarnar, iria para a França, enquanto Helena iria para o Brasil. Quis saber se eles se encontrariam na esfera material.

– Sim, mas primeiro buscarei um aprendizado na França. Feito isto, seguirei para o Brasil, onde nos encontraremos.

– E por que Helena não vai também para a França? – perguntei.

– O Brasil vai me propiciar o aprendizado que escolhi. As pessoas no Brasil estão trabalhando na construção de um país jovem; convivendo com a fome, a luxúria, a opressão, ao mesmo tempo em que buscam a liberdade – ou seja, trabalham aspectos opostos de uma mesma questão. Conviver com isso fortalecerá meu discernimento – explicou Helena.

– Na Europa, vou estudar História, examinando aspectos que já ocorreram na região e que se relacionam com o que Helena vai aprender. Depois irei para o Brasil, onde realizaremos juntos um importante trabalho.

Perguntei como estavam sentindo o momento de voltar à esfera material.

– À medida que se aproxima vem o medo de não dar certo, vem saudade, mas há também a necessidade de concluir a expressão dos registros da essência. Enquanto a essência tiver coisas a expressar, sentimos necessidade de voltar à esfera material – explicou Helena.

– É na esfera material que a essência se expressa? – perguntei.

– Parte dela, sim. Por isso o Planeta foi criado – explicou Alípio.

Não resisti à curiosidade de saber se eles se consideravam namorados.

– Somos almas afins. Nós nos completamos e trocamos esta qualidade de amor. Na esfera material qualificamos esta relação, ou seja, damos-lhe concretude.

– Vocês sentem medo de não se encontrar?

– Às vezes sim, mas o sentimento do encontro já existe e é mais forte que o medo – admitiu Alípio.

– É um trabalho de muita conscientização, Halu. Para você ter uma idéia, já se passou oitenta anos desde a nossa última encarnação.

– E o que vocês ficaram fazendo aqui todo este tempo?

– Primeiro nos recuperando na Primeira Casa; depois um tempo para descanso e avaliações na Segunda Casa; finalmente, projetamos com todo o cuidado nosso retorno. Este foi o tempo que achamos necessário. Há pessoas que retornam muito mais rápido do que nós e outras que demoram mais. Cada um segue seu próprio ritmo. Além disso, o tempo aqui adquire outra dimensão.

Perguntei o que os esperava dali para frente.

– Logo que entrarmos em contato com o retorno vamos nos sentir rejuvenescer. Nossos pais já se encontraram na esfera material. Quando os pais de Alípio prepararem o corpo, ou seja, quando a mãe engravidar, ele seguirá para a Primeira Casa e esperará.

– E você, Helena?

– Continuarei visitando-o e acompanhando o processo de gestação; isto o fortalecerá. Depois será a minha vez.

– Vocês terão filhos?

– Claro. Você quer conhecê-los?

Respondi que sim.

– Então, vamos. Estão brincando na Segunda Casa.

Fomos andando e chegamos a um canal transportador um pouco diferente dos outros, de cor rosa, que rapidamente nos levou ao parque da Segunda Casa. Admirei-me da comunicação entre as Casas Astrais.

– Esta comunicação existe, principalmente entre a Primeira, Segunda, Terceira e Quarta Casas. Mas olhe: ali estão nossos garotos.

Vi dois adolescentes brincando. Ao verem Alípio e Helena, aproximaram-se correndo.

– Papai, Mamãe!

Reportei-me ao meu interior e revivi uma cena com meu irmão brincando no clube que frequentávamos. No Natal, o clube distribuía presentes para os filhos dos associados. Na cena, estávamos eu e meu irmão brincando com os presentes. Quando emergi, os quatro, em silêncio, me esperavam.

– Tudo bem, Halu?

– Mais uma vez, vi-me transportada para o passado.

– É normal. Respire pelos chakras – disse-me Helena.

Com este comentário senti que eles sabiam muitas coisas que Meu Amigo havia me ensinado.

– Estes são Henrique e Marcelo – apresentou Alípio.

Henrique dirigiu-se ao pai num certo tom de animosidade:

– Veio falar sobre ir embora, outra vez?

– Ainda falta algum tempo. Mas quando seu pai descer para a esfera material, vocês ficam comigo – disse Helena.

– E quando você se for?

Helena encerrou o diálogo.

– Vão brincar meninos. Não vamos falar desse assunto agora.

Cumprimentei os dois garotos e eles voltaram para o parque enquanto nós regressávamos para a Terceira Casa.

– Por que não continuamos a conversa na Segunda Casa? – perguntei.

– Todas as conversas transformam-se em energia: evitamos espalhar as energias destes assuntos na Segunda Casa, para que os chakras dos que lá estão não capturem o movimento para o qual ainda não estão preparados.

– Os meninos já foram filhos de vocês outras vezes? – eu quis saber.

– Marcelo já. Henrique decidiu ser nosso filho agora.

– Como decidiu?

– Por afinidade. Tornou-se grande amigo de Marcelo e foi se aproximando da gente. Já nos sentimos seus pais e ele nosso filho.

O que teria acontecido com os pais anteriores do menino? Após alguma hesitação, formulei a pergunta.

– Estão na Primeira Casa se recuperando – informou Helena.

– Henrique se esqueceu deles?

– É um assunto muito delicado, Halu. Henrique não conseguiu estabelecer uma relação emocional pai-filho com os antigos genitores: não houve sintonia como aconteceu entre nós e Marcelo.

Neste momento, vi Meu Amigo se aproximar.

– Soube que foram à Segunda Casa.

– Levamos Halu para conhecer os meninos – disse Helena.

– Sim. Estivemos lá. Conheci o canal transportador interno, que faz a ligação entre as casas.

– Vamos, Halu. Alípio e Helena têm de voltar para perto dos meninos. Henrique está precisando sentir sua família reunida.

Meu Amigo e eu seguimos para a Segunda Casa. Meu aprendizado tinha de continuar, mas a companhia de Alípio, Helena e dos meninos fora extremamente agradável. A lição de que a solidez da estrutura familiar começa antes da vida na esfera material seria inesquecível.

Sentamo-nos à margem do rio e Meu Amigo ofereceu:

– Beba um pouco desta água, Halu. Vai lhe fazer bem.

Esperou que eu tomasse água e continuou.

– Você compreendeu o que conversou com Alípio e Helena?

– Sim. Formação de um grupo familiar.

– Acrescente harmônico. Você conheceu um grupo familiar que se organizou harmonicamente.

– Henrique ainda não está muito satisfeito.

– Com o grupo familiar, sim. Ele apresenta algumas inseguranças em voltar à Terra. São reminiscências da última experiência. Logo passará, ele está indo muito bem.

– Posso saber que reminiscências?

– Sim. Da última vez que Henrique encarnou, aconteceram alguns desencontros no grupo familiar. Quando seus pais desceram, houve um desvio e eles não se encontraram. Os pais de Henrique casaram-se com pessoas diferentes e o menino soube. Mesmo assim, decidi encarnar com a mãe, tendo como pai alguém que não havia escolhido. Foi um aprendizado bem forte e importante, porém ficou como resíduo o temor de uma repetição da experiência.

– Se ele quisesse poderia ter adiado seu retorno, escolhendo outra família?

– Sim, poderia. Mas não tenha pressa em tirar conclusões. À medida que você for estudando, irá se aprofundando em cada situação. Se tiver pressa para acabar este aprendizado, não o fará com a necessária profundidade.

A história continuava me intrigando. Por que os primeiros pais de Henrique não se encontraram, mesmo depois de casados com outras pessoas?

– O pai saiu da encarnação antes do tempo previsto.

Eu não pensara nessa possibilidade.

– Livre-arbítrio, Halu. Ele dimensionou uma encarnação que não sustentou. Isso acontece e se transforma também num grande aprendizado. Não é fácil reconhecer limites. Henrique, por exemplo, com sua insegurança, também está aprendendo a conhecer suas limitações.

Fiquei preocupada com a hipótese de os futuros pais de Henrique não se encontrarem, frustrando mais uma vez o menino.

– Eles já viveram como marido e mulher outras vezes e, em função disso, haverá facilidade na identificação. O forte registro no sentimento promoverá o encontro. Nesse ponto, aliás, reside a segurança de Henrique, reforçada pela presença de Marcelo, que já foi filho do casal.

– Compreendi. Tudo feito para dar certo.

– Auxiliar as pessoas na esfera material é uma das principais funções das Casas Astrais.

-- Diga-me uma coisa: e os pais de Henrique sabem que ele voltará com outros pais?

– Não, porque ainda não sintonizaram com Henrique. Você verá outros grupos familiares e irá compreender melhor. Por hoje é só, até o próximo encontro.

Quando acordei, uma amiga me esperava para conversar. Estava com problemas em casa. Busquei tranquilizá-la, mas não sabia muito bem que tipo de ajuda poderia oferecer. Meu Amigo me acompanhava na conversa. De repente, ele me disse: está na hora de você começar a trabalhar.

– Halu, escute a sua amiga; depois, utilizando sua experiência e aprendizado nas Casas Astrais, elabore algo para lhe dizer. Certamente será de grande valia.

Com esta sugestão, comecei a entender melhor a minha direção. Aos poucos, ia encontrando o sentido das minhas jornadas pelo mundo imaterial.

Dias depois, as viagens recomeçaram. Desmembrei e me dirigi aos jardins da Terceira Casa. Encontrei Meu Amigo acompanhado de dois casais: Rubens e Armênia, Otacílio e Soraya. Fiquei em companhia deles, vendo Meu Amigo partir.

Armênia, aparentemente a mais madura do grupo, levou-nos para sua sala. Nós nos sentamos e passamos a escutá-la.

– Halu, Rubens e eu não pretendemos voltar à esfera material nos próximos anos. Porém, tomamos a responsabilidade de acompanhar oito espíritos que, na última encarnação, foram nossos filhos. Este convívio fortaleceu o laço. Três deles resolveram voltar e os estamos acompanhando na escolha de seus futuros pais na Terra. Otacílio e Soraya nos procuraram com este propósito.

— Otacílio e eu retornamos às Casas Astrais na mesma época que os filhos de Armênia e estabelecemos com eles um forte laço de crescimento. Nós nos amparamos mutuamente, pois chegamos com as mesmas buscas e dificuldades – explicou Soraya.

– Agora desejamos retornar à esfera material. – completou Otacílio – E gostaríamos de continuar juntos.

– Como tenho muito carinho e preocupação com estes três filhos, estou auxiliando, junto com Rubens, na organização do grupo familiar, passando nossa experiência – e as dificuldades que atravessamos com eles – para os futuros pais.

– Então você, Armênia, foi mãe dos três, e agora Soraya descerá, ocupando seu lugar.

– Estamos nos preparando para isso – confirmou Soraya.

Perguntei então, a Armênia, por que ela e Rubens não desciam.

– Ainda não é o nosso momento e não queremos interferir no ciclo de desenvolvimento de nossos filhos. Porém, os acompanharemos daqui.

Armênia informou, em seguida, que os outros cinco filhos já haviam encarnado com outros pais. Minha surpresa aumentou ao saber que Soraya já tivera filhos, e que eles ficariam na esfera imaterial sob os cuidados de Rubens e Armênia.

– E você Otacílio, tem filhos também?

– Sim, um deles retornará conosco. Não na condição de filho, mas perto de mim.

– E por que não volta como filho?

– Decidimos que, em novos papéis, trocaremos experiências mais proveitosas do que na condição de pai e filho.

– No princípio, eu e Rubens sentíamos dificuldades de acomodar esta condição, depois alcançamos a necessidade de nossos filhos. A relação que estabeleceram com Otacílio e Soraya na Segunda Casa confirmou-nos que este casal tem mais possibilidades de conduzir o tipo de ensinamento que eles precisam nesta etapa do crescimento – admitiu Armênia.

– Então, resolvemos trabalhar juntos – completou Rubens, ao perceber a emoção da companheira.

– Posso saber que tipo de informações vocês estão passando para Soraya e Otacílio?

– Estamos confirmando alguns comportamentos detectados por eles nos meninos. Edgar apresenta dificuldades em dividir espaços e resolveu, nessa encarnação, trabalhar tal comportamento.

– Propus a ele iniciar este aprendizado a partir da gestação – acrescentou Soraya.

– Como isto é possível? Perguntei.

– Ele dividirá a gestação com o irmão. Dessa forma, já assumirá uma encarnação dividindo espaço, afeto, atenção. Um aprendizado sem dúvida proveitoso.

Rubens e Armênia se foram e continuei a conversa com o casal que assumiria a responsabilidade por aquelas crianças na esfera material.

Perguntei-lhes como, nas Casas Astrais, funcionava a questão da paternidade e maternidade:

– Aqui se desenvolve um trabalho de companheirismo e crescimento tão grande que todos se sentem pais e filhos de todos. Porém, a afinidade de coração é uma circunstância muito fluida, independente de laços constituídos na encarnação anterior – explicou Otacílio.

– Com isto, vamos aprendendo que o amor está acima de deveres e obrigações – completou Soraya.

– Desencarnamos na mesma época que Edgar e os irmãos deles. Nós nos conhecemos nos trabalhos de mesa aberta, que você já viu como funciona. Todas as nossas colocações eram muito parecidas com as deles. Deixei a esfera material revoltado com a questão da pobreza e da riqueza.

Com Edgar aprendi que algumas pessoas, para crescer, precisam de mais amparo material que outras. Compreendi a dificuldade que ele tinha de abrir mão de suas coisas. Percebi que precisa de muito apoio para ter segurança e dividir sem que isso abale seu emocional.

– Vocês não acham que dividir a barriga da mãe é uma experiência muito forte para Edgar?

– Durante a gestação, sua parte imaterial, o perispírito, estará aqui nas Casas Astrais, sendo acompanhado por Rubens e Armênia. Isto facilitará muito. Caso, ao encarnar, ele se sinta despreparado para suportar o aprendizado que escolheu – dividir objetos materiais, sentimentos, experiências – seu corpo espírito já terá registrado esta parte do aprendizado no período pré-encarnatório – disse Otacílio.

– Na posse desse registro, o emocional poderá diminuir o sofrimento no momento de compartilhar – completou Soraya.

Nesse instante, Meu Amigo se aproximou:

– Agora, Halu ficará um pouco comigo; vocês também precisam descansar.

– Mais tarde iremos para a aula de reabilitação profissional. Apareça lá, Halu, é um trabalho muito interessante – convidou Soraya.

Ao nos afastarmos, perguntei se todas as pessoas que eu encontrara até aquele momento em minhas passagens pelas Casas Astrais haviam sido previamente avisadas.

– Sim, os contatos são marcados com a concordância deles.

– Livre-arbítrio?

– Sim, Halu. Isto é muito importante. Mas diga-me: o que você achou desta experiência?

– O que mais me chamou a atenção foi o desprendimento de Armênia e Rubens. Permitir que seus filhos encarnem tendo outro pai e outra mãe é um gesto extraordinário.

– Permitir não é a palavra adequada a este movimento. O que você entende por permissão?

– Alguém deixar o outro fazer alguma coisa.

– Quando compreendemos a necessidade do outro, é porque já entendemos a nossa própria necessidade. Se isso ocorre, a troca é fluida, não se precisa de permissão. Armênia, ao confrontar com a dificuldade de ver os filhos buscarem outros pais para encarnar, percebeu não ter concluído o aprendizado da aceitação do outro, ou seja, reconheceu sua

própria deficiência. No começo, ela relutou, o que é natural. Ela vem de uma série de encarnações somando filhos: sente-se mãe de oito. Numa encarnação, dois filhos. Quando retornou, os dois a acompanharam; aí nasceu mais um. Em encarnações sucessivas, vieram os demais. É a primeira vez que esses filhos seguirão para a esfera material com outros pais.

Observei que, pelo visto, Armênia estava aprendendo a ceder.

– Exatamente. Por isso, Otacílio e Soraya são mais indicados para passar este aprendizado para Edgar. Ele detectou esta condição e daí nasceu a afinidade. Armênia ficará aqui, acompanhando os filhos de Soraya, aprendendo a dividir e conhecendo o amor livre de posses.

– E se Armênia e Rubens não compreendessem? – perguntei.

– Sem dúvida o agrupamento seria diferente, talvez menos harmônico.

Interessei-me em saber o que os mentores das Casas Astrais fariam se isso acontecesse.

– Promoveriam mais encontros, levariam as pessoas envolvidas a acompanhar as consequências das desarmonias; enfim, seria desenvolvido um trabalho buscando incentivar a compreensão.

– Isto sempre dá certo? – indaguei. Meu Amigo encarou-me com simpatia:

– O certo e o errado não existem, Halu: esses parâmetros só são utilizados na esfera material. Aqui lidamos com as situações da forma como elas se apresentam, respeitando os limites pessoais e aceitando o que cada um pode oferecer. Por isso, a afinidade é importante. Quando estamos afinados com uma causa, somos responsáveis por ela e tratamos todos os resultados dos trabalhos como aquisições reais. Em outras palavras, procuramos aprimorar a colheita.

– Observei que se aprende muito nos intervalos das encarnações.

– Sim, claro. Nossa intenção é essa.

Concluí que existe um aprendizado implícito em toda experiência de vida. Descobrir o prazer oculto da tarefa árdua é o que nos ampara nos momentos de vencer os obstáculos e atingir nossas metas. Armênia detectou uma dificuldade no filho. Quando constatou ser esta dificuldade também sua, pôde promover um crescimento mais real, mais harmônico para Edgar. Descobriu o prazer oculto da árdua tarefa.

– Agora é hora de você detectar este prazer nas suas tarefas, Halu.

Percebi que ele estava sintonizando meus pensamentos de novo...

– Você fala alto com o pensamento: é natural que eu ouça – brincou Meu Amigo.

Sem muito controle sobre as palavras, disse-lhe que me sentia em paz.

– Esta paz é fruto da compreensão. Quando se alcança a compreensão, a paz se instala.

6. O NÚCLEO DE REABILITAÇÃO PROFISSIONAL

Seguimos caminhando pela margem do rio. O lugar renovava minhas energias. Após um longo silêncio, manifestei desejo de saber mais sobre a atividade de Reabilitação Profissional.

– É outro importante trabalho desenvolvido pela Terceira Casa. Através do ponto de atração que uma alma sente por determinada profissão, podemos detectar a busca de sua essência.

Estranhei a expressão “ponto de atração”. Meu Amigo explicou:

– São todas as imagens e conhecimentos que motivam nosso corpo a viver, aprender, aprofundar. O que atrai uma alma é a representação externa do que está impresso, oculto no seu interior. A imagem externa faz a ponte para a externalização desses registros internos. Então, cria-se uma estrada entre o mundo interno e a imagem externa, propiciando o encontro.

Prosseguindo, Meu Amigo disse que o Centro de Reabilitação Profissional da Terceira Casa Astral oferece uma série de profissões. As pessoas dirigem-se para o Centro buscando perceber qual delas é mais atraente. Escolhem uma e começam a estudar, preparando-se para exercer a profissão na esfera material. Esta é também uma forma de avaliação dos caminhos que o corpo essência quer percorrer. Enquanto o mental e o emocional estão adquirindo informações e conhecimentos, o corpo essência está expressando os seus registros internos, o seu saber genuíno, oriundo da criação.

Meu Amigo explicou ainda que a Reabilitação Profissional tem outras funções; por exemplo, sedimentar, alguns aspectos e composições da encarnação. A maioria das pessoas, quando se prepara para encarnar, ocupa-se primeiro do agrupamento familiar. Estabelece o grupo e em seguida busca as composições individuais, tais como a profissão. Quando partem para esta avaliação, procuram saber se este aspecto individual adequa-se ao conjunto do grupo familiar. É muito comum uma pessoa decidir encarnar com muitos filhos e, ao mesmo tempo, com uma escolha profissional que exige muita atividade fora de casa, longe da família. Quando a pessoa tem

consciência de tais limites, pode voltar ao começo do trabalho para rever as escolhas. Às vezes acontece que, após estabelecer seu grupo familiar e o local onde vai encarnar, descobre ser impossível, no país escolhido, o aprendizado profissional de sua preferência.

Perguntei se, em tais casos, a solução era voltar ao ponto de partida.

– Sim. Esta etapa é muito importante, pois nesses momentos sedimentam-se as afinidades.

– Todos são responsáveis pela escolha do conjunto. Isso confirma que a culpa é totalmente sem sentido.

– A culpa é um alarme. Sinaliza o momento da perda de conexão com o querer interno. Quando escutamos esse alarme e retomamos a conexão, ela desaparece. É quando concluímos que não fizemos alguma coisa porque “os outros” não deixaram, não ajudaram. O mental se acomoda e o emocional sofre alterações que afetam diretamente o ego, que se sente diminuído, humilhado, estabelecendo um conflito interno. O emocional sofrendo por não estar expressando ações, construções, e o mental sofrendo por ter concluído estar muito prejudicado por outras pessoas, pelo país, pela chuva, pelo sol, etc.

– Tenho observado que alguns tipos de comportamento são, na verdade, os principais aprendizados de uma encarnação. Como, por exemplo, dividir espaços, ceder, respeitar, adquirir independência.

– É isso mesmo. Inclusive no desempenho profissional, um médico, ao cuidar de um paciente, está aprendendo a respeitar a vida.

Pela manhã, após reescrever o que observara durante a viagem, fiquei pensando na profissão que mobilizava meu ponto de atração e percebi várias. Todas tinham um ponto em comum: lidar com pessoas, saber do ser humano, de seus sentimentos, preferências e necessidades. Compreendi meu aprendizado trabalhando na área de vendas, profissão que desempenhei muito bem e com prazer. Uma venda sempre era mais que um negócio. O importante para mim era desenvolver uma relação entre a necessidade do cliente e o que eu poderia oferecer, dentro do serviço que estava prestando.

Levei este tema para trabalhos com doutora Luiza, e ela me trouxe um novo exercício de centramento, chamado enraizamento interno.

– O exercício de estar com os pés plantados no chão também traz centramento. Senti isso claramente. Meu corpo ficou alinhado, senti-me mais segura. O que é mesmo enraizamento interno?

– É estar envolvido com o que se está fazendo. Se você está lendo um livro, está com o sentimento e o pensamento conectados para esta ação, está presente na leitura. Se você estiver levando pratos, está com a atenção voltada para lavar pratos, e assim por diante.

– Um momento, deixe-me ver se eu entendi. Se estiver lavando pratos, não posso usar este tempo para pensar em coisas diferentes.

– A postura é estar presente na ação; inteira no movimento. Pode ocorrer nesses momentos o que chamamos de pensamentos fluidos, algo que surge, em pensamento ou sentimento, e é importante para uma reflexão em outro momento.

Esta orientação foi fundamental, principalmente para meus estudos e trabalhos nas Casas Astrais. Meu Amigo notou minha mudança e eu também a percebi. Meus relatórios melhoraram bastante, ganharam um corpo mais estruturado. Passei a olhar as pessoas com mais sensibilidade e amplitude, deduzindo e julgando cada vez menos; conseqüentemente, minhas conclusões tornaram-se mais elaboradas.

Doutora Luiza concordou com Meu Amigo e me disse:

– Como você está lidando melhor com seus processos internos, está mais apta a perceber com maior clareza o externo. Quando consegue estar no seu lugar, estando em qualquer lugar, você estabelece uma ponte, vai até o outro e volta com discernimento entre o que é seu e o que pertence ao outro.

Algumas noites se passaram. Fui conhecer o trabalho de Reabilitação Profissional na Terceira Casa Astral. Já no Jardim fui recebida por Otacílio e Soraya.

– Seu Amigo pediu-nos que a esperasse aqui. Mais tarde ele estará conosco.

– É sempre assim; quando encontra alguém para me acompanhar, livra-se logo da tarefa – comentei sorrindo.

– E isto é ótimo. – admitiu Otacílio – Assim você tem a oportunidade de conhecer o trabalho das Casas Astrais através de várias pessoas e perceber a forma como cada um sente este espaço.

Seguimos pelo jardim e chegamos a um prédio imenso, de construção muito sólida, lembrando os casarões antigos na esfera material. Dentro de cada sala, um grupo apresentava o seu trabalho. Assistimos primeiro a apresentação de um grupo de professores.

– Estas pessoas sentem-se atraídas pelas atividades de ensino. Querem na próxima encarnação trabalhar como professores. Aqui está uma pessoa que você conhece, o Ribamar. Vamos nos sentar perto dele.

Uma senhora estava falando:

– Ensinar é antes de tudo estar aberto para aprender. Quando nos confrontamos com o não saber do outro, é preciso ter carinho por este espaço em branco para sentirmos a melhor maneira de preenchê-lo com informações e conhecimentos. Da fase inicial dependerá a relação do educando com o aprendizado e a utilização dos conhecimentos adquiridos.

– Como se faz isso? – perguntou um ouvinte.

– Respeitando os limites individuais, a forma de busca do aprendiz; observando como o emocional do educando está elaborando os conhecimentos e as informações que o campo lógico registra, pois desta relação interna dependerá a qualidade do futuro profissional: esta é a principal função do professor. Passar conhecimentos técnicos é uma função secundária. Importante é estar atento no momento da cobrança dos resultados, buscando na avaliação a produção do educando em relação à sua própria produção.

Otacílio tocou no meu ombro, compreendi que estava na hora de sairmos. Ribamar nos alcançou. Perguntei-lhe o que buscava naquele trabalho.

– Como você já foi informada, o objetivo central é avaliar nossa atração por determinada profissão. Somos levados a aprofundar o querer do nosso propósito para, quando estivermos encarnados, cumprirmos bem nosso papel, promovendo cada vez mais crescimentos e assim incentivando melhorias na qualidade de vida.

– Você pensa em ser professor?

– Já fui professor. Pretendo, em idade mais avançada, dar aulas de filosofia.

Lembrei-me da relação de Ribamar com Núbia.

– Ribamar está apresentando algumas arestas por ele vivenciadas ao trabalhar como professor – disse Soraya.

– Estou passando um pouco da minha experiência para o grupo. Agora preciso voltar ao trabalho, logo será minha vez de falar.

– Pensei que Ribamar fosse apenas um aluno – observei.

– Aqui ninguém está só aprendendo – disse Otacílio.

– Eu estou.

– Como você chegou a esta conclusão?

– Eu não ensino ninguém.

– Claro que ensina. Antes de encontrá-la aqui não acreditava que fosse possível a uma pessoa encarnada manter contato com as Casas Astrais de forma tão direta e com lembranças claras. Sempre fui muito cético. Já lhe falei sobre isso. Sentia-me muito revoltado com Deus por achar que na esfera material ficamos entregues à justiça terrena, sujeitos ao mental dos homens e ao traçado do poder. Com você aqui confirmei que se procurarmos verdadeiramente Deus O encontramos. Aprendi também que o limite entre os espaços Terra e Éter são transponíveis. Hoje vejo acontecer o que sempre escutei nas Casas Astrais sobre o real trabalho e conforto para o nosso corpo emocional quando dormimos e desmembramos.

Retornamos a outra sala do prédio para observar um novo grupo. Total silêncio. As pessoas estavam deitadas em tapetes, fazendo pequenos movimentos com os braços. De repente, senti sono. Um senhor aproximou-se de mim e me convidou a deitar também.

– Entregue-se a este sono.

Senti meus braços buscando um determinado movimento; tentei conter, porém imediatamente lembrei-me das palavras da doutora Luiza: “Conecte-se com aquilo que está fazendo”. E me entreguei. Vivenciei uma experiência totalmente nova. Ao balançar os braços, imagens se formaram no meu pensamento. Queria falar e não conseguia. Senti o coração bater mais forte, outra imagem se formou: papéis caindo das minhas mãos. Fiquei repassando estas imagens. As pessoas ao término do exercício relatavam as experiências. Preferi não falar. Ao sairmos da sala, Meu Amigo esperava-me lá fora.

– Agora Otacílio e Soraya vão descansar e você fica comigo.

Senti um enorme conforto ao vê-lo; as perguntas multiplicavam-se na minha cabeça.

– Que aconteceu comigo?

– Só vou saber quando você contar.

– Muito bem: ao entrar na segunda sala senti sono. Foi a primeira vez que aconteceu isso comigo nas Casas Astrais.

– Naquela sala as pessoas meditam sobre a condição emocional e intelectual de realizar a profissão escolhida buscando identificar o seu potencial e aperfeiçoá-lo. As energias que circulam nesta ala favorecem

reflexões do tipo. Quando você sentiu o que traduziu como sono mergulhou nesse movimento. O que sucedeu depois?

– O senhor que estava dirigindo o grupo convidou-me a deitar. Ao fazê-lo, senti vontade de balançar os braços.

– Os membros superiores são condutores de energias ligadas ao emocional e à intelectualidade. Quando você sente carinho por alguém, fluidamente vem a vontade de abraçar, de tocar. Pois bem, a energia emocional flui do seu interior e se expressa através dos membros superiores. Ao dar explicações, por exemplo, você gesticula da mesma forma, liberando energias intelectuais através dos membros superiores.

– À medida que meus braços balançavam formaram-se várias imagens no meu pensamento.

– Essas imagens são reproduções simbólicas do seu interior. Elas carregam uma mensagem, tal como nos sonhos.

– Realmente a sensação foi como estar sonhando.

– Que imagens surgiram? Através delas poderemos interpretar a mensagem.

– Primeiro eu queria falar e não conseguia.

– É bom lembrar que todas estas mensagens estão relacionadas com a sua profissão.

– Significa que ainda não sei me expressar bem?

– Vamos devagar, Halu! Pode significar uma revisão na oratória; diante da informação que você está me passando, posso ajudá-la. Continue.

– Também me vi andando em círculos.

– Perfazendo um caminho ou buscando uma direção, são imagens que podem estar relacionadas ao novo trabalho que você está iniciando.

– Depois, papéis caíram das minhas mãos.

– Reflita sobre a relação que você está estabelecendo com papéis, com escrever.

– Acho que desisti de escrever sobre as Casas Astrais.

– Por que?

– Não me sinto em condições.

– Ainda não. As imagens estão traduzindo este sentimento do seu emocional e de seu intelecto. Mas não coloque um ponto final em seu esforço, continue tentando, as condições surgirão.

– Mesmo antes de conhecer as Casas Astrais, sempre quis escrever livros.

– Eu sei. Agora você está se preparando. A função do trabalho de que você participou hoje é identificar seu potencial e o que precisa ser aprimorado para que ele flua livremente.

– O que devo fazer?

– Conte esta experiência à doutora Luiza: ela saberá orientá-la.

Não insisti. Aprendi que as funções são distintas. Doutora Luiza com seus exercícios, com suas frases que me levavam a profundas reflexões; Meu Amigo, com suas orientações.

– Mais alguma pergunta Halu?

– Acredito que não.

– Você virá a este espaço outras vezes. Vamos escrever agora?

Fui escrever e depois retornei para a esfera material.

Pela manhã, retomei o sentimento produzido pelas imagens no Núcleo de Reabilitação Profissional. Pensei nas pessoas e percebi que quando se está afinado com a profissão, a vida se torna mais alegre. Do contrário, trabalhar transforma-se em sacrifício, um peso insuportável. As pessoas ficam tristes, mal humoradas, não desempenham bem suas funções. Se não há afinidade, a irritação é o primeiro sintoma, seguido de agressividade e finalmente doenças.

A partir dessa reflexão surgiu-me uma dúvida: será que nem todas as pessoas passam pelo Núcleo de Reabilitação Profissional? À noite, ao chegar ao jardim da Terceira Casa, falei com Meu Amigo sobre isso.

– A maioria das pessoas frequenta o Núcleo, mas nem todas pois os serviços das Casas Astrais estão à disposição dos que queiram utilizá-los.

– E tem quem não queira?

– Sim, muitas pessoas preferem retornar à esfera material logo que aqui chegam, não destinando o tempo necessário para se preparar. Desencarnam e querem reencarnar rapidamente.

Perguntei qual o motivo da pressa.

– Vamos visitar o Departamento responsável pelo amparo a essas pessoas. Você poderá observá-las diretamente.

Estranhei a demora: nossos deslocamentos, em geral, eram muito rápidos. Meu Amigo logo esclareceu:

– As pessoas desse Departamento apresentam um grau de ansiedade muito forte. E ansiedade também se transforma em energia; elas ficam num jardim à parte, com condições propícias para liberar essa qualidade de energética, que interfere na velocidade de nossa aproximação.

Ao chegar, percebi a diferença energética do lugar e o comportamento agitado das pessoas. Meu Amigo buscou diálogo com um homem que parecia mais calmo que os demais.

– Jairo, como vai? Resolveu mesmo retornar?

– Agora, estou com dúvidas. Acho que vou pensar melhor nessa possibilidade.

– Por que você não volta para o trabalho de mesa aberta na Segunda Casa?

– Não sei. Não seria melhor eu voltar à esfera material?

– Leve este questionamento para o trabalho. Se você está em dúvida, é recomendável esperar um pouco mais.

– Mas minha filha está desesperada, sem saber o que fazer. Depois do meu desencarne está perdida, descontrolada.

– Jairo, reflita um pouco. Sua filha antes de encarnar combinou e escolheu passar por esta experiência. O que está vivendo agora trará grandes aprendizados para seu corpo espírito.

– Mas ela está nervosa.

– Porque ainda não se acostumou com a nova experiência. Você desencarnou há pouco menos de seis meses. Dê tempo para algumas observações. Além do mais, esse nascimento não está no planejamento espiritual. Você já analisou esse aspecto?

– Já, já! No trabalho de mesa aberta essa questão foi levantada.

Percebi que Jairo, com esta colocação, ficava mais tenso e ansioso.

– Pois bem. Se quiser trabalhar esta questão, sabe que tem amigos que estarão à sua disposição.

– Sei sim, muito obrigado, vou pensar!

Nós nos despedimos e nos aproximamos de uma senhora que andava nervosamente de um lado para o outro. Meu Amigo saudou-a com simpatia; ela nem devolveu o cumprimento.

– Sabe da novidade? Encontrei uma mãe sem planejamento!

– Então, está decidida a voltar?

– Estou. Já acertei tudo.

– Que bom, Dona Carmem. A senhora está mais calma?

– Agora sim, claro. Desculpe se fui grosseira algumas vezes. É que vocês não compreendem minha situação.

– O melhor é que agora tudo está resolvido e a senhora poderá sair dessa ala.

– Não, acho melhor esperar aqui mesmo, assim o tempo passa mais rápido.

– Se mudar de idéia...

– Não vou mudar.

– Está bem, Dona Carmem.

Despedimo-nos e voltamos ao primeiro jardim. As perguntas queimavam-me a língua.

– O que aconteceu com Jairo?

– Ele desencarnou e ainda não conseguiu aceitar essa realidade. Projeta na filha o seu interesse em retornar à esfera material.

– Mas ele disse que a filha estava desesperada.

– Ela está sofrendo o desaparecimento do ente querido por julgá-lo perdido para sempre. Mas a interpretação de que está desesperada é de Jairo, e com esta justificativa quer reencarnar sem a devida preparação. Você percebeu, porém, que ele está se acalmando. A ansiedade inicial é natural. Acredito que ele começará a refletir e tomará outro caminho, decidindo o futuro com mais tranquilidade.

– E Dona Carmem?

– É um caso de reincidência. Na penúltima vez que ela desencarnou decidiu retornar sem nenhuma preparação. E agora repete o comportamento. Ainda não descobriu a necessidade de uma família afinada, uma profissão oriunda do potencial interno, requisitos indispensáveis para uma passagem terrena que represente evolução.

Perguntei-lhe o que poderia ser feito nesses casos.

– Nada que impeça a estrada que ele decidiu construir.

– Entendo: livre-arbítrio. Mas ela se referiu a uma mãe sem planejamento, o que é isso?

– É muito comum pessoas terem filhos não planejados antes de encarnar. Promovem uma gravidez não prevista, por isso não combinada. Como há uma alma direcionada para aquele corpo, encarna nele uma pessoa que também não planejou uma família.

Intuí que tal procedimento prejudicava o desenvolvimento espiritual. Meu Amigo confirmou.

– Na minha opinião, o período de gestação é o mais perfeito da criação. Com este tempo, de sete a nove meses, há a oportunidade de florescer o sentimento entre pais e filhos. Quando as afinidades são descobertas previamente, é claro que o ajustamento será melhor. Mas nem

sempre ocorre a aproximação antes do nascimento. Como você presenciou, Dona Carmem a dispensou e também abriu mão de qualquer auxílio, prefere esperar sozinha.

Admirei a amplitude dada ao princípio do livre-arbítrio, mas refletindo melhor concluí que era o caminho certo. Ninguém é feliz fazendo as coisas por obrigação.

Durante uma semana dediquei minhas viagens às Casas Astrais, à revisitação dos lugares já conhecidos. Senti esta necessidade e Meu Amigo concordou dizendo que eu tinha liberdade para usar meu tempo como preferisse.

Depois da revisão, conheci uma nova ala na Terceira Casa Astral.

– Aqui é a ala das manifestações materiais incorporadas ao imaterial.

– Como é feita esta incorporação?

– Através do canal das emoções. Algumas pessoas que desencarnam em acidentes ou doenças que resultaram em mutilações no corpo físico incorporam a mutilação ao perispírito. O abalo emocional pode levar a um grande sofrimento e este choque energético ser projetado para o corpo imaterial. As pessoas são preparadas para liberar energia e se recompor emocionalmente, proporcionando a cura e a reconstituição da parte mutilada. Algumas sofrem um abalo emocional e energético tão forte que só conseguem a reconstituição através de outra encarnação, condição em que o corpo imaterial habitará um corpo carnal em perfeitas condições.

O passo inicial da recuperação, porém, era o tratamento naquele setor. Entramos em uma sala com muitas plantas – uma espécie de jardim de inverno – onde encontramos um rapaz com o braço direito menor que o esquerdo. Ele estava sentado, ao seu lado duas cadeiras vazias. Disse que estava à nossa espera, chamava-se Wandick. Logo começou a contar sua história:

– Ainda na esfera material sofri um acidente e meu braço direito ficou assim. Recusei-me a fazer trabalho terapêutico. Fugi do problema, criando o estereótipo de que meu defeito não incomodava – uma imagem totalmente falsa. Aliás, tudo em mim era assim, sempre pelo caminho mais difícil, me iludindo.

– Você sente dor? – perguntei.

– Dores emocionais que aumentaram bastante alimentadas pela fuga.

Meu Amigo interferiu para dizer que Wandick já conseguira grandes progressos, pedindo que falasse deles.

– Na esfera material, eu não movia a mão. Com os trabalhos aqui com Raimundo meus dedos estão bem mais ágeis.

– Quem é Raimundo?

– Um dos responsáveis por esse tipo de trabalho – respondeu Meu Amigo.

– Agora também posso olhar para o meu braço e gostar dele. No acidente o braço sofreu pelo corpo todo e pude continuar a encarnação.

– Como foi este acidente?

– Um incêndio. Com este braço quebrei uma janela de vidro, o que me proporcionou escapar, mas uma parte da janela caiu sobre ele, ferindo-o gravemente.

– É a primeira vez que você toca nesse assunto, Wandick – observou Meu Amigo.

– A segunda, ontem contei para Raimundo. Bobagem fazer de conta que esqueci tudo, lembro-me o tempo todo, não adianta fugir. Também sofri outros abalos no acidente. No começo não recordava direito o que havia acontecido, foi tudo muito rápido; depois me lembrei, mas procurava não tocar no assunto. Quando alguém fazia perguntas a respeito, eu dava um jeito de encerrar a conversa. Nos meus primeiros tempos aqui, mantive o comportamento. Agora, percebo que foi mera perda de tempo.

– Nenhum tempo é perdido – interferiu Meu Amigo. – A questão é saber como preenchê-lo. Você aprendeu muito com este comportamento, não é verdade?

– Sem dúvida. Inclusive modifiquei muitos conceitos e atitudes.

– Então você acha que foi bom o que lhe aconteceu? – perguntei.

– Claro que não, hoje tenho certeza de que não me preocupei em evitar o acidente. Um profissional de segurança havia me avisado sobre a possibilidade de um incêndio na minha sala, mas preferi adiar alguns consertos necessários.

– Você já havia comentado isto antes com alguém? – perguntou Meu Amigo.

– Não. Mas venho pensando no assunto já há algum tempo.

– Você caminha para a cura Wandick – animou-o Meu Amigo. – Fique um pouco em silêncio e faça o exercício de reabilitação.

Durante alguns minutos eles trabalharam juntos. Uma luz verde-lilás saiu da sua mão esquerda para o seu braço direito. Neste momento lembrei-

me de Meu Amigo falando sobre os membros superiores como condutores de energia intelectual e emocional.

– Procure mover a mão direita – orientou Meu Amigo.

– Ela está mais solta, mais ágil.

– Quanto mais você refletir sobre o acidente, mais o choque energético diminuirá, promovendo o restabelecimento. Agora vá e procure Raimundo, mostre sua mão a ele.

Wandick acatou a sugestão com alegria e se despediu.

– Wandick está muito perto da cura.

– Há quanto tempo ele desencarnou?

– Quase cinco anos, porém está neste trabalho há apenas três meses.

Demorou tanto tempo porque não estava pronto para rever suas questões. Iludia-se com a possibilidade de se curar sozinho. Quando se sentiu mais fortalecido, resolveu acreditar e o trabalho afinal começou.

Lembrei-me da luz verde-lilás saindo da mão de Wandick. Meu Amigo explicou.

– Auto-cura. Quando as pessoas estão mais equilibradas, emocional e energeticamente alcançam a cura através da liberação de seus próprios chakras.

– No hospital, observei que a luz saía de Mônica para os pacientes. Eles não têm condições de auto cura?

– Ainda não. Wandick encontra-se num estágio mais avançado de recuperação. Na verdade, está bem perto de se curar. Agora vamos. Preciso atender Jeremias.

Fomos à outra sala, parecida com a primeira, porém as plantas eram diferentes. Perguntei-lhe porque não recebia o paciente na mesma sala.

– São situações diversas. Este ambiente é preparado com outra qualidade energética.

Um senhor, andando com dificuldade, entrou na sala e se sentou. Percebi um ar de tristeza em seu rosto. Após uma breve troca de palavras, manifestou interesse em saber como estava sendo tratada a questão da poliomielite na esfera material.

– Paralisia infantil?

– Foi isso que eu tive.

Informei-o sobre as campanhas de vacinação que estavam erradicando a doença em muitos países, inclusive no Brasil.

– Para mim não teve jeito. Passei a vida toda aleijado, não pude nem me casar, ter filhos, nem ter uma profissão decente.

Respondi que o mercado de trabalho para deficientes físicos começava a se ampliar.

– Até que enfim.

– Quem começou as campanhas para vacinação e abertura de mercado de trabalho? – Meu Amigo entrou no diálogo, compreendi sua intenção.

– O deficiente físico luta muito para a conscientização de todos os setores da sociedade, reivindicando através da mídia, de passeatas, conquistando um espaço na consciência do povo. Tenho um amigo, o Marcos, ele é advogado, anda de cadeira de rodas e luta para que o deficiente físico ocupe um lugar nas empresas, nas escolas, tendo uma vida perto do normal.

– E alguém de cadeira de rodas pode ter uma vida normal?

– Isto eu não sei lhe responder. Porém, Marcos parece ter uma vida normal. Ele estuda, trabalha, dirige automóvel, tem uma noiva.

– É mesmo? Como dirige automóvel?

– O carro foi adaptado de acordo com a sua deficiência.

– Já haviam me dito sobre esse progresso na esfera material, mas não consegui acreditar. Agora que você está falando...

– Mas é verdade. Hoje os prédios modernos, principalmente os comerciais, têm uma rampa paralela à escada, elevadores apropriados, banheiros públicos com cabinas especiais para a entrada de cadeira de rodas, etc..

– Alguém lhe recomendou para me dizer estas coisas?

– Alguém lhe recomendou para me perguntar sobre poliomielite e como estava sendo tratada na esfera material?

– Desculpe-me, Halu, eu sou muito descrente de boas notícias.

– Mas isto não é bom para você – ponderei.

– Eu quero voltar à esfera material, mas tenho medo de ficar sem andar novamente e quero garantias de que, se isto acontecer, pelo menos serei mais bem tratado.

– E pode acontecer de novo? – perguntei.

– Há sempre uma chance. Algo me diz que acontecerá novamente. Como há prevenção e tratamento, sinto-me mais forte para reencarnar.

– Há tempo para você elaborar melhor esta questão – disse Meu Amigo.

– É. Não estou com pressa, mas gostaria de retornar aos trabalhos de mesa aberta na Segunda Casa.

– Se você achar necessário, posso ajudá-lo.

– Ótimo.

– Agora está na hora de seus exercícios, Jeremias.

Ele se levantou, despediu-se agradecendo minhas palavras, e se foi.

– Bom trabalho, Halu – disse Meu Amigo.

– Apenas alcancei a sua intenção e a dele.

– Este foi o trabalho. Alcançar uma alma sem muitas palavras e explicações.

Sentindo-me muito bem, refleti que todas as pessoas sempre têm algo para dar. Às vezes desconhecemos que temos e, por não saber, negamos auxílio a uma pessoa em necessidade.

Meu Amigo contou que as sequelas da doença haviam prejudicado muito Jeremias em sua passagem pela esfera material; vivera com muita dificuldade e amargura, o que o impedira de concluir os aprendizados programados.

– Por que acredita que pode ter a doença outra vez? – perguntei.

– É uma tradução racional do sentimento anterior. Interiormente ele sabe que a doença dificilmente se repetirá, mas está difícil vencer os temores. A tradução racional é que terá a doença novamente. Se Jeremias não conseguir liberar esta qualidade energética adquirida e alimentada ao longo da última encarnação, na próxima poderá levar a sequelas não só para o corpo emocional, mas até para o físico.

– Por isso algumas crianças nascem com defeitos físicos?

– Em alguns casos, sim. Como você vê, nem sempre o problema tem relação com a gestação e o parto. Voltando a Jeremias, ele pode nascer com as pernas perfeitas, mas talvez apresente fragilidade nos membros inferiores.

– Há quanto tempo ele está nas Casas Astrais? – indaguei.

– Aproximadamente dez anos. Fazendo este trabalho, dois anos.

– Então o trabalho com Jairo teve um resultado mais rápido?

– Todo trabalho é individual, Halu.

– Você tem razão. Todas as pessoas que desencarnaram com um problema dessa natureza reagem da mesma forma?

– Não, há os que perdem ou danificam um órgão no corpo físico e não absorvem esta deficiência no corpo emocional. Tudo depende do efeito

provocado pela experiência. Pode acontecer também que o trauma atinja o perispírito durante a encarnação, mas após o desencarne, a energia se libere, não ficando nenhuma sequela no corpo imaterial.

Ficamos um tempo em silêncio.

– Como vai a curiosidade, Halu? – provocou Meu Amigo.

Respondi que a esquecera por completo.

– Muito pelo contrário, você se ocupou abastecendo-a: é a forma saudável de mantê-la viva.

No regresso para casa fui refletindo que cada experiência confirmava minha impressão inicial: nada no universo é somente físico ou apenas espiritual. O corpo material interage no imaterial e vice-versa. Comecei a refletir sobre a importância das emoções e como é produtivo escutá-las e procurar traduzir as mensagens do emocional. Por exemplo: o que este sentimento de tristeza está querendo me dizer? E esta ansiedade, o que quer me informar?

Estes são questionamentos necessários para um maior contato com o mundo interno. Jamais camuflar uma emoção ou um sentimento para não reter as energias que acompanham estes movimentos. Energias contidas transformam-se em antagônicas e nos fazem mal.

7. ENCONTRO ENTRE PRESENTE E FUTURO

Algumas noites depois, ao desmembrar, encontrei Meu Amigo, que me convidou a conhecer a Quarta Casa Astral. Acrescentou que me acompanharia para orientar alguns exercícios facilitadores da minha passagem. A advertência intrigou-se:

- Na Quarta Casa não existem energias materiais?
- Somente as conduzidas pelas pessoas encarnadas nos seus desmembramentos. As energias materiais do sol da esfera terrestre já não atingem o espaço dessa Casa.

Começamos a fazer os exercícios e senti meu corpo muito leve, como se fosse flutuar. relatei a Meu Amigo.

- A entrada do éter pelo chakra coronário dá esta sensação.
- Também estou sentindo formigamentos.
- É o éter diluindo-se por todo o seu corpo.
- Agora estou sentindo uma vibração no umbigo.
- O cordão umbilical etérico armazenando o éter.

As sensações estranhas desapareceram. Meu Amigo fechou os olhos e ficou em silêncio. Percebi que ele estava concentrado.

- Estou me comunicando com o salão da Quarta Casa para informar que estamos prontos. Vamos aguardar um pouco.

Alguns segundos depois, vi o canal transportador descer pelo teto até o chão. A viagem foi rápida: logo chegamos a um salão de recepção.

- Estas pessoas vieram de todas as regiões da esfera material, o que explica a diversidade de vestimentas. Elas vão prestar informações sobre os países onde vivem aos que estão se preparando para encarnar.

Achei estranha a providência, mas Meu Amigo justificou-a.

- As pessoas no período pré-encarnatório ficam ansiosas e curiosas para saber como está a região de sua escolha. Por isso são ministradas palestras sobre a situação econômica, cultural e social que encontrarão na esfera material. Há uma troca: os palestrantes recebem informações sobre os tipos de buscas e conquistas que pretendem os encarnandos.

Perguntei a Meu Amigo o que os visitantes deveriam fazer quando voltassem à esfera material.

– O mais importante é deixar registrado. Quando as previsões feitas por eles começam a acontecer, as pessoas se convencem de sua importância e encontram nos escritos uma rica fonte de estudo.

Uma luz se abriu em minha mente: aquilo explicava o acerto das profecias! Só não entendia porque, apesar das previsões muitas vezes se confirmarem, ainda assim as pessoas insistiam em não acreditar nelas.

– Reflita melhor sobre isso. É bom que seja assim, pois promove o equilíbrio. Existe um ponto que você não aprofundou. O que aconteceria se todos acreditassem em todas as previsões? O discernimento é fundamental e altamente benéfico nesse aspecto.

– É, você tem razão, porque inclusive algumas previsões não acontecem.

– O motivo é simples. Alguns palestrantes, ao retornarem à esfera material, levam o que vêem e ouvem em forma de sonhos e na tradução ocorrem equívocos.

– Então seria melhor estas pessoas não continuarem a fazer este trabalho.

– Engano seu. Num determinado momento estas pessoas irão refletir sobre o resultado de suas previsões e passarão a lidar com elas de forma mais equilibrada. Perder o contato é totalmente prejudicial. Quando elas retornam à Quarta Casa, recebem orientações do que fazer com a mensagem mal traduzida. De volta à esfera material, levam um sonho cujo tema central é o engano. Dessa forma, através do aprofundamento sobre esse tema, poderão concluir em que aspecto da sua vida há um engano. A questão básica é que o processo de sonhar ainda não está sendo bem trabalhado na esfera material.

– Por quê?

– Preconceitos, discordâncias filosóficas. Um estudioso alcança parte do processo; outro, a parte complementar, mas não se somam. É importante, principalmente para as pessoas que se dedicam a esses trabalhos da Quarta Casa, traduzir bem seus sonhos. Há de chegar o dia em que as pessoas na esfera material alcancem a importância e se unam para formular um estudo sobre os sonhos acessível à população.

Seguimos para um salão onde muitas pessoas estavam reunidas para escutar um pequeno grupo falar sobre a América do Sul.

– Vamos entrar e escutar. Se você quiser, pode participar do trabalho.

Sentamo-nos. Um senhor, mentor da Quarta Casa Astral, levantou-se e ficou alguns minutos em silêncio, indicando estar em concentração.

– É necessário que dirijamos nosso coração para a busca do contato com nossa crença, para entrarmos em sintonia com as polaridades positivas das energias. Assim faremos um trabalho mais harmônico.

Todos fecharam os olhos. Momentos depois senti uma elevação na alma que traduzi como um êxtase interior. Na minha lembrança surgiu o dia que fiz a primeira comunhão e me vi cantando um hino de louvor a Jesus. Fiquei assim por alguns instantes; quando retornei me percebi chorando. O primeiro palestrante iniciou o trabalho.

– É importante ressaltar que tudo o que falarei aqui é uma tradução de como percebo e vivencio o que está acontecendo naquela região. Estou encarnado na Argentina, porém o trabalho que desenvolvo me permite estar em outros países da América do Sul...

Ele continuou sua explanação, seguida de outros. Ao término dos relatos Antunes dirigiu-se ao grupo.

– Alguém gostaria de passar alguma informação para nossos amigos visitantes?

– Eu gostaria – levantou-se uma moça.

– Por favor, venha à frente para que todos a ouçam.

– Vou encarnar na Argentina e levarei informações armazenadas nos meus chakras sobre o processo do autismo. Vivenciarei o que é ser autista, depois sairei dessa condição para desenvolver uma nova pesquisa relacionada a esse processo.

– Isso é possível? – questionou um palestrante. – Será um caso raro um autista desenvolver uma pesquisa sobre a questão. Observadores poderão concluir que você não sofria de autismo.

– Estou me preparando para lidar com esta consequência. Muitas pessoas na esfera material acompanharão meu caso; algumas delas já desceram e estão sendo preparadas para desenvolver essa tarefa comigo.

– Quando isso acontecerá? – quis saber um dos presentes.

– Vou encarnar no ano de 1993.

– Que tipo de informações você está armazenando nos seus chakras? – perguntou outra pessoa do grupo.

– Conhecimentos sobre as causas do comportamento autista, as formas de comunicação e vivência interior.

O diálogo entre eles prosseguiu com informações mais precisas sobre o assunto. Ao término do trabalho, eu e Meu Amigo seguimos para outra sala.

– Hoje me lembrei de minha primeira comunhão no momento da meditação.

– Natural. Antes das palestras entramos em contato com as polaridades positivas das energias como forma de estarmos mais harmônicos e preparados para o que vamos escutar.

– Por que esta necessidade?

– É importante para que não surjam polêmicas desnecessárias.

– O que são polêmicas desnecessárias?

– Se escutamos o relato de um fato muito novo para o nosso campo lógico, com informações que não nos agradam, tendemos a polemizar. A função do trabalho é a troca de informações e experiências. A elaboração de informações é feita em outro momento e por outro departamento da Quarta Casa. Esse trabalho que você acabou de assistir é o mais delicado desta Casa Astral pois aqui acontece um encontro entre o presente e o futuro, com pessoas no período pré-encarnatório e encarnadas. Depois, todos, individualmente, serão assistidos por mentores, buscando harmonizar emocionalmente tudo o que escutaram.

Perguntei-lhe se o presente era representado pelas informações dadas pelos palestrantes, e o futuro pelas pretensões dos pré-encarnados.

– Sim, este é um confronto que mobiliza muito o emocional dos participantes. Esperanças são geradas, assim como medos, indecisões, por partes das pessoas dos dois grupos. Alguns relatos dos palestrantes trazem esses sentimentos para os encarnandos, assim como o que eles escutam também pode gerar conflitos.

Lembrando-me da jovem que encarnaria como autista, pedi a Meu Amigo mais informações sobre o assunto.

– O autismo é um processo pelo qual todos nós passamos um dia. Uma essência, que formou seu corpo-espírito, fazendo sua primeira ou primeiras experiências num corpo físico-material. Basicamente isto.

Não me senti satisfeita com a explicação; Meu Amigo prosseguiu:

– A experiência com o corpo carnal é o primeiro aprendizado que fazemos na esfera material. Nela, nossa parte imaterial aprende a conviver com o corpo físico-material, um contato que gera auto-comunicação e auto-avaliação.

– Já tive a oportunidade de ver algumas crianças autistas. O que mais me impressionou foi a profundidade do olhar, comum a todas. Então, é um erro dizer que o autista não se comunica?

– Não se comunica ou se comunica em menor escala por estar ocupado com o seu interior com um aprendizado novo para a sua essência: o contato com o corpo físico. Por muito tempo nossa essência convive com outras essências num espaço totalmente imaterial. Esta primeira encarnação é uma passagem para a relação com a materialidade, comunicação verbal e a realidade externa propriamente dita. Nessa fase de inter-relação dos corpos, o inconsciente individual começa a registrar e colocar em atividade o nosso corpo memória. Os processos são sempre individuais. Alguns levam duas ou mais encarnações até elaborar o aprendizado. Quando esta fase está concluída, as pessoas já encarnam se comunicando naturalmente, abrindo-se então para outros registros de aprendizado.

– E como aquela moça encarnará autista?

– Ela está se preparando para a retenção de sua memória ativa até à fase de sua primeira encarnação.

– Uma espécie de regressão no tempo?

– Uma regressão na memória à sua primeira encarnação, criando uma aproximação com o inconsciente e seus registros sobre este período. Depois, com a memória, caminhará até o momento em que terminou o primeiro aprendizado. Pesquisará sobre o seu processo, relacionado à primeira etapa da encarnação. As informações armazenadas nos chakras fluirão até o mental-racional, que formulará como teses os conhecimentos adquiridos sobre o tema.

– E se ela concluir ser esta a sua primeira encarnação?

– Tudo está sendo preparado para isto não acontecer. À medida que ela for estudando e pesquisando, descobrirá que sua memória foi retida. Alguns mentores das Casas Astrais acompanharão o processo. No momento adequado ela virá por desmembramento até as Casas Astrais, como está sendo feito com você.

– Há risco de desvios no trabalho que esta moça se propõe?

– Sempre existem riscos, Halu.

– Houve algum desvio na minha trajetória?

– Até então nada aconteceu que possa ser compreendido como desvio.

– Você me ajuda para que eu não desvie?

– Se você se desviar, como vou encontrá-la? O trabalho que estamos realizando indica que estamos no caminho por nós projetado. Se um de nós tivesse tomado uma direção diferente da combinada, como nos encontraríamos para nos ajudar? O não encontro já é o desvio.

Concordei com Meu Amigo e lhe perguntei se poderia ajudar a moça autista, caso conseguisse encontrá-la no plano material.

– Já existem pessoas preparadas para acompanhá-la. O seu caminho é outro, embora parecido na essência do trabalho – o crescimento espiritual, emocional, intelectual da esfera material. Ela será bem acompanhada, assim como você está sendo.

Ao acordar naquela manhã refleti muito. Levei os relatórios para doutora Luiza. Ela leu com muita atenção.

– Este é um tema importante e vamos colocá-lo em nossa agenda de estudo.

Com isso voltamos ao trabalho psico-terapêutico. Eu me sentia bem depois das sessões com doutora Luiza. Hoje compreendo melhor e sei que, entre outros benefícios, o trabalho desenvolvido nas sessões estimulava meu cordão umbilical etérico a distribuir pelo meu corpo as informações trazidas das viagens. Comentei a impressão com Meu Amigo e ele concordou.

Alguns dias se passaram. Aproveitei para reescrever os relatos e aprimorá-los. À noite retornava à Segunda Casa para ficar na natureza, me alimentar do rio ou fazer com Meu Amigo exercícios para melhor distribuir o éter pelas diversas camadas do meu ser.

Numa dessas noites fui visitar uma ala da Quarta Casa Astral onde havia somente pessoas desencarnadas, com exceção de um ou outro visitante como eu. Ali não eram desenvolvidos trabalhos assistenciais: registravam-se informações trazidas pelos palestrantes sobre as condições da esfera material e se avaliava a reação dos ouvintes pré-encarnados a essas informações.

– Estes registros são levados a outras Casas Astrais, informando sobre a esfera material. Cada Casa utiliza as informações de acordo com sua função, também para observarmos o crescimento e mudanças de comportamento na esfera material. Enfim, o que seria da História se não houvesse registro? Em outra sala deste mesmo departamento reúnem-se mentores encarregados de acompanhar os palestrantes na esfera material,

comentando e os ajudando a elaborar a passagem pela Quarta Casa. Isso é feito na noite seguinte às palestras.

Indaguei se os palestrantes eram sempre os mesmos.

– Alguns se identificam tanto com o trabalho que sempre se apresentam como voluntários, mas existem várias pessoas encarnadas que nos auxiliam. Essas informações são muito importantes inclusive para percebermos como os seres humanos estão percebendo e sentindo o planeta Terra.

Fiquei intrigada com aquela afirmação. Meu Amigo prosseguiu:

– Você já se questionou sobre a função deste planeta? Pois saiba que cabe a ele acolher diferentes tipos de essências, na sua trajetória em busca de expressão e auto-conhecimento. O corpo mental obedece a uma lógica desenvolvida pelas energias materiais e estas energias estabelecem o concreto. No planeta Terra confeccionamos o corpo mental, que faz concretizar o abstrato. A essência, antes de existir no planeta Terra, vive sua pureza e perfeição na abstração. Na experiência terrena esta pureza e perfeição concretizam-se em ações, utilidade, unidade, individuação. Em cada encarnação a essência expressa um tipo de personagem que faz parte de sua composição. À medida que as encarnações vão acontecendo os personagens acumulam características comuns. Quando todos já se expressaram, o somatório de seus caracteres define a performance do corpo-espírito quanto à sua unidade, função e individuação.

– Por isso o corpo mental não se lembra das outras experiências encarnatórias do corpo-espírito?

– Sim. Ele, o mental, está ocupado em concretizar cada personagem, decifrando através da satisfação ou insatisfação se está fazendo bem a sua parte. Quando o corpo mental está identificado com a encarnação em relação à profissão, ao casamento, à cidade onde mora, enfim, quando estiver identificado com a sua atuação, está concretizando o personagem e, ao mesmo tempo, o corpo espírito soma caracteres. Se insatisfeito, o personagem fica inoperante, sem se expressar, dificultando sua concretização.

– Nessa situação, o que então se concretiza?

– O corpo mental, como obedece à lógica das energias materiais, concretiza um personagem com dúvidas e insatisfações entrando em conflito com a pureza e perfeição interna da essência. Quando essas insatisfações e dúvidas são trabalhadas, os conflitos e atritos desaparecem e

a composição de caracteres torna-se pura e perfeita, promovendo uma identificação entre o corpo essência e o corpo espírito.

– E quando ocorrem lembranças de outras vidas?

– Isso significa que a pessoa está se aproximado da soma de caracteres de forma natural, sem nenhum prejuízo para a formação da individuação. Uma experiência considerada ruim você tenta esquecer, não é assim que acontece? Quando esta experiência é elaborada e compreendida, passa a não causar mal-estar, sendo incorporada à lembrança sem danos. Pois bem, a necessidade de outra encarnação significa que tudo o que foi vivenciado até a última passagem pela esfera material não completou o processo. É preciso voltar vivenciando outro personagem. Então ficam retidas na memória as experiências anteriores, para que o mental possa desempenhar sua função sem interferências. Quando o somatório dos caracteres se completa, já não há desigualdade a expressar, a retenção perde sua finalidade e desaparecem as fronteiras da memória.

– Então há desigualdades no corpo essência?

– Há polaridades que, na condição de abstração fora da atuação, convivem de forma harmônica. No concreto as polaridades positivas afloram, aprimorando as polaridades negativas. Vamos utilizar o amor como exemplo. Há amor numa essência; a polaridade antagônica é o desamor: estamos falando de uma força e de suas polaridades. Enquanto essência não expressamos nem uma, nem outra. Quando encarnamos vamos expressando esta força. A polaridade positiva busca aprimorar a negativa. Este é um exemplo para que você compreenda e continue aprofundando.

– Realmente, agora compreendo melhor. Neste caso, amor qualificando o desamor.

Voltamos a conversar sobre a Quarta Casa Astral.

– A Quarta Casa é basicamente uma receptora de informações sobre o que acontece na esfera material, como esses acontecimentos estão interagindo e refletindo em cada pessoa. As informações são passadas para outras Casas, auxiliando-as no desempenho de suas funções, adequando seus trabalhos ao contexto atual da parte material do planeta.

– Na Quarta Casa trabalham pessoas que ainda vão encarnar?

– A moça que vai encarnar como autista trabalha na Quarta Casa. Devido às informações que recebeu sobre a forma como a esfera material vem desenvolvendo este tema, resolveu voltar para levar informações sobre o autismo desenvolvidas pela Décima-Segunda Casa.

– Isto significa que ainda há um personagem no seu interior para se expressar?

– Sim. Quando o corpo essência expressa todo o seu potencial energético de aprendizagem não há como assumirmos um corpo material. Estes corpos espíritos destinam-se a trabalhar em outros planetas, expressando outras qualidades energéticas do corpo essência.

“A casa do Pai tem muitas moradas”. Então era sobre isso que Jesus estava falando. Perguntei a Meu Amigo se ele ainda encarnaria.

– Caso detecte esta necessidade, sim. Para isso ficamos algum tempo nas Casas Astrais buscando auto-conhecimento, verificando nossas necessidades e atração por essa parte do Universo.

– O processo de aprimoramento da essência continua infinitamente, ou seja, a essência terá sempre algo a expressar?

– Qual o seu conceito de infinito?

Pensei um pouco e respondi que infinito é tudo aquilo que não se sabe onde termina.

– Se é esse o seu conceito de infinito, sim, pois o fim de uma essência é desconhecido.

Sáímos da sala. Observei que havia uma grande distância entre um prédio e outro. Esses espaços eram preenchidos com jardins e pomares, proporcionando ao ambiente uma ventilação perfumada. A coloração das árvores era mais viva, mais vibrante, de uma beleza indescritível.

Este passeio preencheu meu corpo de sentimentos de paz e tranquilidade. Assim como as cores, os sentimentos também eram mais vibrantes. Paz e tranquilidade para atuar, trabalhar, caminhar, executar. Normalmente, quando experimentava um sentimento de paz e tranquilidade na esfera material, a qualidade era diferente, ficava mais reflexiva, quieta. Naquele momento, conheci outra expressão daquele sentimento. Relatei o que sentia a Meu Amigo.

– Aqui, a energia desse sentimento é liberada: você a está captando para atuar e trabalhar na esfera material e sentir paz e tranquilidade em suas atuações. Você está conhecendo outro tipo de alimento fornecido pela natureza das Casas Astrais.

Andamos mais um pouco; grupos de pessoas faziam exercícios, outros meditavam sob frondosas árvores. Meu Amigo informou-me que se preparavam para a reencarnação. Um pouco à frente deparamos com outro grupo aparentemente igual.

– Aquelas pessoas também estão se alimentando. A diferença é que estão encarnadas.

– Por que não estão junto com as demais?

– Porque os exercícios para quem tem corpo físico material são diferentes. Objetivo, porém, é o mesmo: alimentar-se com a energia que infunde paz e tranquilidade para atuar.

Voltei para a esfera material. Pela manhã, acordei com uma espécie de eletricidade no corpo. Lá estava Meu Amigo para me socorrer.

– Calma, é natural e esperado. Encoste suas mãos na parede.

– Deu choque! – exclamei.

– Encoste outra vez.

– O choque foi menor.

– Façamos alguns exercícios para melhor distribuição da energia que seu cordão umbilical etérico trouxe esta noite.

Trabalhamos um pouco. Minha tia entrou no quarto.

– O que você está fazendo?

– Exercícios, tia. Depois lhe explico, agora preciso ficar em silêncio.

– Olha esta maluquice! Venha tomar seu café.

– Já vou, estou terminando.

Ela saiu sem entender nada. Também não viu Meu Amigo. Quando acabei os exercícios, fui procurá-la:

– Estava fazendo aquilo para melhorar meu trabalho – expliquei.

– Que trabalho? Você está sem trabalhar já há algum tempo.

– Estou me preparando para começar um trabalho novo.

– Com estas maluquices que você vem fazendo?

– Não é maluquice, tia.

– É melhor você voltar para o seu antigo emprego. A carta está aí, chamando.

– Está bem, tia, vou pensar no seu conselho.

Assim finalizei a conversa, procurando acalmá-la e interrompendo a discussão. Já havia aprendido que quando uma pessoa não quer ou não pode aceitar a condição e os conceitos do outro, é mais produtivo calar, evitando polêmicas desnecessárias. Mas minha tia prosseguiu:

– Para que você escreve tanto?

– Um dia vou escrever um livro, talvez até mais de um.

– Mercinha, desligue-se dessas coisas de espírito. Está vendo como você melhorou, está mais calma, mais alegre?

– São os exercícios e o que escrevo tia. O que mudou em mim é o produto do que estou vivendo internamente.

– Já vem você com esta conversa. Pense no que lhe disse.

Sabia que era preocupação e amor, mas o que fazer? Como atuar? Ela só descansaria se eu abandonasse meus exercícios e relatórios, e isso eu não podia nem queria fazer. Procurei explicar, mas ela não estava pronta para compreender e alcançar. Pensei no livre-arbítrio. Pensei no abstrato e no concreto.

Acredito que o livre-arbítrio existe em nosso corpo na condição de abstrato. Concretizá-lo é uma experiência forte. Como respeitar o meu espaço sem invadir o do outro? Esta reflexão trouxe-me alguns aprendizados, entre eles o de aceitar sem me machucar, que para minha tia, meu comportamento era maluquice, não permitindo que a reação dela me abalasse emocionalmente, prejudicando a condição de desenvolvimento do trabalho.

Levei esta questão para doutora Luiza e a trabalhamos juntas. Meu Amigo aprovou.

– Muito bem. Você está aprendendo a concretizar.

– Meu mental está ocupado com esta questão do livre-arbítrio, do abstrato e do concreto.

– Aprofunde nisso.

– O amor abstrato e concreto. O potencial interno abstrato e concreto.

– Isto é o que diferencia uma pessoa da outra. Muitas sabem teoricamente amar, respeitar e acham que isso basta. Concretização, Halu, dispensa justificativas. E o crescimento acontece naturalmente.

Na noite seguinte, ao desmembrar, encontrei Meu Amigo no salão de recepção da Quarta Casa.

– Você está lembrada de que lhe falei sobre os trabalhadores da natureza? Hoje você vai conhecer a tarefa que realizam: ela está baseada no estudo e na pesquisa da transmutação energética entre o reino vegetal e o homem.

Transmutação energética? A expressão deixou-me intrigada.

– Quando a energia se desloca e encontra um alvo com um teor energético diferente, uma mutação é processada; por esta razão falamos de transmutação energética. As pessoas trabalham na transmutação energética existente entre nós humanos e o reino vegetal. Pesquisam sobre as qualidades energéticas desse reino e como este teor pode nos beneficiar.

Chegamos ao local onde nos esperava uma jovem chamada Yolanda. Meu Amigo deixou-me a só com ela e logo começaram as explicações:

– Nesta sala temos vários tipos de plantas. O objetivo é pesquisá-las. Venha ver de perto.

Num canto havia uma mesa com tubos de ensaio feitos de material gelatinoso. Dentro dos tubos, líquidos de diversas cores. Também na mesa vários aparelhos parecidos com os termômetros da esfera material, porém de material diferente.

– Estes tubos de ensaio contêm água extraída das plantas por meio de aquecimento. O líquido assim obtido é cuidadosamente analisado, pois sabemos que todo vegetal, além dos componentes que alimentam o corpo físico, contém elementos restauradores de nossas energias. O trabalho neste departamento é pesquisar o tipo de nutriente energético que cada planta armazena. Também descobrimos que esse teor energético do mundo vegetal transforma-se em alimento, quando misturado com a energia do perispírito. As plantas abrigam o componente energético conforme você pode observar nos tubos de ensaio. Enquanto dentro da planta ou dos tubos, ainda não é alimento e sim um combinado energético do reino vegetal. Quando a energia é captada pelos chakras, mistura-se com as energias existentes no corpo emocional e nessa alquimia transforma-se em alimento.

– Então o reino vegetal tem parte da energia e o homem outra parte: só quando se combinam, transformam-se em alimento – concluí.

– Isto mesmo, Halu.

– No momento, meus chakras estão recebendo esta energia que se transformará em alimento?

– Sim, porém se você se preparar para recebê-la, a canalização vai se processar de maneira mais positiva.

Perguntei como poderia me preparar.

– Você já observou os trabalhos com grupos realizados na ala anterior, não é mesmo? Pois os exercícios e as escalas de meditação têm a finalidade de preparar o corpo emocional para essa captação.

– Quando estávamos visitando os trabalhos da Terceira Casa, numa das alas havia salas iguais a esta porém menores, todas com diferentes plantas em seu interior.

– Precisamente. As salas de atendimento individual para pessoas que incorporaram deficiências ao perispírito. As plantas que você observou têm função terapêutica, selecionamos espécies adequadas para cada caso. A

alimentação energética auxilia no tratamento e prevenção dos desequilíbrios. Crisântemos, por exemplo, são excelentes para pessoas com quadro de euforia; alecrim para quadros de depressão, jasmim para ansiedade, e assim por diante.

Observei que tal estudo favoreceria muitas pessoas na esfera material, pois ansiedade, depressão e outros problemas emocionais são frequentes entre os encarnados. De minha parte, eu me sentia incrivelmente serena naquele momento.

– A sensação de tranquilidade e paz aconteceu após o conteúdo energético ter chegado ao seu corpo emocional. As parreiras que predominam aqui à volta liberam um conteúdo energético tranquilizante ou, digamos assim, apaziguador.

– Observei que no Departamento ao lado onde são feitos exercícios e meditações existem muitas parreiras.

– São excelentes para esses trabalhos.

– Vocês as plantaram?

– No espaço aí do lado, sim.

– Você coordena o trabalho deste salão?

– Existe uma equipe de coordenação.

Um pormenor chamara-me a atenção desde o início da visita: os tubos de ensaio eram feitos de um material desconhecido para mim. Por que não de vidro?

– A temperatura natural do vidro interfere na pesquisa, o peso também. Depois da coleta levamos estes tubos com os líquidos para uma espécie de balança. Pegue um tubo de ensaio vazio.

Fiquei espantada: não senti o peso, era como se colocasse a mão em frente a um ventilador. Sabia estar carregando um objeto, mas a mão parecia vazia.

– O componente básico para a confecção destes tubos é o éter, Halu. Daí a sensação de imaterialidade a que você se refere. Seu Amigo está retornando, deixarei as outras perguntas para ele responder.

Meu Amigo realmente chegou e seguimos para os jardins. Disse-lhe que gostara muito do que aprendera naquele Departamento, mas queria esclarecer algumas dúvidas: por exemplo, como dar forma ao éter?

– O éter é uma energia com potencial de criar, de confeccionar corpos. Por exemplo, o perispírito é um corpo etérico assim como as auras e as energias, a diferença está na essência: o homem tem alma.

– Tudo bem, entendi a explicação. Mas como manipular o éter para fazer tubos de ensaio?

– Com aparelhos muito sutis criados por cientistas da Décima Quarta Casa. Um dia provavelmente você vai conhecê-los; tais aparelhos derivam de energias captadas de alguns astros, armazenadas por processos delicadíssimos. Creio que isso é muito complicado para você entender agora. Quando visitar a Décima Quarta Casa já terá compreendido algumas coisas que facilitarão o entendimento das construções etéricas.

Porém havia dúvidas que não podiam esperar. Eu entendera que o perispírito é composto pelo éter. Estava certa?

– O éter participa da confecção do perispírito como elemento básico.

– Quais são os outros componentes?

– Uma energia conhecida na esfera material pelo nome de kundalini somada às expressões de sentimento liberadas pelos pais. A kundalini é uma energia com um teor criativo parecido com o éter, a diferença está na adequação que cada uma ocupa no espaço. O éter, mais sutil, prolifera na esfera imaterial e a kundalini na esfera material, mais densa em relação ao éter. Para deixar bem claro: kundalini e éter, somados às expressões de sentimento dos pais, participam da confecção do perispírito. Toda a expressão de sentimento tem um conteúdo energético. Esta energia ao ser liberada confecciona as emoções do perispírito.

– Isso explica, então, a crença de que atribulações na gravidez produzem crianças irritadiças, nervosas, agressivas desde o nascimento?

– Sem dúvida, pois o perispírito herda a composição emocional dos futuros pais. Mas não podemos esquecer-nos do personagem que a essência expressa para assumir a encarnação. Se as expressões de sentimento liberadas pelos pais não combinarem com o personagem, ele terá a condição de descartar o que recebeu e de atrair expressões de sentimento mais afinadas com sua essência.

– Porém encarna com esta herança – insisti.

– Sim. Ao conhecer pessoas com conteúdo energético mais afinado com sua essência, libera as energias herdadas dos pais e preenche o espaço com as expressões de sentimento dessas pessoas.

– E como fica o corpo emocional após esta transformação?

– Mais afinado com o personagem, diminuindo os conflitos internos; livre de antagonismos, esse personagem torna-se mais inteiro, usando todo o seu potencial.

Pedi-lhe que desse um exemplo.

– Imagine que alguém no período pré-encarnatório, já na barriga da mãe, receba através de uma expressão liberada pelos pais o conteúdo energético da rejeição; porém, o personagem que a essência emanará nessa encarnação não se sente bem convivendo com essa composição. Depois conhece alguém que o aceita totalmente. O conteúdo energético da aceitação liberado no contato é captado pelos chakras do encarnando, que, ao perceber um conteúdo energético afim, livra-se da energia da rejeição e preenche o mesmo espaço com a energia da aceitação.

Disse-lhe que compreendera. Percebi que para o Meu Amigo, o importante era meu entendimento do tema sobre o qual conversávamos. Essa percepção me deixou mais livre para perguntar, para pedir exemplos, o que facilitava bastante meu aprendizado. Animei-me a prosseguir, indagando sobre a função do éter.

– Ele é uma espécie de amálgama, um elemento de ligação entre as outras energias. Já a kundalini informa energeticamente ao éter sobre os genes adquiridos pelo corpo físico. O éter capta esta informação e compõe a imagem e a forma do perispírito igual à do corpo físico.

– Estou compreendendo melhor por que o perispírito tem o mesmo formato do corpo físico. As duas dimensões de um corpo. O interessante é que você fala coisas que tenho a impressão de já ter escutado antes.

– Quando isto começou?

– Há alguns dias atrás.

– São seus chakras liberando as informações. Você aprenderá mais rápido. A partir de agora, a passagem dessas informações para o seu corpo mental ocorrerá de forma mais fluida.

Ao ouvir essas palavras experimentei novamente a sensação de mergulho interior e me lembrei de uma cena onde Meu Amigo e eu, em outro tempo, em outro lugar, conversávamos sobre chakras, captação e liberação de energia. Sabia que era eu, mas não me via na cena. Quando retornei contei a experiência para ele.

– Sua memória ativa buscando espaços no consciente. Doravante ela irá, naturalmente, conquistando a liberação do inconsciente para ligar os seus percursos.

Após uma breve volta ao meu espaço interior observei que a lembrança, com certeza, seria de um período anterior a presente encarnação.

– O que lhe garante isto?

– Meu sentimento. Eu sei que é assim.

– Muito bem, continue.

– Então eu deveria ter outra imagem, claro, que por enquanto desconheço e por isso não identifico. Não sei se é uma boa comparação, mas minha tia não viu você porque desconhece sua existência. Ela pode até acreditar, mas no mental não sabe. Estou retomando nossa conversa sobre o acreditar e o saber e concluí que não vejo porque ainda não sei. Quando minha memória ativa me informar eu vou saber, então me verei na cena quando interiorizar. Quando interiorizo e me lembro de uma experiência desta encarnação, vejo a mim mesma porque meu mental identifica a imagem atual, então me lembro.

– Nada a acrescentar, Halu. É isso mesmo. Mas hoje você trabalhou bastante: já está aqui há nove horas. Lembre-se de que, nas Casas Astrais, as noções de lentidão e rapidez no passar do tempo perdem o significado habitual.

Voltamos à esfera material. Despedi-me de Meu Amigo e voltei ao corpo físico. Acordei mais tarde, às 11:00 horas.

– Você ontem dormiu cedo, por que acordou tão tarde? – questionou minha tia.

– Esta noite tive sonhos muitos longos, por isso demorei a acordar.

– Mercinha, olhe essas leituras e escritos. Isto cansa. Os exercícios que você está aprendendo com a psicóloga devem deixá-la esgotada.

Como explicar o que estava acontecendo? Precisava descobrir. Sabia que um dia iria relatar meus processos a outras pessoas; fazê-lo para minha tia seria um bom exercício, um laboratório, pensei. Mas ainda não era o momento adequado.

Utilizei algumas noites para visitar Yolanda e elaborar melhor os aprendizados deste departamento, até que encontrei com Meu Amigo no salão de recepção da Quarta Casa.

8. A CONQUISTA DO HOMEM ATUAL

A viagem até o salão de recepção da Quinta Casa foi excepcionalmente rápida. Logo à chegada senti uma forte pressão no ouvido.

– Ampliação de canais internos, seus chakras buscando abrir canais para uma comunicação mais fluida entre eles – disse Meu Amigo.

Queixei-me de ardência na garganta.

– É natural, fique tranquila, e não perca o contato com a respiração.

Em seguida, o mal-estar transferiu-se para o coração. Meu Amigo recomendou-me que mantivesse a calma. Retruquei que estava bem, mas me sentia melhor comunicando-lhe minhas reações.

– Continue falando.

– Meu estômago está rodando.

Tentei me acalmar e fui melhorando. Depois senti um calor seguido de frio descendo até os pés. Passados alguns segundos, tudo se normalizou. Meu Amigo disse que as reações eram consequência da abertura de canais.

– Elas propiciam maior comunicação entre os chakras, aumentando a circulação energética. O resultado será um contato profundo com tudo que você ouviu e isso ampliará a sua percepção, seu ponto de escuta.

O salão de recepção da Quinta Casa era muito parecido com os outros, porém nesta primeira visita senti um pouco de frio.

– Logo você se acostumará. Esta é a temperatura do éter.

– Aqui também circulam energias materiais?

– Só as que acompanham pessoas encarnadas no seu desdobramento.

Passamos por outro salão imenso, onde vi alguns grupos de pessoas encarnadas conversando. Meu Amigo cumprimentou algumas delas e seguimos. Passamos por jardins que intercalavam os salões.

– Olhe aqueles salões – recomendou Meu Amigo.

– Estão fechados.

– Logo se abrirão para receber os grupos que você acaba de ver. São filósofos, médicos, religiosos, professores, psicólogos, educadores, cientistas, astrólogos, enfim, pessoas de diferentes crenças e filosofias. Criamos na Quinta Casa Astral um espaço neutro, destinado a palestras e

debates onde cada grupo expõe livremente sua crença, filosofia, pesquisa, buscando informar sobre sua intenção, seu trabalho.

Achei interessante a existência daquele espaço aberto; perguntei se todos os participantes estavam encarnados. Meu Amigo confirmou que sim.

– Acompanhamos esse trabalho como mediadores ou ouvintes. O objetivo é um encontro com diferentes áreas de pesquisa. Alguns nos pedem orientações sobre o seu trabalho e os atendemos; o importante é que todos realmente acreditam no que fazem e têm uma proposta voltada para o crescimento da humanidade. Com isso, podem escutar diferentes crenças, conviver com verdades individuais sem abalar a sua própria. Esses encontros trazem muitos questionamentos, muito material para reflexão sem criar polêmicas desnecessárias.

– Construção, a esfera material precisa disto!

– Sim. O símbolo da crença é secundário para o crescimento. Cada um avançará pelo seu caminho. É preciso que não se destrua nenhuma estrada, pois ela pertence a alguém. Crescimento espiritual não pode estar associado à intelectualidade ou condição social, pois do contrário para muitos estariam diminuídas as oportunidades. As pessoas precisam acreditar num símbolo, para na sequência do crescimento ir adequando a sua crença interna até chegar a uma conclusão final. No planeta Terra, tanto na esfera material como na imaterial, existem pessoas com diferentes níveis de compreensão. Pessoas começando, desenvolvendo e terminando seus aprendizados.

– Por isso não é saudável destruir caminhos.

– Sim. Este Departamento da Quinta Casa tem este objetivo: mostrar a importância que cada segmento filosófico tem para a esfera material e imaterial do planeta Terra.

Quis saber se os participantes guardavam na memória a experiência na Quinta Casa.

– A maioria leva no sentimento o objetivo desse trabalho e isso é o mais importante pois proporciona a soma, a união, favorecendo a atuação na escuta, no respeito, na busca de trabalho em equipe.

– Eu gosto de uma frase de Gandhi que faz sentido para mim: “Que as nossas diferenças pessoais não nos distanciem como homens”.

– É este o objetivo do Departamento.

Durante o resto da jornada visitei inúmeros salões onde grupos de estudo ouviam exposições e trocavam idéias. Lembro-me de um

aconchegante salão azul claro, onde se reuniam filósofos, e que me pareceu familiar. Comuniquei a sensação a Meu Amigo e ele respondeu que, com certeza, eu conhecia aquele ambiente. Informou-me, depois, que todos os encontros que ali acontecem são registrados e enviados para a Décima Segunda Casa Astral com o objetivo de informar o modo pelo qual os temas de crescimento estão sendo trabalhados por essas pessoas na esfera material. Preparam-se, então, apostilas que são entregues a cada grupo de acordo com sua filosofia ou crença. Os escritos contêm orientações sobre o comportamento e o desenvolvimento da alma. O objetivo é fornecer material para estudo e reflexão. O fato de cada grupo receber uma apostila chamou-me a atenção.

– A essência do texto é a mesma, mas com linguagem e símbolos diferentes, propiciando maior compreensão a quem lê. Os registros e conceitos do corpo mental são muito fortes. Muitas vezes as pessoas estão tratando do mesmo assunto, porém com palavras diferentes, acreditando estar discutindo temas diversos, a depender da cultura, grau de informação, capacidade de aceitação e outros fatores grupais e individuais.

Na noite seguinte, conforme combinado com Meu Amigo, assisti os trabalhos de grupo e em seguida fui conhecer outro departamento da Quinta Casa Astral.

– Neste departamento estudam-se as energias-mãe do planeta Terra.

– Energias-mãe?

– Sim, através destas energias aprendemos a nos desenvolver. Isto vale tanto para as pessoas encarnadas na esfera material e as desencarnadas na esfera imaterial quanto para os elementos que confeccionam o planeta: Terra, Fogo, Água e Ar. É preciso não confundir esses elementos com as energias. Mais adiante vamos nos estender sobre ambos. À medida que esses elementos ficam mais sutis, menos densos, favorecem a confecção de corpos animal, vegetal, e mineral também mais sutis, incluindo o corpo físico humano. As mutações ocorrem quando estes elementos se purificam através da absorção da polaridade positiva das energias.

Seguimos e entramos numa outra sala. Meu Amigo levou-me a um tipo de painel com o desenho de um corpo humano em tamanho natural, diante do qual nos sentamos. O desenho era feito com luzes em quatro cores: marrom, vermelho, azul e branco.

– Vamos ver o elemento fogo no corpo humano.

Dizendo isto pegou um pequeno aparelho que emitia sons semelhantes aos de um bip. Mais tarde percebi que o timbre se modificava dependendo do elemento rastreado no painel. Ao acionar o aparelho, uma surpresa:

– O corpo ficou todo vermelho! – exclamei.

– Sim. O elemento fogo é responsável pela temperatura do corpo físico e pela queima dos excessos de gordura, proteínas e outros componentes orgânicos. Graças a ele ocorrem as mutações. Observe que em alguns pontos – abdômen, por exemplo – a cor vermelha é mais forte; em outros, como na altura dos ombros e cabeça o tom é bem mais claro. Nessas regiões o fogo atua de forma mais sutil para não atingir o campo mental.

– O que aconteceria se atingisse?

– Você já viu alguém em delírio de febre?

– Já. As pessoas falam coisas desconexas.

– Já viu pessoas em acesso de raiva?

– Sim. Perdem totalmente o controle.

– As duas reações resultam de desequilíbrio no elemento Fogo quando sua atuação é elevada até o campo mental. Na composição física do homem contemporâneo o elemento Fogo já aprendeu com as energias-mãe a se manter afastado do corpo mental, o que proporcionou ao equipamento mental humano desenvolver a lógica e arquivar conhecimentos.

A alguns passos à frente vi outro painel igual ao primeiro, porém com um desenho diferente na tela.

– Este é o desenho do homem primitivo. Vamos ver como o elemento fogo se apresenta.

– O vermelho é muito intenso no corpo todo, inclusive nos ombros e cabeça – observei ao ver o painel.

– Assim se distribuía o elemento fogo antes de aprender com as energias-mãe a se tornar mais sutil. Em função disso, o homem primitivo era mais violento e também tinha dificuldade em confeccionar um arquivo e desenvolver a lógica. Agora, vamos voltar ao primeiro painel.

Moveu o aparelho e o desenho ficou azul.

– Elemento água, observe.

Percebi o aparecimento de três tonalidades de azul.

– Representam os três níveis de água no corpo físico. Na altura da barriga o azul é mais escuro; os órgãos excretores têm nível de água mais denso para favorecer a eliminação. Está vendo aqueles tubinhos espalhados

por todo o corpo? Representam o sistema circulatório. Pode notar que neles o azul é mais claro, pois o sangue tem composição de água mais sutil.

– Dos pés até a cabeça?

– Sim. O sangue caminha por todo o corpo levando informações de uma polaridade à outra. Quando você vai ao médico, ele pede exames de sangue para pesquisar como está sua saúde. Através desses exames ele sabe como está seu corpo e que medicação deve prescrever. Assim como as águas conhecem todos os continentes do planeta, o sangue conhece todos os órgãos do corpo.

– Olhando por este ângulo, o corpo físico é um planeta.

– Sim, e suas porções sólidas comunicam-se através das águas. Observe agora que nos músculos o azul tem uma tonalidade intermediária. Neles, a função da água é oferecer fertilidade aos movimentos.

– Fertilidade?

– Exatamente. Movimentos com mais vida, obedecendo a uma lógica inteligente. Por exemplo, a desenvoltura e desenvolvimento dos músculos do coração diferem das dos músculos das pernas; têm constituições e alimentação diversas porque não desempenham funções iguais. Mas vamos voltar ao segundo painel, o que representa o homem primitivo.

Um toque no aparelho e a tonalidade do desenho se alterou.

– O tom intermediário do azul ocupou quase todo o desenho! – exclamei.

– O corpo físico confeccionado em épocas pré-históricas tinha como função principal a força física. À medida que o elemento água se tornou mais sutil, uma parte dessa força foi se transmutando em força intelectual, o homem foi tomando consciência de sua condição física, de seus limites, abrindo-se para a confecção do campo lógico racional.

– Explique melhor esta parte.

– Antes da geração desse campo, o homem primitivo queimava-se com o fogo ao querer medir forças com ele. Também saltava de grandes alturas por desconhecer os limites do seu corpo no espaço. Quando o elemento água tornou-se mais sutil, propiciou o surgimento da força intelectual, que originou o campo lógico-racional.

– A água também aprendeu a ser mais sutil com as energias-mãe?

– Sim, é exatamente isso. Voltemos ao primeiro painel: como você vê, a silhueta ficou totalmente marrom, pois agora projeta o elemento Terra. Note como as tonalidades também são diferentes: nos pés e pernas, o tom é

mais forte. É neles que o elemento Terra exerce sua principal função: garantir sustentação e segurança ao corpo. Observe os tendões: neles o marrom está ainda mais forte. Já na altura do abdômen, o tom é um pouco mais suave.

Dizendo isto acendeu a cor azul nesta região do corpo e prosseguiu:

– A Água e a Terra somam-se para eliminação dos alimentos. Preste atenção na região do estômago.

Percebi que a área estava totalmente marrom, perguntei o que significava.

– O aparelho digestivo está sedimentando o alimento que não foi eliminado. Vou acender agora a cor vermelha: a água deixará o Fogo continuar o trabalho de eliminação e queima, retornando para o estômago e distribuindo os nutrientes para todo o corpo.

Em seguida, voltando ao painel do homem primitivo, projetou as três cores no desenho.

– Note que neste caso não existe a harmonia verificada no primeiro painel.

Realmente, o processo transcorria de forma muito rápida, com o elemento Fogo atuando intensamente na região do estômago. Meu Amigo continuou a explicação.

– Por esse motivo o homem primitivo sentia necessidade de se alimentar com muita frequência e em grande quantidade. Em comparação com o corpo físico atual, o metabolismo era desorganizado, sendo prioritário ou exclusivamente voltado para as necessidades do corpo físico.

Retornamos ao primeiro painel.

– Está todo branco! – admirei-me uma vez mais.

– Estamos agora projetando o elemento Ar. Como nos outros casos dá para perceber diferentes tonalidades. Na altura dos ombros e da cabeça a luz é de um branco mais claro. Nessas regiões, o elemento Ar atua na sua principal função: confeccionar o pensamento, que é o comunicador do campo mental.

– Na altura dos pulmões, a cor é mais densa – observei.

– A função é diferente. A respiração é a comunicadora de todas as ações que interagem no emocional. Comunica os órgãos entre si e faz a ponte entre o corpo físico e o emocional. Mas vamos ao segundo painel para ver o que acontece com o homem primitivo.

Logo percebi uma diferença marcante:

– Não estou vendo o tom da cor branca, a mais clara. A tonalidade é igual, tanto para os membros como para a cabeça e os pulmões.

– No início o homem só conhecia a comunicação entre os órgãos e esses o informavam apenas das necessidades de sobrevivência. Em comparação ao corpo físico atual, eram dotados de uma inteligência limitada. O homem primitivo possuía corpo emocional, porém não percebia as requisições desse corpo enquanto encarnado. Para você compreender melhor, vamos examinar outros painéis.

Dirigimo-nos à sala ao lado, onde ficamos diante de painéis semelhantes aos anteriores, com a diferença que as luzes eram de cor amarela e branca.

– Vejamos primeiro o desenho do homem primitivo.

Ao comando do aparelho, as luzes acenderam o painel.

– Somente luz branca?

– O homem primitivo, enquanto encarnado, ocupava-se com ações relacionadas ao seu corpo físico. Desencarnado, atuava na sua outra polaridade – a vivência imaterial, totalmente desligado das experiências do mundo material. Assim permaneceu por muito tempo, sem criar uma ponte entre materialidade e imaterialidade por ainda não ter construído o campo mental-racional. Você se lembra da aula sobre o corpo mental e suas funções?

– Sim. Sobre a concretização dos personagens que emanam do corpo essência.

– Então Halu, sem o corpo mental cumprindo sua função os personagens que emanavam do corpo essência vivenciavam apenas o contato com os órgãos físicos e suas necessidades. Ao desencarnar sem a presença desses órgãos físicos restava ao homem vivência exclusiva com sua imaterialidade. O corpo emocional compõe a parte imaterial do homem, o que significa que, no primitivo, o emocional atuava quando desencarnado, experimentando e registrando a imaterialidade e ampliando o conhecimento de sua essência. Através desse convívio, a alma – que é o conjunto dos corpos imateriais – percebeu a necessidade da criação de um corpo que aproximasse estas duas instâncias – material e imaterial. As energias-mãe do planeta ensinaram aos elementos como receber este corpo criado pelo conjunto chamado alma. Dessa forma, o homem primitivo começou a estabelecer uma lógica racional, oriunda do corpo mental. Vamos agora ao segundo painel.

Mudamos de cadeiras e Meu Amigo continuou a explicação:

– Neste desenho começa a surgir a luz amarela.

– Ainda é o desenho do homem primitivo?

– Sim. Nesse painel você pode perceber a introdução do corpo mental.

A partir desse momento o homem primitivo começou a perceber sua imaterialidade através do corpo emocional. Reconheceu seus limites e desenvolveu o elo sutil – a inteligência. Toda a distribuição dos elementos no corpo físico se modificou até atingir a harmonia que você viu no painel do corpo físico do homem atual. Vamos ver o terceiro painel.

Comentei que ali a luz amarela estava mais presente.

– Este é o desenho do corpo imaterial do homem atual. A luz amarela está representando o corpo mental atuando em conjunto com a imaterialidade, ou seja, os conhecimentos adquiridos no planeta Terra incorporados a todo o conjunto – a alma.

– Existiam autistas entre os homens primitivos?

– Entendi aonde você quer chegar com esta pergunta. Este processo, o autismo, é um marco na evolução das energias-mãe do planeta Terra. Vamos bem devagar nesta parte. Para o homem primitivo criar uma ponte entre o corpo material e imaterial necessitou de diversas encarnações. Os corpos essência que buscaram encarnar nesse período do planeta atravessaram essa dificuldade, que foi superada pela evolução das energias-mãe. Isso propiciou às essências – que procuraram o planeta para encarnar após esse período – criar essa ponte com um número bem menor de encarnações, favorecidas também pelo amparo dado por outras pessoas num estágio maior de crescimento.

– O desenvolvimento do planeta Terra não sofreu retrocessos com a chegada de novas essências?

– O inconsciente coletivo ajudou-as a fazer esta ligação, a estabelecer a ponte entre o imaterial (interno) e material (externo). Em minha opinião esta é a condição mais bela que o planeta Terra desenvolveu: acolher todas as pessoas nos seus diversos níveis de crescimento; e isto só foi possível com a evolução das energias-mãe. As energias-mãe já informaram uma nova mutação.

– Nova mutação?

– Sim. Informaram da sua possibilidade de propiciar um corpo físico com condições de maior contato entre as duas instâncias: material e imaterial.

– Quando se dará esta nova mutação?

– Note que uma das características principais desta mutação já está acontecendo: um maior contato entre as esferas matéria e imaterial, maior aproximação entre o mental racional e a alma, favorecendo um crescimento mais dinâmico, com ampliação do elo sutil-inteligência, sem interrupção no percurso da memória. É muito importante que todos nós, encarnados e desencarnados, aprofundemos os ensinamentos dessas energias para que não sejam criados bloqueios nos corpos, lógico e racional. O importante é não ocorrer bloqueio nessa evolução, mas ele acontecerá se não houver espaço para essa nova expressão. As essências mais novas trarão uma nova forma de vida e de conceitos de crescimento. Se não encontrarem acolhimentos para sua expressão vão se calar e isto trará danos para a continuidade da formação do inconsciente do planeta Terra. As pessoas que terminam de expressar seus personagens, ou seja, aquelas que concluem seu aprendizado no planeta Terra dirigem-se a outras dimensões. As essências que chegam ao planeta Terra favorecem a continuidade da espécie terráquea. Com o seu viver, possibilitam a evolução das energias-mãe. Se não houver espaço para essas essências novas mutantes se expressarem, elas não trarão novas informações para o inconsciente coletivo; vão se retirar por não ter acolhimento.

Perguntei o que aconteceria se essa previsão se confirmasse.

– Voltará a mutação que o inconsciente coletivo já conhece desde o princípio, ou seja, retornará o homem primitivo.

– E as energias-mãe e sua evolução?

– Se não utilizarmos sua função, ou seja, se não dermos uma utilização, uma direção à sua evolução, retornarão à condição anterior para que sejam úteis e desfrutáveis.

– Isso já aconteceu no passado?

– Sim. Porém agora estamos todos mais conscientes, tanto encarnados como desencarnados e por esta consciência introduzimos este trabalho nas Casas Astrais: estudos e pesquisas das funções e ensinamentos das energias-mãe para acompanharmos seu processo evolutivo.

– Quando irei aprender mais sobre essas energias?

– Quando visitar a Sexta Casa Astral. Esteja preparada, pois não vai demorar.

9. VIVÊNCIAS COM AS ENERGIAS-MÃE

Alguns dias se passaram. Meu Amigo havia me orientado sobre procedimentos necessários para eu me sentir bem durante minha permanência na Sexta Casa Astral; deveria estar muito conectada com minha crença e meu objetivo, ter uma alimentação rica em líquidos e andar bastante.

Para andar, busquei a praia e viajei para Cacha-Pregos. Uma noite, ainda acordada, recebi a esperada visita.

– Hoje você começará seus estudos sobre as energias-mãe do planeta Terra. A Sexta Casa é um núcleo de encontro dessas energias, que aí serão estudadas e analisadas com a finalidade de nos aprofundarmos em suas formas de evolução. Por ser um espaço de confluência energética, torna-se necessário que você busque uma postura de concentração e centramento.

– Fiz tudo como você orientou.

– Vamos andar um pouco perto do mar.

Caminhamos em silêncio. Entrei em contato com meu sentimento, buscando sentir meu coração. Percebi uma onda de paz envolvendo minha concentração, penetrando no meu corpo, fazendo-o pulsar.

– Vamos parar por aqui – disse Meu Amigo.

Paramos e olhamos o céu. Vi descer sobre nós uma espécie de canal de luz, um fecho de luz amarela. Meu pensamento dirigiu-se para meus pés. Senti uma corrente elétrica subindo pelas pernas, tronco, braços. Percebi meu corpo leve como se fosse deslizar. A sensação era de um pequeno choque elétrico. Minha boca salivou bastante. O vento adquiriu velocidade provocando uma forte corrente de ar.

– Estou sentindo muito sono – queixei-me para Meu Amigo. – Um sono intenso, quase não consigo abrir os olhos.

– Vamos voltar para casa.

Retornamos em completo silêncio. Ao chegarmos, deitei e dormi imediatamente. Quando abri os olhos, já havia desmembrado; mesmo assim o sono continuava.

– O que você está traduzindo como sono é a quantidade de energia Ying armazenada por seus chakras nestes últimos dias. – informou Meu

Amigo, recomendando-me que inspirasse profundamente.

Alguns segundos depois estávamos no salão da recepção da Sexta Casa. Minha primeira sensação foi de frio intenso, como se meu corpo fosse congelar, endureci, fiquei sem conseguir me mover. Meu Amigo segurou minha mão e a levou ao alto da minha cabeça.

– Faça uma profunda inspiração, concentre-se no seu cordão umbilical etérico e expire pelo nariz.

Repeti esse movimento algumas vezes e tudo se normalizou – o sono desapareceu.

– Se você voltar a sentir frio repita o exercício.

Atravessamos o salão de recepção e chegamos a um lugar como eu nunca vira antes. Se houvesse palavras para descrevê-lo, eu diria “maravilhoso”. Um lago de águas azuis como o mar, de beleza profunda, abria a paisagem para uma cadeia de montanhas. A terra tinha uma cor marrom brilhante, como se uma grande quantidade de pequenos cristais favorecesse o brilho. A beleza e o frescor do ambiente paralisaram-me.

Meu Amigo aguardou-me em silêncio. Fiquei alguns minutos em êxtase, sintonizada com aquela inacreditável visão. Fui voltando aos poucos, como quem acorda de um sonho agradável. Caminhamos até um vale com árvores imensas, que se espalhavam por um mar de campos verdes e ensolarados.

De repente, estranhos pensamentos me invadiram. Senti-me revoltada com o que estava acontecendo.

– Aprofunde o sentimento, permita que ele se expresse – orientou o Meu Amigo.

– Estou me lembrando das desigualdades na esfera material, da fome de alguns e da abundância de outros. Enquanto algumas pessoas não têm onde morar, outras dispõem de várias casas, de prédios inteiros. Acredito que vocês aqui nem podem imaginar o tamanho das diferenças que existem no mundo concreto.

Calei-me e do meu peito irrompeu um profundo choro. Intensas emoções, que traduzi como raiva, medo, revolta, tomavam conta do meu ser. Deitei-me no chão sentindo grande amparo. Minhas pernas se dobraram, os joelhos encostados ao peito. Meus braços tentaram abraçar o corpo inteiro. Meu Amigo sentou-se junto a mim, colocou as mãos em minha cabeça e então chorei mais ainda. Um choro vindo do coração. Senti meu corpo se aquecer. À medida que chorava ia me acalmando e o

sentimento de revolta ia desaparecendo. Soltei os braços, estiquei as pernas e fiquei assim por alguns minutos; logo o aquecimento desapareceu.

– Está passando, Halu, vamos lavar o rosto naquele lago que lhe pareceu tão bonito.

Sorri para Meu Amigo, mas ainda sentia um pouco de tristeza. Caminhamos até o lago. Quando toquei a água, a tristeza dispersou-se dando lugar a uma transbordante alegria. Voltei a conectar com a beleza do lugar. Olhei para Meu Amigo um pouco sem graça, em virtude do que acabara de acontecer. Pensei em pedir desculpas; não sabia como agir.

– Nem pense nisso, Halu. Este movimento do seu emocional já era esperado.

Observei que, mais uma vez, ele tinha captado meus pensamentos.

– Vamos sentar aqui às margens do lago.

Perguntei-lhe por que me sentira assim.

– Primeiro, porque este sentimento existe em você.

– Sim, eu sei. Sinto essa revolta quando confronto com as diferenças sociais; mas por que me lembrei disso aqui, neste local tão bonito, onde tudo inspira tranquilidade e bem-estar?

– Aqui, Halu, é um espaço de confluências energéticas; elas se dirigem para cá para serem estudadas. Lembra-se de nossa conversa anterior?

– Sim. Você já me explicou isso.

– Você conectou com a energia da justiça, que mobilizou o seu emocional para a expressão dessa energia. Neste conteúdo estão os registros do que para você é justo ou injusto. A injustiça é a polaridade antagônica da justiça. Uma energia possui duas polaridades; neste caso, Justiça-Injustiça. A polaridade positiva qualifica a antagônica, através do convívio intenso de uma com a outra. Você acabou de vivenciar este processo. Quais foram suas primeiras emoções ao contemplar o vale e o lago?

– Irritação, raiva, mágoa e revolta.

– Depois estas emoções foram se transformando...

– Sim, quando chorei já não era raiva, mas desamparo, impotência. Quando você colocou as mãos sobre a minha cabeça, senti-me apoiada e fui me acalmando.

– Raiva, mágoa e revolta são expressões do sentimento de injustiça. O que você traduziu como amparo foi a polaridade positiva, a justiça, qualificando as expressões da polaridade antagônica. A justiça é uma das energias-mãe das quais lhe falei. No convívio intenso para qualificação, as

duas polaridades desta energia se encontram, gerando atrito. E dele nasce o elemento fogo.

Lembrei-me de que, ao deitar e abraçar meu corpo ele estava muito quente. Depois de chorar bastante, o esquentamento dissipou-se. O mesmo acontecia nos momentos de raiva; meu rosto e mãos ficavam quentes.

– Para que possa haver qualificação é preciso deixar o processo se completar, aprofundando na raiva. Imediatamente, a emoção será trocada ou transformada, como você vivenciou aqui. A princípio pela tristeza e desamparo. Em seguida vem à busca de auxílio em algo ou em alguém que dê suporte ao emocional. A crença íntima é sempre um bom amparo, pois ela liga ao sutil, ao crescimento. Quando o corpo começa a esfriar, é sinal de que está fazendo a passagem do denso para o sutil. O fogo qualificado pode conviver com o éter sem danos para ambos.

Não entendi direito a explicação. Meu Amigo esclareceu:

– O elemento fogo qualificado é um dos componentes do éter. Quando não qualificado, se o éter se aproximar é queimado pelo fogo. Esse é o prejuízo do éter. O do fogo é perder a oportunidade de ser qualificado. Na sequência, a energia que o gerou – a justiça – perde a oportunidade de qualificar sua polaridade antagônica.

– Na esfera material quando estamos com raiva é muito comum escutarmos conselhos do tipo: “vá se distrair, procure pensar em outra coisa, deixa isso pra lá”. Então este não é o melhor procedimento?

– Esquecer, distrair-se, é fazer de conta que nada está acontecendo. Com este proceder não há qualificação, pois a expressão da raiva ou da mágoa não transmutou, simplesmente interiorizou os comandos do mental. Aí se processa o armazenamento destas emoções e uma lembrança, um novo acontecimento similar, trarão à tona esta expressão armazenada; a explosão torna-se inevitável, adiando e dificultando a qualificação. Quando, ao sentir raiva ou mágoa, a transmutação por outras expressões acontece, aprendemos a nos qualificar e armazenamos este aprendizado. Cada vez que algum fato mobiliza esta energia-mãe em nosso centro energético, a polaridade positiva atua, trazendo soluções para reparar o mal, ao contrário da polaridade antagônica, que só traz raiva e mágoa e nenhuma solução, acarretando dor desnecessária, fazendo-nos sentir cada vez mais injustiçados e criando uma cadeia decrescente. Por isso é importante transmutar para expressões mais perto do crescimento, pois as energias,

como já vimos, são fontes de alimento. Nutrir-se com energias mais sutis, evidentemente, promove o crescimento.

– O esquentamento que sentimos nos momentos de raiva é proveniente do atrito das polaridades da energia justiça gerando o elemento fogo? – procurei confirmar.

– É um dos sintomas físicos desta reação energética. Outra manifestação é o enrijecimento muscular – sintoma muito danoso para a saúde física. O contato com o elemento fogo não qualificado, promovido pelas expressões negativas da injustiça, promove endurecimento muscular, agregando nas células os resíduos desse contato e promovendo desequilíbrios emocionais. Já vimos que as energias produzem reações que sentimos tanto no corpo emocional como no físico. Outras expressões emocionais, ao passarem pelo corpo físico e se misturarem com os resíduos acumulados, expressam-se com dualidade. Por exemplo, nesses casos o amor carrega consigo uma dose de mágoa, assim como a alegria se expressa em euforia, a tristeza em agressividade e assim por diante. Como consequência tornamo-nos inseguros em relação aos sentimentos, o que produz confusão mental e falta de discernimento. Em relação ao corpo físico o endurecimento muscular gera desconforto, que pode resultar em dores no peito, torcicolos, dor de cabeça, hérnia de disco e outras manifestações características de desequilíbrio emocional.

– E para o corpo imaterial? Acredito que também haja prejuízos.

– Naturalmente: o elemento fogo mantendo-se não qualificado interfere no equilíbrio da aura. Você sabe o que é aura?

Respondi que sim: aura seria um corpo de luz que envolve o corpo físico.

– Exatamente. Agora preste atenção: é através da aura – ou corpo de luz, como você definiu – que acontece a comunicação com a espiritualidade. As forças espirituais que atraímos para o nosso convívio dependem do equilíbrio da aura. Você se recorda da necessidade do elemento éter como combustível para o deslocamento até as Casas Astrais? O elemento fogo não qualificado queima o elemento éter impossibilitando a comunicação com a espiritualidade mais sutil. Além disso, o elemento não qualificado interfere em alguns dos processos inerentes ao homem – os sonhos, por exemplo. É muito comum às pessoas acordarem lembrando-se de seus sonhos e alguns segundos depois esquecê-los completamente. A dificuldade de registro mental resulta da não qualificação do elemento fogo.

Ficamos calados por algum tempo. Meu olhar mergulhou, mais uma vez, na azulada beleza do lago. Minutos depois senti que precisava voltar para o corpo físico. Meu Amigo concordou e retomamos o caminho bem devagar – o salão recepção, o canal transportador, minha casa. Quando acordei pela manhã encontrei-o a meu lado. Ele me recomendou que refletisse bastante sobre os últimos temas que havíamos examinado e prometeu voltar, no devido tempo, para reiniciarmos as viagens.

Passei as horas seguintes meditando e concluí que muitas vezes confundimos vingança com justiça; com essa confusão não qualificamos e nos sentimos insatisfeitos por ainda permanecerem em nosso corpo os resíduos das expressões negativas da injustiça.

Também compreendi a causa de alguns fatos indesejáveis que já havia experimentado. Por mágoa afastei-me de pessoas das quais gostava muito; apesar da saudade impulsionar a reaproximação, a mágoa persistia impedindo o contato.

Com esta reflexão fui retomando expressões emocionais mais sutis, senti alegria por estar me libertando da mágoa e antevi a possibilidade de encontrar antigos amigos. Envolvida por este sentimento caminhei até a praia, sentei-me na areia e busquei uma oração de diálogo com o céu. Agradei a Deus por tudo o que estava acontecendo. Lembrei que meses atrás estava naquela mesma praia pedindo-Lhe ajuda para minhas procuras internas. Dessa vez, agradei a Ele pelos meus encontros.

À noite, quando desmembrei, segui sozinha e encontrei Meu Amigo no salão de recepção da Sexta Casa. Cumprimentamo-nos e caminhamos em silêncio até o vale que tanto deslumbramento me causara. Sentamos sobre o gramado.

– Observe aquela montanha e procure perceber as expressões de sentimento que fluem a partir de você.

Sempre que observo uma montanha acabo olhando para o céu. Começo fixando a base e sem perceber, meu olhar vai acompanhando a subida até o pico. Ao me dar conta já estou com os olhos no céu e não mais na montanha.

Fiquei alguns momentos em silêncio, pensando na minha colocação. De repente, meu pensamento disparou outros questionamentos: “Se estou aqui para aprender sobre as energias-mãe por que será que o Meu Amigo mandou que eu observasse a montanha? Por que não entra logo no assunto?”

Ficamos perdendo tempo e depois não dá para ele responder minhas perguntas”.

Temí expressar estes pensamentos e criei um conflito interno tentando me convencer de que eles não tinham fundamento. Quanto mais buscava a lógica, mais forte vinham, até que a tentativa de suprimi-los foi vencida e a sequência continuou: “Um dia farei o mesmo com ele. Vou deixá-lo esperando antes de seguir pelo canal transportador”.

Com esta conclusão, senti vergonha dos meus pensamentos e olhei para Meu Amigo, que tranquilamente mirava a montanha. Lembrei-me da paciência que ele sempre teve comigo. Imagens foram surgindo: nós dois sentados às margens do rio da Segunda Casa, ele me explicando sobre alimentação, ensinando-me os exercícios de balanceamento... Veio-me uma enorme vontade de chorar, porém um choro diferente daquele da noite anterior, um choro calado, silencioso. As lágrimas vinham e evaporavam na hora, minha boca completamente seca. Tive dificuldade para respirar, fui tomada por uma forte vibração interna, até que consegui falar.

– Eu não mereço estar aqui com você.

– Por que diz isso, Halu?

– Eu pensei e senti coisas ruins sobre você, coisas que você não merece.

– Então procure pensar e sentir o que mereço, segundo seu código de merecimento. Se você conseguir pensar e sentir coisas que julga que eu seja merecedor, você se permitirá ficar aqui e estudar comigo?

Respondi que sim. A confusão interna foi desaparecendo, dando lugar a um ânimo novo para estudar com Meu Amigo e aprender tanto quanto fosse possível o que ele tinha para me ensinar. Andamos em silêncio até que ele indicou um lugar para sentarmos.

– E então, Halu? Sobre o que conversaremos agora?

Olhou fundo nos meus olhos. Isto fez com que eu lhe relatasse todos os meus sentimentos e pensamentos de minutos atrás.

– Como disse, este movimento era esperado. Dessa vez você conectou com a energia do Potencial e sua polaridade antagônica – o Poder. A polaridade antagônica trouxe os primeiros pensamentos expressados no desejo de querer ditar, determinar quando deveríamos começar nosso estudo. A polaridade Poder incita-nos a executar antes de estarmos prontos para a tarefa, a dar ordens sem nenhuma base sólida de conhecimento. Esta polaridade antagônica não lida com naturalidade com os fatos e com as

pessoas; prefere exigir, manobrar, comandar e se recusa a perceber seus limites.

– Era isto que eu estava sentindo. Pensamentos sem fundamento. Ficou claro, porque desde que estamos estudando juntos, jamais minhas perguntas foram recebidas com paciência ou ficaram sem resposta. Fui invadida por um pensamento forte, insistente, sem nenhum fundamento real.

– É dessa forma que a polaridade antagônica incita pensamentos e sentimentos. O atrito das duas polaridades dessa energia gera o elemento Terra, que – assim como o Fogo – se bem qualificado é um componente do éter. Os sintomas físicos que você sentiu como a boca seca, as lágrimas contidas, são ocasionados pela atuação do elemento Terra sugando a expressão água. Por isso você também sentiu a vibração interna, a água buscando expressão, sendo sugada pela Terra. Onde você localizou a vibração?

Respondi que o movimento localizara-se na área da barriga.

– Região mais ligada ao elemento Fogo lembra-se? Ao sentir a vibração os pensamentos negativos começaram a desaparecer, caracterizando o momento de passagem para complementar o processo. Você começou a transmutar as expressões emocionais: nesse momento a polaridade positiva Potencial pôde qualificar a antagônica Poder.

– E por que você falou em elemento Fogo?

– Este elemento e a energia que o gera, mais qualificados, vieram em seu auxílio, cobrando-lhe uma postura mais justa para comigo, o que favoreceu a entrada da polaridade positiva Potencial. Você contou com os resíduos das expressões sutis que havia alcançado no trabalho de ontem.

Pedi-lhe então que explicasse melhor a manifestação energética do Potencial.

– A polaridade positiva desta energia faz-nos expressar o que somos naturalmente, levando-nos a aceitar limites como pontos de partida para uma ampliação através de estudo, trabalho, sem a necessidade de manobras para atingir nossos objetivos. A energia do Potencial não se expressa através de conquistas efêmeras e sedução. Ela traz clareza para a visão, proporcionando a imagem real dos fatos. Somando-se à Justiça, desenvolve nosso potencial interno trazendo segurança para o nosso crescimento. Você observou nos gráficos do homem primitivo e do homem atual a importância para o elo sutil – a inteligência – que os elementos estejam harmônicos e em equilíbrio. Essa energia-mãe Potencial – Poder atua diretamente no

desempenho da nossa inteligência. Se não qualificarmos a polaridade antagônica, direcionamos a inteligência para a sagacidade, perspicácia, não utilizando seu potencial para a descoberta e absorção do corpo essência, limitando assim seu raio de ação.

– Na esfera material ouve-se do “poder da mente”. Como você vê isto?

– O “poder da mente”, tão apregoado na esfera material, às vezes retrata o potencial da mente. Observamos apenas um equívoco na terminologia. Alguns grupos supervalorizam a sagacidade, confundindo-a com inteligência. Inteligência é a capacidade desenvolvida pelo homem para ajudá-lo a crescer em todos os níveis. É muito comum as pessoas aperfeiçoarem sagacidade e perspicácia para obter benefícios econômicos na esfera terrestre, permanecendo infelizes na vida particular, familiar, amorosa. Por não identificar o que combina com sua essência vivem em constante atrito com seus semelhantes, estando também sujeitos a doenças. Muitas vezes atividades relacionadas com perspicácia e sagacidade usuais na vida profissional estendem-se às relações afetivas, onde não são bem-vindas. Quando o Potencial dirige este movimento, busca conectar trabalho, estudo, vida familiar e social, procurando afiná-los com o corpo essência. O homem torna-se mais inteiro, mais dinâmico, com uma vida menos conflituosa, mais saudável, sobrando espaços para ampliação de suas potencialidades.

– O poder da mente também está associado à paranormalidade? Ouvi pessoas falarem sobre processos que aconteciam comigo como originários do poder da minha mente.

– Isso é um equívoco. Paranormalidade ou mediunidade é um potencial da Alma. A polaridade positiva dessa energia incita o desenvolvimento do potencial espiritual. Nada tem a ver com o corpo mental apesar de algumas pessoas mal orientadas, após desenvolverem este potencial, utilizarem-no para o poder, ou seja, em manobras que não produzem enriquecimento do elo sutil nem crescimento espiritual.

Perguntei-lhe se a paranormalidade ou mediunidade estaria ligada à inteligência.

– Todo potencial humano está ligado ao desenvolvimento do elo sutil, ou inteligência.

– Conheci pessoas com poucos conhecimentos acadêmicos que, através da paranormalidade, dizem coisas importantes e fazem trabalhos inteligentes – observei.

– Não é o acúmulo de conhecimento que torna o homem inteligente. O homem inteligente é o que adquire conhecimentos, amplia sua visão e sua postura diante do mundo material e imaterial.

Indaguei, então, o que fazer para qualificar a polaridade negativa dessa energia.

– O primeiro passo é uma profunda reflexão sobre a vida como um todo buscando perceber qual a nossa atuação no mundo, com as pessoas, conosco mesmos. Para identificar como está o potencial interno deve-se observar aspectos específicos, por exemplo: se a profissão está adequada ao querer interno, se o tipo de vida que você leva está afinado com o seu querer; são questionamentos importantes para se chegar a alguma conclusão. Se as respostas forem negativas, com certeza não estamos qualificando a polaridade antagônica dessa energia. E para qualificá-la é necessário buscar um tipo de vida que torne essas respostas positivas.

Solicitei-lhe que fizesse um comentário sobre a minha vida em relação a estas polaridades.

– Tudo bem, acho interessante. De início, para você estar aqui na Sexta Casa alguns preparativos foram necessários quanto à alimentação, horas de sono, armazenamento de energia Ying. Você também recebeu outros convites além do meu. Digamos que você tivesse aceitado dois convites, o meu e o de outra pessoa.

– Eu não estaria aqui – interrompi.

– Não é bem assim, vamos devagar. Você precisaria desenvolver manobras para seguir minhas orientações e ao mesmo tempo, acompanhar o outro convite. Você seria prejudicada nas duas atividades por não estar por inteiro em nenhuma delas. Imagine se de repente o lago desistisse de ser lago e se projetasse para ser montanha. Poderia conseguir secar sua água e ser uma terra úmida; depois sofreria por não ter crescido com sua ambição de ser alto como a montanha. Após um tempo de reflexão, enxergaria ser possível crescer como lago. Entretanto, para ser montanha, desviando-se do seu caminho natural, diminuiria.

– Este exemplo me lembrou da inveja.

– Quando a polaridade Poder confronta-se com seus limites, abre-se a oportunidade de reflexão e a retomada do Potencial, qualificando-o. Do contrário, a polaridade Poder gera outra energia que fortalece a ilusão do comando, nascendo daí a inveja.

Ao acordar, de volta à esfera material, refleti sobre a energia-mãe Poder-Potencial e as diferenças existentes entre essas duas polaridades. Concluí que quando atuamos com nosso potencial interno, não precisamos ser poderosos.

Alguns dias se passaram até que retornei à Sexta Casa. Como sempre, encontrei Meu Amigo à minha espera. Caminhamos até o lago.

– Vamos ficar aqui, Halu. Coloque seus pés dentro d'água e respire profundamente por alguns minutos.

Com este exercício, comecei a sentir uma espécie de inundação no emocional. Diversos tipos de emoções agitavam-me o corpo, dificultando minha clareza mental: blocos de pensamentos descoordenados tiravam-me da sequência lógica de raciocínio.

– Não procure coordenação do pensamento. Relaxe. Preste atenção ao circuito das emoções.

Quando consegui seguir a orientação do Meu Amigo pude perceber minhas mãos contraídas e um angustiante peso no peito. Não conseguia respirar bem; atormentava-me a impressão de sufocamento. Meu Amigo segurou minhas mãos e as massageou. Comecei a tossir.

– Fique de pé, Halu.

Obedeci com dificuldade: meus braços estavam pesados e doendo bastante. Quando consegui equilibrar a respiração, a tosse passou. Meu corpo foi se acalmando e um choro convulsivo foi substituindo os outros sintomas.

De repente um sentimento de saudade foi tomando conta de mim. O choro transformou-se num pranto manso, sentido. E me perguntei: saudade do quê ou de quem? Sem conseguir descobrir, continuei chorando. Quando pude falar, disse que sentia uma saudade imensa, mas não sabia identificar de quê, nem de quem.

– A saudade é o sentimento responsável por nos colocar em contato com todos os registros de vivências positivas que experimentamos anteriormente. Você está fazendo nesse momento contato com estes registros.

– E por que não identifico o motivo concreto da saudade?

– Quando o sentimento é muito profundo, o corpo mental fica aflito, intranquilo. Como defesa consulta seus registros buscando uma lembrança que seja motivo de saudade e a canaliza para o registro em questão, buscando alívio. A saudade é um veículo que nos coloca em contato com

todos os registros de experiências positivas. Esses registros são armazenados ao longo das encarnações e não estão na consciência do corpo mental.

– Então estou sentindo saudade de uma experiência da qual ainda não me lembro, ou seja, de outras vidas?

– Sim, Halu. Como você pôde suportar a presença desse sentimento, não invocou ao corpo mental um motivo que justificasse a saudade.

Perguntei se a falta de ar, as dores no braço, a tosse e o choro estavam ligadas a esta saudade.

– Estes sintomas indicam bloqueios que impedem a emanção da saudade. Quando você chorou, limpou seus canais internos para a liberação do sentimento. Quanto aos bloqueios, eles constituem mais uma defesa do corpo mental para lidar com a forte presença do sentimento. Quando conseguimos limpar estes canais, a saudade atravessa-os fluidamente, alcançando o mental. Em seguida, esses registros atingem a consciência do corpo mental, trazendo lembranças que estavam retidas na memória, começando por experiências positivas como forma de preparar o emocional para outros tipos de lembranças.

Silenciamos por alguns minutos. Meus pés ainda estavam dentro do lago. Busquei entrar em contato com meu sentimento e uma onda de amor invadiu meu coração. Amor por tudo e por todos. Amor por Meu Amigo, pelo lago, pelo céu, pelas montanhas. Um sentimento ao qual mais tarde dei o nome de Amor Universal.

Retomei o diálogo com Meu Amigo.

– Eu entrei em contato com alguma energia-mãe?

– Sim, com a energia Amor-Desamor. O atrito entre estas duas polaridades gerou o elemento água e como nas outras energias que já estudamos, a polaridade Amor qualifica o Desamor. Mas atenção: é importante não confundir desamor com ódio. Desamor é o antagonismo do Amor, caracterizado pelo amor possessivo, autoritário. O ódio é uma transformação densa do desamor. Quando quem desamamos rejeita nosso desamor, segregamos o ódio como forma de ainda estar em contato com o que anteriormente desamávamos.

Perguntei como ficava o amor naquele contexto.

– O amor é a energia que nos capacita a ir ao interior do outro sem impor modificações ao que lá encontramos. É a descoberta da harmonia entre as diferenças, quando se dá a fusão do material com o espiritual. A

convivência de duas realidades tão diversas no mesmo corpo se torna possível pela existência da polaridade positiva Amor. É, no fundo, um ato de amor do indivíduo para consigo mesmo porque está buscando o crescimento, a emanção dos personagens da essência e sua concretização no mental. Também é um ato de amor pelo Universo pois quando concretizamos um crescimento individual patrocinamos o crescimento coletivo.

– E quando não precisarmos mais encarnar?

Utilizamos a energia qualificada para alcançar dimensões mais sutis onde nosso corpo essência emanará personagens mais afinados com o aprendizado dessas dimensões.

Entendera perfeitamente que uma energia, para manter-se, equilibra-se em duas polaridades. Mas a presença da polaridade antagônica não gerava consequências nocivas?

– Acertou Halu, ela origina conflitos constantes. Nós nos desgastamos procurando modificar as pessoas através do autoritarismo, da posse. Quando não temos a autoridade ou posse necessárias para nos fazer obedecidos, confrontamo-nos com um impasse. Podemos desenvolver meios mais sutis com a polaridade positiva Amor para nos aproximarmos da pessoa ou experiência em questão, ou seguimos com o Desamor transformando-o em ódio. As consequências são amargura, ressentimentos, atos de vingança e outras expressões mais densas. Este circuito negativo traz sintomas como atritos nas células, gerando doenças como o câncer, desequilíbrios hormonais e uma série de outros distúrbios.

– E as consequências da polaridade positiva?

– Um viver mais harmônico, auxiliando-nos na passagem por aprendizados difíceis com mais segurança. Também favorece a atração de pessoas e experiências mais afinadas com as buscas da nossa essência.

Percebi que o sentimento de Amor Universal ainda estava presente no meu emocional. Mais uma vez, lembrei-me de Jesus, como era costume quando conversava com Meu Amigo, “Ame a seus inimigos”. Até então não havia alcançado o sentido desta recomendação. Como poderia amar alguém que odeio? Naquele momento havia encontrado a resposta: trabalhando para permitir a polaridade positiva Amor qualificar o antagônico Desamor antes que este degenera em ódio.

– O que posso fazer para permitir à polaridade Amor qualificar meu Desamor?

– A princípio observar o personagem que sua essência está emanando nessa encarnação e detectar o que você ama e desama no personagem, ou seja, em você mesma. Com esta observação você vai perceber que há comportamentos a serem qualificados em seu personagem, e passará então a ter mais tolerância e aceitação pelas dificuldades das outras pessoas posto que também estão superando seus antagonismos. Dessa forma, a polaridade positiva atuará qualificando a antagonista.

Assim dizendo, Meu Amigo comunicou-me que estava na hora de voltar à esfera material.

– É importante que você acorde preenchida com este sentimento que denominou de Amor Universal. Amanhã conversaremos sobre outra energia-mãe e você compreenderá melhor toda a sequência da cadeia de efeitos dessas energias.

Respirei profundamente e senti minha alma leve. Um bem-estar impossível de ser traduzido em palavras. Uma segurança interna tão presente que me trouxe a certeza de ter encontrado algo que sempre havia buscado, apesar de não identificar o objeto da busca.

Resolvi retornar a Salvador, reencontrei meus parentes e segui em silêncio para meu quarto, procurando o sono.

Quando acordei não consegui me levantar imediatamente da cama. Olhei para o quarto e o achei mais simpático. Toquei o lençol e percebi o quanto ele tinha sido útil todo este tempo. Fiquei meditando sobre a utilidade dos objetos que amparavam meu corpo, dormindo confortavelmente, enquanto meu perispírito se deslocava pelas Casas Astrais. Percebi a importância de coisas em que até então não havia prestado atenção.

Quando consegui sair do quarto olhei para minha tia, meus irmãos, meus pais e os identifiquei como essências emanando seus personagens em busca de concretização de aprendizados. Sintonizei a dificuldade do corpo mental para processar essa elaboração. Senti a perfeição do corpo essência pedindo licença para liberar tais bloqueios.

Nada falei; voltei para meu quarto já com o choro me invadindo. Lembrei-me do Meu Amigo falando: o choro limpa os canais derrubando barreiras.

Permiti-me chorar livremente, voltei a dormir. Sonhei com trechos da conversa que havia tido com Meu Amigo. Quando acordei concluí estar

meu mental registrando o novo aprendizado, fazendo retornar o diálogo na forma de sonho.

Acordei com a presença da amiga que há dias havia me procurado trazendo queixas de pessoas de sua família. Levantei e pedi que ela me aguardasse por alguns minutos para eu me preparar. Sentei-me perto dela, ouvia-a atentamente e depois falei, ou melhor, meu coração falou:

– Estas são pessoas em quem sua alma confiou para este aprendizado. Conecte com o sentimento que você tem por elas, apesar das queixas e tudo será mais fácil.

– Conectar com o sentimento? Como se faz isso?

– Você está conectada às queixas, desencantos, problemas que estão surgindo. Faça o inverso; busque perceber o que você sente por estas pessoas. Deixe as queixas de lado. Fique um pouco com esse sentimento e depois procure soluções, caminhos mais adequados para o que você acredita estar errado. Assim será mais fácil pois você estará buscando soluções para pessoas por quem você tem um sentimento e não para pessoas as quais você tem queixas.

Ela me escutou atentamente.

– Você está diferente, mas a verdade é que enquanto a ouvia minha raiva diminuiu. Pensarei no que você me disse.

Com este encontro percebi o quanto estamos afastados de nosso sentimento por outras pessoas, pelo mundo e como se torna pesado viver assim, julgando nossos companheiros de jornada como adversários em nosso caminho. Também ficou claro como o circuito energético dispara quando nos confrontamos com uma situação indesejável. Aí começamos com a energia Justiça-Injustiça e seguimos pela polaridade antagônica – atuamos injustamente, poderosamente, com Desamor. Se atuássemos com a polaridade positiva, buscando ser justos, despertaríamos nosso potencial para lidar com a situação e passaríamos a amar o que no começo do processo era indesejável.

Na noite seguinte, após desmembrar, encontrei Meu Amigo meditando no lago da Sexta Casa. Respeitei o momento dele e esperei em silêncio. Passados alguns minutos ele se dirigiu a mim:

– Como você está, Halu? Soube da entrevista com sua amiga.

Respondi que me sentia bem, mas como a moça observara, “diferente”. Pediu que explicasse o “diferente”.

– Não sei traduzir com palavras. É como se estivesse vendo o mundo, as pessoas, de outra forma, de outro ângulo, sem julgá-las ou reduzi-las às suas dificuldades. Minha percepção está ampliada, sem interpretações pautadas apenas em observações superficiais. É como se as pessoas tivessem crescido na minha percepção.

– Você está codificando os efeitos da energia Compreensão-Incompreensão, que é a quarta energia-mãe do planeta. O atrito entre estas polaridades gera o elemento Ar. Quando isolamos uma parte da atuação das pessoas e as avaliamos apenas por estas partes, estamos atuando com a polaridade antagônica Incompreensão. Quando, ao contrário, consideramos o outro por inteiro estamos criando condições para a polaridade positiva atuar e passamos a compreender os motivos das dificuldades e os bloqueios dos personagens que a essência está emanando. A Compreensão traz requisitos básicos para auxiliarmos alguém em suas dificuldades. Se não compreendermos atuamos com a polaridade Incompreensão e retornamos ao julgamento injusto, impondo autoritarismo nos conselhos, cobrando obediência como condição de continuarmos auxiliando e invadindo o outro com desamor.

Após uma breve pausa, Meu Amigo prosseguiu:

– A atuação de uma energia não acontece isoladamente, por isso as chamamos de energias-mãe. Juntas confeccionam um corpo, um movimento ou um comportamento inteiro; trabalham em conjunto para esta confecção. Não tem como você só ser justa. Quando isso acontece, dispara todo o circuito: a Justiça traz o Potencial, que atrai o Amor, que leva à Compreensão. E vamos seguindo convivendo com a corrente energética.

– Em encontros anteriores você falou da necessidade de aprofundamento da esfera material no conhecimento das energias-mãe.

-- Sim, estamos atravessando um período de evolução e crescimento dessas energias. O movimento foi detectado pelos pesquisadores das Casas Astrais e indica uma mudança no nível físico e emocional nas crianças que encarnarão dentro de alguns anos. Naturalmente será um processo lento e ainda temos algum tempo para aprofundar essas pesquisas.

Pedi-lhe que falasse mais um pouco sobre as mudanças.

– As crianças encarnarão com o elo sutil aperfeiçoado, o que as lançará em buscas mais profundas. O corpo mental terá mais condições de registros: aquilo que uma criança levava um ano para aprender demorará seis meses. O importante é estarmos preparados e conscientes para auxiliá-

las e não correremos riscos de frustrar seu circuito energético. O circuito energético que você acabou de compreender forma um corredor energético. Quando nos posicionamos dentro dele, as energias atuam como um ímã nos impulsionando para a conexão com a próxima energia na trajetória do corredor. E vamos seguindo convivendo com a corrente energética. Essas crianças, por terem o elo sutil aprimorado, permitirão uma conexão mais rápida e fluída com este corredor. Se não alcançarmos este dinamismo frustramos o processo, colocando empecilhos que culminarão com a produção de bloqueios nos canais internos dessas crianças, provocando uma paralisação na emanção de personagens do corpo essência.

– Você falou sobre isto na Quinta Casa.

– Agora você percebe a necessidade de acompanharmos a evolução das energias-mãe. É a forma de manter o crescimento do inconsciente coletivo, bem como da espécie terráquea, sem necessidade de o planeta retornar ao tempo princípio.

Meditei um instante sobre aquilo, dando-me conta da importância dos trabalhos realizados pelas Casas Astrais.

Ao acordar, novamente não consegui levantar. Senti uma ampliação no peito e ao mesmo tempo uma calma interior como se meu coração falasse mais alto que meus pensamentos. Mais uma vez lembrei-me de Jesus falando do pastor que deixa as suas ovelhas e segue atrás daquela que se perdeu do rebanho. E me dei conta da necessidade de estarmos inteiros em tudo em que nos projetamos, bem como da importância de perceber o outro por inteiro; isto é, compreender. E cada vez que alcançamos a compreensão deixamos de ser julgadores. De novo me ocorreu um pensamento de Jesus: “Não julgueis e não sereis julgados”. Percebi que quando compreendemos não precisamos julgar.

Marquei um horário com doutora Luiza e conversamos sobre minhas novas descobertas.

– Deixe comigo esses escritos para que eu possa examiná-los com mais vagar – pediu-me, acrescentando que ficava feliz por me ver tão alegre.

Os dias transcorriam normalmente, com minhas aulas de revisão nas Casas Astrais e minha nova forma de contato com as pessoas onde eu buscava a totalidade da essência de cada uma delas. Descobri um movimento muito interessante com esse procedimento: quando alguém

captava meu sentimento de compreensão, conectava comigo e respondia abrindo cada vez mais seu coração para mim.

10. MERGULHO NO PASSADO

Algumas noites depois ao desmembrar encontrei Meu Amigo ao lado de minha cama.

– Hoje você vai conhecer a Sétima Casa. O trabalho dessa Casa é parecido com o da Sexta, a diferença está no elemento da pesquisa. Você vai aprender agora sobre o éter, sua composição, sua função e seus ensinamentos.

Relatei-lhe minhas experiências com a Compreensão e ele me estimulou a prosseguir-las, dizendo que seria proveitoso se eu praticasse, na vivência terrena, o que estava aprendendo nas Casas Astrais. Isso enriqueceria bastante o meu trabalho.

– Esta é a forma de sedimentar o aprendizado e fortalecer a crença no que você aprendeu.

A seguir, explicou-me que o canal que nos levaria às próximas Casas Astrais era diferente daqueles que eu conhecera até então.

– Sua composição é inteiramente etérea. O canal que você conhece tem na sua composição energias materiais; este é composto por energias totalmente imateriais, porém você vai senti-lo.

E, assim dizendo, fez sinal para que o seguisse. De repente senti que havia algo muito frio sobre minha pele.

– Inspire e expire lentamente – recomendou Meu Amigo.

– Estou sentindo uma espécie de chuva molhando meu corpo.

– É o contato direto com o éter, sem energias materiais – foi a explicação que recebi.

Na verdade meu corpo não estava molhado, era apenas uma impressão que logo foi substituída por um frescor bastante agradável, como se o meu corpo estivesse todo perfumado. Percebi um deslocamento muito rápido e a velocidade me encheu de energias; senti como se meu cabelo estivesse eletrizado. Afinal, chegamos ao salão de recepção. Senti dificuldade em pisar o chão e fiquei com receio de flutuar.

– Relaxe Halu, você não vai levitar; o contato com o éter traz esta sensação – tranquilizou-me Meu Amigo.

– Estou sentindo ardência no nariz e na garganta – reclamei.

– Vamos, me dê suas mãos. Faça contato com meus olhos.

Quando estabeleci contato, os sintomas desapareceram. Fui me adaptando ao ambiente e senti minha alma se elevar como em momentos de profunda meditação. Percebi alguém chegando.

– Omar, você gostaria de nos acompanhar? – Meu Amigo perguntou.

– Naturalmente. Já está melhor, Halu?

Respondi que sim, estranhando que o recém chegado me conhecesse, eu também o achava familiar. Quis saber se já nos havíamos encontrado antes e, para minha surpresa, ele disse:

– Fiz parte da equipe que acompanhou você no período pré-encarnatório.

Ao ouvir tais palavras minha consciência mergulhou em meu interior trazendo lembrança nítida de Omar junto a uma espécie de lousa falando alguma coisa em relação aos chakras. Não consegui me ver, mas sabia que eu estava na cena. Também não consegui decifrar com clareza o que ele falava. A saudade tomou conta de mim. E, imediatamente veio a pergunta: saudade de quê ou de quem? Não soube traduzir.

Quando retornei do mergulho, voltei-me para Omar e Meu Amigo, que me olhavam em silêncio. Abracei-os e ficamos unidos por algum tempo. O sentimento liberado no silêncio do mental permitiu que os reconhecesse, ainda que com uma leve lembrança, como amigos de minha alma.

Esta foi uma experiência muito forte; percebi algumas modificações no meu interno, algo confortável, como um “me sentir em casa”. Meu Amigo informou, então, que Omar nos acompanharia até os jardins. O objetivo da aproximação seria facilitar o meu atual perispírito a se acostumar com essa qualidade pura do éter. Recomendou-me ainda que permanecesse entre os dois.

Com Omar de um lado e Meu Amigo do outro consegui andar naturalmente.

– Por que me senti melhor amparada por vocês? – perguntei.

– Seu corpo espírito tem uma ligação com o nosso. Estamos ao seu lado somando forças para você se sentir mais adaptada – respondeu Meu Amigo.

Segui com eles para os jardins. Todas as paisagens que pude ver até então nas Casas Astrais tinham sido de uma beleza indescritível, mas este jardim... Ao contemplá-lo, meus olhos explodiram num contentamento sem fim: flores lindas, maravilhosas, de todas as cores, roseiras amparando – no

mesmo pé – rosas azuis e amarelas, ainda não tinha visto nada igual a nuance dessas cores; brilhavam tanto que pareciam ter luz própria; as pétalas tinham uma textura que me lembrou o veludo, o aroma transportava-me para um ambiente de sonho.

De repente meus pés se colaram ao chão. Não consegui dar um passo à frente. Movida pelo encantamento minha respiração acelerou. Previ entrar num choro que não se estancaria jamais. Segurei as mãos de Omar e de Meu Amigo em busca de sustentação. Lembrei de doutora Luiza me orientando: “Coloque a consciência nas pernas e nos pés para dar continente ao emocional”. Com esta lembrança alinhei meu corpo, plantei os pés bem firmes no chão e a respiração foi se normalizando. Passei as mãos no rosto: estava encharcado de lágrimas. Lágrimas frias e possivelmente doces; senti na face um frescor como se tivesse acabado de perfumá-la.

Fechei os olhos e vi meu corpo físico na esfera material, sorrindo como só uma criança pequena é capaz de sorrir. A impressão de volta ao lar fortaleceu-se em mim. Senti meus pés querendo andar e não impedi o movimento, tinha a certeza íntima de que eles sabiam aonde ir. Omar e Meu Amigo seguiram-me. Atravessei o jardim e cheguei ao laboratório, a porta estava fechada. Abri-a e procurei por uma cadeira que eu sabia existir. Encontrei a cadeira em frente a uma mesa, lembrei-me de um bilhete no fundo da gaveta, procurei-o e logo o encontrei. Nele estava escrito:

1º de janeiro de 1960. Calendário terrestre.

É chegada a hora de concluir o trabalho a que me determinei. Pai celeste, alcançaste minha intenção; auxilia-me agora nesta visita à esfera material. Se aqui demorar a voltar, deixo esta escrita esperando o meu retorno e, junto com ela, parte do meu coração. Abençoados sejam todos os meus companheiros que me esperarão no Ar e abençoados também sejam os que me aguardam na Terra.

Halu Gamashi

Minha alma silenciou. Li o bilhete inúmeras vezes. Ajoelhei ali mesmo e orei profundamente, agradecendo a Deus, a Jesus, a oportunidade que me era oferecida. Minha memória não trazia recordações completas, porém flashes de imagens, de pessoas, de lugares e trechos de conversas.

Assim fiquei por muito tempo. Esqueci Meu Amigo, Omar e minha condição de visitante; levantei, abri gavetas, remexi o armário, peguei papéis. Num canto da sala havia outra mesa, com tubos de ensaio vazios. Toquei em tudo, precisava sentir todos os objetos e a importância que eles

tinham para mim. Voltei a me sentar e fui experimentando a intimidade com aquela sala e tudo o que a compunha. Fiquei um tempo assim, até que me lembrei dos dois companheiros. Olhei para eles.

– Desculpem-me, não sei dizer direito o que aconteceu ou o que está acontecendo.

– Nós compreendemos, Halu, fique à vontade.

– Conheço este lugar. Tenho certeza de que sou Halu e de que escrevi o bilhete.

– Esta sempre foi a sua forma preferida de orar: escrevendo – esclareceu Omar.

Aquelas palavras faziam sentido. Na esfera material eu tinha esse hábito desde criança. Logo que aprendi a escrever, rezava escrevendo o Pai Nosso e a Ave Maria. Mais crescida, substituí essa forma de orar mandando bilhetes e cartas para Jesus.

Peguei novamente o texto e reli. Mais uma vez, vi meu corpo físico no quarto dormindo. De repente, senti muito cansaço e fiquei sonolenta.

– Vamos Halu, você precisa voltar à esfera material, amanhã continuaremos.

Querida ficar e compreender melhor a experiência. Tentei abrir os olhos e espantar o sono. Logo concluí ser impossível. Deixei o bilhete onde estava, senti vontade de guardar os papéis e reorganizar os tubos de ensaio, mas acabei deixando a arrumação por conta de Omar, que insistiu em se encarregar de tudo.

Naquela noite tive um sonho de um realismo impressionante. Ao levantar, escrevi a experiência em detalhes. Sonhei que estava numa imensa sala participando de uma reunião. Sentado à minha direita estava Meu Amigo e à minha esquerda um senhor. Eu olhava para ele e dizia: “Gustavo, meu amigo, vou precisar de você”.

O que mais me impressionou é que não via meu cordão umbilical etérico, porém via o dele. Tenho certeza que, dentro do sonho, Gustavo estava encarnado e eu não. Ele me respondia: “Alcir é a pessoa indicada para acompanhá-la”. E eu dizia: “Vou aceitar sua sugestão”.

Foi um sonho muito intenso, não apenas um sonho como os outros. Estava carregado de uma impressão de realidade difícil de traduzir em palavras. Por recomendação do Meu Amigo, marquei um horário com doutora Luiza e levei o sonho e as experiências escritas num caderno que havia destinado para este fim.

Fizemos alguns exercícios buscando acomodar meu emocional, pois eu estava bastante agitada.

– Gostaria de lhe propor um trabalho – disse-me doutora Luiza ao término da sessão.

– Um trabalho? – perguntei.

– Sim. O que você acha de começarmos um estudo, juntas, com este material que você traz de suas viagens astrais?

Fiquei sem saber o que responder, mas a idéia me agradou.

– Tudo bem. Não sei como vamos fazer isto.

– Você vai ver.

Marcamos um encontro semanal na casa dela para nos dedicarmos ao estudo e aprofundamento de meus relatórios. No consultório destinávamos todo o tempo ao meu processo pessoal, como isso estava refletindo no meu dia a dia, como estava lidando com esta abertura da memória; trabalhávamos os sonhos, enfim, tudo o que dizia respeito ao meu processo de ser vivente no planeta Terra e visitante da parte imaterial deste mesmo planeta.

Na casa de doutora Luiza catalogávamos as experiências. Buscávamos neutralidade nas pesquisas para sair do encantamento e ver o sentido real dos acontecimentos.

Naquela noite quando desmembrei Meu Amigo estava ao meu lado. Nós nos cumprimentamos e lhe contei o sonho.

– Sua memória está ativando, Halu, trazendo lembranças através dos sonhos.

– Então o que vi no sonho realmente aconteceu?

– Sim, há alguns anos atrás.

– E Gustavo naquela época estava encarnado?

– Sim, ele visitava as Casas Astrais, assim como você atualmente, foi dessa forma que vocês se conheceram. Agora vamos; Gustavo hoje já está desencarnado e habita as Casas Astrais, logo-logo você o reencontrará.

Segui até o canal transportador. Ainda não conseguia enxergá-lo, porém já o detectava perfeitamente. Meu Amigo disse-me que por estar mais habituada ao éter, os sintomas da noite anterior seriam mais suaves; realmente fiz o traslado sem qualquer dificuldade.

Quando chegamos ao salão de recepção encontramos Omar. Seguimos os três para os jardins da noite anterior. A emoção que senti foi mesma, porém lidei com mais centramento. Com isto pude observar este espaço

com serenidade. Inclusive percebi porque são chamados de jardins e não jardim, cada grupo de plantas era separado por um gramado. Além da beleza e do brilho das flores, o que mais chamava atenção eram tipos diferentes de flores na mesma planta, e tudo muito harmônico. Pude perceber também tubos de ensaio presos aos galhos sendo preenchidos com o líquido que emanava das plantas. Perguntei que líquido era aquele.

– Éter curativo – esclareceu Omar. – Quando os tubos de ensaio estão cheios, são retirados e levados para o Centro de Saúde Emocional da Primeira Casa.

– O hospital?

– Sim, este éter é aplicado nos chakras das pessoas que ainda estão enfermas – explicou Meu Amigo.

– Qual a diferença desse éter para aquele encontrado nas outras Casas Astrais?

– Existem diversos tipos de éter. O que você conhece é um produto extraído dos elementos Fogo, Terra, Água e Ar a serem qualificados. Este é um produto do éter dos elementos purificados por estes vegetais. Você aprendeu na esfera material o processo de fotossíntese. Pois bem, aqui o reino vegetal faz um trabalho parecido, a diferença está na purificação do éter dos elementos, que produz o éter curativo. Existem outros laboratórios parecidos com o que você encontrou ontem. Neles, algumas pessoas pesquisam sobre as propriedades do éter e sobre o processo realizado pelo reino vegetal.

– Que trabalho o éter realiza nos chakras?

– Emoções não liberadas ou liberadas de forma inadequada desenvolvem um resíduo que se instala nos canais dos chakras, impedindo a captação de energias sutis e a continuação de liberações emocionais fluidas. O éter remove tais resíduos. Você já viu, na esfera material, água fluidificada ou água energizada?

– Já, sim. É um trabalho realizado por pessoas com sensibilidade de captação da energia da cura.

– Este éter é levado à esfera material e os chakras o captam e o conduzem para a água.

– Por que para a água?

– A água tem potencial de absorção de energias e facilita o processo.

– E por que há necessidade do éter passar pelos chakras dessas pessoas?

– Primeiro, por terem esse potencial da alma, que permite a canalização. Este potencial interno também contém energias que facilitam a captação do éter curativo a ser transmitido para outro corpo material. Em outras palavras, pessoas encarnadas transmutam o éter curativo para outros encarnados. Por isso, é importante que tais indivíduos trabalhem para estar em equilíbrio emocional, evitando acumular resíduos. Se isso acontecer, o éter curativo será utilizado na auto-limpeza, impedindo a transmissão de resíduos energéticos antagônicos.

Percebi que Omar queria dizer algo.

– Halu já está bem adaptada, agora preciso voltar às minhas funções.

– Está bem, Omar. Mais tarde nos veremos – respondeu Meu Amigo.

– Até outra noite, Halu – despediu-se sorrindo.

Acompanhei-o com o olhar, depois, voltei-me para o jardim.

Por sugestão de Meu Amigo, dirigimo-nos ao laboratório do meu sonho; sentei na cadeira, vi o bilhete, reli-o e o guardei na gaveta. Percebi ser melhor deixar as perguntas relacionadas à experiência da noite anterior para quando minha memória trouxesse lembranças mais claras. Expus esta decisão para Meu Amigo e ele concordou.

– Quais as consequências desses resíduos antagônicos? – perguntei, retomando a conversa.

– Desde o simples desequilíbrio emocional e doenças no corpo físico até um processo de obsessão. Quando esses resíduos não são liberados, acumulam-se e se unem, compondo um aglomerado energético, o que provoca queda na energia vital material. Esta queda deixa os órgãos físicos fragilizados, facilitando a ação de aglomerados antagônicos sobre eles. O órgão que estiver mais fragilizado atrai este aglomerado, submetendo-se a sua ação, num processo que culmina em doença.

– Todas as doenças têm origem nesse processo?

– Sim, com exceção daquelas adquiridas através de vírus, bactérias e germes, que são promovidas por agentes externos. A conexão com estes agentes está diretamente ligada à qualidade energética liberada pelos chakras. Quando liberamos uma energia o teor energético é atraído por nosso campo áurico. Se, liberamos polaridades antagônicas constantemente para este campo externo, conectamos com agentes externos provocadores de doenças. A atração processa-se desta forma.

– E o éter curativo, cura essas doenças?

– O éter curativo remove a doença, mas não atinge a fonte causal. A fonte causal, no caso, é a forma como as pessoas lidam com seu emocional. É preciso refletir bastante sobre esta questão para não ficar adoecendo constantemente. É bom ressaltar que o éter curativo tem maior atuação nas doenças geradas internamente. Naquelas adquiridas através de agentes externos, o éter curativo atua fortalecendo o cordão umbilical etérico no sentido de preparar o organismo para enfrentá-las. Nas doenças geradas por agrupamentos antagônicos, o éter curativo atua restabelecendo a energia vital material para fortalecimento do órgão atingido.

A explanação de Meu Amigo fez-me pensar na saúde mental das pessoas encarnadas. Como ocorreria um processo de obsessão, por exemplo?

– Você viu agentes externos materiais promovedores de doenças. A obsessão é a atração de agentes externos imateriais. Algumas pessoas, ao desencarnar, por algum motivo não querem vir para as Casas Astrais, que é o ambiente adequado para a sua condição. Permanecem na esfera material e, por não estarem num ambiente adequado para sua condição, sentem fome, sede, frio, calor e procuram, entre as pessoas encarnadas, quem possa aliviá-las destas necessidades. A constância das necessidades não satisfeitas aumenta o desequilíbrio emocional formando um campo ao redor do perispírito, constituído de polaridades energéticas antagônicas. Por seu lado, alguém com o campo áurico preenchido por liberações emocionais antagônicas cria condições de atração com esse perispírito. É bom estar atento para o fato de que mágoas, queixas e cobranças desnecessárias também são antagonismos.

– Estou concluindo que o que atraímos também é responsabilidade nossa.

– De fato somos os responsáveis por nossas atrações sejam elas boas ou más. Este é, pois, o processo de atração do agente externo imaterial. O agente permanecerá perto do campo áurico do encarnado, aliviando assim frio, fomes, calor, sede – todas as suas necessidades materiais. Em contrapartida, passa a transmitir para o campo áurico do encarnado resíduos energéticos do seu antagonismo. Então o quadro de obsessão se estabelece.

– O encarnado e o desencarnado ficam juntos, lado a lado?

– O agente obsessor instala-se no lado direito do encarnado. As energias penetram no corpo físico através do lado esquerdo e circulam buscando saída no lado direito, por onde são liberadas. O agente obsessor

espera que o encarnado libere uma energia densa, que chamamos de antagônica, e se preenche com esta liberação. Por isso posiciona-se do lado direito.

– E se o encarnado liberar uma energia sutil, ou seja, a polaridade positiva das energias?

– Começa a diminuir o quadro de obsessão pois essa qualidade não satisfaz o agente obsessor.

– E o éter curativo é eficaz nesse processo?

– Auxilia removendo os resíduos negativos gerados pelo encarnado e transmutados com o agente obsessor. Mas o desligamento acontece com o restabelecimento do equilíbrio emocional por parte do encarnado, desfazendo o ponto de atração.

Ficamos algum tempo calados e senti cansaço. Olhei mais uma vez para o laboratório, principalmente para a gaveta onde estava guardado o bilhete. Meu Amigo sorriu para mim, levantamo-nos e caminhamos até a porta. Tive o cuidado de fechá-la. Não sabia por que, mas assim o fiz. E retornamos pelos mesmos jardins.

Acordei trazendo outro sonho. Vi-me adolescente, com 17 anos, sentado no parque da Segunda Casa, conversando com Otília. Acordei falando este nome em voz alta: Otília. Pensei em lhe fazer uma visita para lhe contar sobre a lembrança. Aquela saudade profunda voltou a me invadir: algo me dizia ser das Casas Astrais, de meus amigos de lá, de Omar, dos trabalhos por eles realizados. Mesmo identificando os motivos senti que havia algo mais nesta saudade.

Nesse dia eu e doutora Luiza tínhamos encontro para o estudo. Ao me despedir, ela me pediu que eu passasse a chamá-la de Luiza. Não sei por que a idéia não me agradou, eu gostava de chamá-la de doutora Luiza.

11. ACOMPANHANDO UMA OBSESSÃO

Nessa noite quando desmembrei não vi Meu Amigo. Lembrei-me que gostaria de visitar Otília. Em seguida a este pensamento, vi o antigo canal transportador e me dirigi a ele. Rapidamente cheguei ao salão de recepção da Primeira Casa. Esta experiência impressionou-me. Vi os grupos sendo trabalhados para atravessar o primeiro portal. Uma moça aproximou-se de mim perguntando-me se eu precisava de ajuda. Disse-lhe que estava procurando Otília.

- Ela está na creche. Sabe ir até lá?
- Sim, sei. Posso ir sozinha?
- Claro, fique à vontade.

Atravessei o primeiro portal, cheia de alegria por me deslocar por ali com total independência. Passei pelo jardim, pelo Centro de Saúde Emocional. Vi Mônica trabalhando, acenei para ela e me dirigi à creche. Ao reconhecer Otília, minha alegria aumentou.

- Noite passada, em sonho, lembrei-me de você.

Ela me abraçou. Disse que viera visitá-la, lhe contar o sonho. Sem rodeios, Otília revelou:

– Eu também trabalhei na equipe que lhe prestou assistência no período pré-encarnatório.

- Então, minha memória está se ativando! – constatei.

– Isto já era esperado e será bastante benéfico para o seu trabalho.

Agora vou dar assistência a um grupo. Gostaria de me acompanhar?

- Sim. Hoje não vi Meu Amigo, acho que ele está descansando.

– Você optou por ficar um pouco comigo e ele soube. Ficou feliz em saber que você já está escolhendo para onde ir. Vamos agora.

Retornamos ao salão de recepção.

- É aquele grupo ali.

Nós nos aproximamos de dois rapazes.

- Vamos escutá-los, preste atenção no diálogo, Halu.

– Fausto, você não tinha o direito de fazer o que fez comigo.

– Você ainda reclama, Mário? Quero que você me devolva o que tirou de mim!

– Eu? Foi você que tirou!

Olhei para Otília e lhe perguntei o motivo da briga.

– Nesses grupos chegam pessoas trazendo seus conflitos cotidianos. Esses dois estão projetando um no outro a questão básica de seus ressentimentos. Para você ter idéia de como as pessoas perdem a lucidez, estes não são Mário e Fausto. São, na realidade, Fernando e Paulo e eles nem se conhecem. Fernando está vivendo na esfera material uma questão com um rapaz que se chama Fausto. E Paulo, um problema semelhante, com outro rapaz que se chama Mário. Os dois, Fernando e Paulo, desmembram e se encontram nesse salão e não percebem onde estão, nem com quem estão falando. O pensamento dos dois está de tal forma ocupado com os conflitos diários que julgam estar brigando com seus respectivos adversários na esfera material.

Quando nos aproximamos, Otília interferiu no diálogo.

– Fernando, Fernando! Por favor, faça silêncio por um instante.

O rapaz olhou para ela e disse:

– Quem é você?

– Sou amiga de vocês dois. Agora é preciso que façam silêncio e me escutem. – e assim dizendo propôs: – Vamos dar as mãos nós três.

– Mas ele...

– Eu sei – interrompeu Otília. – Mas agora é preciso que fiquemos quietos e de mãos dadas.

Um pouco atônitos, os dois briguentos atenderam ao pedido de Otília: deram-se as mãos e assim ficaram por alguns segundos.

– Pronto, agora podem conversar – disse Otília.

– Ah, rapaz, desculpe-me, eu estava confundindo você com outra pessoa – disse Fernando (que o outro chama de Fausto).

– Puxa vida, eu também. Por que estávamos brigando? Também lhe devo desculpas – retrucou Paulo (que estava sendo tratado como Mário).

Enquanto os dois, entre sorrisos, continuavam a lamentar o equívoco, Otília pediu-me que esperasse e saiu, levando-os até um grupo que conversava animadamente assistido pela moça que me recebera no salão. Quando Otília voltou, perguntei-lhe o que fizera com Paulo e Fernando.

– Transmitem éter para seus centros energéticos emocionais. Eles se acalmaram recuperando a lucidez.

– O que fez com que chegassem a este estado?

– O mental racional é um corpo limitado, Halu. Mistura de emoções, liberações desordenadas e outros desequilíbrios conduzem o corpo mental ao seu limite, trazendo confusões e perda de lucidez.

– Na esfera material eles também confundem as pessoas como fizeram aqui?

– Quando estão na esfera material, a confusão mental apresenta-se de outra forma. Aqui no salão de recepção a confusão se amplia. Na esfera material são mal humorados, intolerantes, atuam apressadamente e liberam agressividade contra pessoas que nem conhecem, que não fizeram nada para merecê-la.

Lembrei-me de algumas pessoas com este comportamento e quis saber se havia alguma coisa que eu pudesse fazer para ajudá-las.

– Procurar esclarecer o desequilíbrio emocional.

– E se eles não quiserem ou não puderem escutar?

– Nesse caso, muito pouco pode ser feito. A primeira condição para alguém ser ajudado é querer se ajudar.

– Estou impressionada com a experiência desta noite. Como o canal transportador para a Primeira Casa apareceu no meu quarto?

– Quando você sentiu vontade de vir me ver, atraiu o veículo que pudesse concretizar seu querer.

– Então a depender de onde queiramos ir atraímos o canal transportador correspondente?

– Sim. A energia, Halu, segue o pensamento. Você emitiu uma energia magnetizando o canal transportador para ir buscá-la e trazê-la até onde eu estava.

– Guardadas as devidas proporções é parecido com os elevadores da esfera material. Você aperta o botão indicando para onde quer ir e eles a levam.

– Muitas pessoas trazem recordações da passagem pelo canal transportador na forma de sonho subindo ou descendo no elevador por causa dessa semelhança que você identificou. Essas pessoas não lembram com clareza da experiência, trazendo-a de forma simbólica. Outras pessoas sonham atravessando pontes, viadutos, viajando em aviões, como tradução dessa passagem de dimensão.

– Otília, minha amiga, já tive muitos desses sonhos. Ao acordar, sentia-me bastante estranha, aérea, um pouco alheia ao mundo.

– Esse sentimento indica a diluição do éter por todo o corpo físico, dando a impressão de o mental estar vazio, com dificuldade de concretizar ou concatenar idéias.

– Bem, preciso retornar à esfera material.

– Sim, Halu, seu campo áurico apresenta sinais de cansaço.

Voltei pelo canal transportador que estava à minha espera. Quando cheguei ao quarto, prestei atenção ao meu corpo físico. No início, nos primeiros desdobramentos com lucidez, evitava olhar meu corpo. Agora não mais. Concluí que, por ter compreendido todo o processo, com meu centro emocional já acalmado, pude confrontar esta realidade.

Respirei perto do corpo físico e senti o cansaço diminuir. Aproximei-me, incorporei e acordei. Ainda vi o canal transportador subindo, retornando à Primeira Casa. Levantei, todos estavam dormindo, bebi água e voltei a dormir.

Pela manhã, ao acordar decidi sair para visitar uma Praça de Salvador, escolhi a Praça da Piedade. Nesse local jovens se encontram para conversar, aposentados reúnem-se em busca de companhia e diversão – enfim, é um ponto próximo a uma avenida muito movimentada, em que sempre circula muita gente.

Escolhi um local central para me sentar e observar. Algumas pessoas conversavam normalmente, sorrindo; outras pareciam tratar de negócios; havia ainda as que falavam sozinhas, gesticulavam, pareciam brigar consigo mesmas. Observei também os carros passando na avenida e como cada motorista fazia aquele trajeto – uns buzinando, freando bruscamente, outros conduzindo seus veículos com serenidade, esperando a vez de passar.

Confirmei ter escolhido o lugar adequado. As praças da esfera material são um laboratório perfeito para se vivenciar algumas lições aprendidas nas Casas Astrais.

De repente, escutei a voz do Meu Amigo recomendando-me fixar o olhar sobre as cabeças e os ombros das pessoas. Procurei-o e não o encontrei. Perguntei-lhe onde estava.

– Você não precisa falar em voz alta. Converse comigo com o pensamento. Estou no canal transportador, olhe para cima.

Fiz o que ele dizia e o avistei em pé acima da minha cabeça, como se estivesse no alto de uma escada e eu no chão.

– Você não cai daí? – brinquei.

– Não se preocupe, estou bem. O canal transportador encontra-se em sincronia com a gravidade da esfera material e eu estou sem peso dentro dele.

Voltei a me lembrar do siri andando sobre a água sem tocar as patas no fundo.

– Vamos, fixe o olhar no campo áurico dessas pessoas que você está observando.

Fiz como ele disse e percebi uma espécie de névoa em volta de um rapaz que estava sozinho, falando alto e gesticulando. A capacidade da minha visão foi aumentando. Ao lado dele havia um senhor que logo identifiquei como desencarnado. Ao mesmo tempo em que falava alto e gesticulava visivelmente irritado, o rapaz eliminava uma névoa escura de seu ombro direito, que o acompanhante ia aspirando profundamente, com visível satisfação.

– Volte a olhar o rapaz na altura das pernas, Halu – instruiu Meu Amigo.

Outro tipo de névoa, girando, penetrava em seus joelhos, que ele esfregava com expressão de dor. “O corpo físico sentiu a entrada da névoa”, pensei.

– A continuidade desse movimento é que estabelece a obsessão. Este aglomerado energético que você simbolizou como névoa é composto de resíduos energéticos liberados pelo agente obsessor.

Voltei a observar o senhor desencarnado. Ele inspirava profundamente o aglomerado energético liberado pelo ombro direito do rapaz e em seguida expirava pela boca a névoa que descia, buscando os joelhos.

– Continue sua pesquisa Halu, agora preciso voltar.

Ele se sentou num banco da praça. Tive o impulso de me sentar ao lado dele. Percebi que o outro, que Meu Amigo chamara de agente obsessor, olhava-me agressivamente. Procurei não estabelecer contato. O rapaz, percebendo a minha aproximação, disse:

– Você também deve estar esperando alguém.

– Por que você chegou a esta conclusão?

Escutei a voz de Otilia: “Continue, Halu, estou aqui com você”. Olhei para o rapaz, que prosseguiu:

– Só pode. Todo mundo que espera alguém que demora a chegar, busca companhia para matar o tempo.

– Não estou esperando ninguém.

O rapaz olhou para mim visivelmente surpreso e disse, sem esconder a irritação.

– Eu marquei encontro com minha irmã aqui na Praça da Piedade e já estou esperando há muito tempo. Se ela demorar mais, vou embora.

– A que horas você combinou com sua irmã? – quis saber; ele fingiu ignorar minha pergunta.

– Estou morando sozinho, ela continua lá em casa com minha mãe; nós nos encontramos aqui uma vez por semana.

Tornei a escutar a voz de Otília: “Não insista na pergunta, Halu, escute o que ele tem para falar”.

– O pior é que preciso dos livros para hoje, tenho que entregar o trabalho pronto na Universidade. Que menina egoísta! Um dia o mundo ensina – prosseguiu em tom amargo.

– Sua irmã ficou de lhe trazer livros para um trabalho?

– É, eu ia comprar, mas uma amiga dela tem os livros de que estou precisando. E ela não chega!

Suas pernas agitavam-se sem parar, todo o seu corpo estava trêmulo, os lábios secos e suava muito. O senhor desencarnado continuava a me encarar de modo agressivo.

“Volte a perguntar a que horas ele marcou com a irmã”. Ouvi a orientação da Otília. Obedeci e tive uma resposta surpreendente:

– Ah? Marquei às 10 horas.

– Ainda são 09h45min!

– Mas ela está em casa sem fazer nada, poderia ter vindo logo. Se ela tivesse vindo mais cedo, agora eu já estaria em casa fazendo o trabalho que preciso entregar hoje e me sobraria tempo para descansar. Mas minha irmã só pensa nela, sempre foi assim.

Naquele momento apareceu a irmã com os livros debaixo do braço.

– Rogério, você já está aí? – falou sorrindo.

– Claro que já, minhas pernas estão doendo de tanto esperar. Resolvi me sentar com esta moça, que também está esperando alguém como você, que não respeita a condição do outro.

– Mas Rogério, o que foi que eu fiz desta vez?

– Nada, nada. Deixa-me ir, que já estou atrasado.

Com um gesto brusco, pegou os livros e se levantou.

– Rogério, que dia você pode devolver esse material?

A pergunta atingiu-o como um choque elétrico.

– Por quê? – disse em tom agressivo.

– Você sabe os livros não são meus, peguei-os emprestados e preciso saber quando poderei levá-los de volta.

– E ainda tem essa? – gritou visivelmente irritado. E, num rompante, jogou os livros sobre o banco. – Quer saber de uma coisa? Pode levar esta porcaria! Devolva à sua amiga, eu já devia ter imaginado...

– Calma, Rogério, você fica com eles o tempo que precisar. Eu só queria...

– Deixa pra lá, eu me viro sozinho, não posso mesmo contar com ninguém!

E sem se despedir foi embora, falando alto e gesticulando. Com ele, o senhor desencarnado que o acompanhava. A moça olhou espantada para mim.

– Você é amiga dele?

– Não, nunca o tinha visto antes, conheci agora.

– Você está esperando alguém?

– Não. Esta foi uma dedução dele.

– Ele está cada dia mais nervoso, não sei o que está acontecendo. Bom, eu preciso ir embora, desculpe a cena do Rogério. Até mais.

A moça se foi. Senti minha cabeça um pouco confusa. Escutei a voz de Otília, sugerindo que eu fosse andar um pouco para superar o mal-estar que me invadira.

Caminhei devagar pela praça, meditando sobre o que acabara de presenciar. Apenas por ficar perto de Rogério estava me sentindo mal; e o que dizer dele, recebendo diretamente a liberação energética densa do agente obsessivo...

Tornou-se impossível para mim, depois dessa experiência, deixar de observar como as pessoas perdem a lucidez por um desequilíbrio emocional. O que mais me chamou a atenção dentro desse quadro foi que as pessoas em geral acreditam que só perdem a lucidez nos momentos de explosão emocional. Elas não percebem que os resíduos energéticos nublam o raciocínio lógico a todo o momento. Observei que a confusão mental surge com maior intensidade em situações explosivas, porém está presente a todo o momento. Com a experiência, percebi também que este estado extrapola o dia, ou seja, algumas pessoas quando dormem, como no acontecimento que presenciei com Fernando e Paulo nas Casas Astrais,

continuam a agir com distorções. As consequências desses procedimentos são inúmeras e altamente prejudiciais à saúde em geral.

Em casa aproveitei para rever os relatórios sobre as experiências com os elementos Fogo, Terra, Água e Ar. Alcancei a colocação de Meu Amigo de como é importante estes componentes estarem em equilíbrio, promovendo uma melhor qualidade de Éter. À noite, ao desmembrar, tive uma surpresa: Omar estava à minha espera.

– Seu Amigo sugeriu que, esta noite, acompanhássemos o rapaz que você conheceu na praça. Buscaremos neste trabalho uma maior compreensão da atuação do desequilíbrio emocional e de suas consequências no plano mental e energético. Agora Rogério ainda está acordado, vamos até a casa dele.

– Eu tenho algumas perguntas, Omar.

– Por isso mesmo concluímos ser importante esta visita. Quando terminarmos o trabalho com o Rogério, seguiremos para a Sétima Casa para conversarmos. Vamos agora para o quintal. Você conhecerá outro tipo de veículo das Casas Astrais, utilizado para deslocamentos na esfera material.

– Não iremos pelo canal transportador?

– Hoje, não. Utilizaremos o aerobus.

Olhei para ele com espanto, porém seguimos para o quintal de minha casa. Quando chegamos, esperamos alguns minutos e vi se aproximar de nós uma espécie de ônibus ou metrô. O veículo parou e subimos por uma escada semelhante à que utilizamos para entrar num avião. Na direção do veículo, um piloto, que nos cumprimentou alegremente.

– Como vai Omar? Seja bem-vinda, Halu, estava com saudades.

Quando olhei para ele, meu espanto passou. Achei tudo natural e perfeitamente familiar. No momento não recordei de onde o conhecia, mas meu sentimento indicava a presença dele e do aerobus nos registros de minha memória. Respondi à saudação e me dirigi para o interior do veículo onde já havia passageiros, alguns desencarnados, outros em processo de desdobramento, como eu.

– Vamos todos para o mesmo lugar?

– Não. O aerobus funciona como os transportes terrestres. Cada um chegará ao lugar desejado.

O veículo partiu em grande velocidade. De repente parou e um grupo desceu na porta de um hospital. Na parada seguinte, foi a nossa vez.

– Chegamos Halu – disse Omar.

Aos poucos dei-me conta de estar na casa onde Rogério morava. A voz de Osmar instruiu-me:

– Inspire fundo, atravesse a porta e expire depois de atravessar.

A princípio tive dificuldade, achei estranha a orientação. Depois me lembrei de já ter feito isso no guarda-roupa da casa da doutora Luiza. Confiei em Omar e atravessei com facilidade, ele me seguiu. Rogério estava acordado na sala, visivelmente perturbado. Ficamos observando. De repente, ele começou a falar.

– Tem sempre alguém tirando algo de mim. Primeiro, foi minha mãe, depois minha irmã com a mesquinha dos livros e agora o professor, que não entendeu porque não entreguei o trabalho. O que ele queria? Como eu poderia fazer a pesquisa sem os livros?

Depois, deitou-se no sofá e começou a chorar. Vi claramente o movimento energético entre seus joelhos e a troca da energia com o agente obsessor. Omar abriu o diálogo.

– Ele percebe que tem alguém tirando algo dele, porém está confuso e projeta esta atitude em sua mãe, em sua irmã e no professor. Confusão mental e perda de lucidez são consequências dessa contaminação.

– Uma leitura diferente do fato real.

– Esta confusão mental teve origem em um problema que Rogério desenvolveu com a mãe e os dois não encontraram uma solução harmônica, passando a viver em conflito. Com isso perderam a condição de estabelecer um diálogo aberto que propiciasse o reencontro. Com a ausência do diálogo, as energias geradas nos conflitos não foram liberadas, o que ocasionou a aglomeração de resíduos energéticos que, com o passar do tempo, cristalizaram-se, incorporando-se ao emocional dele. Isso prejudicou as outras relações emocionais. Quando ele estabelece um contato com a irmã, a namorada, o professor, ou com qualquer outra pessoa, toda a sua emoção está contaminada pela presença desses resíduos energéticos antagônicos.

– Esses fatos promovem a distorção da realidade.

– Promovem uma cadeia de consequências. Este que você citou facilita a abertura para a atração de agentes obsessores que se debatem com a mesma questão, ou seja, com distorções da realidade.

– E se esta parceria não for desfeita o que acontecerá?

– O desequilíbrio emocional irá se agravando, podendo levá-lo a uma condição rotulada de loucura. Se o agente obsessor acompanhar Rogério,

enlouquecerá também com tendência ao registro dos dois se fundirem, gerando um campo mental com registros das duas vivências, ou seja, em certas situações, Rogério pensará e agirá com os registros pessoais e em outras, atuará com os registros do obsessivo. O campo mental alternará os registros, atuando como se fossem duas pessoas. Mas este é um processo lento. Felizmente Rogério ainda está longe desse desfecho.

Nesse momento Omar pediu que interrompêssemos a conversa, pois o rapaz estava quase dormindo. Olhei para ele e vi que seu corpo físico já se entregava ao sono. Notei que o agente obsessivo saíra de sua passividade e começara a se agitar, andando de um lado para outro. Perguntei por que ele se comportava daquela maneira.

– Rogério logo vai desmembrar e se confrontar com a presença dele. Desmembrado, Rogério poderá mandá-lo embora. Enquanto acordado recebe a influência sem perceber, pois não tem a visão ampliada para enxergar o imaterial.

O agente obsessivo dirigiu-se a Omar.

– Ele está acordando, vá embora!

Achei o comentário estranho, pois Rogério dormia profundamente. Omar nada respondeu e falou comigo.

– Para ele, o rapaz está dormindo quando não o vê e acordado quando desmembra: é a confusão mental distorcendo a realidade.

Voltamos a observar Rogério. De repente, tive a impressão de vê-lo se levantar, porém seu corpo físico permaneceu na cama. Pela primeira vez eu assistia uma pessoa entrar em processo de desdobramento. Rogério dirigiu-se para o quarto. Omar e eu o seguimos.

Ele olhou para nós e disse:

– Você, eu conheço, é a moça da Praça da Piedade. E você, quem é?

Omar olhou para mim. Compreendi que deveria conduzir o diálogo.

– É um amigo meu, Rogério.

– E o que vocês estão fazendo aqui?

Resolvi falar a verdade.

– Estou fazendo um estudo sobre a dimensão imaterial. Omar é um dos professores.

– Dimensão imaterial? Nunca ouvi falar nisso. E o que vocês querem aqui na minha casa?

– Nós estamos acompanhando você porque acreditamos poder ajudá-lo. Se você não permitir, pediremos desculpas e iremos embora – respondeu

Omar.

– E se eu permitir, em quê poderão me ajudar?

– Nós o convidaremos para ir a um lugar do espaço imaterial onde possamos conversar. Sua mãe o espera, venha conosco, nós sabemos onde ela está.

– Não sei se vale a pena encontrá-la, chega de brigas! Minha mãe não me escuta. Omar é o seu nome, não é? Está bem, eu vou, mas não quero brigar. Já chorei muito, fico muito mal quando brigo com minha mãe.

– Eu sei, meu amigo. Sua mãe também chora muito.

Percebi em Omar um profundo carinho por Rogério e por sua causa. Antes de se afastarem, Omar me avisou:

– Halu, Otília está chegando. Acompanhe o trabalho que ela vai fazer, depois nos encontraremos na Sétima Casa.

Ouvi a voz de Otília na sala ao lado. Ela conversava como agente obsessor, que, agitado, insistia em que morava naquela casa e se chamava Rogério.

– Você não é Rogério e nós sabemos disso.

– Não sou totalmente, mas gostaria de ser.

– Por que você não gosta de ser você mesmo?

– Porque quero viver, estudar, ainda tenho muitas coisas a fazer no mundo.

– Concordo com você. Mas o que você quer e precisa fazer difere das expectativas do Rogério. Precisa voltar a ser você mesmo e atuar com seu querer e sua intenção. Agindo de outra forma, você não estará vivendo. É necessário que compreenda este conceito de morte: morrer é não atuar dentro da vida que se tem, por isso você se sente morto. Algumas pessoas, mesmo encarnadas, tem este sentimento. Rogério é um deles. Por isso vocês se atraíram.

– E o que você quer que eu faça? Quer que eu vá para o cemitério e fique lá junto com aqueles que aceitaram a morte?

A pergunta chocou-me, mas deixei para comentá-la depois.

– As pessoas que você se refere não aceitaram a nova condição de vida que tem. Mais uma vez você está equivocado. A sua realidade agora é outra. Quando quiser, pode voltar a estudar, a trabalhar, a viver normalmente dentro de sua nova condição.

– Isto é possível? – o obsessor parecia muito admirado.

– Eu também já estou desencarnada e tenho casa, uma família, um estudo, um trabalho – disse Otilia. – O corpo carnal é um veículo para atuarmos na esfera material do planeta Terra e ser visto por todos. Aprendemos nesta esfera a lidar com o concreto e depois, quando desencarnados, utilizamos estes aprendizados para atuar com o imaterial, que é a minha e a sua condição agora.

– Mas esta moça está encarnada. Eu a vi na praça, conversando com o Rogério.

– Sim, está. O invólucro material dela está dormindo em sua casa e ela está atuando com outra parte sua, a imaterial. Logo mais ela retornará ao corpo físico para atuar nesta esfera da vida da qual nós dois não fazemos mais parte. Eu e você precisamos voltar para o ambiente que é adequado para a nossa condição.

– E por que você está aqui?

– Estou exercendo uma das minhas funções que é mostrar às pessoas desencarnadas a necessidade de retomar suas vidas em outra esfera. Pense bem, você não tem um motivo para estar aqui, tem?

– Se você diz que posso estudar e trabalhar por mim mesmo em outra esfera, não tenho mesmo. Estou disposto a acompanhá-la, mas se as coisas não forem como você diz, eu retorno. Pode ser assim?

– Só pode ser assim. Como posso obrigá-lo a desfrutar de algo a que você tem direito?

– E por que ela vai conosco? – questionou o obsessor.

– Há um motivo muito importante: Halu deve presenciar estes acontecimentos e narrá-los num livro. Mais uma forma de alertar as pessoas, enquanto encarnadas, da existência do mundo imaterial, de seus trabalhos e de suas funções. Buscamos com isso que pessoas como você não desencarnem concluindo erroneamente que a eternidade é finita, que só se vive ou atua enquanto permanece o invólucro carnal. A eternidade é viva porque atuamos dentro dela.

Eu ainda não havia alcançado esse conceito da eternidade. Aprendi bastante com essa experiência. Realmente, a eternidade não só existe como atua. É um corpo vivo.

Seguimos para o Salão de Recepção da Primeira Casa. O agente obsessor, quando chegou, expressou estar sentindo tonturas e sono.

– Halu, vou levá-lo para o Hospital, ele precisa de alguns cuidados. Omar, Rogério e a mãe estão no parque da Segunda Casa, estão esperando.

Até outra hora, Halu, depois conversaremos.

Percebi que Otilia estava com pressa. Não a atrasei e segui para a Segunda Casa, lá encontrei Omar.

– Que bom que você chegou Halu, Otilia conseguiu trazer o obsessor?

– Sim, foi com ele para o hospital. E Rogério?

– Ele e a mãe estão com Margô no trabalho de mesa aberta para encarnados. Estão buscando se aprofundar na intenção, no motivo de estarem encarnados na condição de mãe e filho. Isso os fará acordar com vontade de se ver para conversar.

– Farão as pazes?

– Há visivelmente essa intenção por parte de ambos. Margô os está auxiliando. Acordarão ainda com este sentimento que existe na alma dos dois; a depender de como o campo mental elabore e traduza essa intenção, talvez demore um pouco para se reaproximar. Vamos seguir para a Sétima Casa.

Quando chegamos ao jardim Omar sugeriu que parássemos um pouco perto de uma roseira. Pegou o tubo de ensaio que estava preso no galho, o tubo continha um líquido.

– Molhe os pulsos com este éter: isso ajudará a purificar seus chakras de toda a corrente energética com que você acabou de conviver.

Percebi que o meu emocional estava um pouco alterado. Sorri para dentro. É impressionante, eles notam tudo, estão sempre alertas. Como é importante esta condição para se trabalhar com pessoas. Ainda envolvida com tais pensamentos, percebi uma moça se aproximar.

– Halu, esta é Edith, ela veio buscar éter curativo para levar para José, o senhor que acompanhava o Rogério.

A moça sorriu para mim e se dirigiu para executar a tarefa. Garanti a Omar que já estava recuperada; ele, então, convidou-me a seguir para o laboratório onde tínhamos conversado nos últimos dias e lá encontrei Meu Amigo. Nós nos sentamos perto dele. Omar disse que eu tinha algumas dúvidas; Meu Amigo prontificou-se a esclarecê-las.

– Quando estávamos na casa do Rogério – falei – eu e Omar conversávamos sobre algumas pessoas que atingem o cume do desequilíbrio emocional transformando-se em louca; eu havia perguntado por quê.

– Eu me lembro, Halu, que interrompemos nosso diálogo nesse ponto. Os motivos são muitos. Mas o principal diz respeito à forma de tratamento dispensado a essas pessoas.

– Um tratamento errado...

– Eu não diria errado, mas incompleto. Esses casos exigem assistência para o corpo físico, emocional e espiritual. Quando tratados apenas um desses aspectos, o resultado não é satisfatório. Até mesmo para Rogério, que ainda não atingiu esse quadro, é recomendável um acompanhamento psicológico na esfera material para propiciar a cura.

– Quando você diz atendimento espiritual, está se referindo ao éter curativo?

– Sim, aplicado nos chakras através do corpo físico, bem como outros trabalhos: massagens para liberação de energias e meditação. E o ensinamento sobre o corpo espírito e suas funções, para que a pessoa atingida busque contato com esse corpo interno, que ajudará no processo de cura e restabelecimento do equilíbrio emocional.

– E no que diz respeito às crianças?

– Você já viu nos trabalhos da Primeira Casa que, desde o período da gestação, a criança recebe através dos pais informações e influências da parte material do planeta. A depender delas, a criança pode nascer com um desequilíbrio emocional e energético.

Perguntei o que acontecia com crianças que nascem normais e desenvolvem desequilíbrios depois.

– Esta é uma questão difícil de concluir. Uma criança pode trazer um desequilíbrio adquirido enquanto feto e só externar esta condição alguns anos depois. Pode também desenvolvê-lo por alguma experiência que vivenciou e que invadiu seus centros energéticos emocionais. Mas o processo de cura é o mesmo.

– Tenho outra dúvida: o agente obsessor, o José, falou de pessoas no cemitério que aceitaram a morte. A quem ele se referia?

– Algumas pessoas quando desencarnam permanecem perto do corpo acreditando ter aceitado a morte. Esta é outra forma de distorção da realidade, pois aceitar o desencarne é se dirigir à esfera imaterial para continuar o processo evolutivo.

– Por que agem dessa forma?

– Muitos movidos pela falsa crença de ser essa a postura adequada. Outros por culpas relacionadas à encarnação, que os impedem de se desprender do corpo físico e buscar outra dimensão.

Perguntei qual era o trabalho das Casas Astrais para auxiliar pessoas nessa condição.

– Temos grupos que os visitam diariamente. Alguns nos acompanham, outros nos evitam julgando-nos desviadores de suas crenças; finalmente, há os que simplesmente rejeitam o contato conosco; quando isso acontece respeitamos a escolha.

Recolhidas mais essas informações despedi-me de Omar; Meu Amigo acompanhou-me até em casa aonde chegamos com o sol já alto.

– Hoje procure não fazer muito esforço físico. Você deverá acordar sentindo muito cansaço.

Ao despertar lembrei-me de um sonho. Nesse sonho eu viajava no aerobus muito à vontade e com bastante naturalidade. A lembrança veio acompanhada de um sentimento de saudade profunda.

Passei o dia escrevendo, quieta. As pessoas ao meu redor estavam se acostumando com meu novo comportamento. Embora não entendessem já estavam me aceitando sem cobranças, o que favorecia meus estudos e pesquisas.

Permanecia em mim o incômodo por não saber explicar que tudo o que eu estava vivendo agora era melhor e mais adequado para minhas buscas. Por outro lado, esse incômodo aproximou-me de doutora Luiza. Ela alcançava meus motivos sem muitas explicações e isso me confortava bastante. Com ela recuperei a confiança no ser humano e me confrontei com a realidade de poder existir paz, harmonia e compreensão entre pessoas com processos e buscas diferentes.

Com minha alma acalmada sentia meu coração aproximar-se de Deus – Ele, minha maior busca e agora meu melhor encontro. Percebi que esse encontro é tão individual que não importa a estrada que se caminhe, Deus está em todos os sinais de proteção da estrada: a depender da necessidade de proteção abraçamos um para nos sentirmos seguros e continuar a caminhada. Quando encontramos Deus O tomamos para nós e convivemos com Ele dentro de nós, aprendendo com este convívio para podermos um dia nos integrar a Ele e a seu universo repleto de moradas.

12. REENCONTRO COM AMONRHEBE

À noite, ao desmembrar, não vi Meu Amigo. Mais uma vez compreendi a mensagem: “Agora é sua vez de me encontrar”. Procurei o canal e não o avistei. Comecei a sentir aflição. Parei e respirei. Pensei: se não enxergasse, procuraria pelo menos senti-lo ou percebê-lo. Caminhei pelo quarto. No centro do quarto havia um espaço onde a temperatura se apresentava bastante baixa, diferente da restante; confirmei estar sob o canal transportador invisível. Alguns instantes depois cheguei aos jardins da Sétima Casa e caminhei para o laboratório. Lá encontrei Meu Amigo e Omar.

– Hoje, Halu, você conhecerá outra divisão da Sétima Casa, o Departamento de organização e distribuição. Esse Departamento é o que efetiva a comunicação entre as Casas Astrais, da Primeira à Décima Segunda.

– Você vai ver de onde partem os canais transportadores e os mentores que os organizam – informou Omar.

– A ala que visitaremos primeiro é um espaço que requer muito silêncio e concentração. Apenas observe deixando as perguntas para depois – acrescentou Meu Amigo.

Seguimos pelos jardins e vi, ainda distante de nós, um imenso nevoeiro, algo como uma neblina intensa, que me impedia de ver adiante. Meu Amigo parou e me explicou:

– É ali o Departamento. Ele é composto por duas alas. Na primeira são confeccionados os canais transportadores; na segunda é organizada a distribuição da comunicação, que se compõe de troca de relatórios, informações, pedidos de licença especial, tudo o que diz respeito a uma Casa Astral, que precisa ser informado a outra Casa. Então, está pronta para entrar?

Fiz um sinal afirmativo.

– Se você sentir alguma alteração na temperatura ou no emocional repita o exercício adequado para esses momentos. Eu e Omar a observaremos pelo seu campo áurico; simplesmente siga-nos. Quando nos detivermos, pare e observe. Você terá o tempo necessário para isso. Não se

preocupe em absorver ou captar todas as imagens, pois você voltará a esta ala outras vezes. Gostaria de acrescentar, Halu, que você já esteve aqui anteriormente; portanto, há informações armazenadas nos seus chakras sobre este lugar. Agora vamos.

Caminhamos em direção ao nevoeiro. Quando penetramos nele senti uma onda de frio e um pouco de tontura. Parei de andar e fiz um exercício respiratório. O frio foi passando e comecei a sentir ansiedade emergindo do meu emocional. Fiz outro exercício para diminuir a ansiedade, que foi se transmutando numa imensa saudade. Omar e Meu Amigo estavam parados olhando para mim.

Voltei a andar. Era o sinal de que estava tudo bem. Continuamos a penetrar na névoa e por alguns segundos perdi-os de vista, porém, sentia claramente a presença dos dois. De repente o nevoeiro abriu um pouco e tornei a vê-los.

Continuamos a caminhar e, logo à frente, percebi a presença de luz. À medida que nos aproximamos identifiquei que a claridade brotava de um salão iluminado.

Impossível descrever em palavras a presença daquela luz por ser diferente de tudo quanto eu conhecera até então: o fulgor não se originava de lâmpada – isto eu tive o cuidado de examinar.

Meu Amigo e Omar pararam em frente a uma parede: logo uma porta se abriu e entramos num salão com a mesma intensidade de luz, porém em cores variadas como os canais transportadores. Depois percebi fachos, um para cada canal. Ao lado deles uma pessoa, sentada numa cadeira os observava.

O sentimento de saudade que se mantinha presente em mim aumentou. Concentrei-me naquela saudade e surgiu em minha memória uma figura de um monge e, em seguida, um nome: Amonrhebe. A certeza de sua existência era tão forte que comecei a buscá-lo com o olhar. Depois, andando em determinada direção, lembrei-me de manter o silêncio e a concentração. Em seguida, vi o personagem das minhas lembranças parado em frente a mim com os braços abertos.

Olhei para ele e meu coração acelerou. Abracei-o em silêncio, um abraço de saudade, essa era a única certeza. Quando nos separamos, ficamos nos olhando no fundo dos olhos e sorri. Ele segurou minhas mãos e continuamos a visita. Meu Amigo e Omar acompanhavam-nos a pequena distância.

Voltei a me concentrar no ambiente. À primeira vista pessoas sentadas olhando para a luz. Com o coração mais acalmado percebi um pequeno aparelho na mão de cada pessoa, de onde saia um tênue facho. Depois descobri ser um transmissor de laser que, em combinação com o éter, construía o canal transportador. O monge tocou meu ombro e fez um sinal para retornarmos. Voltando para o primeiro salão atravessamos o nevoeiro e chegamos aos jardins, onde era possível conversar.

– Seu nome é Amonrhebe, eu sei. – disse olhando para o monge.

– E você é Halu.

– Sua voz também é familiar.

Olhei para ele, seus cabelos compridos, cor de prata, sua fisionomia gentil, suave, com grande serenidade no olhar. De onde o conhecia? Fechei os olhos e os registros de minha memória voltaram a emanar. De repente me lembrei: o homem do pão!

Retomei uma cena da minha infância. Vi-me com quatro anos, falando com Amonrhebe no pátio de minha casa. Ao entrar, minha mãe perguntou-me com quem eu conversava e respondi: “Com o homem do pão, o velho que veio pedir pão“. Por muito tempo, grande parte de minha infância, recebi a visita dele e agora ele estava ali na minha frente.

– Eu ia visitá-la e você me traduzia como alguém que pedia pão- lembrou-se Amonrhebe, sorrindo.

Perguntei-lhe quem era afinal. Ele respondeu:

– Sou um dos coordenadores da utilização e circulação dos canais transportadores. Quando você desmembra do corpo físico e quer vis às Casas Astrais, seu campo áurico atrai um canal transportador e ele vai até onde você está. Nós, desta ala, observamos a circulação, em que casa parou, se ainda vai precisar do canal transportador; enfim, esta ala é responsável pelo traslado das pessoas em processo de desmembramento para as Casas Astrais.

– De todas as pessoas do planeta Terra?

– Aquela ala que você visitou é responsável pelas que estão encarnadas no estado da Bahia, por isso você a visitou primeiro, e também para me rever.

Admirei o silêncio do local: quis saber se eles permaneciam o tempo todo assim.

– Este é um trabalho que exige muita atenção e concentração. As informações emitidas através dos campos auricos alternam-se e se

permutam rapidamente. A depender da informação emitida, o canal transportador é atraído. Precisamos sempre saber para onde ele está seguindo, quem será transportado e para onde. Estas informações são passadas instantaneamente para a Casa Astral correspondente.

Compreendi como Meu Amigo sabia sempre quando eu estava chegando às Casas Astrais, bem como Otília, no dia em que acordei com vontade de visitá-la. Apesar de não termos combinado o encontro, ela estava à minha espera. Também compreendi como o canal tinha sido atraído para o meu quarto e me transportado exatamente para o local onde meu emocional tinha sentido vontade de ir.

A cada experiência percebia que nada nas Casas Astrais era mágico, e sim fruto de muito trabalho, dedicação e carinho de seres dedicados a nos auxiliar nessa etapa de aprendizagem no planeta Terra. Olhei para os três representantes dessa imensa equipe que dirige as Casas Astrais; recolhi-me em silêncio, orei ao Criador e me senti criada, viva, acolhida pela Força Universal.

Quando voltei a abrir os olhos, fui também acolhida pela atitude silenciosa deles, que retornavam de suas orações.

– Você também fez parte da equipe que me preparou para esta encarnação? – perguntei, embora já soubesse a resposta.

– Sim – respondeu Amonrhebe sem muitas explicações.

Meu coração me dizia ser ele mais do que um preparador de minha encarnação; sentia claramente ter encontrado um amigo de longa data, um companheiro de muitas jornadas.

Após algum tempo, Amonrhebe disse que precisava ir, o trabalho o chamava. Se pudesse, o impediria de sair dali; tinha tantas perguntas a fazer (no entanto, não sabia quais), mas entendia a necessidade de sua presença junto aos canais transportadores.

Depois que ele se foi relatei meu sentimento para Meu Amigo e Omar. Eles me explicaram que a vontade de fazer perguntas sem saber o que perguntar retrata a condição das emoções que emanam fluidamente, sem interferência da lógica atribuída ao racional. Sempre que surgir esta sensação de querer fazer perguntas indefinidas, ou a vontade de fazer algo que o racional não decodifica com clareza, o que se tem a fazer é deixar o emocional fluir.

– É isso que estou sentindo: a impressão de que preciso fazer algo que não sei o que é.

– A polaridade Ying das energias gera emoções: a polaridade Yang as executa. A execução do emocional apresenta para o racional um alvo e o porquê da emoção ter sido gerada. Porém, quando não existe registro desse alvo no lógico-racional, a sensação se amplia. Entre em contato com sua respiração e deixe o emocional fluir. Para que isso aconteça, libere o racional de perseguir o alvo, ou seja, descanse desse “eu tenho que fazer, que executar” e escute suas emoções. Elas são a linguagem do sentimento.

Busquei fazer como Meu Amigo havia orientado. No início senti uma espécie de aceleração. Quando este movimento diminuiu, conectei com um sentimento de vazio interno. Algum tempo depois, surgiu na minha memória uma lembrança, uma imagem onde Amonrhebe e eu conversávamos. Percebi pelo meu semblante que a conversa era muito séria e que eu o ouvia com atenção. Consegui registrar uma parte da conversa:

– Nós nos comunicaremos através dos chakras, Halu. Respeite sempre seu sentimento e sua intuição. Este é um potencial da alma que se expressa através do pensamento fluido-potencial dinamizado quando a atuação adequada para determinada situação não é captada pelo lógico-racional.

Garanti a Amonrhebe que dali em adiante estaria atenta ao que ele indicara.

Ao retornar da experiência, relatei-a a Meu Amigo e a Omar.

– Era isso que seu emocional queria que fosse executado – comentou Omar. – O silêncio do burburinho mental era necessário para que registros mais antigos pudessem fluir. O burburinho mental é esse movimento de ter que fazer coisas. Se você lhe der atenção, se envolver nele desvia-se das condições de escuta do seu emocional e passa a executar ações que não foram geradas pelo seu interno, dedicando-se a atividades destituídas de sentimento, não encontrando satisfação naquilo que faz, perdendo a direção do movimento. Sempre que esta sensação a invadir, repita o que você fez aqui.

Repliquei que entendera, mas queria saber mais sobre o significado de “pensamento fluido”.

– É um tipo de pensamento profundo que surge sem o controle do campo lógico. Por exemplo: quando você sente sede, imediatamente o campo lógico dirige o pensamento para a busca da água. Este é um exemplo do pensamento dirigido. O pensamento fluido surge sem essa direção; ele apenas invoca: “beba água”, antes de você sentir sede. Por isso, não é um pensamento lógico.

– Seria o mesmo que intuição? – perguntei lembrando-me de minhas conversas com Amonrhebe.

– Sim, o campo lógico nos direciona para atuar diante de qualquer situação. Mas este campo é limitado e nos aconselha dentro dos registros que ele já conhece. Quando a situação requer atuações sem registro no campo mental, entra em cena o pensamento fluido que traz a intuição de como atuar. Como disse, é um tipo de pensamento mais profundo, mais sábio. Quando nosso mental aprende a lidar com este tipo de pensamento, tornamo-nos seres mais completos, que incorporam mais um potencial da alma.

– Depois de aprendermos a lidar com o pensamento fluido continuamos a atuar com o pensamento dirigido? – perguntei.

– Sim, claro! O já aprendido passa a se expressar através do pensamento dirigido. Foi dessa forma que os antigos habitantes do planeta Terra conheceram a água para saciar a sede e os alimentos para nutrir o corpo físico. Antes dessa captação era impossível manter a espécie no planeta Terra, até que a descoberta foi incorporada ao centro instintivo do ser vivo. Hoje não há necessidade de nossos centros mais sábios utilizarem o pensamento fluido para esse tipo de informação.

– O pensamento fluido – acrescentou Omar – é fator preponderante para o enriquecimento do campo lógico que promove o crescimento individual e coletivo do planeta Terra. Nos períodos de transformações e de mutações no planeta, ele é fundamental pois nessas ocasiões as pessoas perdem a direção dos acontecimentos por estarem lidando com situações novas, junto às transformações. O pensamento fluido, trazendo intuições de como proceder diante dessas transformações, faz com que a espécie evolua sem perdas de registros anteriores.

– Você já viu que as emoções estão ligadas ao pensamento, e também viu que as emoções são geradas pelas energias. Pois bem, com a evolução das energias-mãe do planeta Terra, nós captamos outros tipos de emoções que estarão traduzindo o que os nossos centros sábios querem nos informar sobre como viveremos a partir da mutação. Se as pessoas que estão encarnadas não derem importância às suas intuições, ou seja, aos pensamentos fluidos, atuarão com os registros conhecidos, adequados para períodos já vivenciados, e perderão a direção por estarem agora lidando com um processo novo, diferente – explicou Meu Amigo.

Eu disse que tudo aquilo me parecia muito importante, e as pessoas na esfera material precisavam ser alertadas a respeito.

– Isso já está sendo feito, Halu. Muitas pessoas encarnaram com este propósito, cada uma em um segmento; você é uma delas.

Mais uma vez prometi escrever e falar sobre tudo que estava aprendendo com eles.

– Nós sabemos que você fará a sua parte – disse Omar.

Meu Amigo e eu fomos andar em silêncio. Retomei a lembrança que tive com Amonrhebe e caminhei com esta emoção. Pensei em doutora Luiza e em lhe dizer:

– Encontrei o que tanto procurava, minha doutora: a essência da vida. Você tinha razão quando dizia que se eu continuasse procurando com certeza acharia.

A necessidade desse monólogo se deu porque sempre que estávamos conversando eu dizia estar buscando a essência da vida por sentir um vazio muito forte e um forte sentimento de inadequação em todas as profissões e estudos que havia feito. Agora sabia o porquê e me sentia adequada e cheia de entusiasmo por meu novo trabalho.

Pela manhã acordei com a intenção de comprar todos os jornais possíveis. Escolhi a banca do aeroporto de Salvador por lá encontrar jornais de todos os estados de Brasil. Chegando em casa passei a lê-los e me espantei com as notícias comuns a todos os estados. Os títulos destacavam o aumento da criminalidade infantil, do desemprego, da fome, da evasão escolar. Notícias mais “amenas” falavam do culto ao corpo, da queda do hábito de leitura, da sonegação de impostos e outras mais.

A pesquisa me mostrou claramente que as mudanças já estavam acontecendo e que precisaremos de muita compreensão dos processos de transformação para que nós, terráqueos encarnados, consigamos passar por esta fase.

Naquela tarde tinha um encontro com Luiza para prosseguimento de nossos estudos. Levei para a mesa o relatório contando as experiências da noite e o fruto de minhas pesquisas nos jornais. Ela acrescentou algumas informações pois estava consciente dessas mudanças. Sugeri que eu voltasse a assistir as reuniões na Quinta Casa para acompanhar os acontecimentos através dos relatos das pessoas encarnadas.

– Você, na Quinta Casa, terá informações detalhadas, um panorama ao vivo da situação mundial, sem contar que é de graça!

Rimos; Luiza dava leveza ao nosso trabalho, sempre que chegava a sua casa ou no consultório, aflita, tensa, com o peso da responsabilidade de escrever coisas tão sérias, ela me apresentava uma solução mágica. Eu ficava assustada, até que compreendi que aquela era a forma que ela utilizava para que eu saísse do esforço e entrasse no relaxamento onde o emocional flui e encontramos soluções.

Assim fui arquivando o teor das palestras na Quinta Casa e observando as pessoas no seu cotidiano na esfera material.

Quanto à Sétima Casa, sabia que faltava conhecer outra ala do Departamento de Organização e Distribuição. Porém, não tive pressa, meu coração estava mais calmo e a ansiedade em conhecer as demais Casas foi desaparecendo. Senti que a minha postura em relação aos mundos em que vivia estava acomodada. Luiza sinalizou esta mudança, dizendo que meu Real Mundo Interior estava encontrando seu canal de expressão.

Envolvida com as pesquisas, retornei à Sétima Casa aproximadamente um mês depois da última visita. Dirigi-me ao laboratório, não havia ninguém lá. Aproveitei para ler o bilhete sobre a mesa e reviver o que aquele ambiente estimulava em meu centro emocional. Algum tempo depois Amonrhebe chegou e me cumprimentou alegremente.

– Hoje você vai caminhar comigo e rever a segunda ala do Departamento de Organização e Distribuição. Como estão suas pesquisas na esfera material?

Fiz um breve relato do meu trabalho com Luiza, mas percebi que nada do que estava dizendo era novidade para ele, que escutava em silêncio e muito sério. Ao final do relato, ele disse que precisávamos trabalhar com amor pela causa.

Voltamos aos jardins; avistei o nevoeiro e me lembrei de perguntar o que significava aquela neblina.

– Éter condensado neutralizando o Departamento de energias e sons externos. Sem esta proteção correríamos o risco de nossa atenção ser desviada, tirando-nos da concentração necessária à execução desse trabalho.

Quando chegamos ao salão iluminado ele parou em frente a uma parede em posição oposta àquela por onde eu havia entrado anteriormente. A porta se abriu e chegamos a um salão iluminado em tom rosa bem claro, uma nuance de rosa que eu não conhecia. Senti a calma invadir meu centro emocional, uma espécie de entorpecimento, mas, ao contrário do esperado, minha percepção se aguçou bastante, acompanhada de um sentimento de

alerta. Apesar do silêncio, o trabalho realizado na ala era dinâmico. Vi pessoas operando aparelhos similares a computadores e transmissores de imagens. Um canal de luz rosa envolvia os que sentavam diante dos aparelhos. Amonrhebe tocou no meu ombro e me levou a um desses computadores, também fiquei sob o fecho de luz rosa.

A imagem de Meu Amigo surgiu na tela e o escutei: “Como está, Halu? Não precisa falar em voz alta para que eu a escute”.

Apesar da surpresa respondi mentalmente comunicando-me sem dificuldade.

– Afaste-se do canal de luz – pediu.

Segui as instruções e continuei olhando para a tela, mas não consegui escutar o que ele dizia. Fui orientada a ficar mais perto do canal.

– Aí você escuta o que eu falo; fora dele, não. Todas estas pessoas estão se comunicando com alguém, embora você só escute a mim.

– Todos o estão escutando? – perguntei mentalmente.

– Não, agora só você, estamos nos comunicando por um mesmo canal, olhe para cima.

– A impressão é de que o canal atravessa a parede.

– Atravessa mesmo – confirmou Meu Amigo; e continuou: – É assim que as comunicações são feitas através da Sétima Casa, no circuito da Primeira à Décima Segunda Casa. Agora despeça-se de Amonrhebe e venha para cá.

– Onde você está?

– Entre em contato com a minha imagem; continue sob o canal que ele a transportará.

Troquei um abraço com Amonrhebe; ele sinalizou que eu poderia ir, pensei em Meu Amigo e tive uma experiência impressionante: senti que estava sendo transportada de forma muito rápida; quando percebi já estava no laboratório da Sétima Casa. Esta vivência trouxe-me um pouco de aceleração. Meu Amigo pegou minhas mãos e fizemos o exercício de balançar, buscando distribuição do éter em meu corpo.

– Isto é natural, Halu, não se assuste, logo você se acostumará.

Quando recuperei o bem-estar questionei:

– Eu passei pelo teto do Departamento do mesmo jeito que atravessei a parede da casa de Rogério?

– Não, quando seu corpo aproximou-se da parede ela se abriu e você pôde passar com o canal transportador que a trouxe até aqui. Toda a parede

por onde você saiu é assim. Pois bem, Halu, como você pode ver e sentir, o éter é um elemento que permite a comunicação e o transporte.

– Sabe que quando eu era criança conseguia ler o pensamento das pessoas? Depois, aprendi a controlar o impulso. Era o elemento éter que propiciava essa leitura?

– Sim, o elemento éter somado à sua condição de armazená-lo. A audição se amplia e o éter leva seu centro energético ao pensamento de outra pessoa.

– Sempre achei isso negativo – observei.

– Por causa das consequências, não?

– Sim, claro, às vezes eu confundia o que a pessoa estava falando com o que estava pensando e respondia ao seu pensamento – lembrei.

– Agora que este processo está mais harmônico seu trabalho ficará mais fácil. Você vai perceber, Halu, que às vezes as pessoas estão querendo fazer uma pergunta ou uma colocação tão profunda que o campo mental não consegue decodificar. Sua condição propiciará compreender as pessoas nas suas buscas; apesar de elas não conseguirem canalizar a pergunta ou a colocação, você conseguirá dar a resposta adequada à questão pois estará captando a intenção da pergunta. Os processos da alma, quando irrompidos, provocam muita mobilização no corpo mental. Ao conviver com o potencial da alma, o mental vai se adequando e tende a organizar melhor os processos atinentes a ela.

Entendi por que o Departamento chamava-se Organização e Distribuição. Para tornar mais clara a explicação, Meu Amigo exemplificou:

– Sua intenção era me ver, o canal transportador captou essa intenção, organizou e distribuiu a tarefa. Quando você quis ver Otilia, a intenção foi captada e o canal levou-a onde ela estava.

– Todas essas informações são captadas pelo movimento do campo áurico?

– Exatamente. Preste atenção ao meu campo áurico, procure perceber e escutar o que estou pensando ou sentindo.

Olhei para o Meu Amigo por alguns instantes com a intenção que ele sugeriu e tive a certeza que ele pensava ou queria ir a um lugar que, para mim, era desconhecido. Em seguida, senti perto de nós uma presença para mim invisível, que logo identifiquei como sendo um canal transportador. relatei-lhe minha percepção.

– Pensei em levá-la ao salão de recepção da Oitava Casa. Vamos?

13. ABERTURA DOS CHAKRAS

Logo à chegada chamou-me a atenção o silêncio e a presença de poucas pessoas, sendo eu a única encarnada. Meu Amigo abriu o diálogo esclarecendo este ponto:

– Nesta Casa não é comum recebermos pessoas encarnadas; quando isso ocorre a programação é feita com antecedência. Elas são trazidas em número reduzido para evitar o acúmulo de energia material que acompanha o perispírito durante o desdobramento.

Após alguns minutos neste salão senti uma leveza no corpo, principalmente na cabeça, seguida de uma sensação de perda de peso, como se meu corpo estivesse sendo arrastado. Quando olhei para meus pés, eles estavam a um palmo do chão. Busquei Meu Amigo com o olhar. Minha cabeça não estava pensando – simplesmente sentia. Tive a impressão de que ia adormecer. Meu Amigo segurou minhas mãos; lembrei-me de estabelecer contato com os olhos dele. Meu peso voltou e meus pés tocaram novamente o chão, senti um tranco no corpo como se tivesse tropeçado: invadiu-me a sensação de acordar assustada. As batidas do coração aceleraram-se, senti dificuldade de respirar e, a seguir, tive uma crise de soluços. Passados alguns minutos, percebi o esfriamento com a presença do éter ao redor do meu corpo, e as sensações foram diminuindo até que tudo se normalizou, permanecendo apenas a leveza no corpo. Dei alguns passos e tive a sensação de deslizar.

– Vamos ficar um pouco aqui, Halu. Este tempo é necessário para a adaptação. A impressão de estar deslizando será constante, pois a partir da Oitava Casa não há presença de energia material, mesmo a que acompanha seu perispírito é neutralizada pelo éter desenvolvido neste espaço. Por este motivo não são trazidas muitas pessoas encarnadas ao mesmo tempo, para que o éter não se ocupe em neutralizar energias materiais, desviando-se de sua principal função que é atuar incisivamente ou diretamente na desobstrução dos chakras emocionais das pessoas desencarnadas que moram e trabalham nas Casas Astrais.

Enquanto escutava Meu Amigo, percebi o esfriamento ao redor do meu corpo penetrar através do centro dos pés, joelhos, cóccix, estômago,

mãos, tórax e garganta.

À medida que o éter ia penetrando sentia estes locais ficarem dormentes, como que anestesiados. A sensação foi aumentando. Olhei para minhas mãos e vi um pequeno fecho de luz aproximando-se dos pontos que estavam dormentes. A luz parecia vir do nada, atravessava minhas mãos e desaparecia. Olhei para Meu Amigo buscando explicação. Ele acompanhava o processo com atenção, em silêncio. Percebi que naquele momento não cabiam palavras e busquei meu sentimento. Fui invadida por uma felicidade profunda, que se expandia em ondas e tomava conta do meu ser. Sem saber por que, olhei para minhas mãos e sorri.

Meu pensamento falava-me de uma maravilha acontecendo, ainda que não conseguisse defini-la. Permanecia apenas o sentimento de felicidade, de encontro, de ter ultrapassado um limite.

Vi Meu Amigo olhando por cima dos meus ombros. Acompanhei o seu olhar e vi Amonrhebe. Ele chegou calado, cumprimentou-me com os olhos e ficou observando.

A luz agora estava mais intensa. Depois se coloriu primeiro em tom laranja; senti uma movimentação no ventre, como se algo estivesse entrando e saindo alternadamente. Entrava quente e saía frio; este movimento repetiu-se várias vezes até que não mais senti diferença na temperatura. A cor laranja agora se transformava em amarelo e a movimentação deslocou-se do ventre para o abdômen da mesma maneira: quente, frio, depois só frio. Meu sentimento indicava ser um processo de limpeza e liberação. Meu Amigo e Amonrhebe permaneciam sem nada dizer. A luz em minhas mãos já não era amarela e sim verde; ora com nuances mais claras, ora mais escuras. A movimentação do abdômen passou para o peito, mais especificamente para a região do coração. Embora este órgão não estivesse acelerado, percebi alteração no meu emocional.

Não consegui identificar os sentimentos que acompanhavam a mudança, pois a permuta era muito rápida. O movimento era o mesmo, frio e quente, estabilizando-se no frio em seguida. Respirei profundamente sem nenhum comando do mental. Quando a movimentação no peito diminuiu a temperatura, o verde claro meio azulado fixou-se na luz, não mais se alternando em outras nuances. De repente, a tonalidade azul tomou conta da luz e o movimento se estabeleceu de forma diferente perfazendo um círculo que se originava no peito, subia até a testa, descendo em seguida, buscando o ponto de origem. Só sentia frio e quente na garganta, acompanhados de

ressecamento e uma leve irritação. Percebi que ia tossir. Quando a tosse começou, pensei que não ia parar mais e este pensamento alterou meu emocional. Porém, alguns segundos depois a tosse passou, deixando uma pequena irritação na garganta e um frescor no hálito. Toda a movimentação desapareceu, permanecendo a luz agora com tonalidade lilás no centro de minhas mãos. No emocional, aquele sentimento de alegria e encantamento impossíveis de descrever. Alguns minutos se passaram e Meu Amigo rompeu o silêncio.

– Halu, agora você precisa voltar à dimensão material para que o processo finalize.

– Tenho algumas perguntas – falei plena de alegria e contentamento.

– Vou acompanhá-la e conversaremos – acalmou-me Amonrhebe.

Entramos no canal transportador deixando Meu Amigo com um “até amanhã” nos lábios. Chegamos ao meu quarto. Meu corpo carnal repousava serenamente, reproduzindo o ar de tranquilidade que envolvia meu emocional. Voltei a olhar o meu corpo imaterial e pensei que ali estava a outra dimensão do meu físico. Olhei para as mãos, o fecho de luz lilás permanecia. Comecei a sentir uma movimentação no umbigo; olhei para Amonrhebe:

– É a continuação do processo – esclareceu ele. – Preste atenção no que está acontecendo, depois conversaremos.

Esta movimentação energética desceu até os joelhos e senti um pouco de dor. Meu corpo físico movimentou-se na cama e vi sobre as pernas uma luz vermelha formando um círculo. Logo veio o desejo de me incorporar ao corpo físico.

Amonrhebe captou meu pensamento e me orientou a voltar pois despertaria em breve. Fechei os olhos e inspirei profundamente. Quando expirei, já havia incorporado com muitas dores nos joelhos e nos pés. Olhei minhas mãos e a luz lilás lá estava – bem como Amonrhebe – ao meu lado. Sentei na cama e segurei meus joelhos buscando diminuir a dor. Percebi que eles estavam quentes como se eu estivesse com febre.

– Não é febre, apenas liberação de energia material que já não faz bem a você – ele esclareceu.

Fui descendo as mãos pelas pernas até os pés: a temperatura era a mesma. A luz lilás em minhas mãos funcionava como uma espécie de anestésico: onde eu tocava, a dor desaparecia, mas quando as retirava, a dor voltava. Fiquei assim por alguns minutos até que senti um esfriamento de

alto a baixo. O esfriamento provocou um ligeiro tremor nas mãos, que logo desapareceu. Também senti um gosto de éter na boca. Com o passar do tempo tudo foi se normalizando, inclusive a temperatura amena apesar do fecho de luz lilás em minhas mãos.

– Esta luz é a configuração do laser. Este processo que você está passando é uma limpeza, filtrando dos seus chakras energias que não combinam mais com seu contexto – energias que já foram úteis e que agora perderam a função. O laser retirou-as, abrindo espaço para outras energias mais afins com seu novo momento. Os pontos em que você sentiu o laser penetrar, produzindo dormência, formigamento e dor, correspondem às regiões onde se centralizam os chakras principais.

Pedi-lhe que explicasse a luz em minhas mãos.

– O centro das mãos é uma região de confluências energéticas. O movimento está acontecendo em toda a região, concentrando-se e se apresentando nestes pontos no centro das palmas. Quando o laser terminar o trabalho, a luz desaparecerá deixando sobre a pele uma sombra lilás permanente. Sumirá apenas quando você estiver lidando com alguma atividade de confluências energéticas densas. Nessas ocasiões, esta nuance atuará como filtro, impedindo a penetração de energias densas nos seus chakras. Isso, somado ao seu querer interno, à sua intenção, propiciará a visita às outras Casas Astrais que você logo irá conhecer.

Apressei-me em saber se precisava fazer alguma coisa para auxiliar o trabalho do laser.

– Sim. Estar alerta ao sentimento e à intuição. Através do pensamento fluido você receberá instruções do seu próprio corpo espírito.

– Que tipo de instruções?

– Você verá; por exemplo: não ir a um local que seu sentimento julgue indesejável; não se alimentar com o que sua intuição julge inadequado. Mas não se preocupe com isso agora. Esses movimentos acontecerão naturalmente e você saberá identificá-los. Nós estaremos do seu lado para orientá-la no que for preciso.

Esta última colocação me acalmou. Disse então ter percebido que para cada região do corpo a cor da luz era diferente.

– Vamos compreender essa questão da cor na luz. Tem a ver com a presença do elemento água. Você aprendeu em outros trabalhos que este elemento sofre mutações para cada região do corpo. Pois bem, do mesmo modo sofre mutações de cor na luz para cada região dos chakras. A cor

laranja revela o elemento água concentrado nos genitais e ventre. O amarelo representa o mesmo elemento saindo da região do ventre e indo até o estômago. O verde exerce igual função no tórax e o azul, no ponto mais sutil do tórax até a testa, onde está localizado o chakra frontal. A cor lilás representa o elemento água na sua condição mais sutil, quando faz ponte ou se combina com o elemento éter. O vermelho que você viu na esfera material, entre joelhos e pés, é a expressão mais densa desse elemento.

– Por isso o trabalho teria de ser concluído junto do corpo físico? – perguntei.

– Sim. Em você o laser trabalhou no sentido da cabeça para os pés. Esse trabalho também pode ser feito no sentido inverso. Como você é uma pessoa que atua mais confortavelmente com o elemento ar, o laser assim se comportou, iniciando o trabalho pelos órgãos mais sutis.

Eu tivera a impressão de ter começado no ventre.

– Os primeiros sintomas apresentaram-se nessa região, porém o laser iniciou o trabalho no sentido cabeça – pés. Ainda está trabalhando. Quando terminar, a luz desaparecerá dando lugar à sombra lilás na pele, conforme lhe falei.

– Mesmo uma pessoa que não tenha visão ampliada para enxergar o imaterial verá esta luz?

– Não, a depender da sensibilidade, poderá sentir a presença de uma energia sobre suas mãos. No entanto, a sombra lilás que se incorporará à palma de sua mão poderá ser vista porque essa energia está se materializando. Em alguns momentos vai se apresentar na cor lilás; em outros, com tonalidade verde. Você identificará essa mudança de cores nas mãos das outras pessoas, o que facilitará bastante o seu trabalho.

Enquanto ele se afastava, fiquei pensando a que trabalho estaria se referindo, mas guardei a pergunta para mim. E ali, olhando o fecho de luz no centro das minhas mãos, tive meu último pensamento antes de dormir: “Meu Deus, quanta coisa está acontecendo!” Adormeci.

Quando acordei, lembrei-me de um sonho com muitas cores e luz. Permaneci na cama sem disposição para levantar. Fechei os olhos e repassei os acontecimentos da noite. De repente, lembrei-me de olhar minhas mãos. Exatamente no centro da palma, onde o laser atuara na madrugada, haviam surgido duas bolhas, uma em cada mão. Em volta das bolhas, um círculo avermelhado; a região estava toda dolorida, uma dor de queimadura. Meu

emocional alterou-se, fui tomada de um espanto muito grande. Ouvi a voz de Meu Amigo.

– Mantenha a calma, Halu. Estas bolhas resultam da ação do laser sobre o corpo carnal. Realmente são queimaduras; as energias que estão atuando em seu corpo material ainda eram desconhecidas pela matéria, o que ocasionou a queimadura. Isso demonstra a aproximação dos chakras emocionais e espirituais com os chakras carnis, o que permite o trânsito de energias imateriais por todo o seu corpo físico. A dor logo passará. Não coloque nenhum remédio, simplesmente lave as mãos com água limpa. Procure doutora Luiza e lhe mostre o que está acontecendo, ela a auxiliará.

Com esta explicação, as alterações no emocional diminuíram, mas não desapareceram. Fiquei em silêncio, tentando elaborar o que Meu Amigo havia dito. Senti necessidade de rezar. Orei do meu jeito, escrevendo uma carta a Jesus. Escrevi várias, o que se tornou uma tarefa difícil, pois as bolhas dificultavam segurar a caneta.

Ao me sentir mais calma, levantei e vi minha tia. Como explicar isso a ela? Resolvi não falar nada. Tomei banho. A água fez com que a dor diminuísse e depois desaparecesse completamente. Telefonei para Luiza e marcamos um encontro na casa dela. Eu não sabia o que ou como falar. Quando cheguei, apenas lhe mostrei as mãos e percebi que ela captou meu momento e meu espanto.

– O que foi isso? – surpreendeu-se.

Contei a ela toda a experiência da noite anterior. Ela ouviu em silêncio. Pegou minhas mãos e olhou de novo.

– Vamos manter a calma. Seu Amigo disse que eu poderia ajudá-la, então posso.

– Estou sentindo tontura e enjôo.

Minha cabeça começou a rodar. Ela me levou até o banheiro, onde vomitei bastante. Escutei a voz do Meu Amigo.

– Este mal-estar advém de energias captadas pelos chakras no trajeto de sua casa até aqui.

Imediatamente, passei a informação para Luiza. Ela olhou para cima, procurando Meu Amigo. Pensei quanto esta experiência devia ser diferente para ela, achei graça no movimento. Senti que gostava dela, da mesma forma como gostava de Meu Amigo, de Omar e de Amonrhebe. A percepção deste sentimento deixou-me mais à vontade.

– Venha descansar, sinto que você precisa.

Então deitei no quarto de seu filho Rafael, que estava na escola.

– Você quer um suco?

– Estou totalmente sem apetite. Desde que acordei não consegui tomar nada.

Ao me deitar senti o quanto estava cansada. O sono não me deixava ficar acordada, logo adormeci. Quando desmembrei, Meu Amigo estava do meu lado.

– Você continuará descansando. Seu corpo físico precisa de repouso.

Ele me levou à natureza da Segunda Casa, às margens do rio, o mesmo que alimenta as pessoas em algumas Casas Astrais. Sentei numa grama muito verde e senti uma espécie de entorpecimento parecido com o sono; fiquei assim por algumas horas, sem conversar, apenas envolvida pelo frescor e a tranquilidade do lugar.

Na boca, o gosto de alimentos conhecidos – meu sentimento me indicou que estava me alimentando.

Quando acordei todos dormiam e o dia começava a amanhecer. Senti sede, bebi bastante água, a sede continuou. Resolvi tomar um banho, deixei-me ficar demoradamente sob o chuveiro. O que fazer com a sede? Ouvi a voz de Omar aconselhando-me a tomar um chá de canela. Segui a orientação e a sede passou.

Olhei para minhas mãos e as bolhas ainda estavam lá, bem como a vontade de dormir e ficar na natureza da Segunda Casa. Sentia-me bastante identificada com as Casas Astrais. A cada descoberta que fazia, a cada trabalho que conhecia, aumentava a saudade no meu emocional.

Senti vontade de escrever, escrevi alguns poemas. Passaram-se as horas, Luiza acordou e me encontrou na sala, ainda escrevendo.

– Quanto tempo você dormiu?

– Acordei com o dia amanhecendo.

– Você dormiu durante o tempo que precisava e acordou com disposição para trabalhar. Isto é muito bom.

Luiza é uma pessoa tranquila, segura, equilibrada. Todos que a conhecem concordam com o conceito que faço dela. Percebi em sua observação uma indicação sobre a importância do sono nessa etapa dos processos que eu estava vivenciando.

– Quando você quiser descansar pode vir para minha casa. Já conversei com os meninos, expliquei que você não poderia ser acordada em hipótese alguma. Rafael colocou seu quarto à disposição. Raimunda, a

moça que trabalha aqui em casa, é uma pessoa de bom coração, está comigo há muito tempo e cuidará de você quando eu não estiver aqui. Cristina, como é comum em sua idade, gosta de ligar o som bem alto, mas já está consciente de que não poderá fazer isso em determinados momentos e não se aborrece.

– Não se incomode, minha amiga, está tudo bem. Você e meus amigos da espiritualidade sempre fazem o melhor por mim. Não quero alterar o ritmo de sua casa.

– Quanto a isso, não se preocupe. Sinto-me muito bem quando posso receber pessoas com alguma dificuldade, seja de moradia ou que, por alguma circunstância, precisam de um lugar para descansar. Sem contar que este é um aprendizado importante para Cristina e Rafael – alcançar a necessidade do outro e ficar feliz por ter a possibilidade de colaborar de alguma forma. Um dia desses vamos tirar para eu lhe contar algumas passagens que aconteceram nesta casa e o seu resultado, tanto para nós quanto para as outras pessoas envolvidas; acredito nesse jeito de viver. Mas vamos agora cuidar do que você chama invólucro carnal. Você já se alimentou hoje?

– Não, tomei um chá por recomendação de Omar, não estou com fome.

– Mas você precisa comer alguma coisa. Um suco, uma fruta...

Luiza colocou tudo o que havia na despensa à minha disposição. Percebi que à medida que ela me oferecia algo, meu corpo respondia se sentindo mais forte, como se tivesse se alimentado bem. Coloquei para ela esta percepção e escutei a voz de Omar.

– Realmente, Halu, os fluidos liberados pelo movimento de doutora Luiza, de querer que você se alimente, estão reabastecendo seus centros energéticos, o que resulta na sensação de saciedade. É uma tradução simbólica do seu mental sobre o fortalecimento energético.

Transmiti a explicação sem alterar uma palavra.

– Não sei se Omar concorda, mas é preciso alimentar também seu corpo físico para que ele fique em condições de amparar este emocional fortalecido – observou Luiza.

– Está bem, vou aceitar um suco, Omar disse que você tem toda razão.

– Pergunte a ele se seria bom levá-la à praia.

Omar me respondeu que era uma ótima idéia contanto que eu não tomasse muito sol. Seguimos para a praia de Itapoã, um lugar calmo, com

uma barraca para me proteger do sol. Luiza não demorou a entrar no assunto que nos levara até a beira do mar.

– Eu não sei tudo o que está acontecendo com você, mas acredito que é algo muito sério e gostaria de acompanhar de perto. O que você acha de passar uns dias na minha casa?

O convite trouxe-me segurança e alegria. Durante toda a minha vida havia tentado informar a algumas pessoas de minha família o que se passava comigo. Mas quem havia alcançado meus processos e acreditado neles não tinha autoridade suficiente para dar ordens na casa, assim como eu também não tinha, o que tornou difícil a passagem por algumas experiências que exigiam um ambiente adequado. Morávamos com minha tia, a casa recebia muitas visitas inesperadas. Com frequência meu sono era interrompido por alguém que não compreendia minha necessidade de dormir até mais tarde ou fora de hora.

Não estou fazendo nenhuma crítica, pois é impossível impor às pessoas nossas crenças ou obrigá-las a compreender processos completamente novos para elas. No entanto, vai aqui uma chamada: buscar conhecer e compreender os processos da alma é a única forma de alcançá-los. Rejeitar estes acontecimentos não fará com que eles se interrompam, até porque o processo é de outra pessoa e só se interromperá se ela assim o decidir. Atitudes de rejeição ou críticas desmedidas só trazem sofrimento e dor. Na minha opinião a dor mais difícil de suportar é o sentimento de não ser compreendida e aceita.

Luiza conhecia minha dificuldade; no entanto, fiquei sem saber o que responder. Ela me ajudou na decisão.

– Você fica uns dias lá em casa; se não gostar, você volta.

Não contestei. Tudo me dizia que a idéia era excelente. A questão estava na minha timidez ou orgulho disfarçado com outras justificativas. Assim ficou decidido; Luiza acompanhou-me até minha casa, avisamos as pessoas, levei algumas roupas e todos os relatórios e papéis em geral.

A dificuldade de comer permanecia. Passei o dia tomando água de coco. Sabia que precisava comer, mas não tinha vontade nem sentia fome.

À noite, quando desmembrei, encontrei Meu Amigo, como sempre vigilante. Seguimos por um canal transportador cuja cor e temperatura diferiam dos que eu conhecera até então. Chegamos ao Salão de Recepção da Oitava Casa. Esperamos um pouco para ver se meu corpo físico apresentaria alguma alteração. Nada aconteceu.

– Vamos Halu, você vai conhecer o primeiro Departamento, o chamado Departamento de Desobstrução.

Atravessamos o portal e chegamos a um imenso jardim com pequenas praças. Neste jardim havia árvores frutíferas junto com as plantações comuns. Em cada pequena praça, um grupo fazia exercício de distribuição de éter ou meditava.

– Estas pessoas estão sendo preparadas pra seguir para outra dimensão – disse Meu Amigo.

Aproximamos do grupo. Pude perceber a harmonia e serenidade no semblante das pessoas, uma espécie de calma e elevação espiritual que mobilizou em meus centros emotivos o sentimento de profunda saudade. Naquele momento, todos estavam em silêncio, de olhos fechados, orando e meditando.

Passamos por aquele grupo e seguimos para outra praça, onde encontramos pessoas que conversavam e riam. Notei pelo semblante e postura das pessoas que traziam a mesma calma e elevação do grupo anterior, porém viviam um momento de descontração.

Meu Amigo convidou-me para sentar sob um frondoso carvalho junto ao qual havia duas poltronas extremamente confortáveis. Quando me sentei, fui tomada por uma sensação estranha, que traduzi como cansaço e desânimo.

– Esta é uma manifestação de desgaste energético informando a presença de estresse em alguma energia que compõe seu campo áurico – informou Meu Amigo.

Enquanto o ouvia, meu corpo entregava-se ao conforto das poltronas. Senti a testa girar, na região do chakra frontal, como se algo estivesse pesando sobre meus olhos, impedindo-os de ficarem abertos. Voltei a conectar com a voz de Meu Amigo.

– Quando você acompanhou o nascimento daquele bebê, viu que para cada criança existe um canal transportador especial, composto por energias específicas que participarão da confecção de seu campo áurico. Estas energias são determinadas pelos tipos de aprendizados que o corpo essência espera do personagem que está emanando. Elas excitam o emocional e o mental para a concretização do personagem. O sintoma que você menciona indica que uma das energias que compõe seu campo áurico já terminou sua função. Por isso, falo de desgaste – que você traduziu como desânimo e estresse. Esta energia, ao concluir seu trabalho, produz tal efeito por estar

presente em seu campo áurico sem função a cumprir. Como não está mais atuante, incita ao desânimo, compreende?

Concordei e relatei-lhe o movimento no chakra frontal.

– Esse movimento indica que a energia está transmutando a qualidade, tornando-se mais afinada com sua vida atual, trazendo outro aprendizado. Isto acontece quando aprendemos os ensinamentos trazidos por uma energia que compõe nosso campo áurico. A energia transmutada se fixa no campo áurico e retoma a condição de excitar o mental e o emocional a concretizar o novo aprendizado no personagem. Quando uma energia termina a sua tarefa, o mental e emocional traduzem este movimento como cansaço e desânimo. Se nos aprofundarmos nessas sensações buscando os porquês da sua presença, percebemos o que em volta de nós está terminado, concluído, desgastado, auxiliando assim esta energia a transmutar. Porém, se não fizermos esta avaliação e nos acomodarmos a estas sensações, a tendência é o aumento dos sintomas, tanto no emocional como no mental. Isso nos leva a entrar num corredor energético estressado, o que nos deixa sem ânimo para atuar.

– O desânimo estaria associado a não presença de energias transmutadas para incitar o mental e emocional?

– Sim, falta ao emocional e ao mental o alimento que fortalece suas atuações. Quando a energia transmuta, ela se recria e volta a agir, a incitar.

O movimento no meu chakra frontal acelerou-se. Apesar disso, vivamente interessada no que Meu Amigo explicava, pedi-lhe que prosseguisse:

– É preciso que esta reflexão seja concretizada na esfera material, onde estão os resíduos de suas energias materiais. Vejamos algumas orientações. Procure perceber no seu contexto que aprendizado você já concluiu. Por exemplo: você está com 26 anos; a esta altura dos acontecimentos, você já aprendeu a ser filha, a ser criança, adolescente, jovem, e está aprendendo a ser adulta. Este é o primeiro passo. Busque perceber se você não trouxe algum comportamento peculiar dessas fases da existência para a fase atual. Peça ajuda a Luiza para esta avaliação. O segundo movimento é refletir sobre conceitos e crenças que você alcançou teoricamente, mas não colocou em execução.

– Então existem energias que nos incitam a sermos crianças, adolescentes ou adultos?

– Sim, claro! Esta é uma parte da confecção do centro energético. A outra parte são energias que incitam o crescimento espiritual, associado a essas fases da existência.

Percebi que o movimento no meu chakra frontal havia diminuído e que a luz lilás voltava a aparecer nos centros de minhas mãos.

– O laser está trabalhando no seu chakra frontal. A luz aparece nas mãos por ser esta área centro de confluências energéticas. Todo movimento em qualquer um dos chakras direcionará a energia para as mãos.

Com esta explicação busquei alguma orientação vinda do meu sentimento. Mergulhei na reflexão e surgiu no meu pensamento a imagem de Amonrhebe. Sabia que ele estava conversando comigo, embora ainda não me visse na cena. Quando retornei, meu pensamento conectou com os grupos nas praças.

– Como lhe falei, estas pessoas estão se preparando para passar de dimensão. Este é o primeiro trabalho para preparação da passagem. Neste encontro, elas buscam sentir se ainda há algum personagem que o corpo essência queira emanar. Para chegar a uma conclusão, avaliam se ainda existem aprendizados a serem feitos no planeta Terra – nas Casas Astrais ou na esfera material.

Perguntei como aquilo era possível.

– Não é difícil; por exemplo, você não quer escrever livros sobre as Casas Astrais? Isso indica que o personagem que sua essência está emanando ainda tem uma função, um querer relacionado com a esfera material. Enquanto tivermos uma ligação com o planeta Terra, vamos nos manter na sua esfera. É isso que estas pessoas estão querendo avaliar.

Observei ser necessário um bom nível de conscientização para realizar este trabalho.

– O que você precisa entender é que esta avaliação não é feita apenas pelo corpo mental e sim por todo o conjunto, ou seja, pela alma. Estas pessoas já desenvolveram um íntimo contato com suas almas. Já sabem o quanto é importante concretizar os personagens da essência para adquirirem um conjunto harmônico, enriquecido, inteiro.

– Posso concluir que já alcançaram o potencial da alma?

– Esta é a conclusão apropriada.

Voltei a olhar para minhas mãos: a luz lilás permanecia nelas. Pensei: “Será que estou começando a encontrar o meu potencial?”. Olhei para o Meu Amigo.

– Só você poderá responder, Halu. Eu digo apenas que você está despertando para a sua tarefa maior na esfera material.

Voltei a prestar atenção aos grupos.

– Eles estão distribuindo o éter nos canais mais internos do corpo emocional. Este trabalho visa perceber os tipos de buscas que emergem do corpo essência. Em seguida, conversam e meditam, avaliando se estas buscas que emergem têm a ver com a esfera material, com as Casas Astrais ou com outras dimensões.

– Você poderia falar mais sobre estas dimensões?

– São espaços dentro do Universo que propiciam a continuidade da existência do corpo essência. Você terá mais informações sobre estas dimensões nos trabalhos das outras Casas Astrais.

– E quando estas pessoas concluem que precisam voltar à esfera material?

– Retornam para Terceira Casa e se engajam no processo pré-encarnatório, com determinações peculiares às necessidades do corpo essência. É muito comum, nesses casos, a necessidade do corpo essência estar associada ao crescimento da esfera material. Algumas pessoas nos informam que precisam agradecer esta parte do Universo por ter propiciado o seu crescimento. Acreditamos ser a conexão do emocional com o sopro divino da Criação, ou seja, o encontro do último estágio do emocional com a primeira parte que foi criada, uma espécie de fusão do tempo onde o ser criado responde com algum tipo de criação.

– É comum acontecer este sentimento de querer agradecer?

– Sim, porém cada um o externa de uma forma, embora alguns não o detectem com clareza para expressá-lo verbalmente. Sentem e expressam querendo retornar à esfera material ou aos trabalhos das Casas Astrais. Agora preste atenção ao segundo grupo: todos ali já fizeram esta parte do trabalho em outra época, resolveram encarnar e agora estão reavaliando a decisão. Aquele primeiro grupo é composto por pessoas que fizeram este trabalho e estão se preparando para retornar às Casas Astrais.

– Estas pessoas que retornam para trabalhar nas Casas Astrais são os chamados mentores?

– Sim. Temos diversos tipos de mentores os que se engajam num trabalho individual, os que trabalham com grupos e os que se engajam em estudos e pesquisas. Os mentores individuais dividem-se em dois grupos: os que acompanham uma pessoa no seu crescimento enquanto encarnadas e os

que acompanham uma pessoa nos intervalos de encarnação aqui nas Casas Astrais. Os mentores de grupos dividem-se em coordenadores dos grupos de mentores individuais, que com eles se reúnem trocando informações e orientações para o desenvolvimento do trabalho; e mentores que acompanham as cidades, ou seja, existe um mentor para cada cidade, que por sua vez se reúne com o mentor do estado, estes reportam se ao mentor do país, que responde ao mentor do seu continente, criando uma cadeia de informações e troca de experiências sempre no sentido de auxiliar a parte material do planeta a crescer, evoluir, transmutar, acompanhando a evolução das energias-mãe.

Os mentores que se sentem atraídos por estudos e pesquisas mantêm um estreito contato com os demais no sentido de direcionar seu trabalho às reais necessidades do planeta Terra. Por exemplo, a moça que vai encarnar como autista estará levando para a parte material do planeta uma tese, fruto de seus estudos efetuados sobre informações dadas pelos mentores sobre a questão do autismo – e dos conhecimentos atualizados sobre o ponto de escuta das pessoas em geral – para esse tema.

Perguntei-lhe, então, se ele próprio era um mentor.

– Trabalho com pesquisas e estudos relacionados aos chakras, energias-mãe e mutações.

– E o trabalho que você está fazendo comigo?

Pela primeira vez Meu Amigo falava sobre si mesmo e sobre suas funções. Senti meu emocional invadido por uma forte admiração por ele. Voltei a mergulhar nas minhas lembranças e vi Meu Amigo em laboratórios e trabalhando nos painéis. Quando retornei, a sensação de peso nos olhos se acentuara.

– Vamos, Halu, está na hora de você voltar.

Senti dificuldade em abrir os olhos. Meu Amigo pegou minhas mãos e me ajudou a ficar em pé. O movimento nos chakras aumentou e senti tonturas. Ele me orientou num exercício que eliminou o desconforto; consegui abrir os olhos. No entanto, o movimento no chakra frontal impedia-me de coordenar o pensamento. Do salão de recepção retornamos para a casa de Luiza.

– Você deverá sentir uma dor muito intensa neste chakra, mantenha a calma, eu estarei acompanhando o processo.

Queixei-me de que minha cabeça estava confusa.

– É a introdução do éter e do laser em camadas mais profundas do chakra frontal.

Inspirei e expirei. Retornei ao corpo físico e acordei sentindo muita dor na testa.

– Halu, estarei acompanhando você. Farei esse acompanhamento da Sétima Casa juntamente com Amonrhebe.

Dizendo isto, subiu pelo canal transportador. A dor aumentou. Olhei o relógio, já passava das 3 horas da manhã, relutei em acordar Luiza até que a dor se tornou insuportável; corri ao quarto e a chamei.

– Sua testa está muito vermelha, no centro há uma mancha branca como uma queimadura. O que é isto?

A dor não me deixava falar. Porém, consegui repetir, em breves palavras, o que Meu Amigo me dissera. A dor tornou-se ainda mais intensa, pensei que ia morrer e escutei a voz do Meu Amigo. “Calma, Halu, logo isso vai passar. Você está tendo uma abertura no chakra frontal”.

– A dor é de uma forte queimadura – disse em voz alta. Ele respondeu:

– É assim mesmo, já está passando.

Luiza segurou-me pelas costas e colocou almofadas em volta.

– Veja se você consegue se concentrar na respiração e soltar um pouco o corpo. Eu estou segurando você.

A dor foi diminuindo. Quando consegui, falei o que sabia sobre a abertura deste chakra. Em seguida senti um sono muito forte; segundos depois já estava dormindo. Neste sono não desmembrei. Acordei duas horas depois com Luiza a meu lado. A dor agora era menor, apenas um incomodo na testa.

– Você dormiu, mas o processo continuou – disse-me Luiza. – Vou buscar um espelho para você ver, acho melhor não colocar as mãos.

Pude perceber que ela estava muito séria, porém minha cabeça estava totalmente aérea. Quando olhei no espelho, vi uma bolha maior do que as das mãos. Primeiro tomei um susto, depois olhei para Luiza.

– Que processo forte! – exclamou. – Trouxe água para você beber, quer? Seus lábios estão muito secos.

Só ao beber percebi que estava realmente com muita sede. relatei a Luiza experiência da noite anterior. Seus olhos estavam úmidos como se tivesse chorado; escutando-me, chorou novamente.

– Conte comigo para o que você precisar. Está me fazendo muito bem acompanhar este seu processo. Também procuro a essência da vida – ela

disse.

Havia amanhecido. Senti muito calor, durante o dia tomei vários banhos. À tarde, voltei a dormir e desmembrei. Segui pelo canal, agora transparente, e cheguei ao salão de recepção da Oitava Casa; lá estavam Meu Amigo e Amonrhebe. Nós nos cumprimentamos e seguimos para o jardim. Amonrhebe dizia:

– Os corpos carnis que a esfera material confecciona ainda não estão habituados à qualidade do éter e do laser que você captou e absorveu na noite passada. Por isso a dor que você sentiu foi muito intensa. Com a evolução das energias-mãe a introdução dessa qualidade de éter e laser nos corpos materiais não trará esta dor.

Meu Amigo continuou:

– Procure observar, Halu, junto com a abertura do chakra frontal no corpo físico virão outras aberturas que lhe propiciarão ultrapassar a fronteira da censura que protege – simultaneamente – o mental racional e o inconsciente. Com esta ultrapassagem você terá acesso aos arquivos de sua memória onde estão registros de aprendizados concluídos ao longo de suas encarnações. Também surgirão metas, objetivos relacionados a esta encarnação projetados no momento em que você decidiu encarnar. Novas energias incitarão seu mental racional e emocional a executar outras tarefas. No entanto, será importante você fazer aquela avaliação que se determinou ontem: descobrir qual aprendizado você já concluiu antes de a energia transmutar.

– Acredito que estou quase chegando a uma resposta.

– Agora vamos para a natureza da Segunda Casa, você precisa descansar e se alimentar com as propriedades nutrientes do rio; hoje vou acompanhá-la – disse Amonrhebe.

Seguimos para a Segunda Casa após haver me despedido do Meu Amigo. Senti vontade de andar nas margens do rio e Amonrhebe concordou em me acompanhar. Andamos em silêncio e fui me percebendo mais calma, totalmente reflexiva:

– Amonrhebe, quanta coisa para se aprender! Eu quero aprender, preciso me aprofundar nestes conhecimentos que estou adquirindo.

Minha alma estava leve, em contato com uma força muito profunda que me inspirava amar. Junto com este sentimento uma sensação de rejuvenescimento; senti que minhas forças estavam se revitalizando.

– Halu, viver intensamente as energias-mãe que compõe nosso corpo é o que faz de nós verdadeiros aprendizes do Mestre Universo. Esta é maior lição e a melhor fonte de crescimento: viver intensamente a Justiça, o Potencial, o Amor e a Compreensão na Terra auxilia estas energias a se qualificarem por se sentirem utilizadas e funcionais, e trabalharem para a distribuição do éter curativo nos elementos Fogo, Terra, Água e Ar em todos os corpos do planeta Terra, começando naturalmente pelos corpos animados, ou seja, por aqueles que têm alma. Assim será patrocinado o crescimento da esfera material.

– Amonrhebe, e Deus?

– Deus também é tudo isto, Halu, Ele é o que dá vida e o que faz crescer. Estes elementos, as energias-mãe, são partes de Deus pois se originaram Nele.

– Por isso Jesus dizia que Deus é justo, é amor, é compreensão.

– E é potencial também, a maior e mais sublime fonte potencial. Quando você sentir se aproximar de algumas dessas energias-mãe estará se aproximando da presença de Deus na Terra.

– E as polaridades antagônicas dessas energias?

– É o que permite Deus qualificar o que precisa de qualificação. Por exemplo, quando alguém está com raiva, que é uma expressão de polaridade energética antagônica, tem a oportunidade de se qualificar com as polaridades positivas, que não somente qualificam a raiva, mas o ser inteiro que sente essa expressão. A raiva apenas o incentivou a liberar conceitos ainda não formulados, crenças ainda não sedimentadas. A raiva, expressão energética, é apenas um movimento na Terra através das energias-mãe que fazem parte da formação do corpo nesta esfera do Universo.

Alcansei o significado da palavra maravilha. É maravilhoso perceber como os acontecimentos energéticos, emocionais, intelectuais, interagem, favorecendo o crescimento individual e coletivo.

Quis sentar, juntar meu corpo o máximo possível, não permitiria àquele sentimento escapar. Totalmente envolvida com estas emoções mergulhei em reflexões e surgiu no meu sentimento a lembrança do bebê encarnando. Que tipo de energias compôs seu campo áurico? E o meu? Que tipo de energias o compõe? Começaram a surgir em meu pensamento passagem da minha infância, onde o ponto comum a estas vivências era a minha vontade de experimentar, de ter confirmações próprias. Isso me

levava a experimentar uma bela e cheirosa fruta para concluí-la doce, saborosa, ou morder uma fruta verde ou estragada para descobrir até que ponto era azeda ou amarga.

Relatei para Amonrhebe estes pensamentos e ele me disse:

– Sua passagem pelos ensinamentos da energia Potencial – Poder. Toda vez que concluímos um conceito por auto-questionamento ou experiências próprias alcançamos a polaridade Potencial, que nos auxilia a sedimentar a conclusão em nossos centros aprendizes – espaços neutros do personagem que a essência emana – responsáveis pela aquisição de aprendizados.

Se alcançamos uma crença, um conceito sem questionamento e ausentes da busca interna atuamos com a polaridade Poder, que não tem o cunho energético de sedimentar um aprendizado nos centros aprendizes do personagem. O conhecimento adquirido através dessa polaridade energética é teórico mas não praticado, vivenciado, e pode fazer com que no discurso sejamos uma pessoa e na atuação fluida outra pessoa.

– Isto explica pessoas que dizem acreditar no Amor e atuam com Desamor; outras dizem que acreditam na vida e nada fazem para mantê-la, e assim por diante.

– Esta é uma conclusão adequada. Continue na pesquisa sobre os tipos de energias que compõem seu campo áurico. Na Décima Primeira Casa você terá informações sobre pessoas que pesquisam a formação energética do encarnando.

Dediquei-me a descansar e permitir a expressão daquele sentimento. Minha alma ainda estava leve, contemplando o rio e os blocos de nuvens que a velocidade da água criava.

Alguns momentos se passaram e Amonrhebe recomendou-me voltar à esfera material. Nós nos despedimos e segui sozinha para casa.

14. DEPARTAMENTO DE ORIENTAÇÕES EXPERIMENTAIS

Acordei com vontade de escrever, apesar de estar sentido uma grande moleza no corpo. Peguei um caderno e escrevi, na cama mesmo, a experiência da noite e daquela tarde. Já estava escuro quando ouvi a voz de Luiza chegando do consultório. Logo ela entrou no quarto.

– Boa noite, descansou bastante?

Contei-lhe a experiência da tarde e a conversa com Amonrhebe.

– Vamos agendar a sugestão do seu Amigo sobre as avaliações, sinto que posso ajudar.

– Claro que sim, inclusive ele recomendou que lhe pedisse auxílio para este trabalho.

– E o apetite, como está? Raimunda disse-me que hoje também você não se alimentou. Venha se sentar à mesa do lanche, talvez se sinta atraída por algum alimento...

Quando levantei da cama pude perceber a fraqueza do meu corpo físico, mas o emocional estava muito bem, aceitando com serenidade os últimos acontecimentos. Naturalmente eu ainda tinha muitas perguntas, dúvidas, incertezas, mas não havia ansiedade. Olhei as bolhas das mãos, estavam bem altas; procurei um espelho, a bolha da testa havia aumentado de tamanho.

Luiza resolveu fotografar-me para pesquisar melhor sobre o processo e registrá-lo de alguma forma. Procurei algumas pessoas do meu relacionamento para mostrar e conversar. A reação foi de susto e surpresa; as deduções, as mais variadas. Mais uma vez fiquei com a orientação e explicação de meus amigos e de Luiza, que acompanhou o desenvolvimento passo a passo esperando que o processo acontecesse para tirar conclusões. Isso facilitou muito a minha vida nesta fase de descobertas, dúvidas e medos inerentes ao confronto com o desconhecido.

Descobri com Luiza que uma alimentação líquida e gelada meu organismo aceitava. À noite, quando desmembrei, levei este assunto para comentar com Meu Amigo. Ele me orientou:

– Você já percebeu que está passando por transformações internas que irão refletir em mudanças em todos os níveis de sua vida, inclusive no hábito alimentar. O melhor a fazer é conectar com o sentimento, a intuição, observando o que a atrai, tanto para a alimentação quanto para o trabalho e o lazer. É importante não atuar com esforço, respeitando o livre-arbítrio, para não causar desvios nos centros de suas energias. Quanto à alimentação, a experiência mostra-nos que refeições líquidas são mais apropriadas nestas fases de mobilizações energéticas e aberturas de chakras. Quanto à diversão, aconselhamos lugares mais calmos, sem aglomerações, respeitando sempre sua necessidade de descanso. No que diz respeito a trabalho, o que estiver em sintonia com a busca e movimento interno do personagem que sua essência está emanando.

– Então não existe uma dieta alimentar específica?

– Padronizada, você quer dizer? Não, depende da temperatura, ambiente, costumes, a condição de se estar mais reflexivo (Ying) ou mais executivo (Yang). Por isso é importante estar conectado com os potenciais da alma: sentimento, intuição e atração.

Com esta colocação percebi que Meu Amigo me incitava a ser mais independente, ensinando-me a pescar orientações do meu potencial. A princípio, esta postura me trouxe insegurança, mas à medida que resolvia uma questão relacionada à alimentação, diversão, trabalho de forma acertada, a insegurança diminuía. Apesar de ter Meu Amigo e Luiza sempre por perto comecei a decidir sozinha algumas questões.

– Vamos visitar um importante Departamento da Oitava Casa – disse Meu Amigo. Para chegarmos lá precisaremos utilizar o micro-transportador, outro veículo das Casas Astrais usado para pequenos percursos.

Eu ainda não conhecia o micro-transportador. Não existe, na esfera material, nada semelhante. Para melhor retratá-lo busquei a imagem de uma carruagem sem cavalos, aberta, sem portas ou cobertura. Existe micro transportadores com capacidade para 2, 6 e 12 pessoas. Eles se deslocam em vôos rasantes a alguns palmos do chão, a velocidade é impressa por quem os dirige, todo comando é realizado através de controle remoto. O micro-transportador que Meu Amigo e eu usamos daquela vez tinha a cor azul turquesa com espaço para duas pessoas e se deslocava a velocidades que variavam do relativamente lento ao extremamente rápido.

O Departamento que íamos visitar localizava-se no topo de uma montanha bastante alta. Quando chegamos perto dela, Meu Amigo acionou

o comando e o veículo subiu como se fosse um elevador até a entrada do Departamento, onde parou de subir e se deslocou horizontalmente deixando-nos no portal de recepção. Esta foi uma experiência muito nova e prazerosa.

Desembarcamos e nos dirigimos a um salão onde vi uma moça; olhei para ela e tive a nítida impressão de conhecê-la. Sem pensar, chamei-a pelo nome de Ismênia. Ela me saudou e disse que estava à minha espera. Olhei para Meu Amigo, que exibia um discreto sorriso nos lábios.

– Não me lembro claramente de onde, mas sei que a conheço – falei.

– Não se apresse Halu, sua memória retornará aos poucos para não causar danos ao emocional. Vamos para a sala onde conversaremos melhor.

Segui-os muito feliz, porém meus pensamentos estavam confusos. Chegamos a uma sala com diversas poltronas iguais às que havia perto do carvalho. Sentamo-nos e meus pensamentos foram ficando mais claros até se normalizarem por completo. Ismênia abriu o diálogo:

– Este é o Departamento de Orientações Experimentais. Você assistiu os grupos trabalhando nas praças. Pois bem, esta é a segunda etapa do trabalho para preparação da passagem de dimensão. Para este trabalho buscamos um espaço silencioso e isolado de outras tarefas. Vou lhe mostrar o que fazemos aqui, para que você compreenda melhor as funções deste Departamento.

Chegamos a uma sala menor, com algumas poltronas em frente a uma parede coberta por uma cortina. Ismênia abriu a cortina e percebi que a parede era de vidro. Através do vidro pude ver pessoas deitadas e me pareceu que estavam dormindo; Ismênia explicou:

– Estão em estado de relaxamento profundo, quase um sono. Esta condição permite um maior contato com o corpo essência. Desta forma, essas pessoas descobrem o querer interno da alma. Nesses momentos elas alcançam a projeção do corpo essência sob a forma de imagens do futuro. Em outras palavras, conseguem ver-se em algum lugar, desempenhando uma função. Este lugar e esta função é que determinarão o retorno à esfera material, aos trabalhos das Casas Astrais ou a passagem para outra dimensão.

– Você poderia explicar melhor essas imagens do futuro?

– Elas constituem o movimento inverso às imagens do passado. Quando se traz lembranças de vidas anteriores, está se retomando uma estrada já trilhada. As imagens do futuro mostram um percurso ainda a

percorrer. Por causa disto, estas imagens estão associadas a um espaço ou função, ou seja, uma direção a que o corpo essência está determinado, ainda a ser construída e concretizada pelo personagem que emanará.

Ismênia fez uma pausa e Meu Amigo interferiu:

– Este Departamento foi instalado no alto da montanha pelo fato de aqui estarem presentes energias ligadas ao discernimento, o que propicia o relaxamento e o encontro com o Tempo, que também é uma energia.

Voltei a olhar para as pessoas que pareciam dormir profunda e tranquilamente e pensei como seria a energia Tempo. Meu Amigo trouxe a explicação:

– Esta é uma energia com muitas funções: de união, de separação, de determinação de limites entre os acontecimentos. Porém sua principal função é criar o momento para as outras energias se expressarem. Você já viu que as fases da vida despertam energias peculiares e específicas. Por exemplo: infância, adolescência, fase adulta. Perceber momento exato de cada energia, assumindo sua expressão e função, é a principal tarefa da energia Tempo.

Ismênia encarregou-se de completar a explicação:

– Estas pessoas estão buscando perceber qual o momento de sua existência que a energia Tempo está confeccionando. Através dessa percepção, definirão a passagem para outra dimensão, o retorno aos trabalhos nas Casas Astrais ou uma nova encarnação.

Saí do Departamento muito pensativa, refletindo sobre as funções do Tempo. Retornamos para as poltronas perto do carvalho. Coloquei logo a minha primeira dúvida:

– Tudo o que vivemos e experimentamos ao longo das existências está registrado na nossa memória. O que ainda não vivemos onde estará registrado?

– Na projeção do tempo do corpo essência. Essas projeções são as expectativas de expressões desse corpo. No término de um aprendizado já estamos em sintonia, afinados com aquilo que aprendemos, o que nos permite visualizar um novo aprendizado. Pois bem, quando estamos na fronteira entre os aprendizados relacionados ao planeta Terra e outras dimensões, é possível captarmos esta projeção, percebendo o fim de um estágio e a aproximação da expectativa de uma nova trajetória. Nesse trabalho que você conheceu, as pessoas buscam um íntimo contato com o corpo essência para sentir suas expectativas e o que a energia Tempo está

indicando para ser concretizado. Quando terminam o trabalho de relaxamento, refletem e pesquisam as imagens que surgiram durante o processo. É um trabalho lento, que requer muita atenção e discernimento.

– Quando entramos no Departamento, meu pensamento descoordenou, retornando em seguida à clareza. Agora estou sentindo que voltou a ficar confuso.

– Mantenha-se em silêncio. Limite-se a acompanhar a confusão.

Passei a prestar atenção ao meu movimento interno e senti meu coração; em seguida o sentimento de saudade profunda inspirando-me uma estrada a ser percorrida ou algo a ser feito, mas eu não conseguia definir o que seria. A indefinição deixou-me angustiada.

– Acrescente uma dose de paciência a esse movimento, Halu.

Estas palavras de Meu Amigo penetraram em meu emocional, limpando a ansiedade, pude perceber com mais clareza o que meu sentimento estava indicando. O contato com esses conhecimentos precisava ser canalizado para a esfera material; a paciência seria indispensável para que eu fizesse uma boa elaboração deles.

A luz lilás surgiu em minhas mãos indicando um processo em meus chakras. Esperei até detectar em qual deles ocorreria mobilização e senti um incômodo no peito e na garganta, mais especificamente no chakra cardíaco. A mobilização energética intensificou-se e entrei numa profunda reflexão, culminando numa espécie de transe; naquele momento, vi-me em outro corpo. Senti estar captando uma lembrança de uma experiência encarnatória anterior. Dos meus arquivos surgiu a orientação e o percurso da memória se encontrando, diminuindo os bloqueios, dando acesso às lembranças.

Meu emocional confirmou mais uma vez a existência da vida eterna. Esta confirmação foi mais forte e edificante do que as lembranças em si. Não me ocupei em saber quem eu tinha sido ou o que havia feito: dei mais importância ao fato de estar lá, no tempo, fazendo meus aprendizados. Confirmar que a alma é operante, que o tempo não é inerte, trouxe mais força para eu continuar vivendo dentro dos meus erros, em busca de acertos sedimentados. Olhei para Meu Amigo e ele me disse:

– Está acontecendo, Halu. Você levará um tempo em viagens internas, repassando experiências passadas.

Sem forças para questionar retornei à reflexão e às lembranças. Não saberia dizer quanto tempo fiquei assim, acordei no final da tarde. Depois

fui informada de que Meu Amigo e Amonhrebe haviam me trazido de volta para a esfera material.

Olhei as paredes do quarto em que dormia sem forças para levantar, andar, muito menos para falar. Retomei as lembranças e vi Luiza entrar devagar, buscando perceber se eu já havia acordado. Senti uma forte dor na região do chakra cardíaco, a mesma dor de queimadura do chakra frontal, porém menos intensa. Tirei a blusa do pijama em desespero, balbuciei alguma coisa para Luiza. Ela, como sempre, buscou me acalmar e acompanhou mais este processo. O esquentamento e o ardor foram aumentando até queimar e formar uma bolha, como nos outros chakras.

Quando terminou, sentimos no quarto um forte cheiro de éter. A princípio, Luiza procurou pela casa para se certificar de que ninguém estava usando álcool ou éter. Fiquei observando seus movimentos, apesar de já ter concluído que o cheiro vinha de outras instâncias, de muito longe da casa. Compreendi que Luiza se confrontava com algo muito novo e seu mental buscava uma explicação lógica.

– Eu senti o cheiro forte do éter, Halu. Até então você dizia que sentia e eu acreditava; agora eu senti, é diferente.

A dor diminuiu; uma sede intensa tomou conta de mim. Nesta altura dos acontecimentos já lidávamos com mais naturalidade com minhas experiências. Bebi bastante água de coco. Quando consegui, relatei a experiência da noite anterior. Luiza achou muito interessante o trabalho para preparação da passagem de dimensão e a comparou à necessidade de reflexão e escuta ao mundo interno no curso do crescimento e das transformações de conceitos pelos quais estávamos individualmente passando.

A cada dia nosso trabalho se solidificava, tomando corpo. Luiza trouxe livros para eu ler; passávamos horas estudando. Assim fui adquirindo alguns conhecimentos teóricos que me auxiliavam a entender os conceitos dela. Quanto aos processos de abertura de chakras, registrávamos tudo, escrevíamos, fotografávamos e começávamos a selecionar alguns dos meus relatos para esse livro, naturalmente com o acompanhamento de Meu Amigo e de Amonrhebe, que opinavam nas nossas escolhas.

No dia seguinte à abertura do chakra cardíaco, em desmembramento dirigi-me à natureza da Segunda Casa Astral, buscando alimento e descanso para elaboração mental/racional e emocional do momento que estava

atravessando. Amonrhebe acompanhava-me, num destes encontros ele me passou mais algumas informações:

– Você já sabe que no interior do perispírito está essência espiritual, e no exterior o corpo físico, material. Entre o perispírito e o corpo material existe um canal de comunicação por onde transitam os sentimentos, as emoções, o pensamento fluido. Esse canal é formado pelos chakras, que se originam na essência, ligando-o ao perispírito e este ao corpo material. À medida que este personagem se afina com as direções da essência, favorece e intensifica a comunicação entre esses corpos. Assim também acontece quando o mental/racional concretiza o personagem, provocando estreitamento do canal entre o perispírito e corpo material. Os seus chakras estão se alinhado, o que proporciona a ligação entre os percursos da memória.

– E estas aberturas acontecerão outras vezes?

– Acredito que sim, principalmente se você, afinada com sua essência, der uma direção a estes processos.

– Que direção é essa?

– Procure escutar o sentimento, que é a linguagem do corpo essência. No momento adequado, você saberá.

Disse-lhe então que gostaria de saber sobre o desenvolvimento dos processos de Amonrhebe e das pessoas que conheceu no Departamento de Orientação Experimental.

– Vamos visitá-los, você verá.

Seguimos pelo canal transportador até a Oitava Casa e utilizamos o micro-transportador para chegarmos ao Departamento no alto da montanha. Ficamos um pouco na ante-sala.

– Espere-me aqui, Halu, vou ver se Adonias pode conversar com você agora. Eles estão reunidos trocando registros de experiências. Ele já se definiu, resolveu voltar para trabalhar na Quinta Casa, percebeu que ainda não é o momento de seguir para outras dimensões.

Aguardei por alguns minutos até que Amonrhebe retornou com Adonias. Após as apresentações, Amonrhebe explicou que eu gostaria de saber qual a etapa que se segue após o relaxamento profundo.

– Como esta etapa é muito individual, é possível você falar de sua experiência?

Sentamo-nos nas poltronas e assumi a postura de ouvinte. Adonias aparentava uns quarenta anos, ativo, alegre. Percebi claramente a mudança

nos meus conceitos sobre a evolução espiritual. A imagem de pessoas com idade avançada, vestidas com túnicas e envolvidas em mistério foi substituída pela figura de um homem ainda jovem, com um olhar seguro, indicando a certeza de saber aonde ir.

– Após repetir algumas vezes a orientação experimental convenci-me do querer essencial, que era aperfeiçoar alguns conceitos e aprendizados. Falta-me algo que acredito adquirir através do trabalho nas Casas Astrais.

– O que fez o chegar a esta conclusão? – perguntei.

– Uma análise profunda de todo o meu contexto. Ainda há energias a serem expressas, aperfeiçoamento das emoções, conclusão de trabalhos que julgava haver terminado – enfim, ainda há em mim querereres relacionados ao desenvolvimento do planeta Terra. Meu sentimento está em sintonia com este planeta; ainda preciso dele.

– Então você retorna aos trabalhos nas Casas Astrais?

– Sim, mas antes é necessário eu me preparar para esta retomada. Seguirei para a Nona Casa com o objetivo de adequar o querer essencial às oportunidades que esta esfera oferece.

Declarei não ter mais perguntas, acrescentando que gostaria de observá-lo um pouco mais. Compreenderam meu silêncio. Conectei com meu eu interior e busquei contato com seus olhos. Mantivemos uma comunicação energética silenciosa, onde houve transparência, clareza, segurança, desprendimento e respeito com satisfação e esperança. Após algum tempo ele disse:

– Agora preciso voltar ao grupo.

Perguntei-lhe quando retornaria ao trabalho.

– Ainda não decidi; por enquanto vou me preparar para esta resolução.

Adonias despediu-se e partiu. Mais uma vez fui tomada por aquela saudade profunda, sem justificativas. Tomamos o caminho de volta à Segunda Casa Astral; ao chegar percebi que estava com sede. Bebi a água do rio, que naquele momento tinha sabor de coco. Comentei sobre este sabor com Amonrhebe.

– Isso indica fragilidade no seu corpo físico devido à fase que você está atravessando. Quando retornar para a esfera material sugiro-lhe beber água de coco para fortalecimento do corpo físico e limpeza dos rins. Sempre que atravessamos um período de transformação, necessário se faz dar muita atenção e cuidados especiais a esses órgãos.

– Qual a ligação entre os rins e os processos de transformação?

– Sua responsabilidade, energeticamente falando, é selecionar os resíduos positivos e liberar os negativos para serem eliminados através da urina. Nos períodos de transformação o trabalho se intensifica: constantemente nossos corpos – material e imaterial – estão codificando novos conceitos, questionando crenças anteriores, revisando antigos conhecimentos, reprisando algumas dores e mudando alguns comportamentos. Por isso, são necessários atenção e cuidados especiais com os rins.

– O que você chama de atenção e cuidados especiais?

– Atenção diz respeito a estar sintonizado com os movimentos desses órgãos, procurando perceber sua expressão – se de dor, peso, ardência, incômodos – ampliando esta sintonia para a urina quanto ao volume, coloração e odor, buscando perceber alguma modificação nas expressões rotineiras. Cuidados especiais dizem respeito à ingestão de maior quantidade de líquidos, principalmente nos intervalos das refeições. No seu caso, o sentimento indicou a necessidade dos nutrientes energéticos da água de coco, que atuarão no seu corpo físico auxiliando seus rins nos processos de seleção e eliminação.

– Amonrhebe, aqui nas Casas Astrais as pessoas também estão em constante transformação. Esses cuidados também são necessários para as pessoas em intervalos de encarnação?

– Sim, porém o processo de seleção e eliminação para estas pessoas é de responsabilidade exclusiva do campo áurico. Este campo, incitado pelas energias que acompanham todo o processo de transformação, se expressa informando à pessoa as formas de cuidados específicos. Para as pessoas encarnadas todo o processo trabalhado pelos rins é naturalmente detectado pelo campo áurico, que com o término de cada processo apresenta-se mais limpo, mais positivo, adequando-se às novas captações inerentes ao novo nível de consciência adquirido após a transformação. Este trabalho do campo áurico interfere no magnetismo individual, atraindo pessoas e situações afinadas com as novas buscas e comportamentos.

– Fale-me de Adonias. Ele está em processo de transformação, não está?

– Sim, está, ele buscará perceber qual o procedimento ideal para se adequar à decisão de retornar às Casas Astrais.

– Agora diga alguma coisa a meu respeito; também estou passando por este processo de transformação.

– Você precisa perceber as oportunidades que a esfera material lhe proporciona para introduzir conhecimentos que adquiriu com esta transformação, tornando-se assim mais útil à dimensão material do planeta Terra.

– Qual a melhor maneira de executar esta tarefa?

– Como disse, estarmos atentos às oportunidades, buscando pessoas com espaços internos onde caibam estes conhecimentos e principalmente a forma como você os adquiriu.

– Luiza é uma oportunidade.

– Concordo com você, inclusive por ela ter esta busca pessoal. Quando as pessoas se desencantam dos processos mágicos, paternalistas e resolvem assumir a responsabilidade por seus quereres internos, canalizam as informações do corpo essência para a consciência e ampliam a lógica racional inteligente que busca a prática real dos conhecimentos tornando esse campo lógico mais experiente e menos teórico-curioso. Luiza vive esse momento, ela está trocando o conhecer pelo saber, a curiosidade pela experiência. Assim como você a encontrou, encontrará outras pessoas que buscam compreender os benefícios oriundos dos processos da alma, o que torna a vida mais completa e multiplica as ferramentas para a construção da evolução, dando seguimento ao crescimento do elo sutil inteligente.

– Fale-me agora dessa transformação que o planeta Terra está atravessando.

– Com a evolução das energias-mãe o planeta aspira produzir um sistema mais integrado com as outras partes do Universo, assim como com as Casa Astrais, com outros planetas materiais e imateriais. Os planetas materiais são os que estão no mesmo corredor energético do planeta Terra. Os planetas imateriais estão em uma dimensão superior à da esfera imaterial do planeta Terra; você estudará sobre eles em outra oportunidade. Quando ocorre esta conexão, as energias-mãe utilizam sua reprodução mais importante, que é o campo lógico humano que concretiza os personagens da essência, captando desta forma a inteligência divina que é, até então, a reprodução cósmica mais sutil.

As energias-mãe, através do campo lógico-racional, pretendem tornar a esfera material mais espiritual, ampliando com esta conquista a aproximação com Deus, seu Criador. Nessa fase da transformação, o campo lógico-racional desenvolveu uma conexão com os chakras, com os centros energéticos interiores da alma e com o campo áurico. Deste modo adquiriu

a cultura existente no corpo essência, perfazendo uma viagem interior em busca de auto-conhecimento e penetrando fundo nos componentes da alma, que é o conjunto da imaterialidade. Em seguida, mais preparado por essa viagem interna, poderá aprender o caminho que o levará a outras dimensões. Com isso, quando o corpo físico estiver descansando das atividades terrenas e o perispírito estiver se deslocando para o astral em busca de conhecimentos, será acompanhado pelo campo lógico-racional.

– O que significa melhor utilização do corpo memória?

– A memória registrará, nos arquivos do campo lógico racional, os conhecimentos adquiridos com a experiência física, material e os adquiridos com a experiência nos desdobramentos.

Ao ouvir isso, vieram-me à lembrança pessoas na esfera material que buscam conhecer vidas passadas. Coloquei essa observação para Amonrhebe.

– Passado, presente e futuro são escalas do tempo. Esse processo da esfera material na busca do passado traduz a ocupação do mental sobre o tema Tempo e suas questões. Através desta busca as pessoas estão conectando com a espiritualidade, ou seja, com sua eternidade. Esse é um dos percursos da viagem interior, possibilitando o campo lógico-racional – reprodução das energias-mãe do planeta Terra – introduzir-se na imaterialidade. Atualmente esse campo já traduz bem as emoções, os desejos e aspirações do corpo essência. O próximo passo será o campo lógico-racional acompanhar e traduzir as viagens mais longas e mais profundas do corpo imaterial, conquistando um tempo de vida útil e mais rico.

– Explique melhor esta última colocação – pedi.

– Quando o corpo material dorme e o campo lógico-racional o acompanha no sono, deixa de registrar os acontecimentos e aprendizados do desmembramento, voltando a atuar quando o corpo material desperta. Agindo assim, não registra nem arquiva os acontecimentos e conhecimentos dos desdobramentos, permanecendo algumas horas sem utilidade. É evidente que se tornaria mais rico e útil trabalhando em tempo integral.

– Isso não traria cansaço ou enfraquecimento ao campo mental?

– Não, pois ele estará fortalecido pelos componentes imateriais. Ele descansará da mesma forma que o campo imaterial, sem, no entanto, deixar de registrar e vivenciar.

Com esta colocação lembrei-me dos atletas que se preparam para ter maior dinamismo e resistência no corpo físico. Ficamos em silêncio. Permiti-me um tempo para a elaboração dos novos conhecimentos e pensei: meu campo lógico está trabalhando agora; no entanto desliguei-me de algumas tarefas que fazia anteriormente e que o ocupavam. Amonrhebe falou-me sobre isto: os campos lógicos confeccionados atualmente ainda não estão totalmente prontos para este desempenho.

– Por isso, há a necessidade de você e de outras pessoas que estão no mesmo processo reduzirem algumas atividades. Porém, quando esse processo tornar-ser mais comum, as energias-mãe vão se ocupar em confeccionar campos lógicos mais adequados às suas aspirações.

– A mutação que você e Meu Amigo sempre comentam? – perguntei.

– Sim, Halu. Por falar em descansar, é necessário que você retorne à natureza da Segunda Casa para beber um pouco mais da água do rio.

Seguimos em direção ao rio e, ao beber a água, senti gosto de leite.

– Isto é uma tradução simbólica de renascimento.

A explicação de Amonrhebe fez muito sentido. Eu me sentia como se tivesse renascido. Ele me acompanhou à esfera material, acrescentando outras explicações:

– Estão registradas no arquivo do seu mental as primeiras alimentações com o leite materno. Seu campo lógico captou sua emoção de renascimento e o traduziu informando a necessidade de se alimentar com leite.

– Isso exemplifica sua colocação sobre a conquista do campo lógico de captar emoções e sentimentos internos?

– Exatamente. Outro exemplo são os desejos por determinados alimentos que ocorre nas pessoas em certos momentos. Quando se está alegre, é comum desejar comemorar. Esse desejo é a tradução mental da condição interna.

Seguindo a mesma linha de raciocínio lembrei-me dos desejos das gestantes.

– Mais um bom exemplo, Halu. E neste caso o desejo está ligado ao momento em que as energias do planeta Terra estão trabalhando na confecção do campo lógico-racional do feto. Quando a gestante capta um desejo e o satisfaz, além de outras coisas que você já viu em trabalhos anteriores, também está se introduzindo no campo lógico emocional do feto e da mãe esta forma de comunicação etérica. São fatores que possibilitam o enriquecimento do campo lógico racional. Voltemos a Adonias: você o viu

no grupo em um momento de reflexão interna profunda, ou seja, de auto-comunicação etérica. O campo lógico mais enriquecido propicia esta comunicação, um aprendizado do elo sutil inteligente quando concretiza os personagens da essência. Esse aprendizado acompanha o elo sutil sempre que o corpo essência aspira concretizações em outras dimensões. É um dos aprendizados primordiais do elo sutil, através do campo lógico do planeta Terra.

Chegamos à casa de Luiza e Amonrhebe voltou pelo canal transportador. Pela manhã, acordei com muita disposição e o apetite retornou. Ainda estava com as bolhas nas mãos, na testa e no peito. Senti um forte movimento energético que acontecia entre os chakras; refleti sobre as atividades que meu corpo mental havia abandonado e pedi auxílio à Luiza. Anotei algumas, por exemplo:

Desconectei-me totalmente da preocupação sobre que roupa vestir, quando e como;

Desocupei-me da padronização das horas, tal como hora de almoço, hora de jantar;

Desliguei-me de algumas atividades práticas tais como ir ao banco, ao supermercado, à feira.

“Dever” e “ter” foram trocados por outras prioridades, como “posso” e “mereço”.

Conversei com Luiza sobre o que aprendi relacionado aos rins e passei a ingerir refeições líquidas, de acordo com a percepção dos desejos captados pelo campo lógico racional. Com essa mudança senti meu corpo mais calmo e dinâmico.

Com o passar dos dias, as bolhas nos chakras foram diminuindo, mas ficaram marcas nesses pontos. Minha sensibilidade aumentou, inclusive nos órgãos dos sentidos. Passei, por exemplo, a sentir o cheiro dos lugares, o que me favoreceu perceber melhor as energias locais. Ao tocar as pessoas, passei a senti-las com mais profundidade.

Luiza sinalizou-me uma mudança no olhar que, embora algumas pessoas identificassem como sinal de tristeza, de perda do sentido da vida, internamente não era a minha verdade, embora compreenda que a tradução do sentido da vida é muito individual. Para alguns, este sentido está sedimentado nos bens de consumo, na euforia, na conquista do poder; para outros, na pesquisa, no estudo, nas descobertas, nos processos da alma;

enfim, o bom nisso tudo é que o planeta Terra oferece um vasto cardápio para todas as necessidades, e nele encontrei minha opção.

15. VISITA À FAMÍLIA DE ISMÊNIA

Algumas noites depois estava com Amonrhebe na Sétima Casa pesquisando um pouco mais sobre os canais transportadores quando reencontrei Meu Amigo. Estava com saudades, já havia alguns dias que não o via.

– Vim buscá-la para um passeio, Halu.

Fiz algumas anotações e o acompanhei. Seguimos para o salão de recepção da Oitava Casa; lá havia um micro-transportador de seis lugares já com quatro pessoas. Ocupamos os dois assentos restantes e seguimos para uma visita aos espaços energéticos da Oitava Casa.

– Estas pessoas iniciarão o trabalho que você acompanhou com o grupo de Adonias. Este micro-transportador as levará para conhecer os espaços e paisagens da Oitava Casa. Este é o início do período de adaptação para o tempo que passarão aqui.

Visitamos primeiro os jardins e seguimos pelas cadeias de montanhas – até então eu conhecia apenas a primeira montanha. Quando a sobrevoamos, Meu Amigo falou para todos que ali ficava o Departamento de Orientações Experimentais, espaço adequado para o trabalho de reflexão e contato com a essência e o tempo.

Em seguida sobrevoamos outra montanha coberta por uma grama muito verde. Meu Amigo explicou:

– Nesta montanha fazemos o trabalho de meditação Yang através de caminhadas no sentido vertical, horizontal e circular, buscando perceber as mobilizações energéticas nestes movimentos. Por isso a chamamos de meditação Yang. Na meditação Ying centralizamos as forças vitais para uma percepção interna: para isso, neutralizamos os movimentos corporais. Na meditação Yang, as forças internas são mobilizadas para a percepção da vitalidade em movimento.

Sobrevoamos a montanha por alguns momentos, além da grama não havia nenhuma outra vegetação. Meu Amigo fez o micro-transportador voar ao redor da montanha e pude ver de longe algumas pessoas caminhando: umas com as mãos nos joelhos, outras com os braços em volta do tórax, algumas de mãos dadas. O que mais me chamou a atenção foi a nuance do

verde da grama. dava-me a impressão de que ela estava molhada, fresca, como se tivesse acabado de chover. Meu Amigo explicou-me que o efeito era causado pelo éter produzido pelo contato da grama com a areia da montanha.

Estranhei quando ele se referiu à areia. Nesse momento, estacionou o micro-transportador e ele me recomendou descer e procurar entrar em contato com a grama, tocar o chão. Enchi minha mão com algo que me pareceu terra ou areia, porém mais leve. Passei a observar o vento e não compreendi como algo tão leve não era espalhado por ele. Um rapaz que estava conosco explicou-me:

– Não há desarmonia na natureza desta esfera. O vento e a areia leve convivem sem deslocamentos desnecessários, estabelecem um código de peso correspondente à responsabilidade de cada um.

Coloquei a areia no lugar e voltei ao micro transportador pensando na sabedoria inerente à natureza. Já havia atentado para as harmonias existentes no planeta Terra e concluí que até a natureza aprende com o convívio íntimo entre seus próprios elementos. Esta conclusão trouxe-me uma emoção nova, uma mistura de fortalecimento de crença com esperança e admiração. Amei a Deus mais fortemente.

O rapaz, captando meu momento, acrescentou:

– Deus está em tudo; por isso tudo evolui. A eternidade que está em Deus, está presente em toda a sua criação.

Chegamos a uma montanha que, por ter algumas casas na base, no meio e no topo, pareceu-me uma vila. Meu Amigo explicou-me ser aquela uma das moradas dos que habitavam a Oitava Casa.

– A depender do trabalho que estão executando, as pessoas retornam à meditação Ying, ocupando então as casas do topo da montanha. Quando esta etapa está se encerrando, se mudam para as casas do meio da montanha, para nova readaptação com as polaridades Yang das energias. Em seguida se transferem para as casas do sopé da montanha, onde começarão a ativar seus centros energéticos para executar as atividades percebidas, visualizadas, almejadas na meditação Ying.

Continuamos o passeio sobrevoando inúmeras montanhas parecidas com a anterior. Meu Amigo escolheu uma ao acaso e estacionou nela o micro transportador. Descemos todos, ele seguiu na frente como uma espécie de guia, mostrando-nos pequenos departamentos:

– Nesta montanha existem laboratórios para trabalhos e pesquisas diversas. Quando as pessoas que estão trabalhando no Departamento de Orientação Experimental decidem voltar para os trabalhos das Casas Astrais, geralmente retornam buscando aperfeiçoar, aprofundar uma pesquisa anterior, em algum trabalho que acreditam ter deixado incompleto, ou simplesmente descobrem condições de aperfeiçoá-lo e utilizam os laboratórios para organizarem este sentimento de concretizar tal pretensão. Quando finalizam, retornam para as Casas Astrais mais afinadas com seu propósito. Por exemplo: se desejam desenvolver um novo trabalho para a creche, retornam à Primeira Casa; se querem criar um novo modelo de comunicação, retornam para a Sétima Casa.

– E quando decidem voltar para a esfera material?

– O processo é o mesmo: quando determinados a levar algum conhecimento que acreditam necessário à esfera material utilizam esses laboratórios para concretização do projeto que será apresentado na Quinta Casa, onde a pessoa em questão irá pesquisar qual a região da esfera material mais adequada para receber o seu trabalho. Retomam os trabalhos pré-encarnatórios, levando o conteúdo do projeto armazenado nos chakras e no corpo memória para exteriorização no momento oportuno.

Entramos em alguns laboratórios onde pessoas trabalhavam. Umas em grupo, outras sozinhas, escrevendo, manipulando o éter e outros produtos com tubos de ensaio. Algumas fazendo brinquedos educativos, outras, desenhando gráficos.

Retornamos ao passeio. Chegamos a uma planície onde avistei uma chácara enorme com muitas casas. Achei muito interessante este espaço, pois as casas eram construídas com diversos materiais. Algumas pareciam ser de vidro, outras de madeira e outras ainda de tijolos, todas muito bonitas, formando um conjunto harmônico, apesar das diferenças. Meu Amigo explicou-me que naquela planície habitavam pessoas que dirigem os trabalhos da Oitava Casa.

Eu e Meu Amigo descemos do micro-transportador e os quatro passageiros seguiram. Apesar de já ter visitado as Casas Astrais muitas vezes, ainda me debatia com alguns conceitos. Era impossível para mim vê-los como mortos, pelo menos no meu antigo conceito de morte, pois na realidade a cada experiência confrontava com a existência de uma vida muito útil; nada que inspirasse o mórbido, a inércia, a estagnação ou até mesmo o fim.

Meu Amigo apontou-me o centro da planície onde vi uma casa simples, singela, aconchegante, rodeada de jardins com lindas flores perfumadas. Quando chegamos, Ismênia veio nos receber.

– Veio conhecer minha casa Halu? Seja bem-vinda!

Entramos na sala de Ismênia e minha surpresa foi enorme quando ela me apresentou à sua família: um filho ainda garoto e uma filha aparentando ter a mesma idade que ela.

– Este é Heráclito.

Cumprimentei um senhor de uns 50 anos que tinha um sorriso bonito e uma postura muito elegante.

– Esta é Olga, minha filha.

Olhei para a moça, que se divertia com o meu espanto. Sentado num canto, brincando, estava Igor, de aproximadamente quatro anos. Sentamos-nos em volta de uma pequena mesa e Ismênia começou a explicação:

– Você já ouviu falar em almas afins? É isto que somos: almas afinadas com um trabalho, com um mesmo propósito e com peculiaridades comuns. Heráclito trabalha comigo no Departamento de Orientações Experimentais. Olga acompanha os trabalhos de meditação Yang. Igor prepara-se para retornar à esfera material levando alguns projetos que desenvolveu com a permanência aqui na Oitava Casa; como já alcançou um bom nível de discernimento nos intervalos dos trabalhos pré-encarnatórios, fica aqui conosco.

– Quando ele encarnar, passarei a trabalhar como sua mentora individual, auxiliando-o na execução dos projetos que o levaram à esfera material – acrescentou Olga às colocações de Ismênia.

– Aqui moram outras famílias? – perguntei.

– Sim, se você compreender como família essências afins – respondeu-me Heráclito.

Logo me adaptei a esta nova informação e pensei: se na esfera material – onde ainda há divergências e desencontros – as pessoas buscam se unir, porque não na esfera imaterial?

Procurei captar a casa e as pessoas com meu sentimento, afastando assim pré-julgamentos superficiais.

Heráclito falou-me do seu trabalho; eu falei de minhas expectativas e quereres: sentia-me já à vontade, amando cada vez mais a Deus e dispensando de uma vez por todas a crença de que morrer é sinônimo de separação eterna, perda de emoções, abandono de sentimentos e,

principalmente, sinônimo de separatividade. A união permanece: temos pai, mãe, irmãos e filhos, aspectos tão importantes que divinizam uma identificação.

Olga falou-me de suas expectativas de mudança de trabalho. Igor continuava entretido com um brinquedo de cordas muito interessante. Ismênia escutava-nos com um sorriso feliz, dando amparo ao diálogo. Meu Amigo olhava-me do outro lado da mesa, emanando para mim fluidos energéticos que favoreciam a permanência tranquila naquela casa, naquela planície, naquele mundo. Minha impressão era de estar visitando alguns amigos que moravam num país distante, com uma cultura diferente. Tudo estava em paz.

– Vamos, Halu? – Meu Amigo despertou-me para a necessidade de ir embora.

– Ismênia, eu ainda não consegui me lembrar de onde a conheço.

– Quando ela vai visitar o Departamento das Recordações? – perguntou Ismênia a Meu Amigo.

– Se estiver bom para ela, nas próximas horas.

Curiosa, quis saber o que era o Departamento das Recordações. Meu Amigo respondeu que no caminho de volta falaríamos mais sobre o assunto. De fato, ao regressarmos, combinamos a visita para a tarde seguinte:

– No período da tarde é melhor. Seu corpo material terá maior reserva de energias Yang – de execução e do sol – e isso vai facilitar a seu campo lógico registrar a experiência com mais profundidade. Vamos fazer assim, agora você retorna à esfera material, logo que incorporar o corpo físico eu a acordo. Procure fazer uma atividade repousante, porém dinâmica. Se quiser vá à praia, e não deixe de dormir à tarde.

Com estas orientações retornei ao corpo físico. Quando acordei percebi que ainda era muito cedo; no entanto, Luiza já estava acordada.

Como sempre, ela logo se interessou em me escutar. Cristina e Rafael tinham viajado e estávamos a sós na casa. De repente, ela me convidou para conversarmos na praia. Eu já não me surpreendia com estes acontecimentos. Ainda não havia falado sobre a orientação de Meu Amigo; muitas vezes cheguei a pensar que Luiza também conversava com ele e não se lembrava, acontecimentos deste tipo eram muito comuns, e neste dia expressei meu pensamento.

– Se converso com ele não sei, mas minha intuição é muito forte para os assuntos relacionados a você, isto já percebi. – admitiu Luiza.

Fomos à praia; Salvador é uma cidade deliciosa, principalmente nas manhãs de sol. Chegamos à praia muito cedo, ainda encontramos alguns pescadores retardatários levando suas canoas para o mar. Meu pensamento divagou, observando a prática do pescador com a embarcação, a desenvoltura e o carinho ao empurrar a canoa para as ondas. Fixei meu pensamento na relação canoa-mar-ondas: como se torna leve sobre as águas, o pescador a alinha com um simples toque, e a leveza não impede de suportar o peso de seus comandantes. Esta observação trouxe meus pensamentos para meu contexto. Senti a cabeça comandando os pés; meu corpo leve no canal transportador e pesado ao andar na areia porque assim precisava ser.

Este tipo de reflexão me acalmava para compreender-me nas duas dimensões, Material e Astral. Nestas horas, acredito, eu vivia a experiência de minha parte Halu buscando identificação com as experiências e observações de minha parte Mércia. O movimento contrário ao que experimento nas Casas Astrais, onde minha parte Mércia busca conexão com as experiências de Halu. Percebi isto como marcas numa lista sinalizando cada percurso da memória, assinalando cada trajetória vivida na esfera material.

Conversando com a Luiza sobre a experiência da noite anterior acrescentei estas observações, e passamos as horas aprofundando as questões de identidade. Concluimos que aquilo com que nos identificamos no externo são símbolos que personificam nossas finalidades internas. Ou seja, quando nossos sentimentos aprovam nossas ações, dá-se o encontro dos personagens que nossa essência está emanando. Por isso sentimo-nos mais inteiros quando estamos atuando com nossos centros principais em sintonia: Energia, Sentimento e Lógica; ou, como prefiro dizer: o Coração, a Mente e o Saber. O coração captando as energias e através do sentimento enviando-as à Mente que se torna mais rica e sábia.

O encontro seguinte com Meu Amigo foi no salão de recepção da Terceira Casa Astral.

– Na Oitava Casa você observou as pessoas buscando na energia Tempo inspirações para continuar com suas trajetórias – ele recordou. – No Departamento das Recordações você vai assistir o trabalho inverso: pessoas se permitindo um relaxamento para se encontrarem internamente com outros personagens que a essência emanou no passado; revendo atuações anteriores, buscando perceber o crescimento adquirido com a última

experiência terrena, e avaliando desta forma a sua evolução dentro da eternidade.

Neste dia conheci outros espaços da Terceira Casa. Entramos por um grande pomar de árvores imensas, reavivando a imagem que faço de floresta; atravessamos aquele mar de troncos por um estreito caminho e chegamos a uma ponte sobre um rio de pouca correnteza que vem da Segunda Casa. A minha grande surpresa com este rio estava na sua cor amarelo-dourada.

Depois da ponte entramos em outra floresta e chegamos ao Departamento das Recordações através de um salão de recepção que dava acesso a algumas salas parecidas com as salas do Departamento de Orientações Experimentais. Entramos em uma delas onde havia algumas poltronas; Meu Amigo abriu a cortina e pude ver através da parede de vidro pessoas deitadas em relaxamento profundo. Algumas delas apresentavam semblante muito fechado, com contrações nos lábios e na face. Outras, ao contrário, mostravam um semblante tranquilo.

– São reações naturais – informou Meu Amigo. – No primeiro grupo estão pessoas que ao longo de suas encarnações não utilizaram a experiência terrena para a sequência de aprendizados que o corpo essência almejou. Por isso, as recordações mobilizaram sentimentos de insatisfação, perceptíveis nas contrações faciais. O segundo grupo é formado por pessoas que estão concluindo alguns aprendizados. Utilizaram a experiência terrena em sintonia com o corpo essência, e vivem essa satisfação nas recordações. Os grupos são organizados dessa forma para que possam trocar experiências entre si; incentivamos os primeiros a refletirem sobre a possibilidade de uma próxima encarnação onde possam concretizar com mais sintonia e inteireza o personagem que a essência está emanando. Já os do segundo são estimulados a pensar sobre outros tipos de aprendizados almejados pelo corpo essência.

Este trabalho do Departamento das Recordações tem o objetivo de incentivar e fortalecer novas buscas, novos princípios. É muito comum uma pessoa encarnar buscando um aprendizado novo e, ao confrontar com as dificuldades peculiares de todo o princípio, passar para a execução do já aprendido e sedimentado por não encontrarem, naturalmente, nenhuma dificuldade na execução.

– Exemplifique, para que eu compreenda com mais clareza.

– Vou tomar por base uma profissão. Uma pessoa encarna com o objetivo de estudar medicina. E executa satisfatoriamente esse aprendizado. Para a próxima experiência terrena decide estudar engenharia. Ao encarnar e conectar com as dificuldades do princípio, ou seja, do novo aprendizado, pode inconscientemente buscar registros do já aprendido e captar o já executado e decidir-se mais uma vez pela experiência como médico, ou seja, não se expondo à dificuldade. Assim agindo, porém, não concretizará o personagem que a essência emanou.

Dei-me conta de como é comum buscarmos sempre a mesma receita para fugir dos erros, esquecendo de avaliar que, dessa forma, não evoluímos. Concluí como é importante estarmos equilibrados sempre para evitar a estagnação, que leva à postura de contadores de sucessos do passado. Manifestei vontade de saber o que acontece com as pessoas do primeiro grupo. Meu Amigo exemplificou com uma profissão:

– Uma pessoa encarna tendo o projeto de estudar medicina e ao confrontar com as dificuldades recorre ao auxílio da energia Poder, sufocando desta forma o Potencial. Ultrapassa as dificuldades com manobras e conchavos; torna-se um profissional não qualificado e, na sequência, busca impor-se aos demais, sofrendo por não ter a satisfação interna das conquistas. No Departamento das Recordações, a pessoa consegue uma auto-avaliação de seus méritos e deméritos em experiências encarnatórias anteriores.

– Todos passam por este Departamento antes de encarnar?

– Não, como qualquer trabalho desenvolvido nas Casas Astrais, o Departamento é colocado à disposição das pessoas. Algumas não despertam para a sua importância e preferem não utilizá-lo.

Admirei-me de que aquilo acontecesse. Meu Amigo explicou:

– Auto-avaliação, Halu, é uma experiência que requer humildade. Muitas pessoas ainda não fizeram este aprendizado, preferindo avaliações externas: mas só concordam com elas quando são favoráveis. Se a avaliação é negativa, rejeitam-na.

– Há algum Departamento nas Casas Astrais que faz este trabalho de avaliações externas?

– Nas Casas Astrais não, todo o nosso trabalho, como já lhe disse, está fundamentado na lei do livre-arbítrio e não cabe nenhum tipo de julgamento. O crescimento é sempre atingido pela auto-descoberta e auto-confiança. Incentivamos assim o alcance da individuação.

Estranhei o termo e pedi mais esclarecimentos.

– Individualização é um processo de crescimento que visa a auto-escolha, onde as pessoas são incentivadas a conectarem com o corpo essência para descobrirem a emanar suas parcelas, finalizando com o encontro da totalidade eterna. Dessa forma, alcançamos um crescimento real, harmônico e produtivo, sem o risco de perda ou esquecimento dos aprendizados adquiridos.

Voltei a observar os grupos, estavam mais harmônicos. Meu Amigo acrescentou:

– Uma revisão está chegando ao fim. Estão retornando ao tempo presente, e as energias que os fortaleceram para esta experiência estão trabalhando no sentido de acalmar o emocional e proporcionar maturidade para a escolha da próxima experiência terrena. Vamos ver outras alas deste Departamento.

Segui Meu Amigo e visitamos pequenas salas.

– Os grupos dividem-se em subgrupos e aqui são assistidos por assessores do Departamento. Em seguida, os grupos são conduzidos para os exercícios e meditações na Quarta Casa Astral.

Veio-me à lembrança a imagem dos grupos trabalhando na Quarta Casa, alimentando-se com as energias locais. E mais uma vez admiti: eles pensam em tudo, as Casas Astrais seguem um ritmo organizado onde há espaços para todos que queiram crescer, evoluir.

– Vamos visitar agora uma ala deste Departamento que presta assistência às pessoas encarnadas em seus desmembramentos.

Olhei para Meu Amigo e não precisei falar de minha surpresa. Ele apenas sorriu. Entramos em uma sala. Um assessor do Departamento de Recordações estava orientando um grupo de pessoas encarnadas (pude perceber pela presença do cordão umbilical etérico) a se prepararem para a experiência de relaxamento profundo.

– Você gostaria de participar deste trabalho, Halu? – perguntou Meu Amigo.

Juntei-me ao grupo e aprendi alguns exercícios que propiciavam o relaxamento. Antunes, o assessor, conduziu-nos a uma sala onde havia muitas esteiras ou tapetes. Orientou que deitássemos e iniciamos o trabalho. Este aposento era muito parecido com o outro indicado para pessoas nos intervalos de encarnação, a única diferença eram as esteiras ou tapetes; no

outro aposento as pessoas deitavam em colchões e havia a presença de algumas plantas.

Após seguir orientações de Antunes quanto aos exercícios senti uma espécie de sono. A princípio imagens soltas, sem nenhuma referência lógica. Percebi claramente o momento em que minha consciência mergulhou numa reflexão mais profunda e escutei a voz de Antunes:

– Não se preocupem em sair deste estado de relaxamento. No momento adequado todos vocês serão conduzidos de volta à esfera material, para seus lares. Quando acordarem no corpo físico, lembrarão desta experiência sob a forma de sonho, de acordo com o estado de consciência de cada um.

Assim adormeci e acordei pela manhã trazendo um sonho onde eu era outra pessoa, ou seja, outro personagem que minha essência emanou no passado. Sonhei com o trabalho que desenvolvia naquela época, o local, meus méritos e deméritos.

Durante alguns meses dediquei-me a este trabalho na Terceira Casa, visando alcançar uma melhor trajetória na minha atual experiência terrena e conhecer mais o trabalho inusitado lá desenvolvido. Selecionei algumas questões relacionadas com as experiências passadas para trabalhar com Luiza, buscando levar compreensão e cura para esta parte de minha memória onde existem registros daquelas experiências – registros esses que acompanham meu emocional nesta vida.

Numa daquelas visitas abordei o assunto com Antunes, buscando conhecimentos e orientações.

– Os conhecimentos externos interagem na memória como espelho. Ao ver uma pessoa você pode se lembrar de outra. Ao ver uma cena, pode também se lembrar de uma situação passada. Assim também acontece com situações não resolvidas, ou mal resolvidas, de experiências anteriores. Elas permanecem registradas na memória. Ao vivenciar uma experiência que se assemelha a outra experiência do passado, refiro-me a vidas anteriores, há uma soma das ações emocionais e energéticas dos dois acontecimentos. Por isto acredito ser muito saudável o trabalho que você está desenvolvendo com Luiza e concordo quando você diz procurar levar compreensão e cura para esses registros. Um acontecimento mal elaborado acumula resíduos antagônicos no emocional. Esses resíduos tendem a nos acompanhar na próxima experiência, somando-se ao novo personagem.

– Em outras palavras podemos, nessa vida, estar trazendo um código energético ou emocional confeccionado em experiências encarnatórias anteriores.

– Sim, e o atual personagem expressará esse incômodo. O trabalho que você está fazendo no Departamento das Recordações levantará algumas questões para você trabalhar com Luiza. Isso será facilitado pelo fato de você, nos desmembramentos, já estar atuando com a memória ativa. As pessoas que ainda não sintonizaram com a memória ativa, quando acordam no plano material trazem expressões emocionais fortes, ou seja, o resultado emocional oriundo da experiência. Se quiserem podem buscar auxílio para cura dessas expressões nos trabalhos terapêuticos disponíveis na esfera material. Seu trabalho com Luiza, por exemplo, é de grande valia. Porém, após a passagem pelo Departamento das Recordações, acompanhantes individuais ficam à disposição das pessoas que lá estiveram.

– Seria tão bom, Antunes, se todos na esfera material acreditassem na eternidade da alma e nos trabalhos que vocês realizam aqui nas Casas Astrais.

– Um dia será assim, estamos trabalhando para isso.

Lembrei-me das aulas com Meu Amigo e Amonrhebe relacionadas ao crescimento e evolução do corpo mental/racional.

Ao término do trabalho no Departamento das Recordações recebi, com imensa satisfação, a notícia de que Meu Amigo fora o escolhido para ser meu acompanhante individual em mais este trabalho. Acomodamos os horários e continuamos as visitas às outras Casas Astrais.

16. O CORPO ESSÊNCIA SEGUE VIAGEM

Ao viajar à Nona Casa pela primeira vez percebi que o tempo do transporte (geralmente muito rápido) aumentara bastante. Meu Amigo explicou-me que a demora se devia à maior distância entre esta e as demais Casas. Perguntei se havia algum motivo para o afastamento e recebi a explicação: o éter extraído da vegetação da Nona Casa é ainda mais puro do que nos outros espaços imateriais, o que requer maior atenção do viajante.

– Você vai ver que aqui há pouca movimentação e traslados. As tarefas Yang são executadas devagar, em sintonia com o ambiente. Todos os trabalhos da Nona Casa estão relacionados ao pensamento, ao sentimento e à meditação. O departamento principal da Nona Casa tem a função de preparar as pessoas para irem à busca de novas dimensões; mais especificamente a procurar um planeta imaterial que seja adequado aos quereres do corpo essência – algo como um novo nascimento, um acontecimento similar ao tempo princípio da essência. A passagem pelo planeta Terra possibilita um certo crescimento. Atingido seu limite, a pessoa parte em busca de um planeta que lhe propicie outro nível de desenvolvimento. Aqui na Nona Casa é feito um estágio para auxiliar nessa escolha.

Ainda no salão de recepção da Nona Casa fui invadida por um sentimento de profunda calma, que se espalhava por todo corpo. Tentei andar e percebi que meus movimentos saíam como em câmara lenta. Muito devagar, falei para Meu Amigo o que estava acontecendo. Minha voz ecoava pausadamente.

– É a ação do éter produzido nesta esfera. Logo seus chakras vão se acomodar a esta qualidade energética. Movimentos mais lentos do que os de costume resultam do acúmulo de energia material no cordão umbilical. As energias materiais são muito ativas, produzindo um corredor energético mais acelerado em relação às energias imateriais. Aí há maior ação das energias locais neutralizando esta dinâmica, o que provoca o efeito sentido por você.

O desconforto diminuiu, mas meus movimentos ainda permaneciam lentos. Voltei a falar para experimentar a voz. Notei que o som havia se

normalizado, embora persistisse o falar pausado.

Dizendo que eu já estava bem, Meu Amigo convidou-me a atravessar o portal. Escutei meu sentimento falar: “Estou no Paraíso”. Meu olhar admirou um sol de iluminação intensa e coloração rósea – a cor natural do espaço. Olhei para Meu Amigo querendo perceber se esta coloração interferia em sua pele e roupa, mas logo vi que não. A impressão que eu tinha era de um vasto pôr de sol tomando conta de toda a esfera celeste.

– É todo o tempo assim? – perguntei. Meu Amigo respondeu:

– Sim, muito bonito, não?

Veio-me à lembrança o sol da esfera material, também lindo em seu esplendor amarelo-dourado. Ao comparar os dois, descobri que a luz solar da Nona Casa não provocava ardência e lágrimas nos olhos. Não aconteceu nada disso, fiquei olhando para o sol cor de rosa, depois me voltei para um jardim de girassóis de uma deslumbrante perfeição, só então percebi o frescor perfumado que impregnava o ambiente. Andando pelo jardim toquei uma flor aveludada. Perguntei ao Meu Amigo se realmente eram girassóis.

– Sim Halu, embora diferentes dos que você conhece.

Continuei minha caminhada. Muitos pensamentos incitavam-me à alegria. Encontrei um rio calmo, de águas muito limpas. Aproximei-me e, ao fixar o olhar, vi meu rosto e estranhei a cor dos meus olhos. Normalmente pretos, haviam adquirido um tom castanho muito claro. Aos poucos percebi que todo o rosto se transformava e tive a clara sensação de reconhece minhas faces em outras vidas – uma experiência muito intensa, que mobilizou bastante meu emocional. Nesse momento, Meu Amigo disse que eu precisava descansar e elaborar o novo conhecimento.

Senti vontade de molhar o rosto naquelas águas; quando as toquei, surpreendeu-me a temperatura fria, gelada mesmo. Percebi que não era uma água qualquer e sim uma espécie de óleo aromático que umedecia minhas mãos. Ao banhar o rosto com aquele líquido delíciei-me com a sensação de limpeza propiciada por seu frescor e perfume.

– Essas águas contêm uma mistura de ervas e éter – esclareceu Meu Amigo, convidando-me a partir.

Retornamos ao jardim dos girassóis e atravessamos o portal do salão de recepção. Seguimos por um canal transportador até a natureza da Segunda Casa. Meu Amigo sempre me leva a esta esfera quando precisamos conversar ou quando necessito descansar e me alimentar com os componentes energéticos e nutrientes do rio. Sentamos à margem. Minhas

mãos e meu rosto ainda estavam banhados de óleo do rio da Nona Casa. Minha primeira pergunta foi sobre o sol cor de rosa.

– Não posso lhe dar uma resposta específica, Halu. Acreditamos que a concentração energética daquele espaço produziu a nuance. Muitas pesquisas e análises já foram feitas, chegamos a algumas conclusões que depois percebemos estarem ainda incompletas.

– E o rio? Fale-me sobre ele.

– Como disse, nas águas do rio encontramos uma mistura de ervas que produz o aroma e o estado oleoso. Também encontramos o éter, que produz a temperatura fria. Há muitos séculos atrás acreditava-se que o rio era mágico. Seria interessante você ler alguns escritos da época sobre ele e sentir como foram evoluindo os conceitos a respeito. Nos últimos tempos acreditamos ter descoberto mais uma função da água relacionada ao inconsciente. Assim, ao se refletir nelas você vislumbrou imagens de vidas anteriores, ou seja, entrou em contato com a totalidade das formas registradas em sua memória.

– Por isso antes de me mostrar a Nona Casa você me levou ao Departamento das Recordações.

– Tudo o que projetamos para você e junto com você no período pré-encarnatório só será executado à medida que se entregar. A cada entrega avançaremos mais. Eu poderia trazê-la ao Departamento da Nona Casa e você nada ver no rio, o que empobrecia sua experiência, prejudicando o relato que fará sobre ela na esfera material.

Pergunte-lhe a seguir sobre a forma de atuação daquela água sobre as pessoas. Meu Amigo prosseguiu:

– Ao penetrar nos poros ela modifica as funções dos órgãos e amplia a capacidade dos sentidos. Por longo tempo a parte imaterial do conjunto corpóreo convive com a matéria, codificando e aprendendo as funções dos órgãos do corpo carnal. O corpo essência, em sua primeira encarnação, ainda não aprendeu a se comunicar com o mundo externo, ou seja, o início da trajetória humana compõe-se de vivências completamente internas – como vimos nas conversas sobre o autismo. Acontece que os olhos do corpo material incitam o olhar, fazendo o ser humano reconhecer a existência de outras pessoas e outros códigos diferentes do seu. O som materializado pelas cordas vocais incita a comunicação com os semelhantes; assim se aprende a trocar informações enriquecendo os centros de registros sobre as existências. Enfim, uma organização funcional

que coloca a essência e seu inconsciente individual em contato com outras essências e o inconsciente coletivo. Esse é o aprendizado básico da esfera material do planeta Terra. Ao término desse aprendizado, no momento em que a essência vai transmutar a outras dimensões onde utilizará o sutil aprendizado, torna-se necessário que estas funções orgânicas passem por uma limpeza profunda com a finalidade de uma melhor adaptação do ser ao outro planeta a que se dirige.

– Quero ver se aprendi a colocação – interferi. – Nossa imaterialidade aprende a se expressar através do corpo material produzido pelo planeta Terra e suas energias-mãe. Com essa expressão adquirimos um corpo código que nos permite atingir outros planetas.

– Sim, o corpo código da essência, em seu princípio, é a conexão da alma e o aprendizado dessa alma com a materialidade para adquirir expressão. E o corpo código para transmutar a outras dimensões é a imaterialidade se expressando através da própria imaterialidade, como se o pensamento se personificasse. Isto é possível porque o campo lógico-racional concretiza os quereres internos da essência através dos personagens emanados. Com isto, o corpo espírito (parte de nossa imaterialidade) aprende a se comunicar com outros corpos espíritos. Todos os registros arquivados pelo lógico-racional são acumulados pelo corpo espírito. Ao término da experiência terrena todos estes registros acumulados em cada experiência passam a ocupar um só espaço dentro da memória. Vou exemplificar: para formar uma biblioteca você junta muitos livros; agora, imagine-se somando todos os livros em um só.

– Um grande livro.

– Exatamente, neste grande livro estão os aprendizados necessários para crescer e viver em outras dimensões imateriais.

Observei que tudo o que fazemos com naturalidade, como olhar, falar, andar, em geral não aprofundamos julgando que tais tarefas – por sua simplicidade – não requerem quase nenhuma atenção.

– O risco, nesse caso, é o aprendizado favorecer a automação. Desenvolve-se, assim, uma ação externa totalmente desconectada com o Eu interno. A tarefa básica da água desse rio é adaptar as funções orgânicas aprendidas pelo corpo imaterial no extenso convívio com o corpo material.

Vieram-me à lembrança meus momentos bebendo água nas Casas Astrais. Vi-me em pensamento aproximando-me da bica, entrando em contato com a sede e a água brotando naturalmente, e desaparecendo junto

com a vontade de bebê-la. Veio-me em seguida a imagem de pequenas nuvens de chuva molhando parte do pomar. Retomei a lembrança do que aprendi nas escolas da esfera material sobre o período pré-histórico de chuvas, tempestade, erosões, desequilíbrios na natureza e a evolução desse contexto ao longo dos anos. Concluí ser o ciclo evolutivo um movimento fantástico. Perguntei-me como pude passar tanto tempo desconectada dessas indagações e estudos.

Voltei a olhar a natureza da Segunda Casa, produzindo alimento para os habitantes de algumas Casas Astrais. Ampliei meus pensamentos para o rio da Nona Casa, lembrei-me de sua função, sua cor. Tentei imaginar o momento em que esta porção da natureza foi criada – exercício muito profundo para minha condição racional. Vi que Meu Amigo me observava. O sentimento de saudade profunda voltou a mobilizar meu emocional.

– Vamos, Halu, está na hora de seu regresso à esfera material.

Meu Amigo acompanhou-me até a casa de Luiza e esperou meu retorno ao corpo físico. Eu saberia depois que ele ficou trabalhando em meu campo áurico, transmutando energias com meus chakras.

Acordei com a lembrança de um sonho muito significativo: estava diante de um espelho, observando minha imagem com meu nome registrado ao lado da cabeça. Esta imagem foi sendo sucessivamente substituída por outras, acompanhadas de outros nomes, permitindo-me conhecer meus corpos e meus nomes de outras experiências terrenas.

Após escrever sobre o sonho vi o canal transportador ao lado da minha cama trazendo Amonrhebe. Fechei a porta do quarto para ficar mais à vontade, falei sobre meu sonho.

– Seu campo lógico-racional está introduzindo estas informações no arquivo. Para que o processo prossiga confortavelmente mantenha-se em repouso. À noite vamos nos encontrar na Nona Casa.

Durante todo aquele dia passei por períodos de sono dos quais acordava para registrar, por escrito, o que havia sonhado. Quando o sol se pôs, saí do quarto para relatar a Luiza o que estava acontecendo. Por insistência dela consegui engolir um chá com torradas – meu único alimento até aquele momento: não sentia fome nem sede, apenas vontade de dormir e sonhar.

17. FUNÇÕES PRIMORDIAIS DOS CHAKRAS

Mais tarde, ao desmembrar, encontrei Amonrhebe na Nona Casa conforme combináramos.

– Hoje você começará a ampliar seus conhecimentos sobre os chakras e suas funções primordiais – informou-me de imediato.

Pusemo-nos a caminho e uma vez mais me deslumbrei com a coloração rosada do sol. Amonrhbe disse que, apesar das aparências, era o mesmo sol da esfera material, apenas a irradiação energética captada pelas Casas Astrais era diferente.

Chegamos a um laboratório onde fui recebida por uma jovem chamada Rúbia. Ela convidou-me a sentar sobre um tapete amarelo, de textura gelatinosa, extremamente confortável. Eu me sentia bem, mas algumas contrações percorriam-me o rosto – os olhos pareciam querer penetrar na testa, por baixo das sobrancelhas.

Rúbia mantinha-se em pé diante de uma espécie de lousa tendo na mão um bastão de cor amarela. Antes de começar a explicação, recomendou-me que registrasse muito bem a conversa, mas que não tivesse pressa, pois dispúnhamos de muito tempo. Perguntou-me a seguir o que eu sabia sobre chakras. Respondi-lhe que eram os pontos do corpo físico responsáveis pela captação e liberação de energia. Falei a seguir que existiam sete chakras principais: coronário, localizado acima da cabeça; frontal, no centro da testa; laríngeo, na garganta; cardíaco, no centro do peito; plexo solar, na região do estômago; básico, na região do cóccix; chakra energético-reprodutor, na região dos genitais.

Rúbia aprovou minhas observações e disse que iniciaria sua exposição pelo chakra coronário.

– O termo chakra, em sânscrito, significa rota. Então, rodando ou girando esse ponto capta as energias sutis do universo distribuindo-as pelo corpo. Quando harmonizado, o chakra coronário gira no sentido horário.

A seguir, desenhou na lousa um círculo nas cores lilás e violeta e explicou:

– Escolhi essas duas cores por representarem as qualidades de energias sutis mais puras. Isso não significa que o coronário de todas as pessoas

capte e distribua a mesma qualidade, isto depende dos valores inerentes à alma de cada um. De qualquer forma, o coronário sempre está sintonizado com a energia mais sutil ou menos densa presente no contexto humano. Ele comunica ao Eu Superior como foi aceita, ou se foi rejeitada, a distribuição energética. O Eu Superior é o guardião do inconsciente, que o utiliza para perceber como o consciente está se formatando e atuando dentro da encarnação. Tais conclusões advêm do trabalho realizado pelo chakra coronário.

Rúbia silenciou por um momento convidando-me a refletir sobre o que acabara de expor. Concentrei-me; surgiu em meu pensamento uma imagem de uma cabeça e, logo acima dela, um círculo girado em torno de si mesmo. Involuntariamente, minha cabeça acompanhou o movimento. Senti as mãos de Rúbia tocarem meus ombros e abri os olhos. Em silêncio ela apontou para o chão e, para minha surpresa, a imagem que me viera ao pensamento lá estava reproduzida no tapete. Assustei-me com aquela visão, mas a tranquilidade de Rúbia me acalmou. Voltei a olhar para o tapete e a projeção havia desaparecido.

– O tapete foi confeccionado com aglomerados energéticos cujo potencial é projetar as imagens construídas pelo pensamento – ela explicou.
– Agora, pense em outra coisa.

Escolhi um navio, voltei os olhos para o tapete, mas nada aconteceu. Fiquei admirada.

– Você não pensou, simplesmente imaginou. Volte a se concentrar, deixe os pensamentos emergirem naturalmente.

Fiz como ela sugeria. Lentamente foi se formando a imagem de um rosto masculino que, há alguns anos, costumava me aparecer em sonhos. Abri os olhos e lá estava a projeção no tapete. Fui tomada por uma grande alegria e também por uma profunda saudade.

– As energias captadas pelo coronário são distribuídas no corpo através do pensamento; órgãos, chakras e outros elementos somam-se para formatar uma imagem. Quando isso acontece a distribuição está concluída e já não há necessidade de intervenção do chakra coronário, muito menos do pensamento para a retomada da lembrança, pois seu conteúdo já está registrado sob a forma de imagem. Esta é a diferença entre pensar e imaginar. A imaginação é consequência do pensamento, que por sua vez é consequência da distribuição energética realizada pelo chakra coronário.

Perguntei-lhe, então, como se enquadravam as fantasias naquele contexto. Rúbia explicou que fantasias eram mitificações que, por um motivo qualquer, aderiam à imaginação.

– Podem caracterizar um simples descanso ou uma fuga por incapacidade de lidar com o real – explicou Rúbia. – Quando se torna um comportamento constante representam algum perigo, pois a pessoa afetada pode se desconectar com o pensamento passando a utilizar a imaginação fantasiosa para orientar suas ações.

Desejei saber se a imaginação poderia mudar o conteúdo da mensagem trazida do coronário pelo pensamento. Rúbia respondeu-me que não, porém podemos rejeitar o pensamento ou simplesmente não percebê-lo, acrescentando que eu entenderia o motivo disso quando estudasse o chakra frontal. Pediu-me, em seguida, para ficar em pé colocando a mão esquerda sobre o coração.

– Deixe o pensamento emergir – orientou.

Passados alguns minutos, meu emocional entrou em turbulência. Uma profunda saudade invadiu-me fazendo-me chorar suavemente, sem desespero. As mãos de Rúbia tocaram-me os ombros e, em silêncio, ela apontou para meus pés. Percebi que a cor amarela do tapete transformava-se em azul-claro.

– Não consegui pensar nada – lamentei.

– Engano seu, Halu. Seu coronário utilizou o pensamento para distribuir mensagens para o sentimento, o que a fez chorar e projetar a luz azul em volta de seus pés. Isso indica que o sentimento caminhou por seu corpo, passando por todos os chakras. Agora, volte a sentar, concentre-se e deixe o pensamento brotar.

O rosto do homem dos sonhos voltou a surgir em minha mente, Em seguida, vi meu próprio rosto projetado sorrindo para ele. Perguntei a Rúbia por que só vira a minha face no tapete.

– Seu sentimento informou à imaginação o motivo da manifestação emocional. Como a imaginação já tem o formato do rosto do homem dos sonhos, tornou-se desnecessário seu registro no pensamento. Mas agora me diga: que conclusões tirou dessa experiência?

– Embora não me lembre de ter conhecido este rosto tenho um sentimento de imensa simpatia por ele sem, no entanto, poder ainda a identificá-lo.

Não consegui continuar. Chorei um choro longo, sentido, olhando a nuance de azul emanada do tapete. Alguns minutos após Meu Amigo chegou ao laboratório. Olhei e o vi diferente: era ele, porém com o rosto do homem dos meus sonhos!

– Meu Amigo, Meu Amigo, é você realmente!

Ele sentou-se a meu lado, segurou minhas mãos e percebi que também estava muito emocionado. Rúbia aproximou-se e rezamos os três de mãos dadas. Uma única palavra brotava do meu coração: Deus, Deus, Deus! Em silêncio, agradei a Ele por me lembrar a todo o momento que existo dentro da Eternidade, que não sou um ser finito. “Sei que não! Você não me criou para me matar depois”, pensei confortada com minha descoberta.

Como se escutasse meus pensamentos, Meu Amigo disse, também em silêncio: “Amar a Deus sobre todas as coisas e não matar são leis divinas captadas pelo mestre Moisés. Seria incoerente Deus criar essas leis e não existir a vida eterna, pois dessa forma estaríamos impossibilitados de amá-Lo”.

– Agora você precisa voltar, Halu.

Não queria voltar, não queria; lembrei-me, então, de Luiza e tive forças para retornar.

– Além de Luiza você precisa passar estas informações para outras pessoas da esfera material.

Mais animada, disse brincando:

– Como se fosse chakra, distribuindo as captações.

– Todos os seres são chakras do Universo – assentiu Rúbia, completando: – Quanto mais sutis forem estes chakras, mais sutil será o Universo.

Concordei e parti. Acordei feliz, sentindo fome. Encontrei Luiza na varanda do apartamento examinando nosso material de estudo. Alegrou-se com minha boa disposição:

– Vamos tomar um farto café da manhã. Hoje termino mais cedo meu trabalho no consultório, que tal irmos à praia?

Achei ótimo e combinei que à beira do mar iria relatar-lhe minhas últimas experiências. Acabara de sair da mesa quando o telefone tocou. Era uma amiga dos velhos tempos que foi logo me interpelando:

– O que está acontecendo com você? Esqueceu a festa de aniversário do Bolão?

Respondi que não fora por andar muito atarefada. A amiga não quis saber de desculpas:

– Espero que você tenha uma desculpa muito boa, senão eu, o Bolão e o resto da turma não vamos aceitar.

E em tom ressentido:

– Depois da amizade com essa psicóloga, você não liga mais para a gente!

Tentei explicar que Luiza só estava tentando me ajudar, e meu afastamento se devia a outros motivos.

– Que motivos são esses? – Ela insistiu.

Repliquei ser impossível falar sobre um assunto daqueles por telefone; convidei-a a aparecer para conversarmos. Acrescentei que estava escrevendo um livro.

– Que livro? E quando ficará pronto?

– Quando eu tiver autorização para publicá-lo.

– Então está certo. Se, é assim que você quer, esperaremos o tal livro para nos falarmos de novo. – E desligou o telefone.

Lamentei o incidente, fiquei triste, mas não havia o que fazer; o que dizer, principalmente depois dos aprendizados sobre pensamento, imaginação e fantasias?!

Não demorou muito liga-me o Bolão. Comecei a conversa pedindo desculpas por não ter ido à festa.

– Não precisa dizer nada! De alguma forma você estava presente, como tem estado sempre nos últimos anos. Só telefonei para saber se você está bem.

– Estou muito bem, estudando muito...

– Cuide-se, ligue quando puder; soube que você está atravessando um processo devido à sua paranormalidade. Te adoro, um beijo.

Refleti que aquela atitude simpática resultava do chakra coronário e de suas captações: pensamento distribuindo-se no sentimento. Ao voltar a escrever já não sentia nenhuma tristeza. O telefonema de Bolão fortaleceu minhas convicções e resolvi acrescentar este acontecimento nos relatórios. Quanto à minha amiga, será convidada para o lançamento do livro.

Na praia comecei a narrar para Luiza as novidades, comecei pelos telefonemas.

– Você precisa aprender a lidar com as reações das pessoas, Halu. Você fez uma mudança muito grande em sua vida. Algumas vão preferir como

você está agora, outras não; logo se acostumarão.

Luiza já havia me dito isso outras vezes. No entanto, senti que ainda precisava refletir sobre esta questão para não me entristecer, para não buscar o modelo antigo na tentativa de satisfazer algumas pessoas.

Falei de Rúbia e do que havia aprendido com ela. Conteí minhas experiências no tapete, culminando com a lembrança de Meu Amigo.

– Sonhos é um tema que me emociona e me motiva a estudar. Explique melhor: você sonhava com seu Amigo e no sonho ele tinha um rosto diferente do atual.

– Sim, nos sonhos ele aparecia com um rosto, com um corpo correspondente a uma época em que encarnamos juntos.

– Depois que você soube disso, passou a gostar mais dele?

– Gostar mais, não. No entanto, compreendi porque desde a primeira vez que o vi meu sentimento manifestou fortes emoções. Não sei explicar; certa cumplicidade, intimidade. No começo eu retinha esses sentimentos, mas sem perceber foram emanando naturalmente.

Voltei para casa leve, envolvida por um profundo sentimento de paz, à espera da noite e do sono que me transportaria para outras dimensões.

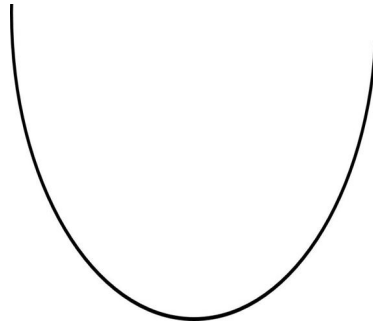
Desmembrei e segui para a Nona Casa, Rúbia já me aguardava no laboratório.

– Hoje estudaremos o chakra frontal – comunicou-me. Para compreender a dinâmica deste chakra é preciso acompanhar a sequência comportamental do campo lógico-racional. Fique de joelhos e depois desça o tronco, sentando-se sobre a sola dos pés. Avise quando se sentir cansada dessa posição.

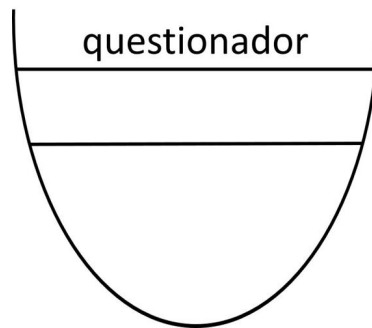
Após alguns segundos senti vibrações nas pernas e minhas mãos ficaram trêmulas. Rúbia tranquilizou-me, dizendo que aquilo passaria logo. Percebi um gosto de éter na língua, que ficou um tanto dormente. Aos poucos voltei ao normal e Rúbia iniciou a explicação:

– O campo lógico-racional exerce diversas funções, mas para facilitar a compreensão reduzirei a três.

E assim dizendo, desenhou na lousa uma figura similar a uma cabeça, uma imagem muito simples que reproduzo abaixo.



Em seguida, dividiu o desenho em três espaços distintos, com funções específicas. Acrescentando num dos espaços a palavra QUESTIONADOR, esclareceu:



– O QUESTIONADOR está diretamente ligado aos órgãos dos sentidos, pensamentos e sensações. Os órgãos dos sentidos trazem informações através do som, imagem, cheiro, tato e sabor... Quando ainda não decodificamos o conteúdo dessas informações entra em cena este espaço do campo lógico-razão, inspirando-nos a questionar, pela mobilização da razão e da sensação. Vamos fazer uma experiência para mostrar como isso funciona. Imagine um ATZ múltiplo.

– O que significa isso? – admirei-me.

– Sem perguntas, por favor. Imagine um ATZ múltiplo.

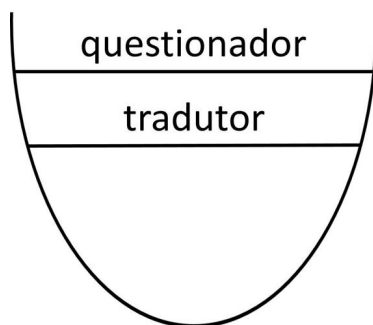
Concentrei-me, tentando cumprir a orientação de Rúbia. Alguns segundos depois, senti turbulência na cabeça, seguida de incômodo no ouvido, nariz e garganta.

– Agora, lentamente, saia da concentração – ela orientou.

Não consegui, abri rapidamente os olhos e levantei-me um tanto ansiosa.

– Esta é a reação esperada quando o centro QUESTIONADOR trabalha sozinho, ou seja, sem a parceria dos outros espaços. Agora beba esse copo d’água que a aflição se dissipará.

De fato, aos poucos voltei ao normal. Rúbia então fez um novo desenho na lousa, escrevendo num de seus espaços a palavra TRADUTOR.



– O TRADUTOR entra em cena após o trabalho do QUESTIONADOR. Seu papel, como as palavras indicam, é traduzir o questionamento. Na experiência que você acabou de vivenciar só o centro QUESTIONADOR operou. A sensação de incômodo foi ampliada para que você registrasse o fato. Ontem, quando chegou aqui, sentiu algo que fez seu pensamento distanciar-se.

“Ela percebeu”, pensei. Lembrei-me do movimento de meus olhos em direção à testa, querendo chegar às sobrancelhas.

– Algo em mim dinamizou seu centro QUESTIONADOR, Halu. Este movimento provocou a contração da testa, recorda?

Em seguida, Rúbia propôs outra experiência. Eu deveria ficar deitada com a mão direita sobre o plexo solar e a esquerda acima da cabeça permitindo o fluxo espontâneo dos pensamentos. Passados alguns minutos fiquei totalmente relaxada e quase adormeci. Fluiu em meu pensamento um verde intenso.

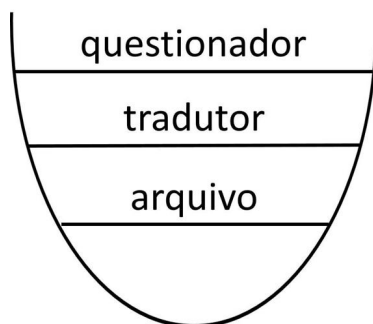
Depois escutei um agradável som interno – uma espécie de canto. Em seguida, o verde voltou e um círculo começou a se formar em volta da massa de cor. Depois surgiram dois círculos menores que se transformaram em olhos; involuntariamente concentrei-me naqueles olhos. A imagem foi se tornando mais nítida até assumir o feitio de um rosto. Pouco a pouco percebi, com uma sensação muito agradável, que era Rúbia. Olhei o tapete e vi o rosto projetado nele.

– Este rosto é seu, Rúbia, em alguma encarnação você teve essa aparência! – exclamei.

– Você tem certeza disso? – ela questionou.

– Sim, sem a menor dúvida. Mas qual o significado de tudo isso? Será que estivemos juntas em alguma encarnação? – arrisquei.

– Vamos deixar esse questionamento dirigir-se ao seu centro TRADUTOR, Halu – disse Rúbia voltando para a lousa, onde completou o desenho com a palavra ARQUIVO.



– O espaço ARQUIVO tem a função de registrar todo o questionamento que já foi traduzido e decodificado. Por exemplo, quando alguém lhe pede a data do seu nascimento, não há necessidade de acionar os centros QUESTIONADOR e TRADUTOR: a informação está arquivada. Isso ocorre com qualquer questão cuja resposta já esteja no arquivo.

Olhei para o desenho de Rúbia, particularizei a visão de cada espaço e percebi que os centros TRADUTOR e ARQUIVO eram fechados, e o QUESTIONADOR, aberto. Perguntei a razão da diferença.

– O centro QUESTIONADOR é uma espécie de ponte que interliga o inconsciente individual à auto-censura e ao consciente. Quando surge um questionamento, isto indica que o inconsciente individual liberou a censura para alguma conclusão. Assim, todo o processo de crescimento torna-se individual.

Ao ouvir as palavras de Rúbia lembrei-me de meus questionamentos sobre Deus, Jesus, paranormalidade, religiões... Captando meus pensamentos, ela continuou:

– Essas suas indagações é que propiciaram sua chegada até nós, até às Casas Astrais.

Lembrei-a de que já encarnara com esse propósito.

– Sim, mas poderia ter-se desviado dele.

Disse-lhe que já havia discutido o assunto com Meu Amigo sem encontrar resposta satisfatória. Como poderiam acontecer desvios na trajetória planejada antes da encarnação?

– Veja bem, Halu, quem pergunta espera uma resposta, certo? Muitas vezes a resposta demora e movidos pela impaciência corremos o risco de fantasiar a resposta, livrando-nos da cobrança do QUESTIONADOR. Voltando à experiência do ATZ múltiplo: você suportou um questionamento sem fantasiar respostas que a tirassem da situação incômoda. Da mesma forma, seguiu sua trajetória de vida sem aceitar respostas mitificadas. Quando o ARQUIVO registra uma informação bem traduzida, o questionamento desaparece sendo substituído pela calma e certeza interna.

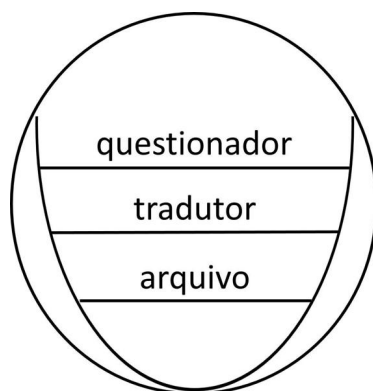
– E quando as dúvidas persistem?

– É sinal de que ainda não é o momento de registrarmos a conclusão. Aliás, as crianças lidam muito bem com esse circuito do campo lógico-racional: querem saber o porquê de tudo; se esta espontaneidade for respeitada o emocional vai se sentir confortável para verbalizar os questionamentos.

– E se os questionamentos não forem externalizados?

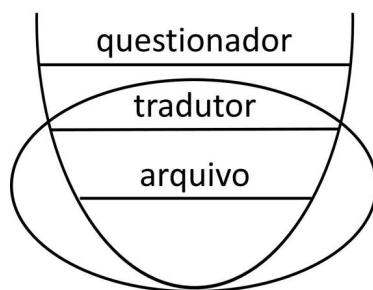
– Boa pergunta. Caso o QUESTIONADOR não obtenha respostas, o centro TRADUTOR sofrerá uma sobrecarga energética. Se o circuito questionamento, tradução, arquivo não funcionar, as energias concentradas no TRADUTOR deterioram, gerando pensamentos confusos, deduções precipitadas. Agora, vamos ver a função do chakra frontal atuando sobre o campo lógico-racional. A explicação fará você compreender melhor o que estamos discutindo.

E, voltando à lousa, traçou um círculo em torno do desenho anterior, assim:



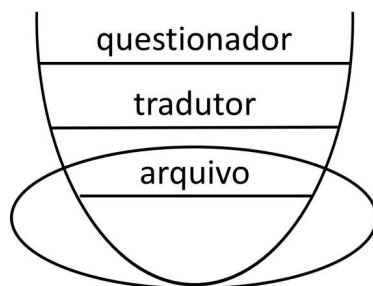
– Este círculo simboliza o chakra frontal em atuação harmônica: questionar, traduzir, arquivar. Quando o centro QUESTIONADOR trabalha gera energia; o mesmo acontece com os demais centros. Os chakras, como você sabe, são mobilizados por energias. Agora, vejamos o que ocorre quando não prestamos atenção aos nossos questionamentos, ou simplesmente os abandonamos.

E, retornando à lousa, fez o seguinte desenho:



– Aqui o chakra frontal desarmônico e desalinhado não capta energias do centro QUESTIONADOR, ou seja, do inconsciente individual. Em consequência, o centro TRADUTOR limita-se a aceitar a tradução de informações oriundas de outras fontes. Por exemplo: digamos que eu acredite na morte como fim, esta é uma informação a que cheguei após questionamento e reflexão. Agora, suponhamos que eu informe isso à outra pessoa que abandonou seus próprios questionamentos; neste caso o centro TRADUTOR da pessoa que recebeu a informação como verdade vai se limitar a conduzi-la ao ARQUIVO. Tem início aí um circuito marcado pela desarmonia e pelo desalinhamento.

Em seguida, voltou à lousa e fez um círculo em torno do segmento ARQUIVO.



– Observe como o ARQUIVO invade o espaço dos centros TRADUTOR e QUESTIONADOR, e o chakra frontal fica girando exclusivamente sobre o ARQUIVO, apenas registrando as informações recebidas. Este tipo de comportamento faz a pessoa não questionar jamais, recusando-se, em consequência, a ser questionada. É aquele tipo de personalidade autoritária, dona da verdade com grande dificuldade de entrar em contato com sentimentos e emoções.

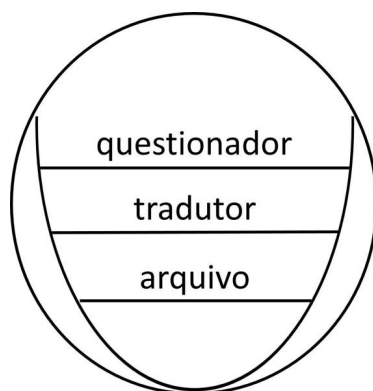
Perguntei-lhe se era possível reverter esse quadro. Rúbia respondeu-me que sim, apesar de não ser tarefa simples.

– A função conjunta desses centros é formatar a crença, sendo esta que determina a sequência dos comportamentos. Observe que uso a palavra crença com a conotação do crer, como direcionamento básico da vida, não no sentido religioso ou místico.

Refleti com os meus botões que, sem sentimentos e emoções, a vida se transforma em mera transação comercial.

– Esta é outra consequência comum que se manifesta no caso que estamos citando – observou Rúbia, lendo meus pensamentos. – A pessoa passa a conduzir a vida como um balanço de perdas e ganhos. Algumas, sentindo-se ganhadoras, espertas; outras sentindo-se sempre prejudicadas, enganadas, exploradas.

Após esta observação Rúbia voltou ao gráfico harmônico, com o círculo abrangendo os três centros e me fez ver, uma vez mais, como naquele caso – pelo total alinhamento do chakra frontal – espiritualização e lógica racional caminhavam juntas, ligadas de maneira indissolúvel.



E assim acabou a exposição daquela jornada. Acordei na manhã seguinte com muita dor de cabeça – da moleira até a testa. Uma agradável surpresa diminuiu um pouco o sofrimento: Meu Amigo veio me visitar.

– A dor indica a abertura dos chakras internos – explicou ele. – Tome um banho frio e procure ficar em repouso que logo tudo voltará ao normal.

18. COM LUIZA NAS CASAS ASTRAS

À noite ao desmembrar já me sentia melhor apesar de persistir algo estranho na cabeça, como se pesasse sobre o pescoço. A preocupação durou pouco tempo, pois ao encontrar Meu Amigo na Quarta Casa ele falou:

– Prepare-se para uma surpresa, Halu.

Interessadíssima, sem imaginar o que ele me reservara, atravessei o salão de recepção e me dirigi aos jardins onde se desenvolvem os trabalhos com pessoas encarnadas em desmembramento. Quando me aproximei, meu coração saltou de alegria: minha amiga Luiza estava à frente de um dos grupos de trabalho, como orientadora. Corremos para o abraço demorado, apertado, enquanto nossos corações, sem necessidade de palavras, expressavam o que sentíamos.

Após algum tempo Luiza disse que precisava dar início aos trabalhos. Organizou o grupo em círculo e começou a orientar exercícios semelhantes aos que praticávamos na esfera material. À medida que se desenvolvia a sessão eu pensava: “Minha doutora, minha querida doutora!”.

Ao término do trabalho convidei Luiza a me acompanhar num passeio. O destino não poderia ser outro: a natureza da Segunda Casa. Às margens do rio, ela relatou sua experiência na esfera imaterial.

– Há oito anos desenvolvo este trabalho na Quarta Casa, embora não tenha lembrança ao acordar – a não ser sob a forma de imagens dentro de sonhos e de inspirações e intuições que emergem no meu sentimento quando estou na esfera material.

Fiquei interessada em saber se poderia mencionar nosso encontro quando acordássemos. Meu Amigo, que nos acompanhava à distância, deu a resposta:

– Primeiro espere Luiza contar seus sonhos. É importante escutá-la com naturalidade. Qualquer informação antecipada poderá invadir o circuito dos centros energéticos alimentados pelo chakra coronário – questionador, tradutor, arquivo – está lembrada?

Neste ponto, Luiza manifestou desejo de retornar e decidi acompanhá-la. Logo que voltou ao corpo material, minha amiga despertou assustada.

Rapidamente fui para o meu quarto, incorporei e voltei para junto dela.

– Estou tremendo, Halu, não sei o que aconteceu. Ao acordar vi você aqui, em pé, perto da cama; depois você sumiu no ar, fiquei tentando falar ou me mexer, mas não consegui. Fui tomada por uma enorme saudade, sem saber de quem ou do quê... Pensei até que estava morrendo. – e dizendo essas palavras, não conseguiu conter o pranto.

– Deite-se, Luiza, e se entregue ao choro. Entre em contato com o sentimento de saudade, não faça nenhum julgamento; depois, veja se consegue se lembrar de algum sonho.

Passado alguns minutos, ela falou:

– Sonhei que estávamos juntas no rio da cidade onde nasci. Eu ensinava você a nadar...

As recordações fluíam com naturalidade. Luiza contou-me que o divertimento principal em sua cidade natal era brincar no rio. Entre outras lembranças, veio-lhe à mente o tempo em que lecionava na escola primária; após as aulas levava os alunos pra aprender a nadar nas águas do rio.

– Acho que foi a melhor época da minha vida – disse, com a voz carregada de emoção. Em seguida, ficou em silêncio e voltou a dormir serenamente.

Vendo que ela estava bem, retirei-me para a varanda atraída pelo brilho do sol que começava a nascer. Não havia nuvens, apenas algumas estrelas faiscando contra um céu azul pintado por reflexos de ouro. Absorta na contemplação do espetáculo proporcionado pela natureza e certamente orquestrado pela mão de Deus, mal percebi a aproximação de Meu Amigo. Minha primeira preocupação foi para Luiza, ela desmembraria novamente?

– Não, agora ela vai distribuir as energias por todo o corpo material, reequilibrando-se da experiência do desmembramento.

Perguntei em seguida sobre o sonho com o rio em sua cidade natal.

– O trabalho por ela realizado esta noite na Quarta Casa trouxe-lhe lembranças agradáveis. O centro questionador levou o sentimento e também o pensamento ao centro tradutor, que está ligado ao arquivo. Como já existe neste último o registro sobre os passeios ao rio com os alunos, a elaboração da experiência na esfera imaterial começou por aí. Mas esse não será o final: como a auto-censura de Luiza permite a abertura para outros questionamentos, ela se aprofundará neste sonho.

Luiza acordou e foi à praia. No regresso percebi uma iluminação diferente em seu rosto, o olhar mais profundo, maior leveza de movimentos.

– Agora sei o que você sente, Halu, quando fala em Deus, Jesus, Eternidade, vida útil após a morte... Saiba que, de agora em diante, não permitirei mais que você se abata quando alguém a chamar de alucinada, alienada ou qualquer coisa do gênero. As coisas sobre as quais você fala existem, e, assim como eu, cada vez mais pessoas acreditarão em você e em sua mensagem. Estou sentindo agora como se meu gene divino tivesse se re-conectado com sua fonte: estou mais viva, mais bonita, com uma enorme sensação de inteireza e plenitude, com vontade de trabalhar, de escrever, de dedicar mais tempo ao estudo do material que você traz para nossas discussões.

Parou por um instante, o olhar perdido na distância, depois disse:

– Não consigo me lembrar com clareza, mas minha intuição me diz que, a noite passada, visitei um desses lugares da esfera imaterial que você frequenta.

Comovida, senti-me liberada para dizer o que sabia. Falei-lhe que, de fato, nos encontramos na Quarta Casa, depois passeáramos nas margens do rio da Segunda Casa. Conte-lhe sobre o trabalho que desenvolvia com pessoas em desmembramento.

– Você é uma das coordenadoras de grupo, Luiza.

Seus olhos encheram-se de lágrimas. Depois disse que tudo aquilo fazia sentido, pois despertara há cerca de sete anos para o trabalho de terapia corporal, mudando completamente o sentido de sua atuação como psicóloga.

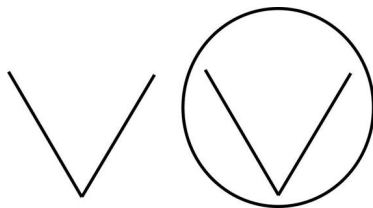
– Passei a compreender a importância da linguagem corporal somada à verbal e à força do sentimento; tudo se encaixa perfeitamente, Halu.

Depois perguntou-me se visitava todas as noites a Quarta Casa. Respondi-lhe que não sabia informar. Ela sorriu, dizendo em pensamento: “Qual a importância de ir todas as noites ou apenas algumas? O que interessa é que vou e assim posso ser útil”.

O dia fora extremamente cansativo, por isso decidimos dormir cedo. Não demorei a entrar em desmembramento e chegar à Nona Casa, onde encontrei Rúbia à minha espera.

Conduziu-me a uma sala maior do que a anterior, com janelas formadas por conjunto de espelhos. Reparei no chão um tapete menor, de cor laranja, sobre o qual me sentei. Rúbia dirigiu-se à lousa, informando que conversaríamos sobre o chakra laríngeo. A seguir, fez um desenho que

me lembrou um triângulo invertido com a base aberta. Depois repetiu o desenho do triângulo, inscrevendo-o num círculo.



– A primeira figura representa o começo do desenvolvimento do chakra laríngeo; a segunda, sua integração com os chakras coronário, frontal e cardíaco. A função primordial do laríngeo é captar energias que nos auxiliem a ampliar a capacidade de expressão, entendida como toda e qualquer forma de comunicação. Agora, vamos fazer uma experiência: deite-se com a cabeça e os ombros sobre o tapete; sei que você escreve poesias, veja se consegue se lembrar de alguma.

Sim, eu podia recordar de muitas. Rúbia pediu que eu repassasse algumas delas na memória e ao terminar abrisse os olhos em silêncio, voltando-me em seguida para os espelhos.

Guiada pelo sentimento escolhi um poema escrito há muito tempo. Ao terminar, abri os olhos e fiz como ela orientara. O primeiro espelho projetava minha cabeça contornada por um círculo azul-escuro. O segundo mostrava meus olhos chorando lágrimas da mesma cor da imagem anterior. O terceiro projetava minha garganta com um pequeno V no meio do pescoço, em cor laranja bem clara, quase amarela.

– O poema que você escolheu representa uma época em que seu laríngeo ainda não estava harmonizado. Por isto, o triângulo não ultrapassou os limites da região do pescoço, o que indica sua dificuldade anterior de se expressar. A nuance em azul presente em volta da sua cabeça e nas lágrimas retrata um tempo em que você estava triste. O coronário e o frontal estão girando movidos pela energia do fato que lhe causou tristeza. Observe que em volta do coronário o azul é um pouco mais claro. Na sequência, a nuance das lágrimas é um pouco mais escura que a do frontal. Vamos à outra experiência: escolha uma nova poesia e recite em voz alta; mantenha-se de olhos fechados, conectada com o sentimento. Quando abri-los, olhe para o espelho.

Ao terminar, vi a projeção da minha garganta representada por um triângulo bem maior que o da experiência anterior. A cor também me parecia mais forte.

– Aqui seu chakra laríngeo alcança outros limites além do corpo físico, indicando seu desenvolvimento quanto à expressão. Quando expressamos a totalidade do que sentimos e pensamos, o chakra laríngeo fica fortalecido para o encontro harmônico com o coronário, frontal e cardíaco. Quando a expressão está contida, este chakra fica impossibilitado de se desenvolver gerando contrações musculares e distúrbios emocionais, o que por consequência, nos induz ao afastamento de qualquer situação na qual precisemos nos expor. Tudo isso culmina com a ansiedade, depressão, auto desvalorização e desorganização egóica, deixando-nos a mercê de ordens e imitações de terceiros. Podem surgir, assim, muitas consequências negativas para o crescimento material, emocional e espiritual.

Perguntei-lhe qual a solução para reverter esse quadro tão pessimista. Rúbia respondeu que era preciso trabalhar no sentido de liberar expressões: cantar, dançar, pintar, desenhar, conversar... Quanto a mim, sugeria que continuasse escrevendo e dando vazão ao desejo de conversar e me comunicar com as pessoas.

– Isso a ajudará a liberar energias que não se expressaram no passado e por isso deterioraram. Além das consequências já citadas, ainda há condição de energias se deteriorarem pela não utilização, provocando incômodos e até mesmo desenvolvendo doenças na garganta.

Lembrei-me das minhas amígdalas constantemente inflamadas... Rúbia prosseguiu:

– Desde que o bebê começa a chorar por fome, sede ou simplesmente para chamar atenção das pessoas que o cercam, está se expressando; neste momento começa o desenvolvimento do chakra laríngeo. Os pais que aceitam a espontaneidade nos filhos favorecem o desenvolvimento deste chakra.

Fui acometida por uma dúvida que me pareceu estranha, mas não consegui segurá-la: o que acontece com o laríngeo dos mudos?

– Veja bem, Halu: o desenvolvimento deste chakra não se liga diretamente à fala, e sim à expressão como um todo. A comunicação verbal é uma forma de expressão. Pessoas com dificuldade nessa área precisam trabalhar mais outras formas de comunicação.

– E a cor laranja que aparecia no desenho, o que significava?

– Ela aponta o grau de vitalidade correspondente às energias que envolvem o chakra. Quando sua visão para o imaterial estiver mais ampliada, caso haja outra cor o envolvendo, você perceberá. Se não houver outra cor além do laranja, o laríngeo está apenas informando a condição de sua vitalidade.

– Existe a possibilidade de segurarmos uma expressão por não sabermos, conscientemente o conteúdo? – indaguei.

– Sim existe, Halu, e quando isso acontece sobrevêm sintomas como irritabilidade, perda de apetite e outros.

Minha pergunta tinha endereço certo: era uma constante em minha vida a sensação de querer dizer ou fazer algo mas não saber o quê.

– Isto é comum nas pessoas sensíveis à captação de energias. Quando o fenômeno se repetir relaxe, deixe-se levar pela sensação de incômodo, use o questionador e não tenha pressa; o centro tradutor trará a informação a ser expressa e arquivada.

A compreensão de antigos questionamentos ampliava minha paz. Olhei-me nos espelhos. Como minha aparência havia mudado! Meu olhar mais calmo e a ausência de rugas na testa expressavam tranquilidade interior.

Acordei sentindo dor de garganta – uma espécie de engasgo, que aumentou ao tomar água. Fiz um gargarejo com água morna, sal e limão. Neste momento Otília surgiu, esclarecendo:

– Seu chakra está em processo de auto-cura. O gargarejo vai aliviar os sintomas, mas você precisa fazer um trabalho de expressão: dançar, cantar, escrever, o que preferir. Estou acompanhando você da Primeira Casa.

Quando Luiza chegou do consultório, relatei o que sentia; ela me aconselhou a tomar um banho e depois me convidou para um passeio de carro à beira-mar.

– Não há mal-estar que resista ao verde das águas de Itapuã! – disse ela.

Ao regressar, resolvi escrever.

– Simplesmente escreva: sem julgamentos, sem pressa, escreva o que lhe vier à cabeça, sem preocupação com o belo ou a coerência – orientou-me Luiza.

No começo as frases saíram desconexas, sem sentido; duas, três páginas assim. Pensei em desistir, comecei a me irritar. Aos poucos, a dor

de garganta foi passando, ficando apenas um incômodo na região. Paralelo a isto, comecei a escrever com desenvoltura.

Pouco depois encontrei Luiza chorando em seu quarto. Perguntei-lhe o que estava sentindo. Respondeu-me que não estava triste nem angustiada; não sabia o motivo do choro.

– Não seria saudade?

– Pode ser. – admitiu. Abracei-a e disse que Rúbia estava no canal e lhe mandava um abraço.

– É a cientista da Nona Casa que está passando ensinamentos sobre os chakras?

Confirmei acrescentando que naquele momento ela nos observava através do canal transportador. Luiza começou a procurá-la por todo o quarto, até que parou perto da porta.

– Algo me diz que é aqui; esta região está mais fria e estou sentindo arrepios por todo o corpo.

Surpresa, disse-lhe que de fato o canal transportador estava ali. Então Luiza começou a falar com Rúbia:

– Não me lembro de você, mas quem sabe venha a me lembrar. Estou fazendo progressos, tendo algumas recordações.

Muito emocionada minha amiga não conseguiu dizer mais nada; em seguida adormeceu.

Desmembrei e fui ao encontro de Rúbia na Nona Casa. A sessão começou imediatamente. Observei que o tapete era diferente, menor que o anterior e totalmente transparente, como se fosse um pequeno colchão d'água.

Logo no início dos trabalhos senti como se o ar que inspirava se concentrasse na região do coração. Senti grande dificuldade para respirar, o que me causou muito desconforto. Abri os olhos e vi Rúbia apontando para o espelho. Vi a projeção da minha imagem e me surpreendi com o inchaço do meu rosto. Recebi instruções para olhar o tapete, que adquirira a cor azul, com pequenos pontos marrons.

– Estes pontos sinalizam a presença de energias deterioradas entre os chakras, cardíaco e laríngeo. O trabalho que você fez durante o dia precisa continuar com eliminação desta energia que se tornou inútil.

– Quando estava escrevendo não surgia um tema, meu pensamento estava confuso, fiquei bastante irritada.

– Sintomas naturais da liberação energética. Antes de deteriorar esta energia tinha uma finalidade. Como não houve canalização favorável, agora ao liberá-la você sente o conteúdo desorganizado existente nesse bloco.

Perguntei qual a relação daquilo tudo com o chakra cardíaco.

– Este chakra é mobilizado por energias correspondentes à relação do sentimento com as vivências externas. O que vemos, no seu caso, é que expressar esta energia que se deteriorou era muito importante para este chakra que, se estivesse fortalecido, revitalizaria todo o seu emocional. O cardíaco é uma espécie de imã para onde se dirigem todas as energias com as quais lidamos. Eu, particularmente, o vejo como o chakra-mãe. Se seus “filhos” estão harmonizados, o cardíaco também está. Quando isso não acontece eleva-se o teor de desorganização, deterioração e negatividade.

Ficamos um momento em silêncio. Procurei me concentrar e quando olhei para os espelhos vi minha imagem bem menos inchada. Percebi também na região do coração um círculo de cor azul-turquesa girando. Na sequência o círculo se expandiu atingindo a garganta, enquanto seu interior se coloria de laranja. O tapete projetava a mesma tonalidade de azul exibida pelo círculo.

– Quando o chakra cardíaco recebe energias densas aumenta sua circulação buscando torná-las mais sutis, e incentivando sua liberação através da respiração. Neste momento, o oxigênio que está nos pulmões torna-se mais denso, demorando um pouco para envolver o teor energético a ser expelido junto com a transformação inerente ao processo de respiração. Isto também acontece quando tomamos um susto ou recebemos uma notícia inesperada.

– Então aqueles pontos marrons correspondem a energias deterioradas e ainda não liberadas?

– Não em sua totalidade. Quando há desarmonias constantes torna-se necessário um trabalho mais intenso do chakra cardíaco, que, ao cumprir sua função numa condição de sobrecarga, não consegue liberar toda a densidade energética, permanecendo alguns resíduos que se manifestam por esta coloração marrom.

Fiz uma nova experiência de relaxamento e senti meu corpo mais solto e meu emocional mais tranquilo. Abri os olhos e vi que a minha imagem no espelho não estava mais inchada. Por que, no início, apresentara aquele aspecto estranho?

– Você está passando por um tratamento, Halu. Quando possível, mobilizamos energias densas estagnadas em seus chakras buscando eliminá-las, e energias sutis procurando ampliá-las. Você está sendo seu próprio objeto de estudo, ou seja, vivenciando na prática o que aprende em teoria. Isso vai lhe dar mais segurança para levar essas mensagens à esfera material.

Nesse momento apareceu Meu Amigo convidando-me a passear nas margens do rio da Segunda Casa. Ao chegarmos disse que me explicaria por que acontecera aquela deterioração energética em meus chakras cardíaco e laríngeo.

– Por motivos alheios à sua vontade houve um atraso em nosso reencontro para o início deste trabalho. A energia que deteriorou tinha a função de fortalecer sua expressão nos momentos em que você passasse a executar o que aprendeu no convívio com as Casas Astrais. O tratamento que você está fazendo com Rúbia restabelecerá o conteúdo desta energia.

Fui atingida por uma ponta de preocupação: então meu trabalho na esfera imaterial estava atrasado?

– O tempo existe para ser encontrado, recuperado. Quando nos sintonizamos com a energia Tempo ela se responsabiliza por nos adequar aos seus quereres e intenções. Se estamos atrasados, nos acelera; se adiantados, nos motiva a desacelerar. Percebo claramente a energia do tempo vindo ao nosso encontro. Isto me traz paz e confirmação de que nossa intenção é válida e aprovada pelos julgamentos divinos do Tempo.

A conversa deixou-me leve e em paz comigo mesma: olhei para o rio e senti mais de perto sua infinita transparência.

– Seus horizontes estão se ampliando, Halu. Deixe-se levar pelo sentimento – disse Meu Amigo, acrescentando: – Vou acompanhá-la à esfera material. Quando acordar, mantenha-se deitada para facilitar a circulação de energia por todo o corpo.

Acordei muito bem. O incômodo na garganta desapareceu completamente. Continuei deitada. Impressionante a manifestação da sensação no corpo material. Senti-o vibrando, com uma enorme vontade de abraçar o mundo, um sentimento de irmandade com todas as pessoas. Olhei para uma planta no canto do quarto, tive o mesmo sentimento por ela. É como se ao mesmo tempo eu fosse mãe e filha de tudo. Tudo estava em mim e eu estava em tudo.

Luiza entrou no quarto, ficou olhando para mim. Pedi-lhe que se sentasse ao meu lado. Segurei suas mãos e despertei para o belo que existe no sentimento.

– Você está diferente, Halu.

– Estou. E encontrei-me com o Tempo, Luiza; ele é magnífico.

– Com o tempo?

– O tempo de trabalhar, de amar, de reencontrar. O tempo de servir ao Tempo.

– Servir ao Tempo?

– Servir ao que Deus quer que eu sirva. Luiza, traga-me papel e caneta, por favor, preciso continuar o trabalho para a qual você me orientou ontem.

Escrevi uma poesia, depois uma crônica. Misturei os textos e compus uma carta para o meu Jesus – minha forma de rezar e agradecer. À noite fui ao encontro de Rúbia.

– Como você está Halu? Fale um pouco do que você está vivenciando.

– Estou muito bem, acho que amando mais e melhor.

– Este sentimento traz maturidade e compreensão.

Naquele encontro Rúbia falou sobre o chakra do plexo solar.

– Tudo isso que você está sentindo transforma-se em alimento fundamental para este chakra. A função dele é incentivar os nossos mecanismos de defesa para que possamos lidar com maior equilíbrio com as dificuldades.

Lembrei-me de que Luiza definia o plexo solar como “ponto do confronto”. Rúbia concordou com a definição.

– Antes de qualquer informação externa alcançar nossos órgãos dos sentidos ela passa por uma espécie de filtragem neste chakra, que retém todo o teor energético inerente à informação recebida. A seguir, libera as informações de acordo com a condição do nosso mental e emocional naquele momento. Por exemplo: é muito comum, ao narrarmos um fato, o ouvinte não captar toda a informação, embora tenha escutado muito bem as palavras. Isto se deve ao teor energético retido no plexo solar.

Observei que, neste sentido, o plexo funcionava como uma espécie de anjo da guarda.

– É uma boa imagem – sorriu Rúbia. – Quando este chakra é autorizado pelo inconsciente individual libera o peso energético e podemos ver com mais lucidez as questões que nos envolvem; uma notícia desagradável, por exemplo. Se não estivermos em boas condições mentais e

emocionais para suportá-la o plexo retém seu teor à espera de autorização do inconsciente individual. Do mesmo modo uma boa notícia pode nos levar a um grau de excitação que, naquele momento, não é oportuna; também nesse caso o plexo atuará como filtro.

Lembrei-me de que tempos atrás levava a uma amiga a notícia da morte de seu avô; tarefa difícil, pois esta moça tinha sido criada por ele e o adorava. Ela me ouviu e começou a falar de outro assunto. Repeti a notícia e ela me olhou de modo estranho. Depois, levantou da cadeira e foi preparar um lanche; ao cortar o pão, pediu-me que repetisse o que dissera. Só então começou a chorar desesperadamente.

Recordei também de outra situação que ilustrava a atuação do chakra do plexo solar. Um amigo do interior estava hospedado em minha casa enquanto prestava exame vestibular. Na manhã em que sairia o resultado pediu-me para acompanhá-lo até a banca de revistas, queixando-se de que não dormira a noite inteira. Compramos o jornal e voltamos para casa sem abri-lo. Meu Amigo trancou-se no quarto e, passado algum tempo, apareceu triste, comunicando que não constava da lista de aprovados. Peguei o jornal para conferir: sem dificuldade localizei seu nome. Mostrei-lhe que se enganara, mas ele não queria acreditar, pois tinha repassado a lista várias vezes. Não demonstrou nenhuma alegria, dizendo que podia muito bem tratar-se de um homônimo. Fomos à universidade e aí sim, à entrada do prédio, ele explodiu de contentamento – ria e chorava ao mesmo tempo, depois desmaiou. Levado para o ambulatório, os médicos constataram que sofrera um pré-infarto.

Rúbia, que acompanhara calada meus pensamentos, sugeriu que trabalhássemos com aqueles casos para melhorar compreender o papel do chakra plexo solar.

– Se sua amiga não consegue suportar o conteúdo da informação sobre a morte do avô, procuraria justificar de alguma forma a ausência dele – uma viagem, por exemplo.

– Mas, ao encarar a realidade do velório, aceitaria os fatos – interrompi.

– Engano seu: se o plexo não liberasse o teor energético da informação sua amiga iria ao funeral imaginando que todos ali estavam loucos, que o avô continuava vivo.

– Neste caso, a louca seria ela.

– Este pode ser o princípio da trajetória que leva à loucura; é um extertor da função do plexo solar, trabalhando em correspondência com o inconsciente individual. Antes da doença se instalar, a pessoa em questão pode retornar à realidade assim que tiver condições de lidar bem com a perda.

– Se o plexo por algum motivo não atuasse contendo a informação, o que poderia acontecer?

– Uma violenta invasão que poderia culminar com a interrupção da encarnação.

Entendi que o plexo trabalhava sempre no sentido de evitar um dano maior, o que foi confirmado por Rúbia.

– No caso de seu amigo vestibulando o plexo atuou adiando o confronto de modo a evitar o infarto. O inconsciente julgou que a invasão não seria tão violenta e liberou o peso energético no momento oportuno.

– Existe a possibilidade de inconsciente individual equivocar-se quanto ao momento da liberação? – perguntei.

– Não há condição de responder a esta questão, pois decidir sobre a interrupção da encarnação envolve sempre inúmeros fatores. Só Deus tem sabedoria para julgar uma decisão do inconsciente.

Quis saber, então, como ficava o suicídio naquele contexto.

– Trata-se de uma situação bem diferente, Halu. O suicídio é uma decisão do campo lógico-racional. Estamos falando de morte involuntária. Se o inconsciente de seu amigo decidisse conter o peso energético da informação, ele retornaria para o interior acreditando ter sido reprovado. Lembre-se de uma situação bem comum: muitas vezes há uma verdade conhecida por muitas pessoas, mas recusada por algumas que não estão preparadas para aceitá-la. A forma de evitar que o plexo solar contenha o teor energético da informação é manter-se emocionalmente harmônico, o que às vezes independe da vontade individual. O ambiente em que vivemos, o tipo de educação que recebemos e uma série de outros fatores, inclusive a condição em que nascemos, têm grande influência na harmonia interna. Você terá oportunidade de se aprofundar neste aspecto na Décima Casa. Este chakra desenvolve-se com o procedimento coletivo específico a uma civilização. No início da nossa conversa falamos sobre amor, compreensão e maturidade como alimentos para o plexo. Estes alimentos podem ser adquiridos individualmente, independente do meio externo, favorecendo a condição de um consciente mais maduro, não se abalando com as invasões

do coletivo, aceitando-as antes de assustar ou declinar para culminâncias negativas.

A seguir, Rúbia instrui-me a sentar no tapete transparente com a mão esquerda sobre o chakra cardíaco e a direita sobre o plexo solar.

– Agora, imagine uma estrada, um caminho. Quando conseguir, faça os exercícios respiratórios.

Em alguns minutos, senti um movimento na barriga e dor no estômago. O caminho que havia imaginado transformou-se num imenso lamaçal, depois numa estrada asfaltada cheia de buracos. Senti que iria mergulhar em depressão. Abri os olhos para ver as imagens projetadas no espelho. Na região do estômago havia um círculo amarelo, tendo no centro um traço em cor vermelha. O tapete apresentava-se em azul-escuro.

– O amarelo nesta região simboliza a contenção da energia de cunho intelectual, energia esta que incentiva a racionalidade a ter maior lucidez diante dos fatos com os quais estamos lidando. A necessidade de reter o teor energético indica claramente a impossibilidade de tomarmos consciência profunda desses fatos.

Brotou de meu coração um choro muito forte ao perceber de que época eram as vivências relatadas naquela projeção. Lembrei-me de meus períodos de busca de Deus, da verdade, da justiça e do confronto com o externo, repleto de desarmonias, brigas e interesses mesquinhos, provocando o afastamento da minha busca.

Nessa época eu decidira estudar Direito para mais tarde exercer a função de juíza ou promotora: achava que assim poderia combater a impunidade, a hipocrisia. Em seguida veio-me à mente a observação de Meu Amigo sobre o atraso dos trabalhos nas Casas Astrais e da possibilidade de irmos ao encontro do tempo...

Seguindo as instruções de Rúbia, voltei à estrada imaginária, que foi se transformando em alameda. Continuei seguindo a imaginação e a alameda levou-me à minha praia – Cacha-Pregos, lugar que amo e onde sempre me sinto bem. Quando abri os olhos, vi meu plexo solar na projeção girando e formando um círculo verde-azulado.

Rúbia comunicou-me que a mudança revelava melhoras.

– Seu plexo solar está mais alinhado, demonstrando um processo de auto-cura. Agora, olhe para o tapete. O vermelho e o marrom que aparecem nele representam as energias deterioradas que foram eliminadas dos seus chakras, principalmente do plexo.

Ficamos uns minutos em silêncio, até que a cor do tapete estabilizou-se no azul-turquesa. Então Rúbia dirigiu-se aos espelhos com um aparelho nas mãos. Ao acioná-lo, surgiram imagens sequenciadas do meu plexo solar. Voltou à primeira imagem e perguntou se eu conseguia identificar aquela época. Respondi que sim: reconhecia-a como o período em que me afastara de meus amigos nas Casas Astrais.

– Nessa época você apresentou sintomas físicos de gastrite, não é mesmo? Pois bem, isto ocorreu por você ter diminuído o nível de busca, incentivada por seu inconsciente individual, através da auto-censura. Isto aliviou a invasão a que estava sendo submetida. Lembre-se de que você sofreu também quedas de pressão, outro sintoma de stress do plexo solar. Esse quadro resulta de muitos confrontos em curto espaço de tempo.

Rúbia projetou uma segunda imagem e continuou:

– Aqui temos um período em que você já recebia mais apoio em sua condição de paranormal. Diminuíram suas dificuldades, passou a ser mais compreendida. Então o inconsciente liberou as energias que lhe permitiram dar sequência à sua trajetória e se reencontrar conosco.

Imediatamente identifiquei aquela fase como a do encontro com Luiza, que me acolhera sem julgamentos ou rótulos, favorecendo a minha retomada. Observando minha alegria, Rúbia sorriu e me felicitou pela melhora. Depois fez mais algumas observações sobre os chakras:

– São estes microorganismos que, mobilizados pela energia, ensinam aos órgãos do corpo físico e a nossa composição emocional os princípios básicos para a sobrevivência em outras dimensões. O rio que você conheceu na Nona Casa serve para nos dar informações sobre o teor dos ensinamentos inseridos em nosso código. É também através dele que avaliamos nossa condição de seguir para outras dimensões, se permanecemos por mais tempo nas Casas Astrais ou se voltamos a encarnar.

Encerrada a conversa com Rúbia, segui Meu Amigo, que já me esperava há algum tempo. Dirigimo-nos para as margens do rio, onde um grupo meditava dentro d'água. Observando melhor, percebi que em torno de uma das pessoas a água se coloria de lilás.

– Isto indica que ela já aprendeu os ensinamentos básicos para se transmutar a outras dimensões – explicou Meu Amigo, chamando-me a atenção para outra integrante do grupo em torno da qual a água adquiria tonalidade azul-anil.

– Esta ainda não aprendeu os ensinamentos básicos relacionados ao coração como órgão físico e emocional.

Meu Amigo continuou mostrando exemplos de pessoas que ainda não haviam concluído seus aprendizados. Em torno de um rapaz, um círculo amarelo mostrava que sua essência ainda queria emanar um personagem para a ampliação de seu grau de intelectualidade. Outro, com um círculo vermelho, revelava ainda não ter aprendido a lutar por suas prioridades.

Observei que as pessoas saíam do rio tranquilamente, não demonstrando qualquer sinal de tristeza ou insatisfação. Veio-me um forte desejo de entrar naquelas águas, mas Meu Amigo dissuadiu-me.

– Você tem um corpo físico, está lembrada? Ainda está cumprindo sua trajetória na esfera material. Apenas pessoas desencarnadas passam por esta experiência. Elas agora retornarão ao Departamento de Orientações Experimentais para reavaliar os resultados obtidos com a meditação. Como você viu, a meditação alertou alguns para a necessidade de maior reflexão sobre a decisão de transmutar a dimensões superiores.

Percebi então que precisava de mais dados sobre os aprendizados básicos proporcionados pelo planeta Terra.

– O aprendizado termina quando nosso conjunto Alma consegue equilibrar e harmonizar os elementos Fogo, Terra, Água e Ar, transformando-os em éter. Como vimos, os quatro primeiros são os elementos das energias Justiça, Potencial, Amor e Compreensão. Quando apreendemos as polaridades positivas dessas energias em nosso corpo essência, alcançamos a Sabedoria. Esta energia não é polar, por isso não se apresenta de forma horizontal como as demais. Vamos dar um exemplo:

AMOR – DESAMOR

– O conteúdo do Éter-Saber nos eleva à verticalidade. Este é o momento de passarmos a outras dimensões.

Perguntei se a ignorância não seria a polaridade antagônica da energia Sabedoria. Meu Amigo negou esta conclusão.

– Na ausência da energia Éter-Saber instala-se a ignorância, mas é uma energia sem movimento, totalmente estagnada, pois na sua primeira mobilização desintegra-se dando lugar à energia indiferença. É com esta última que chegamos ao planeta Terra para captar os quatro elementos.

E, com estas palavras, Meu Amigo indicou-me à hora de voltar a esfera material.

Ao despertar, contei a experiência a Luiza, que me convidou a escrevê-la na praia de Jaguaribe. Fomos em companhia de seus filhos, Cristina e Rafael.

Em meu encontro seguinte com Rúbia foi a vez de abordar o papel do chakra básico no corpo físico e emocional.

– Situado na região do cóccix, ele tem como uma de suas principais funções selecionar as energias prioritárias para nossa trajetória enquanto encarnados. Por isso é chamado de básico. Vamos fazer uma experiência: sente-se no tapete e coloque a mão esquerda sobre o chakra frontal e a direita abaixo do umbigo e faça exercícios respiratórios.

Ao seguir as instruções senti incômodos nas pernas e minha mão direita ficou dormente, como se estivesse anestesiada. Quando abri os olhos, enxerguei no espelho um círculo vermelho bem claro; no entanto, o círculo não se apresentava totalmente redondo.

– A projeção indica que você ainda não está desenvolvendo atividades prioritárias referentes à sua encarnação. Por esta razão seu chakra básico não está totalmente formado e estabelecido. Quando você conseguir exercer estas atividades, o círculo assumirá forma perfeita e o tom vermelho se apresentará mais vivo, mais forte.

Recordei de imediato o rapaz que vira no rio e perguntei a Rúbia o que fazer para aprender a lutar por minhas atividades prioritárias. Ela respondeu que eu já começara a luta desde que encarnara.

– Agora basta alinhá-la, adequando-a ao período que está atravessando na esfera material.

Em seguida, Rúbia sugeriu que eu voltasse a observar as pessoas em meditação, como fizera na noite anterior. Quando cheguei às margens do rio, o rapaz que eu vira com o círculo vermelho aproximou-se sorrindo.

– Ontem você acompanhou minha meditação. Seu Amigo pediu-me que a procurasse para conversarmos sobre a experiência.

Surpresa, murmurei um agradecimento e me preparei para ouvi-lo.

– Venho de duas encarnações nas quais não consegui harmonizar o chakra do plexo solar com o chakra básico. Você já sabe que o plexo exerce um papel defensivo mas, ao fazê-lo, muitas vezes retém energias essenciais para a evolução pessoal. Como meu inconsciente ainda não aprendeu como se faz esta harmonização, voltarei à esfera material para concluir este

aprendizado. Nas oportunidades anteriores, preferi o conforto promovido pelo plexo, deixando de lutar por meu desenvolvimento prioritário, o que pretendo fazer desta vez. Estou profundamente empenhado em conseguir sucesso nessa nova experiência encarnatória. Pretendo desenvolver meu centro filosófico. Na última passagem pela esfera material acomode-me como funcionário público e não despertei para mais nada. Cumpria as tarefas, recebia o salário e acreditava que assim estava tudo bem, negando-me a atender aos incentivos energéticos do meu chakra básico. Dessa vez, estou certo de que será diferente.

Despedi-me desejando que ele conseguisse atingir seus objetivos e fui ao encontro de Meu Amigo. Ele me disse que retornaríamos às Segunda e Terceira Casas para observar os trabalhos de preparação para a encarnação.

– Você compreenderá o trabalho do chakra básico prestando atenção às projeções que os encarnados fazem para concretização na esfera material.

– Percebi, conversando com aquele rapaz que estava aqui, que existe um atrito entre o chakra básico e o plexo solar.

– Não é atrito, Halu. São funções polares, no entanto complementares. O inconsciente individual precisa aprender a lidar com polaridades como o fascínio do conforto promovido pelo Plexo e o incentivo de luta, de independência, promovido pelo Básico.

– Se o inconsciente estabelece uma relação unicamente com o Plexo, há a tendência de caminharmos por estradas mais fáceis. Se, ao contrário, ocupa-se unicamente com o chakra básico, pode permitir invasões violentas.

– Exatamente, você alcançou a essência do tema. Estas projeções são armazenadas no chakra básico e no campo áurico para serem desenvolvidas ao longo da encarnação. Lembre-se ainda de que sempre há tempo para a retomada de prioridades que porventura tenham sido deixadas para trás.

Após o término deste trabalho retornei para a esfera material. Acordei pela manhã com uma enorme disposição para estudar. Peguei os relatórios e alguns livros que Luiza tinha sugerido para complementar meus estudos, passei o dia todo trabalhando com esse material. No final da tarde, ouvi Meu Amigo falar pelo canal transportador.

– Hoje à noite você terá outra surpresa; quando desmembrar dirija-se ao salão de Rúbia.

Luiza chegou do consultório bastante cansada.

– Acho que está na hora de tirar umas férias. Já atendi o último paciente com um pouco de sono, vou tomar banho e dormir.

Quando desmembrei, segui para o salão laboratório de Rúbia e lá encontrei Luiza e Meu Amigo conversando. Luiza introduziu-me na conversa.

– Sabe o sono que senti hoje? Segundo Rúbia, fazia parte da preparação para o meu desmembramento.

– Achamos importante mostrar-lhe nos espelhos a projeção de um chakra básico harmônico, trabalhando em correspondência com o plexo – informou Meu Amigo, completando em seguida: – O nome de Luiza nos pareceu uma escolha natural, você não acha?

Concordei com entusiasmo. A seguir sentamo-nos e Rúbia dirigiu-se aos espelhos com o “controle remoto” nas mãos. Em segundos apareceu a imagem dos chakras do plexo e básico correspondentes a uma época passada na vida de Luiza. Um círculo verde e abaixo um círculo vermelho-claro parecido com a tonalidade do meu chakra. Entre eles havia um traço cor de prata. Coube a Rúbia a interpretação das imagens:

– Luiza, nesta época, estava buscando uma maneira de se entregar ao estudo da alma, à psicologia. Tarefa difícil, pois vinha de uma família de comerciantes que a incentivava a continuar no ramo acreditando ser esta a forma de promover uma vida familiar estável e tranquila. Agora, observe a linha cor de prata, indica uma energia de cunho protetor para a preparação da escolha. Agora, vamos ver como estão os mesmos chakras hoje, quando Luiza já escolheu sua estrada há muitos anos.

Surgiu no espelho um círculo amarelo e verde e, abaixo, um círculo vermelho, de tonalidade bastante forte.

– Esta projeção indica a harmonia entre os dois chakras, o que naturalmente favorece o trabalho dos demais, bem como dos corpos sutis inerentes ao conjunto Alma.

Apertei as mãos de Luiza; claro que já sabia de suas qualidades, as imagens apenas me confirmavam os registros que havia arquivado sobre ela.

Por sugestão de Meu Amigo seguimos para as margens do rio da Segunda Casa deixando Luiza e Rúbia sozinhos. Quando chegamos ao nosso local preferido, bebi um pouco daquela água preciosa para acalmar meu emocional: as últimas horas haviam sido de tantas surpresas, ensinamentos, alegrias, expectativas, perspectivas...

O tema de nossa conversa foi o chakra dos genitais.

– Sua função está ligada à procriação, à escolha de parceiros, à atividade sexual – informou ele, prosseguindo: – Para que esta sequência aconteça harmonicamente, torna-se necessário que todos os demais chakras estejam alinhados e fortalecidos. O plexo, por exemplo, se não estiver alinhado interfere diretamente nas questões egóicas, na vaidade, no orgulho, na criação de sensações que nos levam a ter uma imagem distorcida do nosso próprio valor. E mesmo que o chakra genital nos motive para um parceiro semelhante à nossa alma, podemos concluir erroneamente não merecermos essa companhia e caminharmos em busca de alguém motivados por nossa condição egóica, não por nossa essência.

Lembrei-me da história de uma amiga da esfera material que estava apaixonada por um rapaz e era correspondida. Mas, em vez de se mostrar receptiva, passou a fugir dele, alegando não merecê-lo como namorado, assim, preferia cortar a relação no nascedouro evitando sofrimentos mais tarde, quando o jovem se desinteressasse dela e a abandonasse.

Meu Amigo esperou a volta da minha concentração e começou a explicar:

– No momento da relação sexual acontece uma troca energética entre os chakras dos parceiros: se os conteúdos forem semelhantes, os chakras de ambos se fortalecem; caso contrário, ocorre um mútuo enfraquecimento. O teor de energia do chakra genital revela-se na maneira de lidar com o sentimento e as emoções. Pessoas responsáveis, harmônicas, transmitem essa energia ao chakra genital. Pessoas agressivas, descontroladas, conduzem a desarmonia para a região. Se dois parceiros agressivos fizerem uma troca sexual, a agressividade será fortalecida. Se uma pessoa harmonizada aceita a troca com outra desarmônica, ocorrerá o enfraquecimento da desarmonia para o segundo e a possibilidade de desequilíbrio para o primeiro. Mas isso não significa que o agressivo torne mais sutil: de modo geral, fica mais fraco, menos potente para ordenar ou agredir. Em síntese, uma relação desse tipo não traz benefício para nenhum dos parceiros.

Com essas palavras Rúbia encerrou a exposição e eu retornei à esfera material. Ao despertar, Luiza estava ao meu lado, ansiosa para falar comigo.

– Halu, quero que você me confirme: estive com você nas Casas Astrais, não é verdade?

Perguntei-lhe por que pensava assim e ela respondeu que sonhara com uma antiga colega de faculdade, uma grande amiga com quem perdera o contato. Disse ainda que, no sonho, a amiga surgira diferente: alta, morena, com cabelos curtos. Pela descrição, percebi que se tratava de Rúbia.

– Acordei sentindo saudades, mas acho que não da minha colega, e sim da moça do sonho.

– Que bom, Luiza! – alegrei-me. – Você está se lembrando da noite passada, quando estive com Rúbia.

Em seguida, contei-lhe o que se passara na Nona Casa e ela ficou muito contente. Durante o dia, reunimos material sobre o chakra dos genitais para ampliar informações recebidas na esfera imaterial.

À noite, ao desmembrar, encontrei Meu Amigo, mas não fomos para as Casas Astrais. Ele me informou que naquela noite trabalharíamos no meu quarto. Pediu-me que pegasse Bíblia e a abrisse no capítulo do Gênesis, recomendando-me que lesse com cuidado as passagens sobre Adão, Eva e a serpente.

– Muito bem – disse Meu Amigo após algum tempo. – Como você viu, Adão é o primeiro ser com alma, criado por Deus. A seguir vem a Eva, tirada de sua costela. Após comerem o fruto proibido, levado a Eva pela serpente, ambos passam a tomar consciência do bem e do mal. Depois disso, são expulsos do Paraíso e Eva dá à luz os filhos Caim e Abel. Por inveja, ou por entender que Deus deu mais valor à oferenda de Abel, Caim vai matá-lo.

Enquanto Meu Amigo resumia a conhecida história bíblica, eu me perguntava aonde ele chegaria com aquela conversa. Não demorei a descobrir:

– Pense agora no chakra básico cuja função é captar energias prioritárias para a nossa encarnação. Quando isso acontece harmonicamente, os outros chakras se mantêm em condições favoráveis, correto? Pois bem, Deus designou a Adão – quando o expulsou do Paraíso – o encargo de manter a Eva, bem como os filhos que com ela viesse a ter, com o suor de seu trabalho. A função de Adão é similar à do chakra básico.

Quanto ao chakra cardíaco, Meu Amigo definiu-o como uma espécie de imã para onde convergem todas as energias que mobilizam os outros chakras.

– Quando densas, o cardíaco procura torná-las mais sutis. É o chakra que canaliza todas as energias. É também através dele que os demais se

comunicam. Podemos compará-lo a Eva, é através dela que Adão compreende sua condição de se somar a Deus para criar. O contato entre Adão e a serpente se deu através de Eva. Unindo-se a Adão, ela traz Caim e Abel à vida. Eva é uma espécie de canal para onde convergiram todas as forças existentes no Éden. A serpente simboliza a condição do homem e da mulher procriar. Deus colocou inimizade entre Eva e a serpente. Para se redimir, a energia representada pela serpente somou-se ao chakra básico (Adão), auxiliando-o no desempenho de sua principal função: trabalhar a prioridade encarnatória, produzindo o desenvolvimento e a evolução. Quando cada um de nós consegue alcançar este crescimento, fica a serpente aliviada de sua “culpa”, diminuindo a inimizade com Eva. O encontro da energia de procriação do homem e da mulher, ao se unirem harmonicamente, provoca o fortalecimento do chakra cardíaco.

Pedi que Meu Amigo falasse pausadamente para eu anotar as explicações. Ele deu um tempo antes de prosseguir.

– Vamos pensar agora em Caim. Diante da inveja que sentia do irmão, agiu da maneira que lhe pareceu mais fácil: acreditava que, sem a presença de Abel, Deus aceitaria suas oferendas sem compará-las com a do seu irmão quando o correto seria melhorar a qualidade de sua atuação. Vejamos o chakra do plexo solar: preocupado em proporcionar conforto, ele pode reter energias prioritárias ao desenvolvimento individual. Localizado entre o básico e cardíaco, polariza com o básico, cada vez que o chakra Adão consegue nos estabelecer dentro de nossas prioridades. Vencendo as dificuldades, o plexo relaxa e libera as energias nele contidas. O cardíaco se alegra por sentir nosso crescimento. Quando isso acontece, Caim volta para casa mais amadurecido para ser perdoado pelo mal que causou aos pais matando-lhes o outro filho.

– E o Abel, a que chakra corresponde?

– Quando Caim o mata, ele volta para Deus, pois Deus o ama. Este personagem corresponde ao nosso Eu Superior – o guardião do inconsciente e da auto-censura. Quando o chakra Abel sente o plexo solar (Caim) mais amadurecido, recebe-o como irmão. No Eu Superior, Abel comunica-se com Deus, com o Cosmo, com o Universo, mantendo a condição de retorno ao Paraíso. Voltemos ao texto bíblico. O que acontece com o Caim depois de matar Abel? Deus o expulsa da região aonde mora com a família, conduzindo-o a outro espaço e marcando-o com um sinal. Nas Casas Astrais foi-nos ensinado que este sinal é o corpo físico-material, e o espaço

a esfera material do planeta Terra. O local onde habitam Adão, Eva e Set, terceiro filho do casal, são as esferas superiores – não só as Casas Astrais como outros planetas materiais e imateriais que existem no Universo.

Pedi-lhe que voltasse a falar de Caim e de como ele se comportara no espaço a que fora exilado por Deus.

– Na esfera material Caim gerou um filho de nome Enoque, que corresponde às energias que circulam em nosso ego, sendo de responsabilidade do chakra Caim (plexo solar) qualificá-las. Já o coronário é o espaço onde circula Abel, e o laríngeo é o comunicador. É através dele que expressamos a condição de todas as energias que mobilizam nossos chakras quanto à qualidade, quantidade e aperfeiçoamento. Enfim, expressamos o estado em que encontra nosso inconsciente individual, regente do contexto corpóreo. Este “escuta” as expressões e responde com diversos procedimentos na tentativa de alcançar o crescimento. Quando fechamos este circuito com harmonia, principalmente quando Caim retorna ao convívio de seus familiares, terminamos o aprendizado que a esfera material do planeta Terra tem a nos oferecer.

Ficamos em silêncio durante algum tempo, até que Meu Amigo disse:

– Observe, Halu, que conversamos por símbolos: a correspondência que acabamos de ver não pode ser entendida como mudança das funções dos arquétipos bíblicos, não é esta a intenção. É importante repetir que nos utilizamos desses símbolos por suas trajetórias serem idênticas às de nossos chakras, mas cada um deve fazer sua reflexão para chegar a conclusões de acordo com a condição individual dos centros questionador, tradutor e arquivo.

Em seguida Meu Amigo preveniu-me de que me preparasse para os estudos na Décima Casa, que teriam início dentro de breves dias.

Dizendo isso foi envolvido por uma forte luz lilás e sumiu da minha vista. De retorno à esfera material não consegui dormir, passei a noite lendo e relendo as últimas anotações. Durante a madrugada, Luiza acordou; sem nada dizer (não tinha condição de verbalizar o que acontecera), entreguei-lhe o material, que ela leu e considerou muito sério.

Amanhecia, seguimos caladas para a praia, vimos o sol dar vida a mais um dia. Orei a Deus, pedindo-Lhe forças para me estabelecer em minha condição de ser criado a Sua imagem e semelhança.

19. A ENERGIA REPRODUTORA

Logo que o canal transportador nos deixou no salão de recepção da Décima Casa notei que era diferente e menor que os outros que já conhecia.

Esperava-nos um senhor trajando uma espécie de guarda-pó branco e comprido. Chamava-se Cincinat e era um dos cientistas da Décima Casa Astral. Uma combinação de objetividade, inteligência e tranquilidade emanava de seus movimentos. Identifiquei-o claramente como uma daquelas pessoas que resolveram não seguir para outros planetas e optaram por permanecer nas Casas Astrais a serviço da esfera material do planeta Terra. Recomendando silêncio e concentração encaminhou-nos a um ponto do salão.

Fechei os olhos e harmonizei pensamentos e sentimentos. Logo em seguida, percebi uma forte mobilização de energia entre o chakra básico – localizado no cóccix – e o chakra cardíaco – no centro do peito.

Ao escutar a voz de Cincinat, instantes depois abri os olhos e deparei-me com um canal de luz semelhante a um canal transportador que pulsava diminuindo e aumentando de tamanho. Cincinat definiu-o como uma espécie de balança que analisa a qualidade das energias existentes no campo áurico.

– Caminhe até este canal, Halu.

Caminhei; a luz envolveu meus pés lentamente, subindo até os joelhos. Após permanecer nesta região por alguns instantes dirigiu-se para o chakra básico, onde se deteve por um tempo maior. Mudava de cor conforme a região focada. O contato com o canal fez-me sentir mais leve, com o corpo totalmente relaxado.

– Halu, energias sem utilização encontram-se aderidas ao seu campo áurico. A fim de liberá-las, é recomendável uma caminhada diária.

– Que energias são estas? – perguntei.

– Você já sabe que quando um projeto ou uma ação são idealizados geram um movimento no campo áurico, cuja função é identificar e escolher as energias adequadas à respectiva realização. Para cada projeto ou ação uma energia desprende-se do campo áurico com a finalidade de incitar o

físico e o emocional à sua concretização. Se desistirmos de executar o que foi planejado, o quantum de energia mobilizada perde a função, deteriorando-se em seguida. Para que não haja contaminação do campo áurico, a energia deteriorada é por ele rejeitada; não sendo totalmente expelida, vai aderir a algum ponto neutro do campo áurico, interferindo no campo mental e nos órgãos do corpo físico. No campo mental, estas interferências apresentam-se na forma de pensamentos confusos; nos órgãos físicos, retêm as liberações de suor e de urina e causam distúrbios no desempenho intestinal.

– Como devo fazer esta caminhada?

– Encontre um espaço agradável. Ao caminhar, mantenha contato com o que flui do seu pensamento. Observe e respeite as orientações que chegarem espontaneamente. Quanto ao ritmo, diminua ou acelere a marcha obedecendo aos comandos internos. Interrompa quando sentir vontade. Busque sempre imprimir o seu ritmo.

– Compreendi: esta caminhada é uma forma de meditação yang.

Com um leve sorriso acompanhado por um meneio da cabeça, concordou com minha conclusão. Em seguida, pediu que me interiorizasse. Quando me despertou deste estado, estávamos diante de outro canal de luz idêntico ao anterior. Ao entrar no canal percebi que tinha uma função diferente, sua luz instalou-se no espaço acima do chakra básico, estendendo-se até cerca de trinta centímetros acima da minha cabeça.

Por ter sentido uma espécie de peso, imaginei-me envolvida por cobertores ora quentes, ora frios. Todos os chakras desta região mobilizaram-se provocando uma sensação de formigamento. Em seguida, ocorreu um relaxamento tão profundo que pensei que ia dormir. Permaneci por muitas horas nesta condição.

– Como você percebeu, Halu, este canal serve para analisar a parte superior do campo áurico. É um canal de éter curativo e propicia a manifestação em cores das energias deste campo. Através de muita pesquisa e estudo descobrimos o significado de cada cor. Aqui na Décima Casa pesquisamos e estudamos a energia reprodutora, suas funções, e de que modo ela se relaciona com as outras energias que compõem o contexto humano.

A seguir, Cincinat levou-nos a uma espécie de ante-sala do salão de recepção onde nos sentamos em porções de nuvem colorida como se fossem almofadas iluminadas. Aquela sobre a qual me sentei alternava tons entre

vinho e lilás. A de Meu Amigo oscilava entre o azul-turquesa e o lilás, e a de Cincinnati mantinha a coloração lilás.

– A energia que vamos estudar está presente em todo tipo de reprodução, desde o pensamento até a procriação – começou ele. – O pensamento é o resultado do encontro de um conjunto de energias com a força dos sentimentos. Quando ambos se somam, geram a condição de pensar: o pensamento é o produto, o fruto desta união. A procriação é uma consequência da fusão de duas formas de energia reprodutora: uma introdutora e outra receptora, que correspondem aos princípios energéticos masculino e feminino, respectivamente.

Perguntei se energia sexual e energia reprodutora eram a mesma coisa.

– A sexualidade é um dos aspectos da energia reprodutora, – esclareceu Cincinnati. – um dos tempos pelos quais esta energia se manifesta. A excitação sexual é o primeiro tempo e pode culminar com a procriação.

– E quando o conjunto de energias e a força do sentimento encontram-se para produzir o pensamento, a energia sexual participa dessa produção?

– Não, para a confecção do pensamento atuam partículas energéticas peculiares que estão diretamente ligadas às funções cerebrais.

– E o que vêm a serem os pensamentos eróticos?

– A rigor não existem pensamentos eróticos, existe imaginação erótica. O pensamento liga-se à percepção e à identidade, enquanto a imaginação não se liga a nada, está desconectada do real. Reflita, por exemplo, sobre a vivência imaginária de um ato sexual. Quando isto ocorre, a energia sexual está presente no pensamento de forma inapropriada. Este tipo de acontecimento indica desarmonia quanto ao uso da imaginação e da energia sexual.

– E o que provoca essa presença inapropriada?

– É preciso compreender que a condição de pensar, inerente à vida, está presente em todos os momentos. É o pensamento que possibilita o registro, no campo mental, das nossas experiências. Assim sendo, ele está presente também nos momentos em que se estabelecem relações com a sexualidade, ou no próprio ato sexual. Concluída a relação, é necessário que o pensamento e o sentimento dirijam-se ao campo mental para registrar a vivência. Entretanto, quando há uma desarmonia de sentimentos entre os parceiros, o registro não se completa na sua totalidade provocando dissonâncias entre pensar e sentir, e atuação sexual.

– Fale-me um pouco mais sobre a atuação da força do sentimento.

– As energias vêm ao encontro da força do sentimento, estejam elas relacionadas ao intelecto, à alimentação ou à energia sexual. A força do sentimento apresenta-se através de infinitas expressões, assim como uma cor e suas nuances. As emoções, por exemplo, são expressões dessa força. Você já sabe que existem emoções sutis e emoções densas. Quando a força do sentimento está harmonizada, apresenta-se em todos os momentos sob a forma de emoções sutis. Associada à energia sexual, desenvolve nos parceiros condições emocionais que geram momentos de diálogo e ternura. Em dado momento desta sequência de emoções a força do sentimento abre-se para a excitação e para o ato sexual amoroso. É como se um espécie de corredor energético, formado pela força do sentimento dos parceiros, preparasse-os para a introdução harmônica da energia sexual, que culminará com a troca emocional de um parceiro com o outro. Este processo mobiliza as energias do campo áurico e possibilita que o corpo emocional de um alimente o do outro.

Minha atenção voltou-se para as almofadas em que estávamos sentados e Cincinat explicou:

– Estes assentos são mecanismos etéricos utilizados para análise da energia reprodutora. A nuance que aparece em seu assento indica que você está preparando sua reserva energética para a criação de projetos, daí a coloração oscilante entre o vinho e o lilás, cores que também indicam a aproximação de suas forças sutis superiores buscando suas forças mais densas para purificá-las.

Ao me levantar somou-se à sensação de relaxamento profundo uma grande alegria por estar ali, por ter conhecido Cincinat e por estar comprovando – a cada visita às Casas Astrais -a existência de vida útil, e a cada momento conceituava no meu interior uma nova crença com relação à parte material e imaterial deste planeta.

– Agora vamos atravessar o portal da Décima Casa.

Caminhando em direção ao portal refleti sobre o nascimento dos gênios ou de pessoas que encarnam trazendo uma rica bagagem de conhecimentos, na maioria das vezes subutilizados devido ao desconhecimento das suas verdadeiras origens. Lembrei-me também da imensa maioria das pessoas que não têm acesso a conhecimentos tão essenciais sobre a totalidade dos seus corpos e de suas emoções, principalmente sobre sua condição de seres eternos.

Atravessamos o portal e, para minha surpresa, não vi praças ou jardins como nas demais Casas Astrais. A primeira imagem que surgiu diante dos meus olhos foi um campo de luz lilás.

Ao pisar nele senti uma vibração interna muito forte; pensei que sairia flutuando. A alegria intensificou-se, traduzida numa incontrolável vontade de cantar. Ouvi minha própria voz entoando a Ave Maria, e com isso a euforia foi diminuindo, substituída por uma intensa sensação de vitalidade. Meu desejo era trazer da esfera material todas as pessoas que pudesse, para dividir com elas aquele momento.

Penetramos a seguir num campo azul-turquesa. O que aconteceu neste momento é quase impossível de expressar em palavras. De alguma forma, entrei em contato com Luiza, depois com outras pessoas queridas da esfera material. Uma frase tomou conta de meu pensamento para dizer o que eu sentia: júbilo de diamante! Entendi que em meu coração brotava uma das formas da energia reprodutora.

– A energia reprodutora, Halu, reproduz tudo o que foi semeado e está presente na intenção que origina cada movimento: no sentimento, através das emoções; no mental, através do pensamento; e nas ações através dos projetos. Refletir na intenção de cada emoção, de cada pensamento, de cada projeto, torna mais sutil a energia reprodutora. A impulsividade e a ausência de reflexão, ao contrário, tornam a energia mais densa e o produto da reprodução será o caos. É importante não esquecer que a possibilidade de sutilar a energia reprodutora está sempre presente. É isto que faz diminuir a distância entre o homem físico e os espaços imateriais, internos e externos propiciando o *Religare* – que é o momento divino em que se dá a conexão entre a consciência do tempo presente e a totalidade da consciência passada. Esta aproximação fortalecerá a energia reprodutora coletiva do homem, a qual, em contato com o éter curativo, resgatará as energias-mãe do planeta Terra aproximando-as também de seu espaço de origem: a Criação.

Ainda no campo de luz azul turquesa, ouvi esta colocação de Cincinat e traduzi no meu sentimento ser muito mais fácil a utilização da força reprodutora para o crescimento: basta estar em contato com o corpo essência, com a intenção interna e não se desviar deste caminho.

Difícil é lidar com uma estrada que não é a nossa, repleta de desvios, distorções e falsas verdades. As ferramentas para o caos são densas, empreendedoras de sofrimento e dor, de regras obtusas de competição. Ao contrário, as ferramentas propiciadoras do crescimento são genuínas da

alma e as alcançamos com meditações, observando o simples emanar do personagem que a essência libera em busca de aprendizados.

Concluí que a ferramenta básica para o crescimento é a compreensão da condição e do tempo de cada personagem. Na maioria das vezes, o ato de competir e provocar dor estão nublando a intenção do querer aprender. Basta retomar a intenção e encontrar um caminho que leve ao aprendizado sem precisar ferir ninguém, inclusive a si próprio.

Naquele momento compreendi que as reproduções malévolas não são intencionais e sim inconsequentes, destituídas de consciência: quantas vezes desejamos algo que pertence a alguém. A intenção é querer o que acreditamos ser um bem: por desconhecermos os caminhos necessários à aquisição deste bem nós nos confundimos desejando o que pertence ao outro. Essa distorção nubla as nossas ações e projetos de aquisição.

O caminho é retomar a intenção primeira de querer um bem; em seguida buscar aprendizados para obtenção do nosso bem; ele estará sempre associado às nossas qualidades. As ações malévolas e as emoções densas são fruto da distorção, não da vontade deliberada de fazer o mal.

Sáímos do campo azul-turquesa e penetramos num campo amarelodourado, uma nuance tão forte e intensa que demorei um pouco para acostumar o olhar. Alguns momentos sob o fulgor desse campo fizeram-me retomar a intenção de escrever este livro, mesmo que fosse impossível abordar todos os temas aprendidos nas Casas Astrais.

A reflexão me fez compreender que, desde o momento que atravessara o portal da Décima Casa, experimentava uma profunda revisão interior de valores e conceitos, aliada à disposição de não medir esforços para concluir meu projeto.

– Procure conectar com as energias deste canal através do coração – orientou Meu Amigo.

Fiz como ele dizia e meu emocional preencheu-se de ânimo e discernimento para a conclusão do projeto.

Voltando a caminhar, penetramos num campo de cor verde como o oceano. Senti um pouco de frio e meu cordão umbilical etérico movimentou-se, fazendo com que minha concentração se voltasse para ele. Ao contrário do que eu sempre vira, o cordão perdera a coloração prateada assumindo um tom verde ligeiramente mais escuro que o do campo em torno.

Cincinat explicou que meu cordão umbilical etérico estava sendo revitalizado pela qualidade da energia local, condição importante para eu poder penetrar os outros departamentos da Décima Casa. O movimento do cordão diminuiu e me senti mais forte, mais presente. Saindo do movimento de viagem interior, minha atenção e sentimento tornaram a se comunicar com o externo.

Toquei no campo semelhante ao mar e foi como agarrar a neblina. Minhas mãos, depois meus braços, ficaram completamente verdes. Meu Amigo e Cincinat orientaram-me a seguir em frente. A coloração verde foi aos poucos se diluindo, sem desaparecer totalmente: permaneceu difusa, como se uma enorme lâmpada verde iluminasse o ambiente. Afinal, chegamos a um enorme prédio – dos maiores que eu já vira nas Casas Astrais.

– Nesse departamento estudamos a relação entre a energia sexual e o elemento água – explicou Cincinat. – Você já viu, em lições anteriores, que o atrito entre a energia amor e desamor gerou este elemento. Agora pode concluir que as energias-mãe do planeta Terra são variações da energia reprodutora, ou diferentes formas dessa energia.

Entramos no departamento. A luz verde continuava a banhar o ambiente. Percebi a diferença dos objetos logo que adentramos a sala. Pareciam mais imateriais do que os já conhecidos. Conectei com uma sensação de relaxamento profundo; neste momento uma voz vinda do meu interior me disse: “Halu, você desaprendeu a pressa”.

Busquei o sentido daquela frase e concluí que, por algum tempo, acelerara o passo para acompanhar o aprendizado nas Casas Astrais.

Quando retornei do mergulho, Cincinat convidou-me a observar um painel que mostrava um campo áurico onde poderíamos observar o encontro da energia sexual com o amor. Surgiu na parede um painel trazendo um foco de luz azul.

– Observe Halu, os pequenos pontos incolores na projeção do azul não são falhas na projeção, mas a presença etérica do elemento água. Apresentam-se incolores porque a projeção pertence a alguém que ainda não qualificou totalmente a polaridade antagônica do amor, ou seja, o desamor. Vejamos agora esta segunda imagem.

Apareceu no painel a projeção de um campo áurico de cor laranja, com alguns pontos marrons. Cincinat retomou a palavra.

– Aqui temos um campo áurico que retrata o encontro da energia sexual com o desamor. A cor laranja retrata vigor do atrito corpóreo material para a busca da satisfação unicamente física. Os pontos marrons retratam a qualidade da água. No primeiro painel, apesar das pessoas que desenvolveram este campo áurico ainda não terem qualificado totalmente a polaridade antagônica do amor, já atribuem ao sentimento o momento que estão vivenciando. No segundo painel, as pessoas ainda não atribuem este momento ao sentimento, responsabilizando as necessidades físicas pela vivência que praticam. Essa também é a diferença entre a atuação sexual como fonte de alimentação e a atuação sexual como fonte de liberação. Quando o elemento água está atuando como liberador, apresenta-se na cor marrom. Agora, vamos ver um terceiro painel.

Surgiu então um campo áurico azul que, segundo Cincinat, representava o elemento água totalmente purificado, ou seja, pessoas que desenvolveram este campo já qualificaram a força antagônica do amor e obtém da atuação sexual uma fonte rica de alimentação.

Recomendando-me que estudasse bastante aqueles painéis, Cincinat passou à projeção de uma mulher grávida. Não dava para ver claramente o rosto, mas do abdômen aos pés a visão era perfeita, incluindo a imagem do feto no líquido amniótico. A projeção da aura da mãe, nas laterais do abdômen, também aparecia com nitidez, apresentando-se em cor laranja com pontos marrons.

– A qualidade energética da atuação sexual interfere diretamente no líquido amniótico e o feto convive com essa qualidade na sua formação. Vamos examinar mais de perto o bebê.

Apareceu outra imagem igual à do segundo painel acrescida do cordão umbilical etérico do feto, que se ligava ao da mãe, e a um terceiro (que Cincinat explicou ser o do pai), todos apresentando a mesma cor alaranjada com pontos marrons. Em seguida, este cordão saindo do pai dirigia-se para cima, apresentando coloração esverdeada.

– O verde representa a ação do éter curativo introduzindo-se no corpo etérico da criança ainda nas Casas Astrais com o objetivo de curar ou qualificar o pai, a mãe e o feto. A condição energética presente no momento da geração acompanhará a criança até o nascimento. Aí, ela conectará com a sua própria energia reprodutora. A partir desse momento, passa a ser responsabilidade da força do sentimento conectar essa criança com

qualidades energéticas mais sutis, que propiciarão um cordão umbilical etérico mais sutil.

Meu silêncio refletia o espanto que me invadiu. Esta foi uma das mais fortes experiências por mim vivenciadas nas Casas Astrais. O que dizer? O que perguntar? Meu Amigo segurou minhas mãos, e com esse gesto restituiu-me a paz interior. Compreendi como era importante a presença dele ao meu lado. Durante o encontro, ele quase não falou, mas trabalhou em silêncio para que eu estivesse no lugar onde estava.

Passamos a seguir para um painel que projetava a imagem de outra gestante e do feto que carregava no ventre. Nas laterais, o campo áurico da mãe compunha-se de diversas nuances de azul, e o cordão umbilical etérico do feto, ligando-se à mãe, ao pai e se dirigindo para cima, apresentava em todo o seu trajeto inúmeros pontos dourados.

– Esta criança foi gerada no amor, Halu – disse Meu Amigo. – Assim, torna-se desnecessária a aplicação do éter curativo. As Casas Astrais estão emitindo forças maternas, que se expressam através da cor dourada para os três, fortalecendo o contato entre eles. Esta herança que o feto está recebendo o acompanhará até o momento do parto. A sequência do processo é a mesma do primeiro caso. É óbvio que o corpo da segunda criança não precisará trabalhar no sentido de purificação do cordão umbilical etérico. Ou desenvolverá esta qualidade energética herdada ou danificará a herança a depender da condição que o personagem emanado coloque à disposição da força do sentimento, do pensamento, para que seja multiplicado pela energia reprodutora. Vamos observar outra questão do contexto. O convívio da mãe com o líquido amniótico também interage no campo áurico, promovendo rupturas ou consistência. Rupturas são aberturas no campo áurico que diminuem a condição de proteção que este campo oferece. Consistência é a renovação da qualidade energética que se encontra no campo áurico, promovendo o aumento da proteção.

– O que é esta proteção? – perguntei.

– Uma das funções do campo áurico é particularizar cada espaço para onde se desloca o corpo físico, ou seja, para onde quer que se dirija está envolto em energias peculiares ao seu desenvolvimento, evitando, dessa forma, a introdução de energias antagônicas oriundas de outros corpos ou de outros espaços.

– E o campo áurico do pai?

– Este não tem qualquer contato com o líquido amniótico, porém se comunica e interage com o cordão umbilical etérico do feto. Os resíduos energéticos deste contato produzem o mesmo resultado, ou seja, de consistência ou de ruptura.

Questionei, então, sobre o campo áurico do feto.

– Você já viu em outra lição que o campo áurico do bebê é constituído no momento em que ele respira, assumindo a encarnação.

Neste momento veio-me à memória a cena de Meu Amigo conduzindo-me a um hospital da esfera material para que eu acompanhasse o processo de nascimento.

– Sim, claro, o canal transportador especial que conduz o corpo imaterial da criança para se incorporar ao corpo físico transforma-se no campo áurico – lembrei.

– Vamos estudar a possibilidade de você testemunhar outro nascimento, Halu. Com isso, terá mais recursos para se aprofundar no estudo deste tema. Agora é preciso retornar à esfera material. Fique tranquila que haverá outros encontros com Cincinat.

Antes de me retirar, voltei a olhar o painel que apresentava a imagem do campo áurico azul. Respirei aliviada, acreditando no crescimento e na evolução do planeta Terra. Mais uma vez agradei a Deus e a meu Cristo interno o contato com esta qualidade de espiritualidade que ensina os “como” e os porquês” do caminho do crescimento.

20. ENCARNAÇÃO ADIADA

Passados alguns dias, ao desmembrar, Meu Amigo convidou-me para visitar uma maternidade na esfera material sugerindo que antes eu meditasse na intenção daquela visita.

– Será uma experiência muito forte, em que você vai precisar de muita maturidade e discernimento – avisou.

Na sala de parto, encontramos Omar e Otília à nossa espera. Fomos informados de imediato que o quadro da parturiente era difícil.

– As complicações diminuíram, mas ainda há riscos – disse Otília.

Logo chegaram mais dois trabalhadores das Casas Astrais para auxiliar Omar e Otília. Os quatro dirigiram-se para a maca onde a gestante fora colocada. Estavam muito concentrados. De suas mãos emanava uma luz verde que concluí ser éter curativo. Neste momento, Meu Amigo recomendou-me que buscasse uma postura de centramento, o que fiz acalmando meu emocional.

Passados alguns minutos, os trabalhadores das Casas Astrais afastaram-se um pouco e trocaram um olhar significativo com Meu Amigo.

– Está na hora – disse ele, colocando-me numa posição em que eu pudesse observar tudo sem atrapalhar a equipe médica.

Vi o canal transportador e, dentro dele, o corpo imaterial do bebê. Desta vez, com a visão mais ampliada, pude ver o cordão umbilical etérico que o unia à mãe. Havia muita tensão no ambiente, manifestada pela turbulência e alternância de cores no canal transportador. O cordão umbilical também balançava muito, provocando movimentos descontrolados no corpinho do bebê. Braços e pernas agitavam-se intensamente, dando-me uma visão bem diversa do primeiro nascimento que eu assistira.

Os trabalhadores das Casas Astrais caminharam até o canal transportador, ergueram as mãos e transfundiram éter curativo, tentando controlar a situação. Neste momento, surgiu outro canal totalmente dourado, que envolveu o primeiro, estendendo-se até à mãe. Passados alguns minutos, o cordão umbilical etérico que unia mãe e filho diminuiu sua agitação; os acontecimentos sucederam-se rapidamente. O corpo

imaterial do bebê e seu canal transportador desapareceram da minha vista. Voltei-me mais uma vez para os trabalhadores das Casas Astrais e percebi o momento em que trocaram um olhar com Meu Amigo, acompanhado de um sorriso que me acalmou.

– Agora está tudo bem – comunicou-me.

Em segundos o bebê estava nas mãos do obstetra. A tensão fora substituída por um clima de alegria que contagiava a todos.

Cumprida sua missão, Omar, Otília e os trabalhadores das Casas Astrais voltaram serenamente para seus postos na esfera imaterial, enquanto Meu Amigo e eu nos dirigíamos para as margens do rio da Segunda Casa. Ali ele me falou sobre a criança que acabara de nascer.

– Desde a concepção estabeleceu-se um clima de desarmonia entre o casal. O mental de ambos dava mais importância às futilidades de um encontro, não avaliando a profundidade do acontecimento. A criança, concebida nessa artificialidade, só foi percebida quase dois meses depois de consumada a gravidez.

– O nascimento não foi combinado pelos três no período pré-encarnatório?

– Este sim. Algumas pessoas no planeta Terra, porém, mantêm-se tão afastadas da origem que as gerou que se distanciam da realidade de também poder gerar. Este afastamento leva o mental racional a conectar com a energia sexual avaliando simplesmente o prazer físico e emocional do contato. Com tal procedimento, a concepção torna-se para o mental racional uma surpresa, agravada pela rejeição, sufocando as determinações e os quereres acatados pela alma no período pré-encarnatório. Como a natureza é sábia, tiveram mais sete meses para a retomada.

Meu Amigo explicou, então, que no sétimo mês de gestação o querer do encarnando conquistara o carinho dos pais para a sua chegada, tendo realizado a tarefa através da comunicação pelo cordão umbilical etérico.

– Até então vivera pressionado pelo sentimento de rejeição. Essa situação gerou a turbulência energética que você presenciou na hora do parto.

– Por que o cordão umbilical etérico balançava tanto?

– Por estar captando toda esta mobilização incomum para o momento, ou seja, um aglomerado energético bem mais dinâmico. O usual nestes momentos seria o cordão estar recebendo uma carga de energias de fusão do material com o imaterial. Como se somaram a este trabalho outras energias

ocorreu o aceleração, ocasionando incômodos para o bebê, evidenciados nos movimentos por estar captando o contexto energético. O canal transportador dourado é um concentrado energético de proteção à harmonia. Executando sua função, neutralizou a movimentação no cordão umbilical etérico, bem como no corpo imaterial do bebê.

Perguntei-lhe quais as consequências de um nascimento naquelas circunstâncias.

– No nível energético certo desgaste que pode enfraquecer o sistema imunológico da criança. No plano emocional, consequências em relação à segurança e à auto-estima, gerando quadros de medo, ansiedade e distúrbios como gagueira, desarranjos intestinais, demora para andar, problemas com o sono. Nos casos mais graves, é provável que a criança enfrente dificuldades em se restabelecer das doenças comuns na infância. Quando a energia reprodutora da criança assume sua função, estas consequências podem ou não desaparecer dependendo da aceitação ou rejeição do personagem que a essência está emanando.

Recapitulando a conversa com Cincinat pensei no quanto havia ainda para aprender e pesquisar. Vi-me envolvida por uma sensação de cansaço, misturada com desesperança. Perguntei ao meu Deus com o coração: “Embora tudo pareça tão fácil, o que leva as pessoas a se distanciarem tanto de sua alma, do seu religare, de sua condição interna?”.

Confrontei com o peso real do corpo físico e suas necessidades. Tornei a perguntar ao meu Deus por quê e escutei uma voz falando, de mim para mim, que discursava sobre valores, que explicava como o tangível, o palpável, ocupa o nosso mental.

É preciso uma profunda reflexão sobre a materialidade. Esta parte do nosso corpo, do universo, não é nem mais nem menos importante do que as demais. Se a tornamos mais importante, naturalmente estamos deixando de receber influências que nos são imensamente necessárias. Se a consideramos menos importante, bloqueamos a expressão dos nossos componentes imateriais através do físico-material. Com estes pensamentos senti a esperança se renovar. E a estranha sensação de cansaço desapareceu por completo.

– Vejo que já está restabelecida, Halu. Agora vamos retornar ao hospital, onde dentro de alguns minutos acompanharemos outro parto.

Da entrada da maternidade avistei um rapaz na varanda, no final do corredor. Meu Amigo orientou-me a observá-lo. O jovem mostrava-se

calmo, em postura de concentração. Ao nos aproximarmos, percebi que, de alguma forma, ele sentia a nossa presença. Olhou para trás e para os lados sem perder a calma. Meu Amigo buscou uma postura de concentração e concluí que ele estava emanando algum tipo de energia em direção ao campo áurico do rapaz. Retomamos nossa caminhada, deixando-o com seus pensamentos. Era sem dúvida uma experiência interessante estar ali sem que ninguém visse.

Decorridos alguns minutos, Meu Amigo indicou ser o momento de irmos para o centro cirúrgico, onde chegamos junto com a equipe médica. A gestante estava acordada, conversando tranquilamente. Perguntava como seria o trabalho, recebendo como resposta sorrisos e brincadeiras. Percebi que condição energética do ambiente era muito harmônica e favorável. Sintonizei para ver o campo áurico coletivo, que mostrava as cores rosa e amarelo.

Chegou o canal transportador trazendo os trabalhadores das Casas Astrais. Meu Amigo informou a um deles que a gravidez transcorreria com muita tranquilidade, fazendo prever um nascimento sem qualquer complicação.

Ficamos esperando em silêncio, logo surgiu o canal transportador com o bebê. Todo o canal apresentava-se na cor prata. O cordão umbilical que unia mãe e filho balançou levemente; o bebê parecia estar dormindo. Como sempre, foi tudo muito rápido: quando percebi a criança já estava nas mãos do médico, que, após examiná-la, entregou-a a mãe. A cor do campo áurico coletivo transformou-se em azul, o mesmo azul que vi quando observava os painéis com Cincinat.

Deixei-me ficar alguns minutos alimentando meu emocional com os resíduos presentes. Saímos do centro cirúrgico e nos dirigimos à varanda. O rapaz que encontramos antes – o pai do bebê – ainda não havia sido informado do nascimento, mas senti que estava alegre.

– No nível emocional ele já sabe, Halu, recebeu a informação pelo cordão umbilical etérico.

Dirigimo-nos para um jardim, dentro do hospital, e Meu Amigo explicou que a predominância da cor prata no canal transportador indicava que apenas as energias responsáveis pelo processo de encarnar estavam atuando. As demais, naquele momento, estavam neutralizadas, simplesmente existindo.

Permanecemos por um tempo em silêncio para que eu pudesse elaborar a experiência e compará-la às lições com Cincinnati junto aos painéis.

– Como você está bem vamos acompanhar outro processo de nascimento. Este é um caso difícil. Mais de uma vez chegou-se perto da interrupção da gravidez por complicações emocionais que interferiram na saúde física da mãe e do feto. Acompanhar este nascimento vai lhe dar subsídios para escrever sobre esses processos. Sintonize o seu olhar buscando alcançar o campo áurico das pessoas.

Ao passar pela sala de espera, escutei vozes falando ao mesmo tempo. Parei para observar. As pessoas davam mostras de grande nervosismo, andando sem parar, fumando e gesticulando muito. O campo áurico coletivo apresentava cor vermelha, confirmando o estado emocional produzido no ambiente.

Percebi que Meu Amigo procurava me amadurecer para a experiência. Busquei uma postura de concentração e senti movimentação energética no meu chakra cardíaco. De minhas mãos emanava uma energia azul turquesa.

Voltamos ao centro cirúrgico e, no corredor, encontramos pessoas muito nervosas, aflitas, algumas chorando; imaginei serem familiares da parturiente. Uma enfermeira tentava acalmá-las, sem sucesso. Um médico, com autoridade, conseguiu fazê-las retornar à sala de espera:

– Seria importante que toda a preocupação apresentada aqui tivesse sido utilizada durante a gravidez. Às vezes penso que algumas pessoas só na hora do parto tomam consciência de que um novo ser humano está para chegar ao mundo – comentou bastante irritado.

Entramos na sala de parto. No instante seguinte, a parturiente era trazida numa maca. Percebi claramente seu nervosismo e sua angústia. Começou o trabalho da equipe médica: anestesia, soro, oxigênio, a tensão era preocupante. Concluí que os trabalhadores das Casas Astrais estavam demorando. Surgiu um canal transportador trazendo dois médicos da Primeira Casa.

– Eles vão se somar aos médicos do plano material para trabalharem no sentido de salvar a vida da mãe.

– E o parto? E a criança?

– Resolveu não assumir a encarnação. Vamos acompanhar esse processo.

Seguimos para a Primeira Casa, especificamente para um salão dentro do hospital. Entramos em silêncio e identifiquei Mônica entre a equipe espiritual. Todos estavam em volta de um bebê que chorava bastante. Seu cordão umbilical etérico ainda estava presente. Percebendo não ser o momento para perguntas, mantive a postura de concentração e continuei observando. Vi quando também entrou a mãe do bebê e me assustei.

– Calma, Halu, não há nada de errado com ela. Observe que está em desmembramento, foi trazida até aqui para amparar o bebê e receber tratamento.

A mãe tomou o filhinho nos braços e imediatamente o cordão etérico dele apagou-se. Com isso, o choro cessou e ele entrou num sono tranquilo. Uma atendente colocou-o numa encubadeira de formato ovóide, feita de um material que me pareceu vidro muito fino, através do qual pude ver uma névoa azul clara envolvendo seu pequeno corpo. Ainda pude ouvir as palavras que a mãe lhe dirigia:

– Fique tranquilo, teremos outra oportunidade. Da próxima vez vamos dedicar mais e tudo vai dar certo.

Mônica conduziu-a a outra sala e um enfermeiro trouxe-lhe um copo com água do rio da Segunda Casa e ela regressou à maternidade na esfera material. Olhei para Meu Amigo e raciocinei, dentro da minha emoção:

– Percursos de uma estrada – disse em voz alta, procurando compreender o que acabara de testemunhar.

Que percurso seria este que acabei de conhecer? Imaturo, à espera da maturidade? Mal elaborado, à espera de ser refeito? Ao mesmo tempo, busquei lógica para o meu sentimento, como se isso fosse possível. Tentei repetir mentalmente, diversas vezes, que este acontecimento que acabara de acompanhar não era o primeiro, nem mesmo raro. A todo o momento sabemos notícias de uma encarnação interrompida no momento do parto. No entanto, acompanhar o processo foi uma experiência muito forte, principalmente por agora saber que muitos desses acontecimentos não estão na sequência normal de um aprendizado, ou seja, em alguns casos há interrupção e adiamento de um aprendizado.

Retornei com Meu Amigo para a natureza da Segunda Casa. Às margens do rio, auxiliada pelas águas, retomei meu centramento. Inspirei-me no motivo de estar tomando consciência de todos esses acontecimentos e me amparei na conclusão de que o objetivo da minha presença ali não era eu me entristecer, muito menos me amargar, e sim me unir com pessoas

que acreditam no crescimento e na evolução no nível de consciência no plano material.

Perguntei a Meu Amigo se todas as crianças que se recusavam a encarnar passavam pelo mesmo processo.

– A maioria – respondeu. – Se a harmonia permanecer, a mãe será trazida sempre que desmembrar para continuar a relação com o filho. Trabalharemos no sentido de que o pai também a acompanhe para estreitar os laços familiares.

Fiquei intrigada com a expressão “se a harmonia permanecer”. Meu Amigo explicou:

– É necessário que o querer dos pais, no sentido de ter outro filho, se mantenha. Infelizmente, nem sempre isso acontece.

Eu quis saber, então, o que acontecia quando a mãe não acompanhava o bebê até à creche.

Meu Amigo respondeu que, nesse caso, as Casas Astrais empenham-se em buscar a pessoa mais indicada para acompanhar a criança. É importante que seja uma pessoa com ligações emocionais com o bebê, alguém que já o conheça e que tenha desenvolvido com ele uma relação afetiva.

– Graças a Deus, sempre há alguém nessas condições: mães ou pais de experiências anteriores, em suma, almas afins.

Prosseguindo, Meu Amigo assinalou a necessidade de compreendermos que não somos exclusivamente filhos dos nossos pais, nem exclusivamente pais de nossos filhos.

A cada instante, em algum lugar do planeta, uma criança está nascendo, e podemos contribuir em todos os nascimentos. Quando nos enamoramos de alguém, mas ainda não é o momento de com esta parceria gerar, é importante estar registrado em nosso sentimento que um dia geraremos – e o parceiro também – e tratá-lo como se ali já houvesse a presença de uma encarnação, pois se ela não existe no nível material, estabelece-se no nível imaterial um contato com aqueles que futuramente serão nossos filhos.

A energia reprodutora humana é sensivelmente mobilizada pelas emoções de amor, carinho, ternura, atração. Quando isso acontece, a energia reprodutora é mobilizada aproximando o contato com aqueles que encarnarão através do par envolvido e também individualmente. Mesmo que este par não tenha filhos comuns, provavelmente serão pais e mães. A partir desse momento, inicia-se a concepção no nível imaterial. As almas

que encarnarão através destas pessoas sentem o amadurecimento desenvolvido na relação. E têm condições de prever a qualidade de emoção que os pais ou o pai e a mãe estão germinando e se sentem seguros ou inseguros, tranquilos ou intranquilos, definindo a sua condição de ser encarnado através da captação desta qualidade energética.

Ao ouvir esta lição, percebi com mais profundidade a responsabilidade de um ser humano ao se aproximar de outro, mesmo sem intenções mais profundas. E abro um parêntesis, convidando o leitor a me acompanhar nessa reflexão: que resíduos energéticos estamos deixando com as pessoas pelas quais nos sentimos atraídos? Qual a qualidade energética de nossas trocas sempre que conhecemos alguém? A depender da relação que estabelecemos, informamos ao outro sobre nossos registros e também trazemos para os nossos centros energéticos emocionais os registros de quem conhecemos.

Acrescentarei aqui a energia reprodutora, que é mobilizada sempre que alguém nos desperta uma emoção particular. Saber que neste momento estamos mantendo um contato com quem um dia propiciará a encarnação de um ser, com certeza há de nos fazer refletir mais sobre os registros que levamos a este alguém e os registros que estamos imprimindo em nosso emocional, bem como no emocional de alguém à espera de notícias do planeta Terra.

Que recados tenho mandado? Com esta reflexão deixei-me ficar às margens do rio da Segunda Casa.

21. AS FUNÇÕES DO CAMPO ÁURICO

Ao acordar na manhã seguinte minha alma estava calada. Quando relatei à Luiza as experiências da noite anterior, senti que mais uma parte dela se envolvia com meus estudos e descobertas. Algo a tocou profundamente e ela me respondeu passando a dedicar mais tempo a meus relatórios sobre as Casas Astrais.

A decisão favoreceu bastante o trabalho. Escrevendo juntas despertávamos para alguns pontos que seriam abordados de modo mais claro. Discutíamos, debatíamos os temas trazidos da esfera imaterial. Assim este livro começou a ganhar corpo.

Luiza convidou algumas pessoas para conhecer meus temas de trabalho; algumas delas somaram-se a este estudo e minha vida tomou outro rumo. Como Meu Amigo havia dito: sem pressa e com muita naturalidade. As pessoas convidadas trouxeram outras, o que nos levou a fazer viagens para exposição dos temas já elaborados. Essa atividade com um círculo cada vez maior de pessoas, fosse qual fosse a reação delas ao me ouvir fortalecia em mim a vontade de concretizar este livro.

Era evidente a disposição de Luiza em me auxiliar na tarefa; a alegria que eu costumava sentir nas Casas Astrais – e que até então raramente me visitava no mundo material – passou a ser mais constante.

E assim me identifiquei: quando o sol está na esfera material, acordo com ele; e quando acordo com a lua alimento-me para os estudos e trabalhos na esfera imaterial. Posso dizer que encontrei minhas casas, meus lares, e agora sei o endereço deles, que um dia julguei desconhecer.

Passaram-se algumas noites até eu rever Meu Amigo. Quando isso ocorreu ele me disse que eu deveria retomar meu aprendizado com Cincinat. À noite, ao deixar o corpo ao labor do sono, caminhei tranquila para a Décima Casa. Encontrei Cincinat no Salão de Recepção e lhe manifestei a vontade de aprender mais sobre o campo áurico.

– Como você sabe, Halu, as energias mobilizam nossa atuação: expressamo-nos através de suas influências. Individualmente obtemos do campo áurico qualidades energéticas necessárias para influenciar as diversas atuações específicas ao nosso crescimento evolutivo.

– Por isso, meu campo áurico é diferente do seu, que por sua vez difere do de Meu Amigo e das demais pessoas devido ao fato de que cada um de nós tem aprendizados diferentes a concretizar – disse eu.

– Exatamente, Halu. Não existe campo áurico padrão. No entanto, a condição de entrar em contato com as energias existentes no campo áurico é igual para todas as pessoas, pois todos os seres têm um lado esquerdo e um lado direito. No esquerdo está toda a condição criativa, compreendida como a condição das energias manterem-se mais fixas, esperando a oportunidade de nos influenciar a projetar, querer, desejar.

Perguntei se as funções energéticas do lado esquerdo e direito eram diferentes.

– Muito diferentes, Halu. Um bloco energético do lado esquerdo assume condição criativa, inspiradora. Quando este bloco consegue informar sua presença ao corpo mental, começa uma nova fase. Agora é o momento de ele inspirar o corpo mental sobre a maneira de se utilizar da sua existência. Quando este contato é elaborado pelo mental, muda-se o procedimento do campo áurico e as energias se dirigem para o lado direito de acordo com sua utilização.

Lembrei-me de algumas vezes ter-me sentido inspirada para executar uma tarefa, mas depois tê-la abandonado por prejudicar impossível sua realização.

– Este é o desfecho quando não se permite a sequência natural do trabalho das energias. Veja um exemplo: se você precisa distribuir um litro de água e para realizar a tarefa tem apenas um copo de 250ml, precisa dividir o trabalho em quatro fases, do contrário desperdiçará 750ml de água, pois o copo entorna assim que estiver cheio. Transfira esta compreensão para o circuito energético entre as fases de inspirar e executar. Quando ele não ocorre em ritmo natural acontece uma invasão energética do lado direito, que culmina com execução mal feita ou simplesmente com o abandono do projeto. Neste último caso, a energia acumulada sem circulação acaba por se deteriorar, gerando as consequências que você já conhece.

Na sala dos painéis, Cincinat acionou um pequeno aparelho e alguns desenhos de campos áuricos surgiram no painel. Voltando-se para o primeiro deles, Cincinat assinalou:

– Observe, Halu, aqui do lado esquerdo as energias à espera do momento certo para se introduzirem no corpo mental, propiciando a

inspiração. As cores densas, escuras, que você vê no lado direito retratam energias não utilizadas em deterioração.

Notei um bloco de cores sutis, claras, no lado direito, e perguntei o que significavam:

– São energias que estão sendo bem executadas. As tarefas relacionadas com elas encontraram a condição necessária para se expressar; daí refletirem cores sutis e harmônicas.

Neste momento pensei no espelho. Quando estamos alegres e buscamos nossa imagem no espelho, ele reflete beleza e harmonia. O campo áurico é um dos muitos espelhos que refletem nossa condição energética interior. Cincinat concordou que aquela era uma forma coerente de explicar o campo áurico: um espelho que reflete a nossa condição imaterial. E com essa observação encerrou os trabalhos por aquela noite.

Ficou combinado que eu retornaria à esfera material para poder observar as manifestações dos campos áuricos em algumas pessoas nos seus ambientes doméstico e profissional.

Segui com Meu Amigo para a Primeira Casa e, no salão de recepção, encontramos Otília e Omar.

– Eles vão acompanhá-la nesta tarefa – comunicou Meu Amigo, despedindo-se.

Seguimos por outro canal transportador e, para minha surpresa, chegamos à casa de Rogério, o rapaz que eu acompanhara no processo de obsessão. Ele voltara a morar com a mãe e a irmã, ia muito bem na faculdade e, de modo geral, estava feliz com o novo rumo de sua vida.

Chegamos à casa de Rogério por volta de 01h30min da manhã. Encontramos o rapaz mergulhado nos estudos. Omar recomendou-me que colocasse a mão esquerda sobre o plexo solar, prestando atenção à circulação do oxigênio na região.

Fiquei assim por alguns minutos e, em seguida, recebi instruções para focar toda minha atenção sobre Rogério. Percebi movimentação energética entre os chakras plexo solar e frontal, acompanhada de ardor nos olhos. Quando os abri, divisei em volta de Rogério um campo de luz formado por muitas cores. Fiquei simplesmente maravilhada. De repente, sem qualquer aviso, a visão desapareceu. Decepcionada, voltei-me para Omar e Otília. Ela me tranquilizou, dizendo que a reação era normal e esperada: a emoção interrompeu o processo. Pela primeira vez visualizava com profundidade o campo áurico de uma pessoa encarnada.

– Acalme-se e refaça o trabalho que tudo dará certo – afirmou Otília.

De fato, logo pude apreciar por mais tempo o campo áurico de Rogério.

– Cada bloco colorido que você vê corresponde a uma energia diferente – explicou-me Omar.

Fiquei ali, observando o campo luminoso que envolvia todo o corpo de Rogério, do alto da cabeça até os pés. Guardei a visão sem querer interpretá-la ou saber mais sobre o seu significado. Com certeza, teria muito tempo para isso.

Quis agradecer a Omar e Otília, mas já aprendera que o melhor agradecimento é encontrar uma forma de tornar mais útil os ensinamentos que eles me haviam confiado.

Mais tarde, ao encontrar Meu Amigo nas margens do rio, falei-lhe da minha experiência:

– É impressionante que exista tanta energia imaterial à volta do corpo físico sem que as pessoas encarnadas o percebam!

– Sim, Halu. A constituição imaterial difere muito da constituição material, e a ponte de contato entre as duas existências são as emoções. Através delas pode-se perceber o campo áurico e seu aglomerado energético.

Perguntei-lhe, então, sobre a diferença entre a energia humano-carnal e as energias humano-etéricas que acabara de ver ao entrar em contato com o campo áurico de Rogério.

– A diferença está na potencialidade. As energias humano-carnais proporcionam potencialmente a permanência das forças sutis na esfera material do planeta; as energias humano-etéricas propiciam potencialmente a externalização das forças sutis da alma e de seus registros para o corpo carnal. Por exemplo: através das energias que emanam de Luiza você viverá com mais harmonia na esfera material; suas energias humano-etéricas somadas às humano-carnais que emanam de Luiza farão você compreender melhor as informações e experiências que traz dessas visitas às Casas Astrais, tornando mais fácil traduzi-las para outras pessoas.

– E se Luiza se desinteressar desse trabalho?

Meu Amigo respondeu-me com serena convicção que nós duas havíamos nos preparado no período pré-encarnatório para o desempenho da missão que agora se abria diante de nós.

De regresso à esfera material, em meu reencontro com Luiza ocorreu o inesperado. Ela me perguntou se correra tudo bem durante a noite e, em vez de responder, fiquei em silêncio, paralisada pelo que estava vendo.

– O que há com você, Halu? Está sentindo alguma coisa? – disse ela, preocupada.

Não respondi. Simplesmente, acontecera de novo. Meus olhos arderam e, de repente, divisei com toda a clareza o campo áurico em torno de Luiza.

– Fale comigo, Halu. Você está bem?

Continuei em silêncio, temendo que ao responder a visão se desvanecesse. Agora apareciam outras cores: laranja, vermelho, alternando-se; e o azul bem claro, aos poucos ficando mais escuro.

Senti as mãos de Luiza nos meus ombros. Resolvi dizer o que se passava, mesmo temendo perder aquela magnífica visão.

– Estou focando seu campo áurico, minha amiga. Vejo tudo: as cores, os movimentos...

Raimunda, a auxiliar doméstica de Luiza entrou na sala e, ao me voltar para ela, também divisei sua aura. Poucos momentos depois as visões desapareceram e me senti muito cansada.

Quando retomei o fôlego, comuniquei a Luiza o que Meu Amigo dissera sobre sua preparação antes de encarnar. Luiza não se mostrou surpresa; apenas perguntou o que deveria fazer.

– O que você aprendeu em suas lições individuais: manter-se calma, emocionalmente equilibrada e com pensamento e sentimento em harmonia – respondi.

As palavras fluíram de minha boca sem esforço. Suspeitei não estar sozinha e, de fato, olhando para cima, percebi Omar no canal transportador, inspirando-me a falar com Luiza.

Luiza orientou-me em alguns exercícios corporais – eu sentia necessidade de relaxar. Após o relaxamento, tornei a ver o campo áurico de minha amiga. Ela me pediu que o descrevesse.

– É um halo colorido à sua volta. Algumas cores permanecem, outras são substituídas. Meus olhos ardem, mas mesmo assim continuo vendo.

Ouvi a voz de Omar em meu auxílio:

– As duas primeiras camadas da aura você vai ver sempre e aprenderá a lidar bem com essa condição. As outras camadas exigirão concentração e novos desenvolvimentos, mas no devido tempo também poderá vislumbrá-las.

Repeti a informação que Omar me dera, e assim passei o dia contemplando os campos áuricos das pessoas da casa. À noite criei coragem e contei a Luiza minha descoberta: já nos conhecíamos antes de encarnar. Ela não se mostrou surpresa, retrucando que já havia pensado na possibilidade.

– Saber eu não sabia, mas já desconfiava, Halu. Veja bem, você tem estes processos e há tempos eu os estudo. Os exercícios, as meditações que aprendi servem direitinho para você lidar com a vida.

Percebi que Luiza estava emocionada. Prosseguindo, ela disse que ainda não elaborara sua crença, mas que no coração sentia que a idéia de termos nos conhecido antes fazia muito sentido.

Falei-lhe então de minhas últimas experiências, do encontro com Rogério, das observações de Meu Amigo sobre a complementação das energias humano-carnais e humano-etéricas. Ao expor meus processos, sentia que nossa afinidade crescia cada vez mais.

Quando terminei já era bem tarde. Fomos dormir e logo desmembrei. Ao encontrar com Meu Amigo na Segunda Casa, perguntei-lhe sobre as camadas da aura.

– A aura tem uma configuração superficial e outra profunda – expôs com a clareza que o caracterizava.– A superfície aural compõe-se de duas camadas; a parte profunda, de mais duas. As primeiras estão relacionadas com cada minuto da existência: pensamentos diários, emoções; enfim acontecimentos cotidianos. As outras retratam as constantes da vida, compondo-se, por isso, de energias mais fixas. Se você observar a primeira camada, notará que as cores mudam rapidamente, pois refletem as mudanças do pensamento, minuto a minuto. Esta camada também protege as mais profundas de registros banais, que serão utilizados por pouco tempo. A segunda camada é responsável pela seleção energética a ser transferida para a terceira camada. Observe que quando uma ação ou pensamento passa a se repetir com frequência, ocorre o acúmulo de energia na primeira camada que atinge a segunda. A partir desse momento, passam a trabalhar as energias inteligentes existentes no campo áurico ao longo de toda a existência, ao longo de todas as encarnações. A função dessas energias inteligentes é trabalhar nesta seleção: sedimenta-se apenas o que é julgado importante. A terceira e quarta camadas representam níveis energéticos cada vez mais sutis e patamares de seleção e sedimentação mais exigentes. A terceira responsabiliza-se pela qualidade energética que

utilizamos dentro da encarnação, e a quarta recebe a seleção do que se fixará em nosso campo áurico para toda a Eternidade. Em suas primeiras experiências, você está conseguindo contemplar a primeira e a segunda camadas aurais. Com o tempo, chegará a divisar todas.

– Então, trabalhando com Luiza há condição de transmutar energias humano-etéricas para os chakras dela?

– Sim, naturalmente, e ela transmuta energias humano-carnais para você, propiciando-lhe conforto tanto na esfera material como aqui nas Casas Astrais.

– E quando Luiza vem à esfera imaterial ela leva esta qualidade de energia-etérica nos seus chakras?

– Vamos devagar, Halu. Luiza visita as Casas Astrais, porém destina-se a estudos de outras áreas e ela ainda não emanou vontade de armazenar energias do éter nos chakras. Você precisa compreender que esta qualidade energética que seus chakras estão absorvendo terá uma finalidade muito importante no planeta Terra; já Luiza manter seus chakras recheados de energia-carnais possibilitará a própria emanção das energias dos seus chakras, perfazendo um trabalho em conjunto. Quando isto começar a acontecer, você compreenderá melhor o que estou falando.

Disse-lhe então que gostaria de retomar nossa conversa anterior para saber mais sobre as energias humano-carnais e etéricas. Ele sorriu e começou a falar imediatamente:

– Energias humano-carnais são aquelas liberadas pelo envolvimento do corpo carnal com o corpo emocional. Cada vez que sentimos uma emoção, o corpo material reage de alguma forma – pela respiração, por reflexos, por sorrisos... Tais procedimentos materializam a qualidade energética deste tipo de emoção. Já as energias humano-etéricas representam uma qualidade energética que ainda não se encontra no corpo carnal-material do planeta Terra. Por exemplo, quando você vem aqui estudar nas Casas Astrais absorve um quantum de éter carregado deste tipo de energias. Ora, ao interagir com Luiza num trabalho comum, você transfunde aos chakras dela energias etéricas, enquanto ela lhe passa energias carnais que proporcionam maior conforto a você na esfera material.

Perguntei então ao Meu Amigo como identificar uma energia no campo áurico, isto é, como saber a que camada pertence.

– Muito simples, Halu. Até agora você consegue ver as energias pertencentes à primeira e segunda camadas. Para atingir um nível mais

profundo passará por um aprendizado.

– Quando conversava com Luiza e Raimunda, eu notei algumas energias junto delas: isso se refere à primeira e segunda camadas?

– Sim, com certeza.

– Agora eu me lembro melhor que havia uma alternância de cores e nuances. É realmente muito interessante.

Decidi que precisava ficar um pouco em silêncio e tirei o olhar de Meu Amigo, desviando-o para o rio da Segunda Casa. Visão maravilhosa! Senti a calma visitando meu emocional: como era bom trabalhar assim! Agradei a Deus mais uma vez por tantas coisas ricas e interessantes que estava aprendendo. Agora Meu Amigo ensinava-me mais sobre o campo áurico. E pensar que eu não acreditava que isso existia. Quanta força, meu Deus; quantas existências imateriais em volta de nosso corpo. Será muito importante o corpo material alcançar um desenvolvimento para atingir com mais clareza as existências imateriais.

– Acredito nisso, Halu.

Surpresa, perguntei a Meu Amigo se ele estava ouvindo meus pensamentos. Ele riu com simplicidade e continuou:

– Os pensamentos sempre falam alto por estarem carregados de energias emocionais. Voltando ao que você estava pensando, a parte material do planeta Terra já alcançou um nível de evolução muito importante. Hoje todos os seres sentem a presença emocional que existe em suas células, nos seus órgãos. Isso indica-nos o momento de ampliação para o contato imaterial.

– Gostaria de retomar a colocação sobre ouvir meus pensamentos por soarem altos devido à presença de energias emocionais. Isso tem relação com as energias humano-carnais?

– Sim, Halu, você percebeu. Para mim, suas energias humano-carnais são muito óbvias, muito claras. Quando estamos sem o corpo carnal, como é o meu caso, a imaterialidade que existe na imaterialidade das emoções faz-se muito presente. Por isso, posso escutar seus pensamentos. Na parte material do planeta, quando você consegue captar sentimentos e pensamentos de alguém pela simples observação do que emana de seu olhar, também está fazendo isto: escutando o sentimento, o pensamento, com ausência do som verbalizado.

– De fato, às vezes um olhar fala muito alto.

– Sim, para quem já sabe escutar o imaterial.

Voltamos a fazer silêncio e ficamos nos escutando pelo olhar, movimento de mãos, suspiros. Compreendi com mais profundidade o que significa conectar com as energias emocionais. Meu Amigo – apesar de não ter corpo carnal (e por isso não ter energias humanas carnis) – falava-me através de suas energias humano-etéricas. Um novo tipo de alegria visitou meu coração. Denominei este momento de admiração e contentamento pelo mundo, pelas existências, pela rica presença que existe em todo ser vivente.

Decidimos andar um pouco. Senti que precisava me movimentar. Esta nova qualidade de alegria despertava-me efusão na alma. O contato com as imagens e os amigos das Casas Astrais acalmava este movimento, diluindo para outros habitats a energia que se avolumava em minha alma.

Pela manhã, logo que acordei Luiza estava à minha espera para me contar um sonho diferente dos que costumava ter. Ao final do relato, concluiu dizendo:

– A experiência de hoje trouxe-me a certeza de que estive em outra dimensão. Quem sabe um dia eu possa me lembra dessas vivências com clareza.

– Sim Luiza. Mantenha-se no seu motivo. Quando comecei a visitar as Casas Astrais, meus amigos falavam muito nisso, no motivo. Isto é muito importante para manter o campo lógico em alerta, de forma a absorver estas informações.

Passei a lhe contar sobre minha noite. Meu Amigo havia falado sobre as camadas das auras. Luiza ocupava-se em tomar notas. Voltamos a falar do livro. Ela observou, então, ser muito importante retratarmos esta experiência com a máxima fluidez possível.

– Não vamos nos preocupar nem nos ocupar, pelo menos nesse momento, com a forma de escrever. Preocupe-se agora em narrar as experiências tais como aconteceram.

A ponderação de Luiza trouxe muita tranquilidade para minha alma. Sempre que pensava em escrever, a maior preocupação ficava por conta de como falar de coisas muitas vezes indescritíveis, só traduzíveis pela experiência.

Dando continuidade aos meus estudos, passei a observar com atenção o campo áurico das pessoas, especialmente o de Luiza. Pedia-lhe que se lembrasse de uma situação triste, retendo o pensamento. Imediatamente o azul da camada externa de sua aura assumia tonalidades mais densas, mais escuras. Outra vez, solicitei-lhe que se concentrasse na leitura de um livro.

Momentos depois, a cor amarela em seu campo áurico ampliou-se bastante, tornando-se, por alguns minutos, a cor predominante na camada externa. Assim, fui aprendendo a identificar as variações cromáticas da aura com os sentimentos e emoções, em grande parte graças à paciente colaboração de Luiza.

– Faz algum tempo, Halu, aprendi que a cor amarela presente no campo áurico tem a ver com a intelectualidade. É certo? – perguntou Luiza um dia.

Respondi que, pelos ensinamentos de Meu Amigo, cada cor indicava a presença de um aglomerado energético e sua função específica.

Combinamos continuar a pesquisa.

Escolhemos o sábado para nossas experiências por ser um dia que Luiza não atendia no consultório. Passamos várias horas trabalhando e escrevendo sobre os resultados.

À noite, em desmembramento, comentando tais experiências com Cincinat, ele me convidou para visitar o campo de luminosidade colorida na Décima Casa. Como da primeira vez, pensei que ia flutuar e cantei. Cantando, senti que me adaptava dentro da luz. A princípio senti um pouco de frio, porém nenhum incômodo. Um leve frescor envolvia meu corpo, elevando meus pensamentos. Todo o meu corpo cantava, num ritmo muito harmônico. Bailei as mãos no campo luminoso, procurando me diluir e fazer parte dele. Alguns minutos depois, senti-me integrada. A elevação emocional ainda estava presente. No entanto, voltei a conectar com a presença de Cincinat. Sorrimos juntos, ele segurou minhas mãos e percebi o que queria me dizer. Sentamo-nos de frente um para o outro.

– Sublime sensação – disse eu, iniciando o diálogo.

– Este é o potencial energético desta parte do campo de luz; faz-nos sentir a presença da elevação já alcançada por nossa alma.

– Seria maravilhoso se esta sensação permanecesse para sempre.

– No entanto, Halu, a alma também tem ocupações, e uma delas é conduzir esta elevação para a densidade existente em nosso emocional, visando torná-lo mais sutil, mais sublime. Quando isso acontece, sentimos a presença da nossa própria luz e trevas, e nesses momentos não conseguimos captar a elevação fluida de nossa alma.

– Por esse motivo, a sensação não é permanente.

– Sim, se assim fosse nosso conteúdo luz não se aproximaria de nosso conteúdo treva. A presença da cor lilás em um campo áurico indica o

aglomerado energético responsável por essa qualificação. Este espaço da Décima Casa contém componentes energéticos que confeccionam a energia reprodutora. Todas as pessoas – quando encarnam e conectam com sua energia reprodutora individual – têm acesso a componentes energéticos parecidos com os desse campo. Digo parecidos porque a qualidade da energia é muito individual. É muito importante colocar em movimento esse aglomerado energético existente no campo áurico das pessoas, promovendo assim o contato com outras fontes de energia.

– Você se refere à densidade existente no emocional, ou seja, à presença de energias densas em busca de qualificação?

– Refiro-me a todos os outros aglomerados energéticos. Para você compreender melhor, procure se lembrar da experiência com Luiza. Fixe no pensamento o momento em que você viu crescer e ampliar a cor amarela. A leitura desenvolve o potencial intelectual existente no campo áurico e na alma. Esse é um dos aglomerados energéticos. Aproximar o aglomerado energético lilás do potencial intelectual transforma o teor do aprendizado em luz, que deixa de ser apenas conhecimento e passa a ser um saber. O aglomerado lilás existente em toda energia reprodutora tem esta condição de transformar o produto de cada aglomeração em iluminação. Quando se aproxima de uma energia densa... Você já sabe o que é uma energia densa, certo?

– Acredito que sim: são energias relacionadas às expressões emocionais inferiores, tais como raiva, inveja, incompreensão e pensamentos dessa natureza.

– Pois bem, continuando: quando o aglomerado energético lilás existente nos campos áuricos aproxima-se de expressões emocionais inferiores, auxilia na inversão de sua condição, promovendo a qualificação. Com esta aproximação a luz se manifesta dentro das trevas. Mas vamos prosseguir a experiência.

Cincinat levantou-se e caminhamos até a parte azul-turquesa do campo de luz. Fui invadida por um transbordante sentimento de amor, como da primeira vez em que por ali passara. Lembrei-me de todos os seres a quem amo, meu coração bateu mais forte e uma vibração interna intensa fez minhas mãos tremerem. Olhei para Cincinat e percebi que ele queria dizer algo. Sentei-me para ouvi-lo:

– Assim como o aglomerado lilás, o aglomerado azul-turquesa também existe na energia reprodutora individual. Difere apenas a qualidade

energética desenvolvida por eles: a função específica do aglomerado azul-turquesa é a cura. Na verdade, amor e cura são duas formas de se expressar o potencial dessa energia, mas no fundo eles são a mesma coisa. Amor é a causa; a cura, efeito ou consequência do trabalho deste aglomerado energético. Quando o amor se expande, a cura também se expande. A aproximação do aglomerado energético azul-turquesa produz e amplia a conexão com o amor universal, ensinando-nos a amar até mesmo o que não conhecemos.

As palavras de Cincinat bateram fortemente no meu emocional, como se ele houvesse lançado luz sobre as minhas trevas. Com essa sensação, veio-me a imagem de algumas pessoas caminhando para uma fonte com jarros vazios nas mãos. Caminhavam até a fonte, enchiam os jarros, algumas bebiam, outras apenas contemplavam a paisagem, outras ainda se satisfaziam enchendo os jarros e devolvendo a água à fonte. O movimento destas últimas identifica-se com minha sensação de preencher e esvaziar meu interior.

Concluí que chegara o momento de reciclar meu amor – minha cura. Nesse instante vieram-me ao pensamento as palavras de Jesus: “Aquele que vier a mim jamais sentirá sede”. Permaneci em silêncio não sei por quanto tempo sentindo apenas que algo inteiramente novo se formava em meu emocional.

Ao abrir os olhos, não encontrei Cincinat. Ouvi, porém, sua voz dizer-me:

– Permita-se agora mergulhar em suas trevas, Halu.

Fiquei indecisa sobre o que fazer, o que me trouxe a sensação de incômodo e ansiedade.

Percebi que a tonalidade azul-turquesa à minha volta tornava-se mais escura. Uma nova imagem surgiu-me na mente: pessoas olhavam árvores secas, desfolhadas, com galhos frágeis. Um choravam com o rosto na terra, outras proferiam grandes lamentos, apertando as mãos e gritando palavras desconexas. Outras ainda abraçavam os troncos, procurando infundir-lhes vitalidade. Esta última imagem trouxe-me uma idéia: conduzir o amor-cura para minha árvore interna, que me parecia tão seca e desfolhada como aquelas da paisagem.

Abri os olhos e percebi que Cincinat me aguardava. Perguntei-lhe por que desaparecera e ele respondeu que, durante o meu mergulho, eu penetrara em registros que a ele não pertencia. Por isso eu deixara de vê-lo.

Refletindo sobre o que ele dizia, concluí que, de fato, ele não fazia parte da minha aridez. Ao contrário: ajudava-me a levar água fresca para os meus desertos.

Senti-me sobrevoando uma paisagem desértica, árida, com uns poucos oásis de longe em longe. Em um deles avistei, sob a copa de uma árvore, a figura de Luiza. Continuei minha peregrinação, agora caminhando sobre a areia, e vi Meu Amigo bebendo água. Um pouco mais à frente, Otília, Omar, Amonrhebe. Concluí que, assim como as pessoas que davam vitalidade às árvores secas, eles traziam vida e objetivos à minha existência. Senti um pungente aroma de éter, que me trouxe de volta do meu mergulho.

O pequeno campo azul-marinho à minha volta reassumira o tom turquesa. Antes do meu regresso à esfera material, Cincinat fez-me uma recomendação:

– Ao acordar pela manhã procure manter esta condição emocional que você apresenta agora e não saia de casa. Peça a Luiza que a oriente em exercícios de relaxamento e escolha alimentos leves e líquidos. Omar e eu temos um convite a lhe fazer em nosso próximo encontro. Aguarde nossa comunicação.

Voltei sem nenhuma vontade para a esfera material. À tarde senti muito sono, um sono diferente; deitei-me, mas não consegui dormir. Deitada, com os olhos fechados, experimentei sensações até então desconhecidas – uma espécie de encontro com todas as partes do meu corpo. Apesar de imóvel, percebia todo o movimento dos órgãos internos. A sensação espalhou-se pelas pernas, joelhos, coxas; imaginei meus ossos como pedras dentro do oceano, imóveis, mas providas de vibração. Agora, os braços soltos sobre a cama, sem nenhum peso. Mexi os dedos da mão e pensei em meu corpo como se fosse um piano. As batidas do meu coração e o pequeno ruído da respiração reproduziam o som do instrumento.

Recordei-me de Luiza falando sobre um corpo vivo: “Uma bomba pulsante”. A sensação deslocou-se para a garganta, boca e olhos. Repassei na lembrança algumas imagens: a luz entre as nuvens, as estrelas do céu claro, o acaso... Agora imaginei meu corpo como se ele fosse o planeta: terra, água, fogo e ar. Vislumbrei minhas emoções como um ser vivo, sobrevivente deste planeta corpo, e vi minha alma como um ente que vive, dono do planeta corpo, aprendiz e mestre do ser sobrevivente. Saindo desta viagem de auto-conhecimento, vi Omar no meu quarto.

22. VISITA AO UMBRAL

Quero convidá-la a visitar um plano da esfera imaterial onde você verá atuações da energia reprodutora em estados de desarmonia e desequilíbrio – disse Omar.– Este plano não está no nível vibratório das Casas Astrais. Nele concentram-se pessoas desencarnadas que ainda não se permitiram uma aproximação com a Luz, vivendo envolvidas com suas próprias trevas, alimentadas com as emoções do eu inferior.

Após uma pausa, certamente para me dar tempo de assimilar aquelas informações, Omar prosseguiu:

– Aqui na parte material do planeta você já deve ter ouvido falar no Umbral. É para lá que em breve nos transportaremos. As sugestões de Cincinat foram uma preparação para que seu emocional se mantivesse em equilíbrio e harmonia. Não é função nossa fazer qualquer troca energética na instância que vamos visitar. Preencha seu coração com a crença em Deus e com energias superiores. Caminharemos em silêncio. Deixe todas as perguntas para a nossa volta.

Já durante a viagem no aerobus percebi que estávamos nos dirigindo a um espaço muito denso: senti uma espécie de enjôo, e meu chakra cardíaco apresentou alterações, como se quisesse expelir algo. Do lado de fora, o céu mostrava-se toldado por nuvens muito escuras. Percebendo meu desconforto, Omar recomendou que me concentrasse na intenção da visita. Fazendo um esforço, consegui que a razão voltasse a comandar meus pensamentos.

Descemos num campo árido onde pessoas desencarnadas vagavam sem destino. Antes que eu perguntasse qualquer coisa, Omar explicou:

– Aqui no Umbral as energias são mal utilizadas; por isso tornam-se muito densas. Estas pessoas estão elaborando culpas por ações praticadas durante a passagem pela esfera material. Ainda não aprenderam que a melhor forma de resgatar um erro é se responsabilizar por ele numa outra oportunidade encarnatória.

Perguntei se as pessoas ficavam sempre assim, andando sem rumo, com o olhar perdido.

– Essa é a impressão que se tem. Porém, cada uma projeta à sua volta os pesos existentes no pensamento e no sentimento. Você aprendeu com Cincinat que essas ferramentas se somam para registros de experiências. Pois bem, estas pessoas estão “vivendo” absortas nesses registros. Vamos nos aproximar.

Caminhamos em silêncio para perto de uma moça que falava alto e gesticulava desordenadamente.

– Eu precisava dele, ele era meu, não foi minha culpa, tudo aconteceu por causa daquela mulher...

Voltei-me para Omar. De olhos fechados, ele projetava uma luz verde com as mãos.

– Estou tentando fazer contato – informou-me, sem abrir os olhos.

Nesse momento a moça deu-se conta da nossa presença. Encarou Omar com expressão de medo:

– O senhor é o delegado? Não me prenda, por favor, eu não tive culpa de nada.

– Não, não sou o delegado, sou seu amigo.

– Acusaram-me da morte dele, jogaram-me na cadeia, mas eu fugi e vim parar aqui. Mesmo assim, meu marido me persegue, os policiais me procuram, tenho de viver correndo. Olha só, lá vêm eles de novo, preciso escapar, socorro, socorro...

Antes que Omar pudesse detê-la, saiu correndo pelo campo árido. Olhei na direção que ela havia indicado, procurando ver o marido e os policiais. Não havia ninguém. Quando Omar percebeu minha incompreensão, lembrou-me de que não era o momento para perguntas.

– Registre apenas, Halu. O diálogo gera uma troca energética e a orientação que temos é para conversar o mínimo possível.

Continuamos andando e logo encontramos um rapaz que, com ar aflito, olhava em determinada direção. Novamente Omar fez contato por meio da luz verde projetada de suas mãos. Só então o rapaz reparou que estávamos ali...

– Você também está esperando o ônibus? – perguntou para Omar.

– Que ônibus, meu amigo?

– O que me leva para o trabalho. Estou aqui há horas e ele não passa.

– Por que não espera em outro lugar?

– Que lugar? Este é o meu ponto. Se ele passar e eu não estiver aqui, perco meu emprego. Você não sabe o quanto me custou conseguir a vaga.

Tive de passar meus colegas para trás, mas fazer o quê? O mundo é dos espertos, não é mesmo?

– O ônibus que você espera não virá, meu amigo – disse Omar, tentando acalmar o rapaz. – Se você quiser, posso colocá-lo em outro ônibus...

– Qual é a sua, espertinho? Tá pensando que sou ingênuo? Sei muito bem que você quer que eu perca o ônibus para ficar com meu emprego. Vai andando, cara, acabou a conversa.

Sem nada responder, Omar seguiu em frente. Fiquei observando o rapaz, que continuava no ponto de ônibus imaginário, olhando as horas num relógio de pulso que não existia, numa ansiedade de fazer dó.

Poucos minutos depois nós nos deparamos com uma senhora já bastante idosa sentada numa cadeira de balanço. Mais uma vez, Omar conseguiu contato e ela começou a falar.

– Vocês de novo! Se for recado da minha família, não quero nem saber. Colocaram-me aqui sem meu consentimento e agora querem me levar para o hospital. Não estou doente, não estou louca, por que querem me internar?

Omar perguntou-lhe se ela se lembrava de quem a deixara naquele lugar. Ela respondeu que não.

– Isso aqui não é asilo, minha senhora – informou-lhe Omar, dizendo que, se desejasse, poderia ser transportada para um lugar mais confortável.

Irada, ela se negou a sair de onde estava acrescentando que ali sentia fome, frio, desconforto, mas que o sofrimento haveria de provocar remorsos nos familiares por terem-na abandonado daquele jeito.

– Sabe o que sinto por eles? Ódio, ódio...

Observando melhor, pude ver em torno da velha senhora um campo áurico marrom muito escuro, com pontos quase pretos na região dos chakras cardíaco e frontal. Nesse momento, Omar comunicou que estava na hora de voltar.

Antes de subir no aerobus ainda pude ver o rapaz no ponto do ônibus envolto num campo marrom idêntico ao da senhora abandonada, porém localizado na região do chakra básico. Já a moça que fugia apareceu-me em meio a um campo de cor vermelha recheado de pontos negros: a densa nuvem de energia negativa emanava de todos os seus chakras.

No salão de recepção da Primeira Casa, Otilia me esperava, preparada para me amparar. De fato, a experiência me deixara exausta. Bebi bastante água, impregnei-me da tranquilidade dos jardins, e assim consegui superar

o impacto da visita ao Umbral. Já refeita, percebi a aproximação de um jovem que, visivelmente, desejava falar comigo. Apresentou-se como Jerônimo e disse que até pouco tempo estivera no local que eu acabara de conhecer. Compreendi a intenção de Otília e me dispus ao diálogo.

– No Umbral, a culpa, o remorso e hábitos mesquinhos formam paredes invisíveis que nos impedem de sair. É algo como se intoxicar com um alimento deteriorado: enquanto não o eliminamos, é impossível assimilar qualquer outro nutriente.

Depois, informou-me que deixara o Umbral há pouco mais de um ano. Ainda se sentia deprimido pelos mesmos motivos que o haviam prendido àquele local por quinze longos anos.

– Você é muito jovem, ainda não teve tempo de armazenar dores, decepções, maus passos, ressentimentos. Procure não acumular esses sentimentos negativos – digo isso baseado na minha experiência.

Fiquei curiosa em saber como ele conseguira sair do Umbral.

– Eu recebia visitas de pessoas aqui do hospital da Primeira Casa, mas não me permitia escutá-los ou compreendê-los. Um dia veio-me à memória o tempo em que, ainda criança, eu acreditava em Deus, em Jesus. Lembrei-me também de uma oração que fazia antes de dormir, repeti-a e me senti melhor. Em seguida vi uma luz, e por dentro dessa luz uma estrada florida. Caminhei por ela e vim parar aqui na Primeira Casa. O carinho e a atenção que recebi me fizeram conviver mais tranquilamente com minhas culpas e remorsos. Continuo fazendo os trabalhos prescritos e me sinto cada dia mais forte.

– E o que você pensa fazer quando não mais precisar desses trabalhos?
– perguntei.

– Ainda não sei, também não tenho pressa. Agora preciso ir. Seu nome é Halu, não é? Quando voltar para a esfera material, pode contar a todos esta nossa conversa; vou me sentir útil.

Falei para Jerônimo que pretendia escrever um livro narrando meus aprendizados. Nós nos despedimos e segui para a Décima Casa, onde Cincinat me esperava. Ao chegar, fui informada por uma assistente que me dirigisse ao “prédio” dos painéis. Isso significava passar pelos campos de luz sozinha.

– Algum problema? – escutei Estela, a assistente de Cincinat, que percebendo minha indecisão tentava me ajudar.

– Não, tudo bem!

Andei um pouco e atravessei um portal que me conduziu ao campo de luz lilás. Senti se dissipar minha insegurança e explodir a alegria interior. A imagem do rosto de Jesus surgiu no meu pensamento. Falei alto, para mim mesma: “Este sim, soube zelar por Seus propósitos, amar a Seu Pai-Deus. Como é importante acreditar na Eternidade, nas múltiplas oportunidades que a paciência divina coloca à nossa disposição. Se todos acreditassem nessa realidade, o Umbral seria um jardim tão lindo quanto os demais do mundo espiritual”.

Ao entrar na luz turquesa, senti mais presente meu amor-cura. Ampliando meus pensamentos e sentimentos por Jesus, vislumbrei a possibilidade de fazer algo pelas almas do Umbral, somando-me, se possível, aos trabalhos de resgate realizados pela Primeira Casa Astral.

Prosseguindo, atingi a luz amarela e me senti mais fortalecida na minha alegria. Finalmente, cheguei à luz verde e avistei Cincinat à minha espera. Envolvida numa torrente de emoções, abracei-o como quem abraça um pai amado.

Começamos a conversar sobre minha experiência no Umbral e eu quis saber como aquelas almas tinham ido parar lá.

– Quando certas pessoas desencarnam e não sabem procurar a assistência das Casas Astrais são trazidas para a Primeira Casa. Entretanto, se a culpa, os remorsos, enfim, registros densos se manifestam, essas pessoas projetam uma estrada com tais símbolos – e esta estrada as conduz ao Umbral.

– Por que não são mantidas no hospital da Primeira Casa? – admirei-me.

– Isso implicaria em desrespeito ao livre-arbítrio, ou seja, numa interferência descabida na forma pela qual essas almas decidiram avaliar suas experiências encarnatórias.

Lembrei-me de Jerônimo falando da digestão e eliminação do alimento deteriorado. Perguntei então a Cincinat se ele conhecia a história da moça que encontramos no Umbral.

– Sim, e vou contá-la a você. Quando encarnada, esta jovem casou-se – imagine com quem? Com Jerônimo, que você viu há pouco. Muito bem, os dois acabaram se separando e ele encontrou outra pessoa. Sentindo-se abandonada, traída, presa de distúrbios emocionais intensos, ela acabou por assassiná-lo. Foi julgada, condenada e terminou se suicidando na prisão. Até hoje, porém, não aceita fatos; acredita-se encarnada, perseguida pela

polícia, vítima do marido. Projetou esta estrada e se mantém nela, em fuga permanente. De fato, está sempre fugindo, mas da realidade, dos acontecimentos que lhe trazem culpa, remorso e ódio da segunda companheira do ex-marido.

Perguntei se os dois haviam se encontrado no Umbral e Cincinat respondeu que felizmente não, pois Jerônimo trilhara uma estrada diferente.

– Ele não alimentou ódio pela esposa, mas se culpa por tê-la abandonado. Assim, sua estrada levou-o a outro ponto do Umbral.

Fiquei intrigada com o “felizmente” pronunciado por Cincinat e ele explicou.

– O encontro no Umbral teria aprofundado os sentimentos negativos de ambos, dificultando a superação das dificuldades. Não se encontrarem foi bom para os dois.

E o rapaz do ponto do ônibus. O que Cincinat sabia sobre ele?

– Desencarnou atropelado a caminho do trabalho. Ele ainda acredita estar no mesmo local e mantém o temor de perder o emprego caso chegue atrasado. Isso porque obteve a vaga por meios não muito lícitos.

– Mais uma vez, a culpa impedindo a evolução.

– Exatamente, Halu. Quanto à senhora que se sente no asilo, durante a encarnação desenvolveu com os filhos um relacionamento baseado na chantagem emocional. Assim, mandava e desmandava na família, jamais permitindo outra verdade que não fosse a sua. Desencarnou na casa de um dos filhos, com quem morava, mas não conseguiu aceitar a “morte”, preferindo a idéia de ter sido abandonada num asilo. Assim, imagina estar punindo os filhos. Já foi informada, inúmeras vezes, do seu desencarne, mas se recusa a aceitá-lo.

Perguntei a Cincinat por que utilizamos o aerobus e não o canal transportador para irmos ao Umbral.

– A densidade energética daquele local não permite a atração destes canais. Agora, vamos analisar os campos energéticos que envolvem essas pessoas – respondeu.

Enquanto falava, fixei-me na aura dele e percebi uma esplêndida fusão de azul, lilás e dourado cobrindo-o por inteiro como um manto de luz. A visão encheu-me de paz e felicidade, pois confirmou a sensação de que a minha capacidade de percepção dos campos aurais ampliava-se a cada dia.

De repente me senti cansada; percebi ser o momento de retornar à esfera material. Marcamos encontro para tarde do dia seguinte.

Quando acordei, Luiza já havia chegado e, como de costume, esperava para ouvir as novidades. Escrevemos juntas a experiência, que a impressionou bastante.

– O comportamento das pessoas no Umbral lembra muito o dos doentes internados em hospitais psiquiátricos.

Nesse momento, comecei a transpirar abundantemente. Minha blusa grudou na pele, fiquei molhada como se tivesse apanhado chuva. Ficamos nos olhando, sem saber o que fazer. O suor escorria por minhas pernas e pés, molhando também o chão. A voz de Omar trouxe-me um pouco de tranquilidade:

– Nada de susto, Halu. Você está liberando a qualidade densa que absorveu no Umbral. Peça a Luiza que lhe dê bastante água. Beba devagar para acalmar a sede.

Nesse momento percebi um odor desagradável no ar. Perguntei se aquele cheiro horrível estava saindo de mim. Omar confirmou, recomendando-me que tomasse um banho prolongado.

– É provável que apareçam outros sintomas – advertiu-me. – Vômitos, diarreias, febre.

Informei a Luiza o teor da minha conversa com Omar e ela se colocou a postos para me socorrer no que fosse preciso. Durante o banho, comecei a sentir náuseas (como sentira ao me aproximar do Umbral). Identifiquei uma circulação energética incômoda em torno do chakra cardíaco vomitei e me senti melhor. Luiza envolveu-me num roupão branco, aconchegante, e me convidou para sentar na varanda, onde a brisa marinha me ajudou a superar o mal-estar.

Deitei, dormi, acordei me lembrando de um sonho: estava em Cachapregos tomando banho de mar, brincando com a areia. Levantei-me leve, bem disposta, revitalizada. Como era domingo, Luiza reuniu a família – nessa altura, eu já me sentia da família – e fomos à praia. Passei um dia divertido vendo a Cristina surfar e Rafael jogar bola com um amigo.

Dediquei meu sentimento ao plano material. Olhei ao redor e me percebi mais próxima das pessoas. Conversei, sorri, fiz novos amigos. Dei-me conta da infinita riqueza encerrada em um dia comum da esfera material.

À noite, ao desmembrar, Omar comunicou que iríamos mais uma vez ao Umbral. A lembrança da viagem anterior deixou-me preocupada, mas afinal eu tinha uma tarefa a cumprir, aquilo fazia parte do meu trabalho.

Logo à entrada, num espaço denominado “zona do silêncio”, encontramos um rapaz sentado no chão, olhando as próprias pernas. Omar procurou insistentemente entrar em contato com ele, sem sucesso. Fomos em frente, encontrando outras pessoas na mesma posição. Nenhuma respondia às tentativas de Omar.

Chegamos a um espaço que me lembrou o cenário de um velório. Algumas pessoas deitadas, imóveis, com as mãos cruzadas sobre o peito. À sua volta, outras, de joelhos, como se estivessem rezando. Levantei os olhos e, até onde a vista podia alcançar, a cena era a mesma, uma verdadeira multidão naquela estranha atitude.

De repente, percebi que Omar, concentrado, tentava mudar a direção de nossos passos. Simultaneamente, um canal de luz prateada surgiu sobre nossas cabeças. Senti uma espécie de torpor e dificuldade para respirar. Omar olhou-me no fundo dos olhos e tomou minhas mãos, recomendando-me calma. Entramos no canal exatamente no momento em que grupos irados corriam em nossa direção para nos atingir. Felizmente estávamos protegidos pelo canal.

– Basta, Halu, você já viu o suficiente – disse Omar, convidando-me a caminhar até o aerobus.

Fomos afastando-nos devagar, sempre dentro do canal de luz para evitar as hostilidades. Alguns manifestantes seguiram-nos até determinado ponto, depois desistiram e retornaram para o seu reduto. Encontrar Meu Amigo no aerobus foi uma imensa alegria depois da terrível experiência que acabara de viver. Há dias não o via; a saudade emergiu do emocional, abracei-o com força.

– Hoje você passou por uma dura lição – ponderou ele, acrescentado: – O que acaba de ver, porém, é extremamente importante para que compreenda os diversos tipos de desfechos das experiências encarnatórias. Você visitou o espaço mais denso do Umbral. Naquela região estabeleceram-se grupos que se intitulam inquisidores.

Consultei meu arquivo mental para rever informações sobre os inquisidores e a Inquisição ou Santo Ofício. Meu Amigo estaria se referindo a esse episódio negro da História humana?

– Exatamente, Halu. Inquisidores, os que matavam em nome de Deus. Ainda hoje eles se imaginam voltados para essa missão.

Fiquei em silêncio, como soterrada por aquela descoberta. Meu Amigo prosseguiu:

– Logo que você e Omar entraram no Umbral passaram pela “zona do silêncio”. O primeiro rapaz que encontraram já está conseguindo sair do processo de apatia e ausência de vida útil que impregna os seres que desencarnam convencidos de que nada os espera depois da morte carnal. Enquanto encarnado, este rapaz acreditava firmemente na morte como o fim de tudo. Pensamento e sentimento somaram-se para estabelecer esse registro, o que dificulta a abertura do campo onde estão registradas as crenças para uma nova realidade.

Perguntei-lhe como conseguiria sair desse enquadre.

– Isso só é possível com o tempo somado às vibrações em forma de prece, emanadas de parentes e amigos que estão em outro nível de crescimento.

Observei que o rapaz me parecia hipnotizado. Meu Amigo respondeu que, de fato, ele estava hipnotizado por suas próprias verdades. Por esse motivo não conseguiu fazer contato com Omar: ainda não registrara a existência de Almas e de vida útil nelas.

– E as pessoas deitadas como se estivessem mortas?

– Estão no estágio em que se encontrava o rapaz anteriormente. Registraram que a vida termina com a morte física e permanecem na mesma posição do velório. As pessoas que rezam ao lado delas tentam fazê-las voltar à vida. Mas não ficam o tempo todo ali. Você fez sua visita no momento denominado “amparo à região do silêncio”.

Reparei que região do silêncio era a expressão adequada para designar aquele espaço.

– Ouço falar, na esfera material, que a morte é um descanso. Aquelas pessoas estão descansando? – indaguei.

Meu Amigo disse que, infelizmente, este não era o caso.

– Ao saírem desse estado, elas relatam experiências penosas na forma de sonhos muito incômodos. Muitas delas aprisionam sua consciência ao corpo carnal, vivenciando as angústias da putrefação da própria carne.

Senti um arrepio no tornozelo subindo até a nuca. Percebendo meu desconforto diante da informação, Meu Amigo permitiu-me uma pausa. Recompus-me ao contemplar as águas do rio. Logo ouvi sua voz retomando a conversa:

– Muitas pessoas relatam ter revivido, na forma de sonho, experiências negativas e dolorosas do período encarnatório. E observe que não há

duração prevista para esta etapa. Alguns ficam assim durante semanas, outros durante séculos.

Assinalei que aquilo me parecia o Purgatório. Meu Amigo disse-me que a interpretação estava correta para quem acreditava em Purgatório e nessa trajetória para perfazer sua evolução.

Conversamos um pouco mais sobre o assunto, e ao dizer a Meu Amigo que o ataque que sofrêramos no Umbral mexera de tal forma comigo que eu não conseguia reproduzir direito a experiência, ele me convidou a visitar Cincinat na Décima Casa Astral. Admirei-me da mudança de planos, mas ele esclareceu:

– Lá poderemos ver a gravação de todo o episódio.

Fiquei ainda mais surpresa. Gravação? Como? Eu não vira câmeras ou qualquer objeto que pudesse ter registrado aqueles acontecimentos!

– Desenvolvemos um instrumento acionado pela energia reprodutora, mas isso não vem ao acaso. Vamos lá?

Ao chegarmos, Cincinat acionou o painel e revi toda a cena, desde que pisamos no Umbral até o momento em que o canal de cor prateada nos envolveu; pude então ouvir o que os agressores diziam. Na hora do acontecimento, o canal isolara totalmente o som externo.

– Bruxos! Feiticeiros! Hereges! Precisamos exterminá-los!

Eram os inquisidores em sua fúria tentando nos destruir. Meu Amigo destacou que alguns deles estavam convencidos de que éramos de fato inimigos de suas crenças. Outros, porém, agiam em defesa de interesses materiais, usando a força e a violência para impedir possíveis mudanças de situação que pusessem em risco seus privilégios. Informou ainda que alguns inquisidores haviam sido resgatados dessa condição, passado pelas Casas Astrais e até reencarnado. Outros, porém, continuam aferrados aos seus dogmas, e outros ainda se reuniam num espaço chamado “Plano Inverso” em que cultuavam idéias e pretensões antagônicas às praticadas nas Casas Astrais.

Pedi mais informações sobre o tema, mas Meu Amigo observou que, no momento, não poderia revelar mais do que já dissera. Aceitei o seu silêncio e me voltei para os painéis, onde Cincinat projetou a cena de Omar tentando contato com o rapaz “hipnotizado”. Notei em torno dele uma espécie de massa fluídica cuja cor foi impossível precisar.

– A essa forma de campo energético, de vitalidade mínima, chamamos massa opaca. Nela as energias apresentam-se deterioradas e sem função

magnética. Por isso ele não consegue captar as energias nem a presença de Omar. A propósito: a deterioração decorre da descrença na vida útil após a morte, por isso, ele parou de conectar com as energias de seu campo.

Impressionou-me a solidão do rapaz e a total obstrução de seus chakras, que perderam a condição de captar e liberar energias. Meu Amigo, no entanto, observou que o rapaz estava melhorando e um sintoma disso era a forma como olhava para as pernas.

– Ele sofreu um acidente grave, demorou muito para ser socorrido. Desencarnou no hospital durante uma cirurgia em que teve as pernas amputadas. A postura de observação das pernas indica um começo de contato com a memória.

Em seguida Meu Amigo chamou minha atenção para as pessoas deitadas, em volta delas flutuava aquela massa fluídica cinzenta, mais clara ou mais escura. Já as pessoas que oravam ajoelhadas apareciam envoltas num campo de luz violeta.

– A energia violeta promove a revitalização e conexão com a memória. Através dela muitos conseguem sair do estado de apatia em que se encontram. Foi o que aconteceu com o rapaz. Levará ainda algum tempo até que aflorem os registros de seu inconsciente, pois ele já viveu outras encarnações e, naturalmente, passou por outras experiências de desencarne. Quando isto acontecer, conseguirá estabelecer algum contato com o exterior, e aí decidirá dar prosseguimento à sua trajetória de crescimento.

Voltei a insistir na hipótese de levar as pessoas em tal condição diretamente para o hospital.

– A experiência já foi feita, Halu. No entanto, a demora para conectar com a atual realidade é ainda maior. No Umbral vivem sua crença, vou lhe dar um exemplo: uma criança conhece o fel, embora nunca o tenha experimentado; por algum motivo, julga-o doce e saboroso. Se você lhe oferecer mel, vai recusar, pois para ela bom é o fel. Só quando colocar cada um deles na boca conhecerá a verdade.

– E se for obrigada a provar o mel?

– Seria uma invasão ao livre-arbítrio, Halu. A descoberta só tem valor e se consolida quando encontrada pela própria pessoa, por mais penoso que seja o caminho para chegar até ela. E agora saiba de algo muito importante: a divulgação dessas questões ligadas à existência de vida útil após a morte será uma de suas principais missões na esfera material. Nesse momento

você já viveu experiências suficientes para poder tirar suas próprias conclusões.

Sem entender porquê caí num pranto convulsivo, incontrolável. Minha cabeça dava voltas, trazendo cenas vivenciadas nas Casas Astrais, principalmente as do Umbral.

De repente fui acordada no corpo material por Luiza, a quem abracei como verdadeira tábua de salvação. Perto da cama, vi Meu Amigo que me dizia: “Não vai ser fácil, Halu, mas tudo há de dar certo. Tenha fé em Deus”.

Passei parte da manhã acalmando meu emocional. À tarde fui à praia com Luiza e tomei um reconfortante banho de mar.

Alguns dias depois desmembrei e encontrei Meu Amigo nas margens do rio na natureza da Segunda Casa.

– Logo será o momento de você escrever tudo quanto viu e aprendeu até aqui. Enquanto busca viabilizar o projeto do livro na esfera material, continuará tendo aulas de revisão aqui conosco. O importante é encontrar meios de divulgar os conhecimentos adquiridos até esse momento.

– E as outras Casas Astrais? Sei que há outras, não vou conhecê-las?

– Tudo ao seu tempo, Halu. Escreva um livro sobre seus caminhos de aprendiz até a Décima Casa. Esclareça as pessoas sobre as qualidades e funções energéticas de seus campos áuricos particulares: cada energia mal desenvolvida desencadeia consequências negativas, assim como cada energia bem desenvolvida e harmonicamente executada traz consequências positivas para o crescimento individual e coletivo. Este é o principal objetivo dos caminhos que você percorreu nas Casas Astrais: testemunhar os vários tipos de desfechos encarnatórios – o meu, o de Omar, Otília, Cincinat, Mônica, Amonhreb, as crianças nas creches, os infelizes do Umbral, enfim, você precisa divulgar tudo o que viu e aprendeu fora da esfera material do planeta Terra.

Desde este diálogo com Meu Amigo tenho empenhado meus melhores esforços no sentido de não desapontá-lo. Continuei minhas viagens, conheci outras Casas Astrais, mas não me descuidei do trabalho de divulgação de minhas experiências, que atinge seu ponto culminante com a conclusão deste livro.

Como Meu Amigo havia previsto, a colaboração de Luiza foi inestimável para que eu chegasse ao fim dessa primeira etapa da jornada. No decorrer dos anos, a ela vieram se somar outras pessoas que hoje me

ajudam na difusão das mensagens e revelações sobre a esfera imaterial que nos rodeia. Entre eles, cito Arthur Elizio e Sandra, irmãos de Luiza, que me ensinaram a lutar com mais vigor por meus objetivos; Roberto Tadeu, Lena, Alexandra, Reinaldo, Thiago e Roberto – Meu Pinho, Pinheiro, que me trouxe da Bahia para conhecer Sônia Robatto e Caloca, que me levaram a Laura, que publica este trabalho.

Tenho a serena convicção de que a intenção final será alcançada: intenção de amor e esclarecimento.

Em Salvador, meus irmãos Múcio, Márcia e Miltinho, com muitos outros amigos, esperam-me ansiosos por saber como essas mensagens serão recebidas.

Neste momento estou no quarto do apartamento de Meu Pinho, em São Paulo, juntamente com o filho dele, Amon, escrevendo as últimas linhas desse manuscrito. Luiza, na sala ao lado, bate à máquina as páginas que vou terminando. Levanto os olhos, vejo o canal transportador e nele Meu Amigo que me diz, sorrindo:

– Descanse por alguns dias e, quando se sentir preparada, continue a escrever sobre seus caminhos, Halu.

Choro de emoção. Lembro-me das vezes que duvidei se seria capaz, se teria coragem, se alguém me daria ouvidos...

Só posso dizer: muito obrigada, meu Deus; não por mim, mas pela existência dessa força superior que se manifesta nas almas de boa-vontade, e que divinamente foram abençoadas por Jesus, o Cristo.

Penso como assinarei este livro e, mais uma vez, Meu Amigo me ilumina:

– Com o nome de sua Alma.

Halu Gamashi

CAMPOS ÁURICOS

1. Campo áurico de um adolescente de 13 anos, estudante da 6ª série do 1º grau. Presença energética dourada, comum nesta idade, cuja função principal é atrair blocos energéticos que envolvem o EU Superior, diluindo-os por todo o campo.



2. Campo áurico de uma adolescente de 18 anos, universitária, cursando Administração de Empresas. Nota-se todos os blocos energéticos diluindo no lado esquerdo (criativo) e direito (executor) do campo. Esses blocos energéticos mobilizam os corpos imateriais e físicos a atuar de acordo com as projeções do período pré-encarnatório. Neste caso, estão mobilizando os chakras básico e cardíaco, responsáveis pela captação de informações relacionadas à escolha da profissão e qualidade de sentimentos a serem experimentados.



3. Campo áurico de uma psicóloga de 45 anos. Todos os blocos energéticos diluídos, com manifestação da energia reprodutora atravessando os chakras genital, básico e plexo solar, encontrando-se com o cordão umbilical etérico, o que indica harmonia, equilíbrio nas funções terra (vida materna) e ar (corpo etérico conectado com a consciência cósmica).



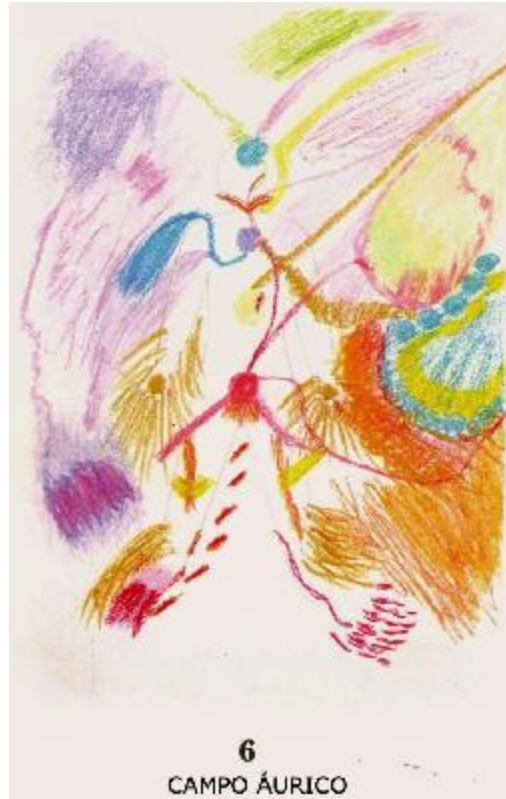
4. Campo áurico de uma jornalista de 50 anos. Este desenho simboliza o que chamamos de campo áurico-portal. A confluência energética eletriza todo o corpo físico, em sintonia com os chakras, produzindo dinamismo e sensibilidade com harmonia e simetria.



5. Campo áurico de um engenheiro florestal com aproximadamente 40 anos. Chakras alinhados, presença de energia prata (mãos), simbolizando o momento de transposição de limites relacionados à ações emocionais ou intelectuais. No ombro direito encontramos a presença de energia deteriorada, indicando que alguma atividade exercida trouxe stress. A energia prata trabalhará para reativar o bloco deteriorado.



6. Campo áurico de uma cantora, de aproximadamente 50 anos. Aura simétrica, indicando harmonia entre criar e executar. Presença marcante de energia dourada que neste caso substitui as funções da energia terra, de proteção, segurança e fertilização do potencial interno. Também marcante a presença do lilás, indicando um contato harmônico com as energias da natureza do planeta Terra.



7. Campo áurico de um antropólogo e administrador de aproximadamente 55 anos. Chakras muito bem desenvolvidos, indicando dinamismo e segurança. A presença da energia amarelo-ouro simboliza a maturidade racional desenvolvida pelo administrador, e a energia rosa simbolizando a maturidade emocional do antropólogo. Campo áurico simétrico, produzindo blocos energéticos peculiares à confecção de projetos.



8. Campo áurico de uma senhora de aproximadamente 70 anos simbolizando uma vida dinâmica, com excelente uso das energias existentes no campo, energias essas totalmente diluídas manifestando-se dos dois lados (esquerdo-direito), o que propicia ao cordão umbilical etérico preencher-se de energias laranja, introduzindo vitalidade ao corpo emocional através do chakra plexo solar. Nos chakras básicos e cardíaco, a presença de energia verde-petróleo indica a execução de projetos importantes na trajetória encarnatória, favorecendo conforto e bem estar para o corpo emocional.



Um Universo no Mundo

A capacidade de comunicação cósmica humana é infinita. O Homem é o ser terreno com mais capacidade de se comunicar por causa do seu campo eletromagnético.

O campo eletromagnético humano alcança no mínimo oitenta quilômetros de distância. A depender do que estamos fazendo e sentindo este campo se modifica. Quando estamos em repouso, em descanso, relaxados, ele assume uma condição circular girando em torno do nosso corpo. Quando estamos em foco para uma única atividade ele se transforma em um corredor horizontal ora a nossa frente, ora completamente a nossas costas. Fato é que o campo eletromagnético está sempre em movimento.

Completamente individual, atrai e refrata energias de outros campos eletromagnéticos humanos, dos campos eletromagnéticos dos animais, do campo eletromagnético de cada elemento da natureza (terra, água, fogo e ar), do campo eletromagnético do Sol, da Lua e dos demais planetas que giram em torno do Sol. Existe uma comunicação específica para cada contato. Este contato pode ser denso ou sutil, a depender das qualidades e equilíbrio das energias estabelecidas no interior do campo eletromagnético humano. A percepção da existência destes contatos depende de diversos fatores.

Eu estudo o campo eletromagnético humano desde os meus dezoito anos. Nasci com a condição de enxergá-lo. Tenho no histórico esta condição desde os meus cinco anos de idade. A medida em que fui crescendo esta condição foi-se ampliando.

O campo eletromagnético é conhecido por diversos nomes, inclusive Campo Áurico. Precisei estudar, conhecê-lo para conseguir manter o equilíbrio, não me desestabilizar por enxergar uma realidade que comumente as pessoas não enxergam.

Com isto aprendi que o grau de percepção da existência deste campo eletromagnético ou campo áurico depende de diversos fatores que, na minha opinião pessoal, o principal fator é o conhecimento. Todas as sensações positivas, negativas, confortáveis, desconfortáveis são uma reação deste contato.

Essas reações nos informam a qualidade de energia que está mais próxima dos nossos chakras.

Na minha experiência, pessoas que já despertaram para o autoconhecimento percebem esta comunicação pelo fato de conhecer a sua existência. A mente precisa de conhecimento para traduzir a sensibilidade. O desconhecimento e a falta de autoconhecimento impedem a mente de traduzir sensibilizações. Quando estudamos e descobrimos o campo eletromagnético e sua capacidade de atrair e retrain energias dos diversos campos eletromagnéticos aqui já citados, as sensações são facilmente traduzidas e quanto mais aprofundamos no conhecimento deste campo, mais descobrimos a intensa comunicação que existe entre nós, todos os seres que estão ao nosso redor, inclusive esta comunicação mais distante com o sol, a lua e os planetas que giram em torno do sol.

O Homem é o imã da Terra. A forma como as energias se organizaram para construir o metabolismo psíquico e orgânico humano comprovam claramente que o Homem é o ser que mais catalisa, absorve, refrata todo tipo de energia.

Helena Blavatsky e outros estudiosos que a precederam deixaram os conhecimentos sobre os Akashas.

Akashas são micro-celulas de conhecimento. Cito como exemplo os “pen drives”, pequenos compartimentos que armazenam muita informação.

Os Akashas são “pen drives” que caminham soltos, fluidamente pelo planeta Terra. Quando a informação inserida neste “pen drive” tem similaridades com a procura, com a busca, as energias inseridas no campo eletromagnético humano os atrai para dentro do campo e em um dado momento a mente humana absorve estas informações. Freud chamou esta captação de *insight*, outros de intuição.

Por tudo isto, o conhecimento da existência e comportamento do campo áurico ou campo eletromagnético auxilia o Homem a entender como e porquê da manifestação do *insight*, de uma intuição. Tudo começa com sensações. Quando o Akasha já está circulando no campo eletromagnético humano e enquanto não está totalmente percebido e utilizado, ainda é “um corpo estranho” circulando pelo campo eletromagnético. Esta presença ainda estranha é percebida pelas sensações que podem ser de irritação ou angústia. Quando é captada e utilizada deixa de ser um corpo estranho e se estabelece harmonicamente deixando de causar estas incomodas sensações.

O que chamam de gênio são pessoas que se “comunicam” com Akashas a todo momento. A excentricidade que se percebe nos gênios é por estarem constantemente em contato com estes “corpos estranhos”, traduzindo-os para alcançar harmonia. O autoconhecimento é uma forma de educação para estabilizar as comunicações que existem entre campo eletromagnético pessoal e todos os outros campos eletromagnéticos que o campo pessoal comunica e interage.

Veremos agora, passo a passo, como se estabelece o contato entre o campo eletromagnético humano e o campo eletromagnético do Sol, da Lua e dos Planetas que giram em torno do Sol.

O campo eletromagnético do Sol é o combustível mais potente de toda a Via Láctea. A inteligência deste campo supera a simples capacidade de atrair e refratar energias. O Sol capta a energia de todos nós, de todas as naturezas que existem no Planeta Terra, a energia de todos os outros planetas que giram em torno dele e organiza estas energias em blocos energéticos.

Alguns destes blocos são distribuídos para o Planeta Terra através da Lua. Os demais são distribuídos por ele mesmo. A cada oito minutos o Sol envia para a superfície da Terra infinitos blocos energéticos. Estes são os Akashas do Sol.

Os Akashas do Sol, distribuídos pela Lua, chegam à superfície da Terra a cada sete dias. Como vimos, os Akashas Solares distribuídos pelo próprio Sol chegam a nós primeiro. Por esta condição, o conhecimento **astrosófico** simbolicamente informa que a Lua rege sobre o passado do Sol.

Os Akashas Solares são quentes e se desfazem muito rapidamente. Ao se desfazerem são capturados pela Lua que os trazem de volta à superfície da Terra (pense em uma notícia que não conseguimos absorver de imediato, que alguém a absorve por nós e vai nos repassando aos poucos, na medida em que podemos absorver).

Os campos eletromagnéticos captam imediatamente as energias dos Akashas Solares e por isso conseguimos sobreviver na superfície deste planeta alimentados por este combustível especial. Todos os seres vivos sobrevivem pela existência deste combustível. Assim como a Natureza reconhece e manifesta as estações do ano, existem informações para os campos eletromagnéticos também organizarem as suas estações pessoais.

As peculiaridades, idiossincrasias, biotipos são construções organizadas pelo Sol para que o Homem, apesar de sua individualidade,

possa sobreviver e conviver com demais humanos e suas outras peculiaridades, idiossincrasias, biótipos etc.

Dedicar-se ao estudo do seu combustível pessoal amplia a capacidade de autoconhecimento e auto compreensão.

Os Akashas Solares do campo eletromagnético humano circulam muito perto do corpo material. Quando o campo eletromagnético humano está equilibrado os Akashas Solares circulam em volta da cabeça, onde também se posicionam o Chakra Frontal e o Chakra Pineálico, perfazendo um percurso orbital até a região do estômago onde se posiciona o Chakra Plexo Solar. Assim se inicia o circuito orbital humano dinamizado pelos Akashas Solares. Nesta órbita acontece um diálogo interno entre o Chakra Plexo Solar, Chakra Frontal e Chakra Pineálico.

O Chakra Plexo Solar informa aos demais a condição orgânica que estamos vivendo. Se esta informação diagnostica que estamos bem, em equilíbrio, esta informação é captada pelos os demais chakras, Chakra Frontal e Chakra Pineálico. De posse desta informação, o Chakra Frontal se organiza para captar os Akashas Solares que o Chakra Pineálico armazenou. É neste momento que sentimos as sensações “como se estivéssemos adivinhando alguma coisa”, “a certeza que algo vai acontecer” ou “que alguém vai chegar”, vigilância, são traduções de sensações mais comuns a este momento.

A postura esperada é o foco, a meditação para absorver conhecimentos e informações dos Akashas Solares em trânsito entre o Chakra Pineálico e o Chakra Frontal. Quando não fazemos esta postura as sensações se adensam transformando-se em irritação e angustia, e o agravamento em depressão e ansiedade. Um atrito interno entre o que se busca saber e ao mesmo tempo não quer saber. Se vivemos um momento difícil, sem condições de tomar conhecimento de mais informações, esta órbita é interrompida no Chakra Plexo Solar. Os Akashas Solares refratados pelo Chakra Plexo Solar podem se dissolver e serem captados pela orbita da Lua, circular pelo campo eletromagnético.

Os Akashas Lunares têm a mesma temperatura corporal humana por isso é mais fácil serem captados e percebidos. Trafegam em torno do estômago onde se posiciona o Chakra Plexo Solar e o coração onde se posiciona o Chakra Cardíaco. O processo é o mesmo: o Chakra Plexo Solar sempre dita a nossa condição orgânica de receber ou não informações.

Quando o Chakra Plexo Solar se desarmoniza a informação vaza, invade, trazendo muitos danos para a nossa saúde física, emocional e espiritual.

A recepção da informação pelo Chakra Cardíaco acontece da mesma forma que a percepção dos Akashas Solares pelos Chakras Frontal e Pineálico. Começam sempre com as sensações “tem algo errado nesta história”, “não consigo confiar em determinada pessoa”, “sua boca diz uma coisa, mas seu olhar diz outra”, “está acontecendo alguma coisa errada” são linguagens sentimentais comuns a este acontecimento. A postura esperada também é o foco e a meditação, caso contrário, adoecemos.

Os Akashas Mercurianos têm uma temperatura parecida com os Akashas Lunares, são muito mais velozes, porém, a sua velocidade é infinitamente menor do que a velocidade dos Akashas Solares. Todos os dias os Akashas Mercurianos chegam ao campo eletromagnético da superfície da Terra e de nós, humanos. Depois que o Akasha Mercuriano chega ao campo eletromagnético humano o contato se estabelece a cada duas horas e a cada duas horas modifica a forma, o “idioma” da mesma comunicação.

O Chakra Kundalínico, que se posiciona na região pélvica, é o responsável por este contato. A órbita é igual à dos demais, requer aprovação do Chakra Plexo Solar.

O horário em que nascemos é o momento mais adequado para favorecer a captação e absorção das informações oriundas do Planeta Mercúrio através de seus blocos energéticos Akashas Mercurianos.

Os Akashas Venusianos trafegam sempre na órbita dos Akashas Lunares. Portanto são captados e absorvidos pelo Chakra Cardíaco – importante não esquecer: é pré-requisito a aprovação do Chakra Plexo Solar. A temperatura dos Akashas Venusianos é exatamente igual ao da Lua e possui a mesma velocidade, infinitamente mais lento que os Akashas Solares e bem mais lentos que os Akashas Mercurianos. Como são mais lentos e tem a mesma temperatura corporal estão sempre à disposição para serem captados e absorvidos.

Os Akashas Marcianos são muito quentes, mais quentes que os Akashas Mercurianos e infinitamente menos que os Akashas Solares. Trafegam na mesma órbita que os Akashas Mercurianos, na região pélvica. Por ser mais quente e menos veloz necessitam que os Akashas Mercurianos sejam percebidos e absorvidos primeiro, dando assim condição de serem captados. Há, aqui, uma ordem para a captação dos Akashas Marcianos:

nosso Chakra Kundalínico primeiro capta os Akashas de Mercúrio, depois que estabelecem as informações e conteúdos deste Akasha ganha condições para captar e absorver os Akashas Marcianos.

Akashas Jupterianos: este Akasha trafega na mesma órbita dos Akashas Mercurianos e Marcianos; na ordem é o terceiro a ser captado – lembre-se da ação de atração ou refração do Plexo Solar. O Akasha Jupteriano também é conhecido por Akasha do Fogo Frio, do Fogo Azul. Embora pertença ao universo do elemento fogo, a temperatura dos Akashas Jupterianos são similares aos Akashas Lunares e Venusianos. Depois de ser captado pelo Chakra Kundalínico estes Akashas são enviados para a região do Chakra Cardíaco e passam a pertencer a órbita e proselitismos naturais do Chakra Cardíaco.

Akashas Saturninos: quase tão quente como o sol, mais lentos de todos os Akashas. A captação deste Akasha depende completamente da atividade em equilíbrio dos Chakras Pineálico, Frontal, Laríngeo, Cardíaco, Plexo Solar, e como os demais Akashas, Chakra Básico e Kundalínico.

Os blocos energéticos ou Akashas Saturninos circulam pelo campo eletromagnético humano e podem ficar sem ser captados e absorvidos por toda uma vida pela necessidade da atividade em equilíbrio aqui citada. Circulam na direção do Chakra Pineálico. Quando captados se mantêm perto da região da cabeça. Quando não, mantem-se muito distantes, mas na mesma direção.

Akasha Uraniano: este Akasha tem uma peculiaridade muito interessante, circula por toda a superfície da Terra. São magnetizados pelo Homem através do Chakra Pineálico quando existe comunicação entre os Akashas Saturninos e o Chakra Pineálico. A atividade entre o Chakra Pineálico e os Akashas Saturninos magnetizam os Akashas Uranianos. Estes Akashas só se estabelecem no campo eletromagnético humano pessoal quando existe a atividade do Chakra Pineálico com o Akasha Saturnino.

Akasha Netuniano: estes Akashas são totalmente pessoais, armazenam informações da nossa trajetória desde a nossa primeira encarnação – o “super pen-drive humano”. Suas informações são captadas por todos os chakras. Freud e Jung, quando falam do inconsciente, é dos Akashas Netunianos a que estão se referindo. O conteúdo destes Akashas nos são revelados através dos sonhos, pelo menos é o espaço psíquico mais comum que facilita a absorção dos conteúdos inseridos nestes Akashas. As

captações das informações também dependem da aprovação do Chakra Plexo Solar.

Akashas Plutonianos são os mais visíveis e invisíveis que todos os demais. Dependem do grau de consciência de cada indivíduo. São muito visíveis quando se julga e rotula os outros, são convenientemente invisíveis na autopercepção. Este Akasha é construído por toda a atividade humana desde sua primeira encarnação. Informam sobre o quanto já caminhamos nos aprendizados terrenos rumo à evolução. Magnetizamos e participamos da construção deste Akasha pessoal com nossas atitudes, caráter e ética. Astrofocicamente foi chamado de Akashas do Karma e Dharma, “pen-drives” que armazenam informações sobre as nossas construções e destruições, sobre o nosso avanço e retrocesso. É captado por todos os chakras, embora sua absorção também dependa da atividade do Chakra Pineálico, dos Akashas Saturninos.

Os Akashas do Sol são trazidos para a superfície da Terra e para os campos eletromagnéticos dos seres vivos através dos seus próprios raios, os raios solares, a cada oito minutos diariamente. Quando não são absorvidos imediatamente são capturados pela Lua e reenviados a cada sete dias.

Os Akashas lunares chegam à superfície da Terra e aos campos eletromagnéticos dos seres vivos através da própria ação da Lua com a mesma performance de atividade que reenvia os Akashas Solares.

Os Akashas Mercurianos chegam à superfície da Terra e ao campo eletromagnético dos seres vivos através da constelação de Virgem e Gêmeos.

Os Akashas Venusianos chegam à superfície da Terra e ao campo eletromagnético dos seres vivos através da constelação de Touro e Libra.

Os Akashas Marcianos chegam à superfície da Terra e ao campo eletromagnético dos seres vivos através da constelação de Áries.

Os Akashas Jupterianos chegam à superfície da Terra e ao campo eletromagnético dos seres vivos através da constelação de Sagitário.

Os Akashas Saturninos chegam à superfície da Terra e ao campo eletromagnético dos seres vivos através da constelação de Capricórnio.

Os Akashas Uranianos chegam à superfície da Terra e ao campo eletromagnético dos seres vivos através da constelação de Aquário.

Os Akashas Netunianos chegam à superfície da Terra e ao campo eletromagnético dos seres vivos através da constelação de Peixes.

Os Akashas Plutonianos chegam à superfície da Terra e ao campo eletromagnético dos seres vivos através da constelação de Escorpião.

Estudando a latitude e longitude de onde nascemos é possível traçar um mapa territorial para fazer um levantamento quanto a presença e quantidade de Akashas existentes neste local. São os Akashas que herdamos da Via Láctea.

Um estudo minucioso e competente destes Akashas nos revela pistas que favorecem a nossa caminhada, nossa jornada encarnatória dentro deste labirinto que é o planeta Terra.

O estudo dos Astros é fruto de uma pesquisa de muitos milênios, de muitas Eras que o planeta Terra atravessou. Estes estudos foram sempre muito perseguidos por poderosos que almejam massificar as gerações. Massificados torna-se mais fácil sermos manipulados.

Muita coisa foi escrita e a grande maioria foi queimada. Para a preservação deste conhecimento, ele passou a ser transmitido, na sua completude, apenas através da transmissão oral depois que a confiança era estabelecida entre professor e aluno. O pouco que ficou escrito foi muito banalizado, principalmente por não estar completo. A pior forma de inquisição é a banalização.

No COT – Código Original de Transcendência apresento estas informações em forma de Sephirot, bem como a interação entre elas e o indivíduo.

Com amor,
Halu Gamashi

Bahia, 01 de abril de 2017

OBS. Atendendo a pedido da Espiritualidade, que acompanha e orienta o trabalho de Halu Gamashi, ela preparou este material (*Um Universo no Mundo*) que é uma síntese de um estudo que realiza há anos, com aproximadamente duas mil páginas escritas, para ser distribuído ao maior número possível de pessoas, bem como acompanhar seus cursos, leituras de aura, interpretação do Mapa COT, escritos, livros e outros, pela importância que tem no crescimento, desenvolvimento e autoconhecimento humano.

Sobre a Autora



Halu Gamashi é baiana de nascimento e uma cidadã do mundo por excelência. Terapeuta há mais de 20 anos e criadora de técnicas corporais e sutis, ministra aulas e workshop sobre campo áurico, astrosfia, filosofia, saúde e comportamento humano em diversas cidades brasileiras e europeias. Iniciada nas culturas ancestrais, relata em livros a ampliação da consciência cósmica e as aberturas espontâneas de seus chakras.

Outros livros de Halu Gamashi

Esperamos que você tenha apreciado este livro. Ele é parte de uma história que ultrapassa cinquenta anos de experiências vividas nos planos material e imaterial. Conheça a seguir outros livros já publicados por Halu Gamashi.

Caminhos de um Aprendiz

Revelações sobre o Mundo Espiritual

Escrevi este livro no início dos anos 90. Relato a minha descoberta experiencial do mundo espiritual através das minhas viagens astrais. Já havia lido alguns livros e ouvido de outras pessoas sobre a existência da esfera espiritual. Naquela época passei por um processo espontâneo de abertura de chakras. Estas aberturas viabilizaram-me deslocar para o mundo espiritual e retornar ao mundo físico lembrando com clareza do que vi, ouvi e aprendi.

Encontrei muitas respostas para questionamentos pessoais sobre o livre-arbítrio, sobre como acontecem encontros entre seres desencarnados e encarnados, sobre a função dos mentores espirituais e, enfim, porque encarnamos e como escolhemos os aprendizados. Esta experiência me levou a compreender o meu nascimento, o porquê daquela família, as razões por eu ter nascido no Brasil, na Bahia, e a minha função no mundo.

Naquela época, ao contar as minhas experiências para algumas pessoas, vi que elas extraíram para si algumas buscas – ousou até dizer algumas respostas – e fui incentivada por elas a escrever e, desde então, não parei mais.

Halu Gamashi

Meditando com a Consciência Suprema

Mensagens ditadas a uma paranormal

Despojar-se, despir os trajes dos personagens que somos levados a viver por imposição do cotidiano, atender ao chamado insistente vindo do recanto mais livre e amplo do nosso sentimento onde o calor da razão aquece o entendimento que enfim explode para tornar-se mais íntegro são alguns imperativos na tentativa de percorrer os caminhos da procura, ansiosos que somos pelo encontro.

Compreender e obedecer a esses imperativos são os primeiros passos para alcançar os significados contidos em *Meditando com a Consciência Suprema*, segundo livro de Halu Gamashi.

Premido por uma necessidade que vinha do meu mais profundo interior – que, reconheço, eu mesmo desconheço – dei os tímidos primeiros passos, já envolvido por aquela ansiedade que prenuncia a manifestação de bem-vindos prazeres ou inelutáveis desconfortos. Descrever ou tentar explicar o que senti no alvorecer desta viagem poderia aparecer como uma tentativa de sedução. A beleza que enfim percebi não induz à sedução, não se socorre desse procedimento, não manipula nossas carências, nem nos afirma em nossas conquistas. Paradoxalmente é o inefável que se explicita, assim como na arte.

As parábolas de Halu soam como notícias de muitos mensageiros: alguns os chamam de anjos, outros simplesmente de poetas, outros, ainda mais singelos, de aprendizes. Cada notícia, uma chave para abrir novas portas. Compete a nós trilhar ou não os caminhos da procura, alcançando ou não a beleza da tranquilidade do encontro.

Gianfrancesco Guarnieri

Plano Inverso

A Tríplice Aliança da Sombra

A cada década, as fronteiras entre o plano material e o plano espiritual estão diminuindo. Por isso é importante que se conheça profundamente as diversas esferas espirituais, seus interesses e objetivos.

Antes da experiência que narro neste livro, acreditava que o mundo espiritual fosse o paraíso, o éden. Depois de tudo que vivi, pude perceber o que significava o ‘assim na terra como no céu’. Resolvi dividir minha experiência para que outras pessoas se baseiem na lucidez, orando e vigiando; para que tenham clareza ao lidar com o plano invisível. Há flores

mas há sombras. Há o divino, mas há a ignorância. Enquanto o amor constrói, há o desamor, que sofre por essa construção.

Mais do que nunca, precisamos ficar atentos para diferenciar o falso do verdadeiro e, principalmente, purificar o nosso ego para não caírmos nas armadilhas do Plano Inverso e sua aliança com a sombra.

Halu Gamashi

O Livro dos Sonhos Cabalísticos

Para compreender os sonhos, é importante perceber o homem como um todo. Separar os seus símbolos do comportamento humano habitual dificulta o entendimento da mensagem inserida na simbologia. Para se interpretar um sinal, precisamos pensar na sua natureza.

Este livro pretende ser uma ferramenta que incentiva o sonhador a refletir sobre seus processos e sobre o porquê dos seus significados.

Chakras

A história real de uma iniciada

Chakras – a história real de uma iniciada é a autobiografia de Halu Gamashi. Neste livro, o leitor encontrará a história de uma paranormal e da abertura de seus chakras.

Nascida Mércia Celeste Dias da Silva, natural de Jequié, no sertão da Bahia, Halu em pequenina é chamada de Turunga. Gosta das pessoas e dos bichos, adocece com os conflitos dentro de casa, mas, diferentemente de todas as meninas da sua idade, vê os mortos como se fossem vivos e fala com eles. Vai para a escola como Turunga e, ali, se transforma em Mel. A rotina infantil logo não lhe interessa mais: quer ser independente e trabalhar. O eterno conflito com o pai faz com que ela fuja de casa, passando a viajar com caminhoneiros. Na estrada é chamada de Macarrão. Mas a menina magra e franzina, ao chegar a São Paulo, volta a ser Mercinha, embora, em algumas ocasiões, se apresente também como May Help, uma hippie lunática. Sentindo na pele a saudade, volta para a Bahia e no terreiro de Pai Nidê transforma-se em Iaô, Iaô de Bessém.

É interessante notar que, ao longo sua vida, Halu foi recebendo diferentes nomes, criando outros, incorporando todos. Reconhecendo-se não como uma, mas como várias, porque quer reencontrar a pluralidade intra-individual que a constitui, ela se vê constantemente fundida com o mundo e com os outros egos. Essa experimentação das variações do eu não faz com que ela se feche em sua individualidade, se encerre em si mesma, mas a transporta para um outro patamar: o do corpo sutil. O seu “eu”, capaz de aprender e de viver em diversos lugares e nas condições mais adversas, está, assim, apto também a sentir o liame cósmico, isto é, a transformar-se num eu cósmico para não só experimentar a linhagem dos vivos e toda a sua ascendência histórica, mas também para se abrir para o fatum universal. Desse modo, ele se integra à árvore da vida desde as suas formas mais elementares até a mais divina.

Rosa Dias

Clandestina

O resgate de um destino

Revelar segredos é o meu dia-a-dia. Meu tempero é descobrir quais segredos podem ser revelados através da cultura escrita.

Venho de uma cultura oral na qual tudo o que aprendi não podia ser anotado para ser estudado novamente. Enquanto houvesse dúvida sobre o conhecimento, era preciso repetir desde o início até o desaparecimento da dúvida.

A avaliação sobre o meu conhecimento também não era teórica. Praticar com excelência era o que me permitia seguir adiante, seguir para conhecimentos mais profundos.

Toda cultura que se preservou na transferência do conhecimento oral não foi dizimada por outras culturas porque não tinha livros para serem queimados.

Línguas foram queimadas nas fogueiras da Inquisição, mas, graças a Deus, sobraram algumas.

Neste livro, *Clandestina – o resgate de um destino*, há a revelação de segredos. Por quê? Porque recebi esta ordem. Estamos atravessando momentos de profundas transformações e precisamos aproveitar que os

estadistas e as religiões se mantêm em uma pequena democracia. É o momento certo para escrever este livro.

Acredito que esta ‘liberdade’ não demorará muito tempo: ou calarão nossas bocas ou farão com que nossas revelações sejam ridicularizadas e banalizadas – uma forma branda de Inquisição.

Estou aproveitando o momento para *falarem* um livro, para *falarem* uma peça de teatro.

Está aí a minha colaboração. E, se um dia queimarem os meus livros, sobrar a minha voz.

Halu Gamashi

Conde Vlado

Um alquimista em busca da eternidade

Eram tomados por sentimentos que nunca haviam ouvido falar, não sabiam como conduzir. Eram inocentes e os seus parâmetros eram as mentiras e as máscaras. Onde encontrar, nestes parâmetros, limites que tivessem a força e a envergadura de conduzir a natureza e o instinto para a troca de sentimentos mais sutis? Não, não lhes era possível, não tinham elementos para isto. Eram dois amantes sem conhecimento de freios ou censuras, comandados por um sentimento muito forte que nunca haviam visto em ninguém. Como poderia ser diferente esta história? Eu não sou hipócrita e a minha total falta de hipocrisia faz com que os enxergue como os descobridores do amor. Um Adão e uma Eva entre o inferno e o céu, sem a confiança em um Deus que Vlado, mais do que Elisabeth, sabia ser uma invenção para domar os Homens, o deus da igreja, o Jesus da madeira. Por falta de recursos entregavam-se à única verdade, verdadeira, ditada pelos seus instintos.

Assim são os mitos, regidos pela dualidade do bem e do mal. A depender do interesse de quem os descreve os personagens são anjos, santos ou demônios. Mais afortunados seriam se fossem descritos como Homens.

Halu Gamashi

Entre em contato:

Web site: <http://www.VentosAntigos.com>

Facebook: <https://www.facebook.com/VentosAntigos/>